

HALT
VERBODEN TOEGANG

ARBEIT MACHT FREI

A história extraordinária
de uma mulher para quem sobreviver
foi a única opção

A PIANISTA DE AUSCHWITZ

A FORÇA DA ESPERANÇA. A CORAGEM DE RESISTIR.

FANIA FÉNELON

«Uma celebração do poder do espírito humano.»

The New York Times Book Review

alma
dos
livros

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



ARBEIT MACHT FREI

A história extraordinária
de uma mulher para quem sobreviver
foi a única opção

A PIANISTA DE AUSCHWITZ

A FORÇA DA ESPERANÇA. A CORAGEM DE RESISTIR.

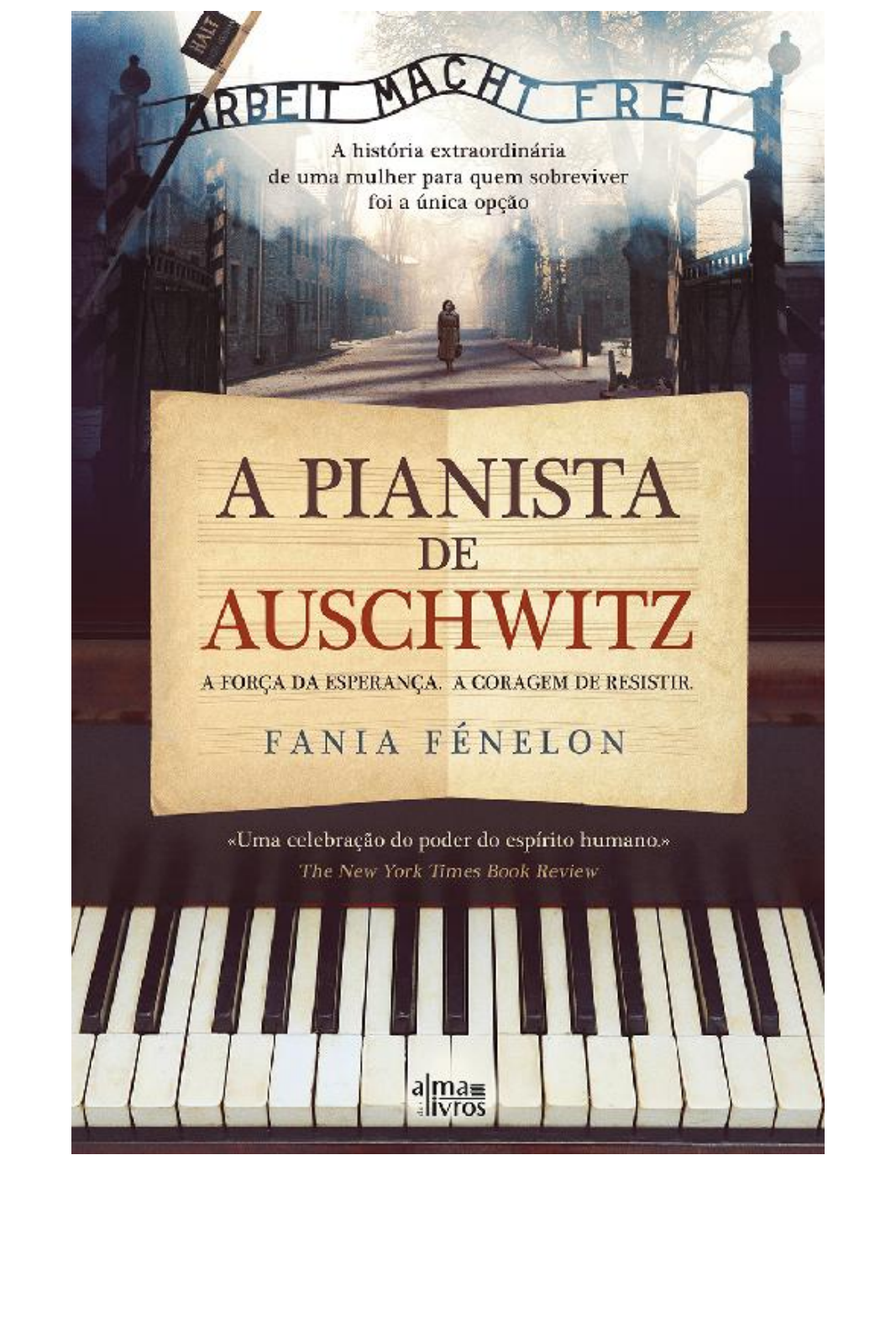
FANIA FÉNELON

«Uma celebração do poder do espírito humano.»

The New York Times Book Review



alma
livros



ARBEIT MACHT FREI

A história extraordinária
de uma mulher para quem sobreviver
foi a única opção

A PIANISTA DE AUSCHWITZ

A FORÇA DA ESPERANÇA. A CORAGEM DE RESISTIR.

FANIA FÉNELON

«Uma celebração do poder do espírito humano.»

The New York Times Book Review



alma
e livros

FANIA FÉNELON

A pianista de Auschwitz

**Tradução de
Paula Caetano**

alma
dos **livros**

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt

© 2022

Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

Copyright © Editions Stock, 1976

Título: *A Pianista de Auschwitz*

Título original: *Sursis Pour l'Orchestre*

Autora: Fania Fénelon

Testemunho recolhido por: Marcelle Routier

Tradução: Paula Caetano

Revisão: Joaquim E. Oliveira

Paginação: Maria João Gomes

Capa: Vera Braga/Alma dos Livros

Imagens de capa: Shutterstock

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal: 486593/21

1.^a edição: janeiro de 2022

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

**Dedico este livro
às sobreviventes do campo de extermínio de Birkenau.**

Fania Fénelon

Prefácio

E passaram trinta anos

Nesta noite de outubro, chove sobre os dourados da Grand-Place de Bruxelas. Atrás de mim, sinto esta chuva leve e outonal a deslizar pelos vidros escuros do bar do hotel.

Na meia-luz suave, estão sentadas três mulheres a uma pequena mesa de carvalho encerado.

Há trinta anos que não se viam. Tinham, então e respetivamente, dezassete, dezanove e vinte e cinco anos. Saíam do campo de concentração de Bergen-Belsen. A morte desprezara-as; partiam para desposar a vida.

Estão aqui agora, e a sua elegância, com variações subtis, tem um perfume de burguesia com cambiantes diversas. *Ginfizz* e sumo de frutos que duas delas bebem distraidamente e sem sede; a terceira, Fania, esvazia o copo com avidez, a mesma com que viveu!

Em todas as pequenas frases banais e cautelosas, encaminham-se para as recordações que têm em comum. O esquecimento socorreu-as de formas diversas, a sua escuridão permitiu-lhes viver e, à semelhança dos seres noturnos, temem dolorosamente a violência de uns «faróis no máximo». Se, por entusiasmo, o seu coração se abriu a este reencontro, a mente, desconfiada, afligiuse: nenhuma destas mulheres é capaz de adivinhar a parte da sua vida no campo que as outras optaram por esquecer. No entanto, Fania está ali, diante delas; sendo uma figura central do *Block* da música, catalisador de vida, a sua memória é um projetor cruel; as outras sabem que ela pouco ou nada esqueceu, mas, ainda assim, responderam ao seu apelo e ficaram felizes com isso.

Das três mulheres, Fania Fénelon é a mais baixa: tem um metro e meio de altura, os olhos de um azul intenso, e emana

dela uma força de viver que as amigas saúdam com gratidão:

– Puxavas por todas nós. Se não te tivéssemos...

Não precisam de terminar as frases, elas sabem.

– Fazias-nos rir...

Encaram-me, a mim, a desconhecida, e confessam-me num tom grave:

– Ríamo-nos. Ríamo-nos como loucas...

– Sim... – acrescenta Anny. – Na orquestra, ainda podíamos rir-nos!

O riso que as ajudou a viver torna-as pensativas. Agora parecem questionar a sua legitimidade. Irena, cujos olhos azul-escuros mantiveram uma bonita candura, dirige-se a mim:

– Ríamo-nos e fazíamos música! Uma orquestra num campo de concentração parece algo inimaginável, não acha?

– Eu sabia que as havia em vários campos. Em Auschwitz, a orquestra masculina era célebre.

Perentória, Fania corrige-me:

– Não havia nos campos para mulheres. Nós fomos a única orquestra feminina. Não houve mais nenhuma.

Pensativa, Irena constata:

– A orquestra, na verdade, salvou-nos a vida!

Elas têm uma visão diferente, um conhecimento do destino, dos seus aparentes caprichos e dos seus milagres, que somente possui quem foi vítima dele. Falam cautelosamente de si próprias, aos poucos. O modo prudente com que se aventuram no passado confere um tom particular ao seu reencontro. O olhar dourado de Anny entenece-se com a imagem da Fania de ontem, que foi visitá-la hoje:

– Sabias que, se não tivesses estado lá, nunca teríamos resistido à loucura dos últimos meses...

– Como é que fizemos para continuar a viver? – admira-se Irena. – É uma coisa que nunca deixa de me surpreender.

– Tu, Fania, estavas tão certa de sair de lá – continua Anny –, estavas tão viva que não teríamos sabido como não te seguir...

– Disseste que farias um livro sobre a nossa orquestra e acreditámos em ti; eras a única capaz de o fazer. – Irena retrai-se um pouco, procura a proteção da sombra antes de confessar: – Não é verdade? Eu esqueci muita coisa!...

Ela não disse «felizmente», mas a palavra está lá, irradia, e Anny confirma, pronunciando um «eu também!» resolutivo e definitivo.

A reação firme de Fania tem algo de provocador:

– Pois eu não esqueci nada. Nada!

É com um misto de comiseração e de estima que as outras a olham e a ouvem:

– Sabem quando é que se iniciou o livro? A 15 de abril. Trinta

anos certos após a nossa libertação.

Para mim, o dia evocado por Fania substitui-se ao momento presente; ao saber o que significava para ela, perguntara-lhe:

– Que sente atualmente em relação ao aniversário da vossa libertação?

Ela nem pensara. A sua resposta fora a de uma visionária.

– Há momentos em que voltamos a estar lá... E é então que revemos tudo tão nitidamente que temos realmente a sensação de lá estar...

– Porque é que diz «nós»?

– Porque não sou eu, somos nós. Lá, eu nunca estou só.

– Lembra-se disso com frequência?

– Tirando um dia como o de hoje, não sou eu quem se lembra disso, «isso» lembra-se por mim!

Tornando-se veemente, foi quase dolorosamente que gritou:

– Eu não quero! É principalmente à noite, sem que eu o queira, que regresso ao *Block* da música, em Birkenau, e «isso» acontece sem a minha intervenção. Nunca começa da mesma maneira: uma mulher grita, é a Florette ou a Irena; uma mulher chora, é a Anny ou uma outra, somos fustigadas por insultos, chovem pancadas, é a Tchaïkowska... Todas as minhas noites, sabe... Passo lá todas as minhas noites...

– Na verdade, nunca saiu de lá?

Esta evidência culpabilizara-a. Fania juntara as suas pequenas e hábeis mãos de pianista e repetira, com uma espécie de resignação surpreendente naquela mulher: «Nunca saí do campo, continuo lá, passo lá todas as noites da minha vida... há trinta anos.»

Eu poderia acreditar que as três mulheres seguiram o fio dos meus pensamentos, pois Anny disse, pensativa:

– E esperaste trinta anos...

A resposta de Fania é muito simples:

– Primeiro, tal como vós, tive de viver. Viver a nossa juventude. Parecíamos umas velhas e tínhamos vinte anos! Eu precisava de mergulhar no calor dos outros, de comer, de fazer amor, de amar... e, principalmente, como vós, de me curar. Estava doente. Tinha de me *curar dos campos*. Isso demorou anos, uns atrás dos outros... Após trinta anos de silêncio, ao longo dos quais me esgotei a tentar esquecer o que não podia sê-lo, percebi que era escusado, que não esqueceria. Só me restava exorcizar a orquestra!

Marcelle Routier

«Não morras!»

S *tirb nicht!*¹

Não sei o que me diz esta voz alemã; não consegue puxar-me do abismo negro em que me afundo, me atolo, mais profundamente a cada segundo. Há vários dias que já não tenho forças para manter os olhos abertos. Será a minha urina que ora me aquece, ora me enregela, ou a febre? O tifo esvazia-me onde estou. Vou morrer.

Sinto uma dor de cabeça atroz. Os gritos, o choro e os gemidos das raparigas fazem-na explodir em picos agudos, pequenos estilhaços de espelhos partidos que me dilaceram e se enterram no meu crânio.

Ordeno à minha mão que os arranque. A minha mão é uma garra de esqueleto que não me obedece. Os ossos devem ter-lhe perfurado a pele. Ter-se-á soltado de mim? Impossível. Preciso de manter as minhas mãos, para poder tocar piano. Tocar piano... Os ossinhos na ponta do meu braço só devem servir para tocar *A Dança da Morte*, rio-me...

Não, não estou louca, mas a ideia é engraçada! Tenho sede, uma sede atroz. As SS cortaram a água. Há vários dias que não nos dão nada para comer. Há muito tempo que não sinto fome.

Torno-me leve, paio em cima de uma nuvem, enterro-me nas areias movediças que me absorvem... Não, voo em algodão. Estranho...

Estou suja... Felizmente, arranjei um truque: lavo-me com a minha urina e fico mais fresca. Não posso desistir, tenho de me manter limpa. A urina não é suja. Se tiver sede, posso bebê-la; aliás, já bebi.

Não sei que horas são. Que dia é hoje? Isso eu sei. As raparigas

contam os dias: é 15 de abril. Que importa? É um dia igual aos outros. Mas onde estou, ao certo? Já não estou em Birkenau? Lá, éramos quarenta e sete, éramos «as senhoras da orquestra»... Aqui, em Bergen-Belsen, neste barracão sem janelas, somos mil... quase cadáveres. Meu Deus, que fedor!... Já consigo lembrar-me: chegámos aqui a 3 de novembro de 1944.

Que confusão infernal na minha mente... É de dia? É de noite?

Desisto, é demasiado penoso... Apago-me.

Por cima de mim, sobre o meu rosto, um sopro... um cheiro indefinido, um perfume delicioso.

Uma voz atravessa as camadas de algodão, sobrepõe-se aos zumbidos que me ressoam nos ouvidos:

– *Meine kleine Sängerin*²...

«Pequena cantora»... Todas as SS me chamam assim.

– *Stirb nicht!*³

É uma ordem. Mas estou-me nas tintas. Já não recebo ordens. O meu cérebro traduz, mas já não comanda.

Entreabro os olhos e vejo a *Aufseherin*⁴ Irma Grese, a SS à qual chamam «Engel», o Anjo, por causa da sua aparência física. As suas divinas tranças loiras, que formam uma espécie de auréola de luz, os seus olhos azuis e a sua tez maravilhosa flutuam numa névoa. Ela abana-me:

– *Stirb nicht! Deine englischen Freunde sind da!*⁵

Será possível que esta valquíria tenha uma espécie de expressão divertida no olhar? Parece achar piada a isso!

Volto a fechar os olhos. Ela cansa-me.

– O que é que ela te disse? – perguntam a Irena grande e a Anny.

Repito-lhes a frase em alemão.

– Diz-nos isso em francês. Traduz!

– Já não me lembro.

– Mas... Acabaste de o dizer em alemão.

Elas exaurem-me, já não sei, calo-me...

– Fala...

A voz delas suplica:

– Não morras!

Parece haver um clique e repito-lhes:

– Não morras! Chegaram os teus amigos ingleses...

Ficam dececionadas:

– Só isso... – murmura a Irena pequena.

Florette intervém:

– Tretas! Já nos vieram com essa conversa sobre os russos, os ingleses e os americanos. Em Auschwitz, enfiaram-nos dezassete vezes essa patranha!

Ouçõ a voz pausada da Irena grande:

– E se for verdade?

A voz de Anny é sonhadora:

– Se pudéssemos acreditar e que isto acabasse, agora, assim...

Perco parcialmente os sentidos e mal ouço as exclamações de Florette.

Meu Deus, tenho tanto calor! A minha língua é um enorme pedaço de cartão. Dai-me de beber!... A minha lucidez anda à deriva. De muito longe, como se viessem do fundo de um funil, chegam-me vozes familiares:

– Ouve, Irena, não vês que acabou? Ela deixou de respirar. O meu caco de vidro não embacia... Este truque não engana; até o utilizam nos hospitais.

– Tenta outra vez... Talvez ela não tenha morrido.

De quem estão elas a falar? Quem é que morreu?

Ah! A morta sou eu? Elas irritam-me. Tenho um caso grave de tifo, mas ainda não me fui. Quero saber o final da nossa história. Irei testemunhá-lo.

Em redor do bloco, berros, apitos... Uma onda de medo espalha-se pelo barracão, fá-lo vibrar. Por detrás do barulho das botas, o ruído de fundo das metralhadoras, que continua a cortar o ar do campo de tiro⁶. De dia e de noite, os taque-taque, taque-taque fazem-nos vibrar o cérebro... Os metralhadores são miúdos, alguns têm apenas quinze anos!

– Não vão mandar aqueles miúdos abater-nos, pois não?

– Achas que vão fazer cerimónia? – troça Florette.

– Mas são crianças!

Desde a manhã, corre o rumor de que os SS receberam ordens para nos eliminar. Este rumor não é como o da libertação do campo. Acreditamos nele, parece «verdadeiro».

De diversos cantos do barracão, de vários andares das *cojas*⁷, rebentam gargalhadas de loucas. Uma voz demente pergunta:

– As horas... As horas? Quero saber as HORAS!

– Para que raio queres saber as horas?!

A voz torna-se mais baixa:

– Eles vão metralhar-nos às três horas.

A voz encarniça-se e, a seguir, enfraquece e recomeça: «AS HORAS!» Parece um vômito forte que sobe, sai, diminui e regressa.

Uma voz sentimental delira sobre a primavera, as flores, os passarinhos. Isso ainda deve existir algures. Aqui não há nem um ramo para as suas patinhas. Por isso, as flores e os passarinhos... Julgo que, se não me sentisse tão exausta, até acharia piada.

Lá fora, tudo continua igual... Afinal, não. Ouvem-se barulhos diferentes. Correm, interpelam-se. Não percebo nada. A minha cabeça incha, incha, torna-se tão grande como o barracão,

acumula todos os ruídos... É o contentor deles. Já não tenho pensamentos. Nem imagens por detrás dos meus olhos fechados. Afundo-me no barulho, ele absorve-me, digere-me, transformo-me em barulho... Sou uma caixa de ressonância... e... sonho com o silêncio!...

Não, não estou a sonhar, instalou-se o silêncio. As metralhadoras calaram-se. Parece um grande lago calmo. Deixo-me ir para as suas águas...

Devo ter adormecido, terei perdido novamente os sentidos, por quanto tempo? Atrás de mim, o som familiar da porta a abrir-se. Um homem fala ao longe, muito ao longe... Que diz ele? Ninguém lhe responde. Não é normal. Que se passa? Chegam-me aos ouvidos palavras estranhas, é uma língua que conheço, são palavras INGLESAS.

De todos os lados, soltam-se gritos, ouço mulheres a saltar das cojas, correm... Não é possível, estou a delirar.

As raparigas, estas raparigas de quem tanto gosto, lançam-se sobre mim, abanam-me:

– Fania, acorda!

– Estás a ouvir? Chegaram os INGLESES! Tens de falar com eles.

Um braço desliza por baixo dos meus ombros, ergue-me:

– Fala...

Eu bem queria, mas como fazê-lo com o escalope de couro que tenho na boca?

Abro os olhos, fantasmas entre o nevoeiro... e, de repente, eis que o vejo: tem na cabeça um pequeno capacete achatado, está de joelhos, bate com o punho no peito e baloiça, repetindo:

– *My God, my God!*

Parece um judeu diante do Muro das Lamentações.

Ele tem os olhos azuis, e não é o azul alemão! Tira o capacete e é adoravelmente ruivo! Tem o rosto todo salpicado de pintas cor de farelo e um narizinho engraçado. As sardas nas suas mãos são amorosas. Lágrimas grossas deslizam-lhe pela face, lágrimas de miúdo. É terrível e cómico:

– *Can you hear me?*⁸

Murmuro:

– *Yes...*

Gritos de alegria, as raparigas ficam frenéticas:

– Pronto! Ela ouviu-o, está a responder-lhe!

À minha volta, é a loucura, elas dançam. Dançam, levantando as pernas tão alto quanto conseguem. Algumas atiram-se para o chão, beijam-no, rebolam-se na porcaria, choram, riem-se... Outras vomitam. É algo de incrível, é o Inferno! E é a alegria!

Chovem perguntas:

– De onde vêm eles? Como chegaram até aqui, a este campo maldito? Sabiam que estávamos aqui? Pergunta-lhe...

Ele responde-me:

– Não, foi por mero acaso que vos descobrimos. Não sabíamos que havia aqui um campo de deportados. Ao sairmos de Hanôver, perseguimos os alemães pelas florestas e, diante de nós, apareceram SS com uma bandeira branca.

Uma mulher intervém:

– Massacraram-nos?

– MA... SSA... CRÁ... MOS? – repete o bife, abanando a cabeça.

Traduzo para ele.

– Não sei... Sou um simples soldado.

À nossa volta, as raparigas berram:

– É preciso fazê-los sofrer, é preciso matá-los a todos! TODOS.

Esta explosão de ódio que sinto profundamente abala-me; também quero gritar, ergo-me e volto a deixar-me cair, estou demasiado fraca. Agora, pela primeira vez, sinto-me a morrer. Ao meu redor, tudo se torna novamente confuso. Contudo, sorrio, ou melhor, acho que sorrio. Bem vistas as coisas, fui libertada! E apago-me.

Irena apercebe-se e grita:

– Não, não. Ela, não. É demasiado injusto!

O «injusto» parece-me maravilhoso e cómico.

Uma rapariga grita:

– Canta, Fania! Canta, Fania!

Esta ordem galvaniza-me, agarro-me ao sopro de vida que me resta; abro a boca, tenho de cantar...

O soldado julga que estou a expirar, tira-me da minha imundície, pega-me ao colo, não se enoja! Mas sinto-me tão bem, devo estar leve, muito leve! (Pesava vinte e oito quilos.) Encostada àquele peito de homem, apoiando-me nele, indo buscar forças às suas, entoo a estrofe de *A Marselhesa*. A minha voz não morreu, consigo cantar, estou viva!...

O tipo está abismado. Levando-me ao colo, precipita-se para o exterior do bloco, corre para um oficial, parece louco, grita:

– *She sings! She sings!...9*

Levo com o ar no rosto, como se fosse uma grande bofetada, sufoco, renasço. Atrás de nós, as raparigas seguem-nos, a correr.

Do ponto de vista médico, devo continuar com tifo, mas, no minuto em que arranjei forças para cantar, senti-me curada. Estou novamente lúcida, posso novamente ver o que está a acontecer ao meu redor.

O que está a acontecer: os soldados detêm os SS, alinham-nos contra paredes e muros. Aquele minuto, cuja ideia tantas vezes nos assolara de alegria, chegara; estávamos a vivê-lo.

Os deportados saem de todos os barracões. Os nossos homens,

dos quais havíamos sido separadas tanto tempo antes, dirigem-se para nós, procuramos por aqueles que conhecemos, um pai, um irmão, um tio, um primo, um marido, procuramos...

Estou num edifício limpo, o dos SS. Estou mergulhada numa multidão de cor cáqui. Meu Deus, eles cheiram tão bem! Que doce é o odor a suor destes homens!

Foi a infantaria que nos libertou, e começam a chegar os elementos motorizados. Pela janela, vejo entrar no nosso campo o primeiro jipe. Um oficial salta dele, ainda em andamento, um holandês, olha para a frente... ao seu redor... desata a correr como um louco, de braços abertos, a gritar: «Margrett! Margrett!», e encaminha-se para ele uma mulher vacilante, cujos farrapos às riscas flutuam como trapos pendurados num pau – a sua mulher! –, mais de meio morta, num estado assustador de degradação e de imundície, e ele abraça-a com força, abraça contra si aquele resto de vida que lhe sorri.

Estendem-me um microfone...

Dá-se o milagre: quando me exauria o respirar, quando o meu coração poupava os batimentos, quando a vida se tornara distante para mim, eis que me endireito, galvanizada por uma onda de alegria, e canto novamente *A Marselhesa*. Desta vez, sai de dentro de mim com uma violência, uma força que jamais possuí e, certamente, jamais voltarei a possuir.

Com uma voz quase doce, que eu não lhe conhecia, Florette balbucia:

– Fania, cantaste de uma maneira que... Essa *Marselhesa* foi... e tremias, tremias da cabeça aos pés. Nunca o esquecerei. Ah! Estás a fazer-me choramingar... Tenho de abraçar-te.

Abalado, um oficial belga mete a mão no bolso do seu *battle-dress* e estende-me... um batom, que presente maravilhoso! Não consigo imaginar um mais bonito do que este velho batom vermelho, usado a três quartos, vindo não sei de onde nem de quem. Da mulher dele, da namorada, de uma prostituta...

O homem que segura o microfone insiste:

– Por favor, *miss*! É para a BBC!...

Miss, a BBC... a vida recomeça.

Canto o *God Save the King* e dos olhos dos militares brotam lágrimas, deslizam-lhes pelos rostos transpirados, desenham rastros claros nas faces sujas pela guerra.

Canto *A Internacional* e os deportados russos repetem-na em uníssono.

Canto e... diante de mim, à minha volta, vindos de todos os lados do campo, caminhando agarrados aos tabiques dos barracões, esqueletos e sombras moribundas movem-se e endireitam-se. Crescem! Tornam-se grandes! Do seu peito

irrompe um enorme «Hurra!» que se rebenta, se espalha e leva tudo. Voltaram a ser homens e mulheres...

Alguns meses depois, soube que, nesse dia, a essa hora, em Londres, a minha prima desmaiou diante do rádio, ao ouvir-me cantar: ela tomou conhecimento, ao mesmo tempo, de que eu fora deportada e que acabara de ser libertada.

«Madame Butterfly!»

Madame Butterfly!

Chamam pela Madame Butterfly? Aqui, em Auschwitz, a 23 de janeiro de 1944, no bloco da quarentena? Não é possível! Olho em redor, fileiras intermináveis de *cojas*, uma espécie de jaulas de madeira, com três andares, nauseabundas e escuras. Em cada plataforma, seis ou mais mulheres, deitadas como sardinhas em lata, umas com a cabeça de um lado e outras do outro, quase nuas, completamente rapadas, trémulas de frio e de fome. Acabaram de me dizer que há mil mulheres neste barracão. Apesar dos *Ruhe! Ruhe!*¹⁰ berrados com violência pela *Blockowa*¹¹, precisamos de gritar para nos fazer ouvir. Portanto, a Madame Butterfly no meio de tudo isto!...

Acabei de levar uma sova da chefe, por causa de um balde de água suja despejado lá fora, no sítio errado. Mas qual era o sítio certo? Lágrimas de raiva sulcam-me as faces imundas, misturando-se com o sangue que corre. Limpo-me com as costas da mão e, entre a indiferença geral, encosto-me a Claire, o seu calor aquece-me um pouco. Fecho os olhos. Não é possível, outra vez a mesma coisa: no meio de uma algaraviada incompreensível, uma polaca queixa-se, alto e bom som: «Madame Butterfly!»

Pergunto às minhas vizinhas:

– Que é que ela está a dizer?

– Procura executantes.

– Para quê?

– Para a orquestra.

Uma orquestra, aqui? Percebi mal e insisto:

– Que é que disseste?

– Uma orquestra! Oh! Deixa-me em paz! Que diferença é que

isso te faz?

Protesto:

– Mas eu sei tocar e cantar a *Madame Butterfly*. Ensaiei-a com a Germaine Martinelli.

– Então, vai dizer-lhe!

Debruço-me e gesticulo, ela tem de me ver. É proibido, mas vou descer. Claire detém-me:

– Estão a gozar connosco, é uma brincadeira, vais apanhar outra sova.

– Paciência. Vou lá.

As raparigas ajudam-me. Com a mente turva, o corpo dorido, coxeio na direção do enorme mastodonte que está diante da porta. Esta polaca é gigante!

Ela fita-me, desconfiada, sou muito baixa e estou imunda de lama e de sangue. Num alemão incorreto, que adivinho mais do que compreendo, pergunta-me, incrédula:

– Tu, *Madame Butterfly*?

– Sim, sim.

Não deve ser assim que este paquiderme imagina as cantoras; aliás, conseguirá imaginá-las?

Ordena-me algo que não entendo. Enerva-se e eu preparo-me para levar outra estalada, quando, da plataforma inferior de uma *coja*, uma rapariga traduz:

– Ela diz-te para a seguir. Uma das francesas da orquestra reconheceu-te e a *Kapo* deu-lhe ordens para vir buscar-te.

O que está a acontecer neste momento é impossível. Pela lógica, não pode ser o desfecho daquilo que acabo de viver e cujo filme se desenrola em sequências entrecortadas. Vou atrás daquele monte de ossos e de carne...

... Em Drancy, no meu calendário, os dias riscados formavam uma pequena escada que terminava a 20 de janeiro de 1944: há nove meses que ali estava. Agora fazia parte de um grupo de deportados para a Alemanha.

Seis horas. Do terceiro andar, o nosso grupo começou a descer as escadas da partida. Em cada patamar, estendem-se mãos, que nos oferecem uma tablete de chocolate, um frasco de compota, um par de luvas de lã.

No último patamar, empurrões. Uma voz irónica grita:

– Não empurrem, não há pressa... Não correm o risco de ficar aqui esquecidos!...

A voz é a do Léon, com a sua pinta de parisiense, um rapaz bonito cuja profissão nunca percebi muito bem, com uma melena escura, um pouco canalha e um olhar de «tango argentino».

– Sabes, pensei: «Esta miúda vai precisar de um homem por perto, para lhe carregar a bagagem, tratar dela e fazê-la sonhar

um pouco nas noites de melancolia...» Por isso, como tenho um grande fraco por ti e não quero que um outro me roube o lugar, voltei a correr.

– Mas tu evadiste-te? Eles apanharam-te? Não voltaste, pois não?

Ele riu-se, um riso de miúdo que pregou uma bela partida:

– Foi mais ou menos isso. O mais difícil foi ser incluído no mesmo grupo que tu, foi difícil de engolir, *because* não é o tipo de viagem que apeteça fazer. Mas, como vês, aqui estou!...

Palavras que me fazem sorrir, me enternecem, me irritam. Prefiro ser eu a escolher os homens da minha vida. Ainda assim, que prova de amor!

Coitado do Léon, separaram-nos logo; um guarda empurrou-o para um camião da frente.

À minha volta, apenas desconhecidos. As minhas vizinhas: uma mulher jovem, com cerca de trinta anos, muito bela, acompanhada das duas filhas pequenas, e com umas lindas luvas nas mãos. Ao meu lado, uma rapariga com cerca de vinte anos, um rosto encantador no topo de um corpo enorme e disforme. Simpatizámos imediatamente uma com a outra. Chama-se Claire.

Está frio, muito frio. Esta Paris das seis horas da manhã tem um rosto sinistro. Ao longo das caleiras e dos canos rebentados pelo frio extremo, pendem estalactites de gelo. O piscar das luzes azuis da defesa passiva tornam a noite ainda mais gélida.

O nosso camião com capota de oleado está aberto na traseira; raros e friorentos, os transeuntes do amanhecer mal desviam o rosto à nossa passagem, pálidos e com um olhar indiferente. Contudo, o nosso grupo deve parecer insólito, com estas mulheres entre as quais algumas vestem casacos de peles, homens de todas as idades, velhos, crianças...

A estação de triagem, um comboio muito antigo, vagões de mercadorias que passaram pela guerra de 1914; uma locomotiva ofegante, que não merecia ser marcada com a insolência de um grande V branco¹², imaculado: *Victoria!*

Sobrecarregados de bagagem, cada um leva o que conseguiu reunir: roupa, mantimentos, bebidas alcoólicas, cigarros, joias, dinheiro.

Vindos dos horizontes mais diversos, somos cem, amontoados num vagão para transporte de animais: velhos, crianças, mulheres, homens, judeus, não-judeus, todos misturados. Está muito escuro. No chão, há palha limpa; os mais expeditos, e também os mais fortes, tratam de ocupar um canto. Todos fazem o seu ninho, remexendo-se, ajeitando as nádegas na palha como se fossem galinhas. Parece que vão viver ali uma eternidade!

A mãe encantadora dá às filhas pequenas, em voz baixa,

instruções sobre educação e bons modos: «Não podem fazer barulho, não estão sozinhas.» Ouvem-se já gritarias e discussões do género: «Eu estava aqui primeiro!» Ridículo... As pessoas contam histórias, anedotas, lamentam-se, gemem, sabem tudo de fonte segura:

– Vamos para um campo de trabalho na Baviera, com uma espécie de pequenas cabanas à alemã, limpas, bonitas e confortáveis, com pequenos jardins para quem tem crianças.

– Ele está a divagar!

– Isso é que era bom! Aquele campo é o pior de todos. Eu sei-o. Eu, eu, eu... eu... Eu...

O cheiro da latrina torna-se rapidamente insuportável. A cada sacudidela, ouve-se um *floc-floc* inquietante. À volta do recipiente, a palha já está suja.

Sentado no chão, a meio do vagão, um miúdo não se cansa de repetir, numa voz penetrante:

– Isto mexe-se... Isto mexe-se... Isto mexe-se...

Alguém grita:

– Mandem calar o raio do miúdo!

– Vê-se bem que não tem filhos! – berra a mãe.

– Está enganada, tenho seis.

– Onde é que eles estão?

– Não lhe digo!

– Tem medo de que a denuncie?

Ninguém se ri desta barbaridade. Pelo contrário, as mulheres atiram-se uma à outra. É esgotante...

Chega a hora da comezaina, parece um piquenique popular, mas sem partilha. O vagão inteiro mastiga; é nauseante, mas repousante.

Claire inquieta-se:

– Tens mantimentos?

– Claro!

E ofereço-lhe os meus tesouros: sardinhas, das verdadeiras e em azeite, salpicão, paté, um queijo *camembert*, compotas.

Ela dá-me *foie gras*, champanhe...

– Não pode ser. É noite de passagem de ano. O teu Pai Natal faz compras no mercado negro!

Descontraímo-nos, ela ri-se: na penumbra, os seus dentes, pequenos e certinhos, brilham como as pérolas de um colar. Enquanto comemos os nossos alimentos de luxo, matando a sede com *Roederer* bruto, juramos uma à outra nunca nos deixarmos, partilharmos tudo.

No ambiente fedorento e sobrecarregado pelo cheiro a comida, o vagão arrota e dormita.

Claire abre-se, confessa-me que era muito magra, que até tinha

um corpo bonito. Foi na prisão que começou a engordar; em Drancy, tornara-se assustador: inchara, inchara como se a tivessem insuflado:

– Só as minhas pernas se mantiveram finas... Olha, estou disforme. O meu noivo já não me vai querer, vai deixar-me!

Chorando, fala-me dos pais: «Morávamos na Place du Trocadéro...» Tem um passado de menina rica e feliz, que decorreu como um desenho a pastel de uma *nursery* inglesa. Uma juventude confortável, fácil, límpida, na qual acaba de surgir a realidade da guerra...

– Sabes, o Jean-Pierre, o meu noivo, pertence a uma rede. Entreguei cartas, marquei encontros, recebi telefonemas dos quais desconhecia a importância. Mas julgo que me prenderam apenas por ser meio judia.

A mãe intervém:

– As minhas filhas também o são. Como não conseguiram capturar o meu marido, que está na Resistência, trouxeram-nos a nós. De certo modo, servimos-lhes de reféns, de armadilha... Felizmente, não resultou, o meu marido não foi apanhado. E então eles deportaram-nos. Para mim, o principal é que o pai delas tenha escapado aos alemães; corria o risco de ser morto; para nós, será apenas um mau bocado.

– E contigo? – pergunta-me Claire. – O que é que aconteceu?

– A minha história assemelha-se à tua. Também sou meio judia e também ajudei um amigo da Resistência, entregando correspondência e marcando encontros, e dava guarida em minha casa, por uma noite, a quem precisasse.

– Mas isso era perigoso!

– Claro! Alguém me denunciou e fui detida. Nessa noite, um amigo dormira em minha casa. Eu ficara em casa de uma vizinha. De roupão e com as minhas roupas no braço, voltei para casa e... Imagina a minha cara... Havia três à minha espera. Levaram-me para o cais de Gesvres. No início, não fiquei muito preocupada, os meus documentos eram perfeitos, os meus cartões de alimentação não podiam parecer mais autênticos. Tinham sido emitidos por um prefeito em exercício, em nome de «Fania Fénelon», o meu pseudónimo de cantora. Eu tinha até um *Ausweis* noturno, passado pelo *Komandantur*.

– Cantavas à noite?

– Sim, em clubes noturnos.

Ela abana a cabeça e a sua voz torna-se um pouco mais afetada para afirmar:

– Eu não poderia ter-te ouvido, deixámos de sair à noite. Não nos misturávamos com os alemães, e os cabarés são frequentados apenas por eles e pelos colaboracionistas.

Calei-me, eu corria-os a todos e até fazia um excelente trabalho. O que teria ela pensado da proprietária do Melody's, que parecia uma proxeneta – e talvez fosse –, mas que nos protegia? Claire teria certamente desprezado as putas que se agarravam ao pescoço dos oficiais alemães e que nos passavam documentos, fotografias, informações...

– Descobriram o teu nome verdadeiro?

– Não. Fui eu que acabei por dá-lo. Estava farta de apanhar, as sovas são monótonas... Além disso, eles queriam à viva força que eu fosse comunista; era difícil prová-lo, mas talvez acabassem por conseguir. Nesse caso, corria o risco de ser fuzilada. Se era para morrer, preferia que fosse com o nome do meu pai: Goldstein.

Sendo judia, o processo foi logo arquivado. Fui mandada para Drancy, o que me pareceu uma maneira aceitável de me manter viva.

Claire está pensativa:

– Como é que te espancaram?

– Com uma barra de ferro nos rins.

Ela junta as mãos gorduchas:

– Meu Deus! E tu não falaste?

– Não tinha grande coisa para dizer.

– No teu lugar, não sei o que teria feito.

Apesar da sua corpulência, Claire parece-me tão débil, tão vulnerável que me sinto invadir por uma grande piedade protetora; é uma criança que tomo a meu cargo.

Ela faz-me mais algumas perguntas, às quais dou respostas vagas. Não me apetece reviver o tempo que me trouxe até hoje. As meninas começam a trautear *Malbrough s'en-va-t-en guerre*¹³. Cantamos com elas o refrão. Claire tem uma voz bonita, uma soprano leve, aérea. Outros se juntam a nós, é a euforia! Quando canto *Couchés dans le foin*¹⁴..., entorna-se o caldo, o meu humor não agrada. Ouvem-se clamores de indignação:

– Já chega!

– Deixem-nos dormir!

– Se soubessem o que nos espera, não cantariam! – profetiza uma mulher.

Uma outra tem a ideia brilhante de nos fazer as suas revelações:

– Não quis dizê-lo antes, mas sei que vamos ser massacrados no comboio! Vão metralhar-nos no vagão, a todos, a todos!...

– Vão eletrocutar-nos!

Imagino o nosso comboio de mercadorias, com as suas aberturas tapadas, as portas trancadas pelo lado de fora, a atravessar uma parte do leste da França. Nas passagens de nível,

as pessoas devem dizer: «Lá se vai o nosso reabastecimento para a Alemanha!»

Há mais de cinquenta horas que viajamos. O fedor é medonho, a porta foi aberta uma única vez. Vigiados pelos SS, os homens de cada vagão retiraram as latrinas. Desde então, o recipiente esvaziou-se sozinho, virando-se.

Estamos a morrer de sede, todas as garrafas estão vazias: água, café, chá, vinho, bebidas alcoólicas... O ar nauseabundo é irrespirável, não há arejamento, começamos a sufocar.

O meu relógio marca a meia-noite quando o comboio se detém. A nossa porta abre-se: «Ar, depressa, ar!» Dá-se a debandada. Ordens em francês:

– Desçam! Deixem no comboio as bagagens e os sacos!

Os jovens saltam, os outros desenvencilham-se como podem. O cais está iluminado por projetores cuja luz ofuscante torna a noite mais escura. As imagens sucedem-se a um ritmo alucinante. Claire está ao meu lado. Rodeiam-nos gritos, berros, ordens bradadas num alemão gutural:

– *Raus! los! los! schneller...* **15**

Vozes que chamam na escuridão:

– Mãe! Onde estás?

– Françoise! Jeanette! Onde estão?

– Aqui! – grita uma voz de criança. – Mãe, estamos aqui...

– Onde?

Soldados das SS sobem para os vagões e, a pontapé e à coronhada, atiram para o cais quem ficou paralisado pela imobilização, quem está exausto, doente; um morto é lançado para o exterior.

Simulacros de esqueletos, com roupas às riscas e as cabeças rapadas, movem-se pelo meio de nós, como sombras silenciosas; estes estranhos «carregadores» sobem aos vagões, retiram as nossas bagagens, amontoam-nas em carroças, levam-nas. A neve espessa está suja; ainda assim, Claire e eu tentamos derretê-la nas mãos, para a beber!

Viaturas que se aproximam. São camiões militares, mas têm enormes cruces vermelhas sobre círculos brancos. **16**

– É a Cruz Vermelha! – grita Claire. – Já não corremos perigo.

Os SS que circulam entre nós empurram para os veículos mulheres e homens. Velhos e crianças não avançam suficientemente depressa, caem, levantam-se. Recusando separar-se, são agredidos, selvaticamente espancados...

Levada por um redemoinho, preparo-me para subir. Um *Feldwebel* opõe-se:

– Que idade tens?

Respondendo-lhe e ele empurra-me:

– Podes ir a pé!

Na traseira do camião, a mãe e as suas filhas pequenas chamam por mim. Aproveitando a escuridão, poderia conseguir juntar-me a elas. Claire detém-me:

– Não subas. Há dias que estamos fechadas naquele ambiente irrespirável. Caminhar vai fazer-nos bem, mesmo debaixo de neve.

Formaram-se duas filas: cinquenta homens, cinquenta mulheres, os restantes passageiros do comboio são levados sob o símbolo da Cruz Vermelha. Resvalando na neve e projetando fortes cortinas de lama, a coluna de camiões arranca. Da traseira do último camião, as meninas dizem-me adeus com a mão, a mais velha agita o seu lenço... Sorrio-lhes enquanto consigo vê-las.

Uma ordem. Rodeada de soldados e de cães-polícia, a nossa fila começa a andar. Claire e eu caminhamos a bom ritmo, abraçadas, quase alegres. Está muito frio e caem grossos flocos de neve, mas tenho o meu casaco de pele e estou confortavelmente calçada com botas forradas. Gracejo:

– Nunca virei aqui passar as minhas férias de inverno. O pessoal tem pouco brio, é pouco solícito!...

Claire não me ouve, está preocupada:

– Na estação... Aqueles homens!

– Devem ser prisioneiros.

– Mais pareciam forçados. Pareciam também estar mortos.

Tranquilizo-a:

– Não te aflijas, não nos diz respeito. Viste a cruz vermelha nos camiões...

– É estranho, não se vê o céu; é como se não existisse. Tenho a sensação de que está tapado por uma espécie de cortina de fumo. Olha para o horizonte, está vermelho, vislumbra-se uma chama.

– Deve haver fábricas e vamos trabalhar para lá.

Perto de Claire, caminha um soldado à beira da fila. Não é bonito nem feio. É opaco, completamente impassível, algo entre o mineral e o animal. Com uma voz monocórdica, dirige-se a ela em francês:

– Quer fazer amor comigo? Dou-lhe café.

Café! Aqui, uma mulher não vale grande coisa ou, então, o café é muito caro! Claire não responde. Ele não insiste. Visto que ele parece acessível, pergunto-lhe:

– Vamos para um campo de trabalho?

Os seus olhos pequenos e deslavados fitam-me:

– Não se preocupem. Vão ficar muito bem.

Já não tenho certeza alguma disso!

Após meia hora de caminhada, a entrada do campo de Birkenau¹⁷: uma espécie de portão inserido num edifício de

tijolo, iluminado fugidamente pelos projetores das torres de vigia que vasculham esporadicamente a noite, os caminhos e as ruas do campo. Agarram-se ao arame farpado, escutam a noite numa espécie de bailado irracional e angustiante.

As lanternas dos SS rodopiam na escuridão, criando lampejos ferozes nos olhos dos cães.

Sobre o grande portão, está escrito: «Campo de Trabalho.» É quase tranquilizador!

Empurram-nos para um edifício de tijolo: «Bloco da Receção.» Somos recebidos por uma lufada de calor que nos conforta. A iluminação é parca, mas suficiente. Sentadas a uma mesa grande, raparigas vestidas com roupas confortáveis interpelam-se em polaco. Aparentam levar uma espécie de vida privilegiada, que parece satisfazê-las plenamente.

Atrevo-me a perguntar:

– São vocês que vão devolver-nos as nossas coisas?

A rapariga grande e corpulenta fita-me com uma surpresa bovina e, à laia de resposta, berra-me na cara:

– *Pja Kref!*¹⁸

– Não me chamo «Pja Kref», sou francesa.

Uma delas deve ter percebido a minha resposta, pois chora a rir. Ofendida, a outra não para de cuspir rosários de «Pja Kref» vingativos...

A minha «Pja Kref» arranca-me a minha mala; compreendo, entrego-lhe o meu casaco de pele, alvo de todos os meus cuidados, e fico agoniada por vê-lo a ser remexido pelas suas patas pequenas e possessivas, que lhe amassam o pelo macio. A minha última ligação com o passado. Despida ali mesmo, nua, tal como Claire, como todas as outras, fico imóvel, com as minhas roupas espalhadas no chão à minha volta, como uma cobra que muda de pele. Enquanto sombras furtivas e de cabeça rapada recolhem estas pilhas e as levam. Em cima da mesa, amontoam-se malas e joias.

Mulheres SS passeiam-se, indiferentes, por entre este despojamento. Perante o seu olhar gélido e de desprezo, tenho a sensação de ser um pouco menos do que um animal: um objeto insólito e sujo que perturba a ordem estabelecida.

Pobre Claire! Mete dó, com os enormes seios caídos sobre a grande barriga; parece uma maçã pousada sobre dois fósforos. Somos entregues a uma jovem polaca. O meu cabelo magnífico, negro-azeviche, as duas tranças grossas que me envolvem a cabeça. Que massacre! A tesoura não consegue cortá-las, resvala. A polaca esforça-se; por fim, a tesoura agarra. Escortinhadas, as tranças caem: belas cobras brilhantes e lisas. A rapariga ataca-me o crânio, as axilas e a púbis com golpes de máquina de barbear

elétrica, sem água nem sabão, com uma lâmina ferrugenta e lascada; arranha, fere, arranca. Deveria doer-me muito, mas não sinto quase nada. Os meus olhos não largam a outra polaca corada, cujo tecido do corpete, demasiado esticado à altura dos seios, se abre; apanhou as minhas tranças e brinca com elas, fá-las girar no ar, troça de mim. Ri-se... Ri-se, num riso histérico que me assola de desespero impotente. Cresce em mim uma vaga de fúria, um desejo violento de fazer mal, de destruir, de matar: «Se um dia sair daqui, mato uma polaca. E que todas as outras morram, que não reste nem uma na face da Terra, maldito seja este povo! Será o meu objetivo de vida.»

Em Auschwitz, precisei sempre de arranjar um objetivo de vida, pelo que este é tão bom como outro qualquer! Com a mesma violência com que comecei a odiar, detesto-me por ter este pensamento ignóbil.

Passamos à tatuagem. Indiferente, observo a minha matrícula a formar-se no meu antebraço esquerdo: 74862. Ouço dizer que um SS sugerira que no-la tatuassem na testa, mas Berlim não aprovara!

Nesse dia, ainda não estou capaz de me rir disto...

Esta tatuagem desmoraliza Claire. Aparvalhada, ainda incrédula, fita o seu braço redondo e branco:

– Porque é que nos tratam assim? Não fazem isso às trabalhadoras deles, pois não?

Inocente Claire, com a alma tão imaculada como a sua tez. Para mim, acabou-se, já percebi: nas paredes há coisas escritas que uma alsaciana traduz para mim: «O bloco é a tua casa.» – «Um piolho é a tua morte.» – «O trabalho é a tua liberdade.» – «Não estás num sanatório.»

Estas palavras acertam-me no peito como uma pancada. Eu já não era nada, nem sequer uma escrava. Para mim, já não havia códigos nem leis; estava sozinha, abandonada, nas mãos do carrasco. Chegámos ao término da viagem: o Inferno!

Revejo-nos, sob o chuveiro gelado, os braços colados ao corpo; a seguir, regressamos à sala, desmoralizadas, a tiritar e sem um pelo; é estranho, mas esta é a grande humilhação: já não ter um pelo!

Sombras varrem, apanham e levam cabelos e pelos, como se fossem tesouros.¹⁹

Após o duche, atiram-nos sapatos de homem, um lenço para o nosso crânio nu, uma espécie de farda, um vestido. Calha-me um vestido florido, de verão, com um triângulo amarelo.²⁰ Não preciso de perguntar o significado, a cor diz-mo. O amarelo é a cor do judeu. Quando penso que nunca usei a estrela!

A seguir, empurram-nos para uma espécie de anfiteatro;

dispersamo-nos pelas bancadas de madeira. Está muito frio. Ao meu lado, de cabeça baixa e com os braços a abraçar os joelhos, uma rapariga resmunga, em russo:

– Monstros, monstros, hão de pagar... Todos pagarão... Vamos matá-los um a um... Hão de pagar!

Pergunto-lhe na sua língua:

– De onde és?

Ela levanta a cabeça, onde se veem alguns altos, acabada de repar, toda arranhada. A minha cabeça está igual, não seria difícil fazer o estudo dos altos que tenho, desde que eu tenha o da sorte... Não quero saber dos outros, mas o da sorte!...

Ela resmunga:

– Da Ucrânia. És russa?

– Não, sou francesa.

Surpreendida, ela fita-me, e retoma o seu monólogo...

Sussurro, pois estamos proibidas de falar:

– Onde é que vamos trabalhar? Quando é que comemos? Há dois dias que não me dão um copo de água...

O que lhe digo não deve merecer resposta, porque ela continua a sua ladainha, alimentando, com uma voz monocórdica, as suas fantasias: «Isto vai acabar, vamos matá-los a todos... Vamos matá-los a todos...»

Ficámos ali, prostradas, durante o que me pareceram ser duas horas. Encostada a mim e em voz muito baixa, Claire repete o seu juramento:

– Sabes, nunca nos separaremos. Partilharemos tudo. Entre nós, é para a vida e para a morte!...

Esta frase banal ressoa estranhamente neste circo gelado.

A intervalos regulares, o holofote de um ponto de vigia penetra pelas aberturas, revelando fragmentos do cenário, arrancando da escuridão pedaços de mulheres acoradas, que tiritam sentadas nas bancadas.

Por vezes, lá em baixo, na pista do circo, o feixe de uma lanterna move-se através das bancadas, à procura de sabe-se lá o quê. No exterior, reina o silêncio total; de vez em quando, um gemido, um soluço, um grito que é uma prece. *Ruhe! Kein Wort mehr!*²¹, vocifera uma guarda, e regressa o silêncio absoluto, total, um silêncio de cemitério. Porém, ainda estamos vivas. VIVAS!

Se quero sobreviver, tenho de resistir, mas como? Aprendê-lo-ei mais tarde, cada dia irá ensinar-me.

Acendeu-se uma luz. Lá em baixo, no círculo, entraram seres enormes, *Stubendienst*²², transportando uma espécie de alguidar cheio de sopa, e encheram-nos as tigelas, *floc!* Não tenho colher e fico enjoada só de pensar em engolir aquela água viscosa na qual

flutua uma coisa qualquer.

A jovem russa ordena-me:

– Come, é preciso, é preciso aquecer o corpo.

Sorvemos ruidosamente aquela mistela horrível e malcheirosa.

Lá em baixo, no pequeno círculo de luz amarela, as *Stubendienst* terminaram a sua atuação, que ninguém aplaude. A luz apaga-se, o feixe luminoso da lanterna de uma das nossas «acompanhantes» passeia-se por instantes pelas bancadas e, a seguir, a noite e o silêncio reapoderam-se do local. O espetáculo terminou.

Depois de elas saírem, lentamente, como que contrariado, o dia de inverno nasce, sujo, nublado. A espera continua. Por fim, a porta abre-se, estalam as ordens. Fazem-nos sair ao som de apitos e à paulada. O ar gélido sufoca-nos. Encolho os pés descalços dentro dos sapatos de homem desemparelhados: um amarelo, um preto; um botim, um sapato de atacadores, mas sem eles – tamanho 42, eu calço o 34. Como caminhar em fila, manter um ritmo com aquilo nos pés! Invade-me uma nova angústia: caminhar é viver; ficar para trás, cair, é morrer. Olho com ódio para a lama de Auschwitz na qual me atolo, este solo argiloso que nunca seca, mesmo no pino do verão. Cinzento-escuro nuns sítios, vermelho-escuro noutros, parece um rasto de lava líquida, não para de se mover, a chuva, o vento e a neve fazem-na deslizar sobre si própria. Pérfida, suga-me. Tenho consciência de que a minha vida depende da duração do trajeto. Felizmente, é muito curto. Paramos diante de um edifício enorme, de tijolo deslavado, comprido e baixo. Entre nós, circula um rumor: «É o bloco de quarentena, um barracão de onde não se sai viva!»

Sob o sinal da cruz

É um hangar baixo, imenso, sombrio. Nele são amontoadas mil mulheres, em estruturas de madeira com três andares, pouco mais largos do que uma gaveta de morgue. Aliás, estamos numa espécie de morgue; o cheiro a podre chega-nos à garganta.

Claire e eu fomos as últimas a entrar e ficámos alguns minutos junto da porta. Não sei porquê, mas lembrei-me da mãe e das suas filhas pequenas. Irei reencontrá-las ali dentro? Inconsciente, atrevo-me a perguntá-lo à *Blockowa*.

– Desculpe, minha senhora, mas onde estão as pessoas que partiram nos camiões com o símbolo da Cruz Vermelha?

A minha ousadia deixa-a estupefacta; fita-me, avalia-me, bater-me-á com o seu bastão duro, um cajado nodoso como os que se usam nos nossos campos? Corajosamente, repito:

– Onde estão as pessoas dos camiões da Cruz Vermelha?

Ela solta uma espécie de riso roncante, a mão agarra-me no braço, esmaga-me os músculos, obriga-me a virar-me para a porta aberta:

– Olha...

Aponta para um edifício térreo, a cinquenta metros, encimado por uma chaminé baixa e quadrada:

– Vês o fumo que sai daquela chaminé... São eles, são os teus amigos que estão a grelhar...

– Todos?

– Todos...

Nem sequer lhes deram a possibilidade de passar pelo bloco de quarentena; os camiões com as cruzes vermelhas eram um logro.

A *Blockowa* não me largou o braço; inclina o seu rosto grande e gordo na minha direção e confia-me:

– É ali que vais parar...

Como duvidar disso?

– *Herunter!*²³ – berra a *Blockowa*.

– Vamos à retrete, até que enfim! – resmunga Adèle, a ruiva, descendo do seu beliche.

Em fila, a patinhar na lama gélida, a tiritar nos nossos vestidos leves, atravessamos uma parte do campo.

O barracão das latrinas... Quem pôde conceber um sítio assim?

24

Um telhado sobre paredes de tábuas, que cercam um enorme buraco redondo, escavado na terra, com uma profundidade que calculo ser de cerca de dez metros, rodeado por uma beira irregular constituída por pedras grandes. Aquela enorme cloaca em forma de funil está cercada de traves de madeira. Assim que a porta se abre, irrompendo das filas, as raparigas precipitam-se para se sentar naquelas traves, de rabo ao léu. Algumas, disentericas, não conseguem lá chegar e aliviam-se onde estão, sob as pancadas e os insultos da *Blockowa* das latrinas.

Olho uma e outra vez, não posso esquecer nada deste horror fedorento: agarradas àquele poleiro, são cerca de cinquenta, encostadas umas às outras, semelhantes a velhas galinhas doentes, esqueléticas, trémulas, sobre os seus poleiros sujos. Aquelas que têm pernas compridas chegam ao chão com a ponta dos pés, mas as outras... As baixinhas, com as pernas penduradas, como eu, têm de agarrar-se com as duas mãos à trave redonda e escorregadia. Cair na fossa significa uma morte terrível!25

Claire e eu estamos lado a lado e ainda conseguimos corar de vergonha. Ela está desmoralizada, à beira do esgotamento nervoso. Temo por ela e ordeno-lhe:

– Agarra-te bem e não caias. Percebeste?

As mulheres da *coja* em frente fitam-nos com frieza, a Claire e a mim. Não significamos nada para esta fila de cabeças com diversos níveis de sujidade, coloridas por uma pequena quantidade de cabelo mais ou menos curto. As suas mãos descarnadas como patas de aves estão agarradas à estrutura de madeira da *coja*; no fundo das órbitas, os olhos delas brilham como se fossem lume de velas colocadas dentro de crânios para um qualquer *sabat* demoníaco. Olho-as e invade-me a angústia: elas transformam-se em espelhos, devolvem-me a minha imagem; daqui a quantos dias ficarei como elas? Em poucas horas, aprendi tanta coisa, esvaneceram-se tantas ilusões. Com um gesto hábil, roubam-nos a sopa, aquela mistela infame; as baixinhas, como eu, ficam à mercê das grandes, os fortes vivem dos fracos, somos empurradas para a morte com total indiferença. As trabalhadoras partem e não voltamos a vê-las, as doentes são levadas para um *Revier*, do qual não regressam, sem que nenhuma destas mulheres se preocupe com isso. Uma morta passa a noite ao lado das vivas,

que, de manhã, atiram o cadáver para o chão, sem despertar o mínimo interesse. Não é possível a existência de um lugar assim! As raparigas falam, choram, gemem, gritam. Mil mulheres que já não são mais do que entranhas.

O meu pavor de ser devorada, digerida por este mundo, renasce. Como escapar-lhe? Deitada de bruços no alto da *coja*, com Claire a proteger-me das outras, apetece-me fechar os olhos, meter o rosto entre os braços, não ver nem ouvir mais nada. Mas é impossível, pois somos obrigadas a manter a cabeça longe daquela enxerga suja e malcheirosa, que nos serve de cama comum.

Claire começou a chorar.

Os seus soluços intensificam-se, tenho de acabar com aquilo, digo-lhe uma coisa qualquer, o que me vem à cabeça:

– Vou contar-te uma história de encantar.

Isto é tão absurdo e inesperado que Claire me olha, sem perceber. Rapidamente, pronuncio o «Abre-te Sésamo»: «Era uma vez...»

Nada ficou de fora e a história foi longa, enriqueci o sonho: joias, vestidos, festas, amor. Os perfumes da Arábia ardiam em todos os cantos dos divãs profundos. Choviam montes de pétalas de rosa como uma nevasca, pombas imaculadas levantavam voo no céu azul. Os beijos ardentes dos príncipes encantados teriam despertado as múmias das Grandes Pirâmides. E, triunfalmente, termino com: «E foram felizes para sempre...»

Olho em redor e desato a rir-me.

Vozes gritam: «Caluda!» Devem ser cinco da manhã. Em Paris, estaria a sair de um clube noturno, onde acabara de cantar...

Não sei quando aconteceu, mas apaguei-me. Devo ter dormido... As últimas horas perdem-se-me na memória, já não sei nada sobre elas, lembro-me apenas dos ruídos: berros, imprecações, risos odiosos, risos perturbadores de loucas...

E agora levam-me, para que cante e toque a *Butterfly*! Não é possível, não estou a passar por isto. No entanto, vou atrás da polaca monstruosa. O frio morde-me cruelmente as orelhas. Ela avança à minha frente, a passos largos, encolho os pés nos meus sapatos de homem. Atolo-me na neve gélida, o frio é intenso. Com o seu casaco quente, botas e um lenço na cabeça, ela não sente frio. A lama abocanha-me os sapatos e agarra-os. A polaca começa a distanciar-se, segue o seu caminho sem olhar para trás. E se eu a perder? Aflijo-me. Perco um sapato, fica enterrado na neve. Paciência, descalço o outro, corro descalça, trespassem-me mil agulhas de gelo. Saímos do campo A, entramos no B, onde vivem as «personalidades».

Por fim, chegamos!

A gigante detém-se diante de um bloco, vira-se, encara-me com desconfiança, incrédula: e se eu a enganei? Espetando-me com força o indicador no peito, quase me atirando ao chão, berra:

– Tu... Madame Butterfly?

Então, tomada pelo medo, grito:

– Sim... Sim, eu Madame Butterfly!

E cresce em mim uma absurda vontade de rir...

São anjos!

A polaca abre-me a porta e eu entro no... paraíso. Luz, salamandras. O calor é tanto que sufoco, não consigo avançar. Atrás, música, uma mulher sobre um pódio. Diante de mim, estão sentadas raparigas bonitas, bem vestidas, com saias plissadas, camisolas; têm na mão instrumentos musicais: violinos, bandolins, guitarras, flautas, charamelas... um piano de cauda ocupa o lugar de honra.

Não é possível, isto não é real! Enlouqueci. Não, estou morta! E são anjos!... Devo ter morrido durante a travessia do campo, na neve, na lama. Tranquilizo-me interiormente: «A tua viagem chegou ao fim, chegaste ao paraíso da música; só pode ser isso, a música é a tua paixão, vais segui-la. Esta é a tua primeira paragem, estás no céu e vais tomar lugar entre estas raparigas maravilhosas.»

Uma mulher jovem, com uma expressão suave, aproxima-se de mim com uma mão compassiva, lava o sangue que me escorreu da boca, do nariz, limpa-me o rosto com um pano húmido. Que doce é um anjo! A seguir, estende-me um pequeno pedaço de pão; o pão e o sal das boas-vindas. Um gesto que me chega do fundo dos tempos da caridade. Digo-lhe: «Obrigada», e esta palavra, já esquecida, enche-me de alívio. Sentindo-me a flutuar, dirijo-me a sorrir para as executantes.

Ninguém fala, ninguém se mexe, todas aquelas raparigas encantadoras me olham. É um momento extraordinário, divino. Estou em cima de uma nuvenzinha de algodão cor-de-rosa, flutuo... Depois, a imagem ganha vida: a regente de orquestra, uma morena alta, severa, nobre e empertigada, fala comigo num francês correto com sotaque germânico: **26**

– Sabes tocar piano?

O meu: «Sim, senhora!» é pronunciado com tal fervor que ressoa como uma aleluia numa catedral.

– Então senta-te ao piano, toca e canta *Madame Butterfly*.

Descalça, encaminho-me para o piano. É um *Beckstein*, o sonho da minha vida! Instalo-me no banco, pouso a ponta dos dedos dos pés nos pedais, as mãos sobre o teclado, e elas fazem-me enrubescer de vergonha. Estão sujas, miseráveis. Gostaria de poder fechá-las, escondê-las. Há tantos dias que não me lavo! Não importa, estou aqui!

Uma bola de gratidão sobe-me à garganta; eu, que não tenho fé alguma, sinto uma espécie de desejo de agradecer a Deus. A seguir, o sonho cai na realidade: estou aqui para passar um exame; em pouco minutos, posso ser rejeitada, mandada de volta para onde estava. Não são anjos que me fitam, mas mulheres, algumas com uma expressão amável, outras, com desprezo. Porquê? Não entendo. Afasto a inquietude latente. Mais tarde tentarei perceber; mais tarde saberei...

Com amor, as minhas mãos reencontraram o contacto familiar das teclas brancas e negras... e começo a tocar *Sur la mer calmeé*. Irá Puccini salvar-me a vida? A seguir, canto, em alemão, *Wenn es Frühling wird* (*Quando Chega a Primavera*), de Peter Kreuder, cujo ritmo evoca certas melodias ciganas.

Deixou de haver judias, polacas, arianas, todas batem palmas. Os pés não param quietos. Sente-se no ar uma espécie de vontade de dançar.

As minhas mãos imobilizam-se, mas permanecem sobre o teclado; enquanto estiverem em contacto com ele, nada irá acontecer-me. Acaricio e beijo o piano; é o meu salvador, o meu amor, a minha vida. É num silêncio vibrante que cai o veredito em alemão:

– *Ja, gut!*

E, a seguir, concretiza-se em francês:

– Aceito-te na orquestra.

Invade-me um calor reconfortante, mergulho na sua suavidade: fui aceite na orquestra! E Claire? Não posso abandoná-la, o meu juramento do qual quase me esquecia.

O meu entusiasmo torna-me inconsciente e ousa dizer:

– Minha senhora, tenho uma companheira, a Claire, que tem uma voz maravilhosa. É preciso ir buscá-la!

Perante a expressão fria e de incompreensão nos grandes olhos castanhos que me fitam, ultrapasso todos os limites:

– Não ficarei aqui sem ela. Vou-me embora, volto para lá!...

Não tenho noção do que digo nem da minha ousadia. Um *Nein* significaria para mim o fim deste mundo! Mais realistas, as raparigas estão estupefactas: terei enlouquecido? O olhar da regente mantém-se inexpressivo; é mesmo alemã! Por fim, decide-se e chama: «Zocha.» A montanha fêmea acorre

servilmente.

– Vai buscar a Claire ao bloco de quarentena e trá-la aqui.

Fico sentada no meu banco enquanto as raparigas me rodeiam e me fazem perguntas que ouço mal. E se a tal Zocha não encontra Claire? E se Claire tiver sido posta de faxina, caído na fossa das latrinas? Se?... Aqui, em Birkenau, o destino é rápido, fulgurante; em segundos, tudo pode transformar-se, tornar-se irremediável...

E vejo entrar Claire, a minha Claire, a bambolear-se como um pato, desajeitada, gorda, tão gorda... O seu físico não interessa à regente, mal parece reparar nele; o que ela quer é uma voz, e Claire tem-na; é um verdadeiro rouxinol, uma soprano leve, maravilhosa, rara... Ao acompanhá-la, não sinto receio, e com razão:

– Quero-vos. Entram ambas para a orquestra. Vou avisar imediatamente a nossa *Lagerführin*²⁷ e mandar vestir-vos.

No auge da excitação, somos prensadas e rodeadas por raparigas; as perguntas delas e as nossas cruzam-se em cacarejos de capoeira animada. O meu ouvido seleciona nomes, informações; os meus olhos fixam um rosto, uma expressão, a cor de um olho. Ewa, mais velha do que as restantes, na casa dos trinta, é polaca e tem um olhar azul-acinzentado e doce. Dela, guardo já a lembrança do toque dos seus dedos piedosos na minha cara.

Uma mão puxa-me com força:

– Chamo-me Florette. Vi-te em Paris!

Florette tem uns magníficos olhos verdes, possessivos, ciumentos, cuja expressão se inquieta:

– Foi a ti que ouvi cantar no Melody's?

– É provável. Atuei lá.

– Eu sabia. Fomos lá uma noite, com os meus pais, há um ano. Eu tinha 17 anos. Vês? Não te esqueci. Mas foi a Irena pequena que avisou a regente.

Irena é mais baixa do que eu – um recorde – e deve ter a minha idade. Uma tez espantosamente clara, olhos negros tão escuros que não se distingue a íris. Vitoriosa, a sua voz canta-me ao ouvido:

– Fui a primeira a reconhecer-te! Fui eu! Vi-te e ouvi-te a cantar em Drancy; por isso, ontem, quando te vi nas fileiras do bloco de quarentena, disse-o à nossa *Kapo*²⁸.

– Como é que ela se chama?

– Alma Rosé.

– Havia um quarteto com esse nome, dirigido por Rosé, primeiro-violino solista na orquestra da Ópera de Berlim. Lembro-me perfeitamente de o ter visto em Paris, na sala Gaveau.

Ainda consigo ouvir aquele quarteto de Schubert, uma maravilha, um violinista excecional!...

– A Alma é filha dele.

– Então é também sobrinha do Gustav Mahler, o compositor. Lembro-me de que ele era cunhado do Rosé.

– Estás certa – confirma Ewa. – Ela também é uma grande violinista.

– E trouxeram-na para aqui?

– Não te admires com isso – ironiza Florette. O seu talento não lhe dá coração. – Não tardarás a perceber que, aqui, não faltam vacas. A nossa *Blockowa*, a Tchaïkowska, é uma peste, principalmente connosco, as judias. Quanto à *Pania*²⁹ Founia, é a *Küchenführerin*³⁰, outra polaca, uma cabra! Não alimentes muitas ilusões: estás em Auschwitz, no campo feminino de Birkenau, e não é o paraíso!

Estas explicações perturbam Claire, a quem não basta o amor pela música e que se aflige:

– Onde estamos? Quem são vocês?

– Estamos no bloco da música e somos a orquestra feminina do campo de Birkenau. E vocês, vêm de França?

– Sim, de Paris.

– Quantos eram à chegada?

– Conteí doze vagões. Devíamos ser mil e duzentos.

– Aqui, em Birkenau, deram entrada cinquenta mulheres, e, do outro lado, no campo dos homens, entraram cinquenta homens. As outras mil e cem pessoas esfumaram-se. Como vês, a conta é muito simples...

Eu declaro:

– Pois eu, se a Claire não me tivesse dito: «Vem comigo a pé», teria subido para o camião com aquela mulher que me chamava. A Claire salvou-me a vida.

Ninguém fica maravilhado com isto; de facto, aqui, tudo é muito simples!

Uma *Läuferin*³¹, com o nariz e os olhos vermelhos por causa do frio, entra a correr. Da porta, grita:

– *Achtung!* Vem aí a Mandel!

Todas as raparigas se imobilizam e se põem em sentido, o que me impressiona menos do que a entrada da *Lagerführerin* Mandel: não tem 30 anos, muito bonita, alta e esguia... impecável no seu uniforme. E eu estou ali, diante dela, de braços caídos e aquele vestido extravagante, um vestido florido de festa de fim de tarde, todo pingão, descalça, de cabeça rapada, a cara suja apesar da limpeza apressada de Ewa, e, ao meu lado, Claire, com um ar igualmente desgraçado. Irena murmura entre dentes:

– Põe-te em sentido.

Nunca o fiz, não sei fazê-lo. Tento empertigar a minha postura. Será que a *Lagerführerin* se apercebeu? Ordena:

– À vontade!

À minha volta, pés esfregam o chão, corpos descontraem-se. As raparigas relaxam, mas não dispersam; aguardam pelo que irá acontecer.

Respeitosamente três passos atrás de Maria Mandel, Alma apresenta-nos:

– Eis as duas cantoras. A mais baixa também toca muito bem piano.

Com as mãos pousadas com elegância nas ancas, mãos brancas, de dedos finos e compridos que se destacam sobre o tecido cinzento do uniforme, observa-nos; os seus olhos, de um azul duro de faiança, detêm-se em mim, escutam-me. É a primeira vez que um representante da raça germânica me olha e parece ter consciência da minha presença. Ela retira o boné, o seu cabelo de um louro-dourado admirável está penteado em duas tranças grossas que lhe rodeiam a cabeça – revejo as minhas a saltitar na mão da polaca. A imagem desta mulher fica-me impressa na retina, manter-se-á indelével. Da *Führerin*, nada me escapa: o seu rosto, sem um átomo de maquilhagem (não é permitida às SS), é luminoso, os seus dentes muito brancos são grandes, mas bonitos. É perfeita. Demasiado. É uma amostra magnífica da raça dos senhores. Uma matriz de primeira qualidade; então, que faz ela aqui, ao invés de estar a ter filhos?

Ela vira ligeiramente a cabeça na direção de Alma:

– Qual é a que canta *Madame Butterfly*?

– A baixinha, senhora *Lagerführerin*.

Com uma voz calma, indolente, ordena:

– Diga-lhes que cantem, uma de cada vez.

Sentei-me ao piano, acompanho Claire, cuja voz é realmente a de um rouxinol, um encanto. A seguir, olhando de esguelha para o rosto da alemã, canto *Sur la mer calmée*. Tenho a sensação de estar a apostar a minha vida. Se a minha interpretação lhe desagradar, se não corresponder à conceção que ela tem do trecho, volto para de onde vim.

Sentada numa cadeira, com as pernas compridas calçadas com meias de seda e cruzadas com elegância, de queixo erguido, a SS Mandel sorri impercetivelmente:

– É preciso vesti-las. Venham!

Compreendo que fomos aceites quando Alma nos confirma:

– Venham, foram admitidas.

A SS caminha à nossa frente, a passos largos e harmoniosos; deve dançar lindamente a valsa. Deferente, Alma segue-a. Claire e eu, aliviadas, trotamos no encalço delas, a uma distância que

nos parece adequada. Atrás delas, entramos num bloco grande e bem iluminado e aquecido; mais um espaço privilegiado. Aparentemente, por estes lados, é coisa que não falta no campo! A entrada da nossa SS pôs toda a gente em polvorosa.

– Avancem – ordena-nos Mandel, e como não nos mandou ficar à vontade, estamos diante das polacas, empertigadas e em sentido. É uma visão agradável tê-las à nossa frente imobilizadas naquela postura respeitosa. Descontraída, a *Lagerführerin* ordena:

– À vontade!

Libertadas, as raparigas retomam a sua atividade: atrás de mesas altas e compridas, separam amontoados de roupas, de objetos diversos, alguns valiosos, recordações, mantimentos; tudo o que pode conter a mala de viagem de alguém que abandona o seu lar em direção ao desconhecido. É aqui que vêm parar as nossas bagagens...

– Deem-lhes roupas à medida delas – especifica Mandel.

As raparigas atarefam-se, põem-nos roupas à frente. Estou à espera de que nos perguntem quais são as nossas preferências, se gostamos mais do sutiã cor-de-rosa com renda ou do branco de cetim... Uma loja de novidades a receber clientes da alta sociedade, um prazer autêntico! Dão-me um sutiã, umas cuecas, uma combinação, um cinto de ligas, meias de lã, que maravilha! Um vestido de fazenda azul-marinho, um casaco quente e macio ao toque. Nestas duas últimas peças, com pontos largos e descuidados, e com uma expressão enojada, polacas ou eslovacas cosem os nossos triângulos amarelos. A minha indumentária é completada com um *Kopftuch*³² de pano branco.

– Elas que se vistam!

Preferia ter-me lavado primeiro; tanto pior; obedeço.

Mandel aprova o vestuário de Claire:

– Gut...

O olhar dela examina-me da cabeça aos pés, que «nadam» nuns sapatos emprestados pela Ewa, que calça 41! A *Lagerführerin* dirige-se à *Kapo* do bloco com uma certa cortesia:

– *Frau Schmidt*, não tem sapatos para a minha pequena cantora?

Pelo visto, a minha estatura e a minha voz agradam-lhe!

– Tenho, sim – assegura esta, com vivacidade.

Enquanto uma polaca vasculha um monte de sapatos, observo *Frau Schmidt*. Está impecavelmente vestida: um saia-casaco e um camiseiro de bom corte; magra sem ser esquelética. Deve ser temível. Os olhos não têm cor e a boca não tem lábios.

Calço uns sapatos rasos, de atacadores, que devem ser número 40.

Mandel enerva-se, torna-se seca:

– Eu disse à medida dela!

O pedido parece exagerado. Desde quando há necessidade de preocupação com tamanhos e medidas para um triângulo amarelo, para uma *Jüdin*?

Perante o tom da invetiva, a *Frau Kapo* indaga:

– Que número calças?

– O 34.

Isto causa um escândalo tal que me sinto culpada.

– Não temos! Aqui não existe essa medida, *Frau Lagerführerin*.

A SS Mandel enfurece-se, as suas palavras agridem, fustigam as incompetentes. A seguir, em passos largos e irados, sai do armazém de vestuário. Tanto pior, não terei sapatos à minha medida; hei de arranjar alguma coisa para encher os sapatos pretos que me deixam. Sob o olhar venenoso de *Frau Schmidt* e das suas ajudantes, saio a arrastar os pés, atrás de Alma; irritada, esta acelera o passo; mais uma hipótese de eu perder os sapatos na neve. Felizmente, o trajeto é curto e chego sem incidentes.

O nosso bloco já não me encanta, deixou de ser uma espécie de miragem que eu nem ousava imaginar, com receio de que se desvanecesse; é uma realidade que observo ao pormenor.

O edifício de madeira está dividido em duas partes desiguais: na mais pequena, que serve de dormitório e refeitório, os beliches individuais estão dispostos perpendicularmente às paredes pintadas de branco.

– Cada uma tem a sua cama – informa-me a Florette – com um lençol. Sabe-se lá porque não são dois... e uma coberta de lã! Debaixo do colchão, escondes as tuas coisas, aquelas que conseguiste «organizar»; não é um sítio muito seguro, mas é o que há.

– «Organizar»? Que é que isso quer dizer?

– Desenvencilhares-te para que as raparigas do Canadá te arranjem o que te faz falta.

Quem são «as raparigas do Canadá»? Como e com quê podemos comprar alguma coisa? Perguntas essenciais, que guardo para mais tarde, pois a visita prossegue.

Na ala central, três mesas, uma das quais coberta de utensílios de cozinha, que deve destinar-se à distribuição das nossas refeições.

Numa parede, prateleiras sobre as quais estão alinhadas as nossas caixas.

– É onde guardamos os nossos «tesouros» – explica-me a Irena pequena. – Temos uma caixa para duas, pelo que fazes «caixa» com quem quiseses. – Especifica: – Para arrumar, não para dividir!

Dividir o quê? A nossa miséria? Para mim, não há dúvidas:

farei «caixa» com Claire.

O outro espaço do local, o maior, com cerca de oito metros por seis, é a sala de música. Ao longo de uma parede, há uma mesa grande coberta de partituras e papéis. À volta dela, estão sentadas as *Schreiberinnen*³³, que copiam trechos de orquestrações.

No meio da divisão, há um pequeno estrado rodeado pelos atris e pelas cadeiras das executantes, dispostos em círculo. Para esta sala, dão os quartos de Alma, a nossa regente de orquestra, e da *Blockowa* Tchaïkowska. O chão revestido de parquê está tão bem cuidado que parece acetinado; as paredes são brancas e estão limpas, e há eletricidade em todo o lado. Extraordinário!

– Vivem aqui quarenta e sete mulheres. Tens noção do que isso representa? Mulheres vindas de toda a parte, confinadas neste espaço exíguo e nestas condições... Dez nacionalidades, o mundo dentro de uma lata de sardinhas! Como podes imaginar...

A Irena pequena não conclui o seu raciocínio. É Ewa, com a sua voz pausada, num francês certamente mais perfeito do que o meu, que acrescenta:

– Vêm de países onde, muitas vezes, antagonismos profundos e cegos as viraram atávica e religiosamente umas contra as outras. Refiro-me nomeadamente às minhas compatriotas, as polacas. Todas essas mulheres têm diferentes culturas e origens raciais e étnicas, e religiões e políticas em confronto. Isto permite entender que não reine aqui a perfeita harmonia, sobretudo porque os níveis de educação e de instrução são muito díspares.

Ouçó-a, mas tudo isto me parece pueril depois daquilo por que passei há poucas horas. O universo descrito por Ewa parece-me, ao mesmo tempo, um oásis e um gueto no interior da massa tentacular do campo de Auschwitz e dos seus complexos. Mais tarde, irei compreender que é também uma espécie de sanduíche: uma fatia de música entre duas fatias de pão de miséria.

Uma *Läuferin* grita:

– Para o duche!

– Temos direito a isso? – balbucia Claire.

– Todos os dias. Faz parte do regulamento. A Alma é muito atenta. Os boches exigem-no. Aqui, todas as mulheres que, por motivos de serviço, podem ter de se aproximar deles, devem estar limpas. Partilhamos o nosso balneário com as «aristocratas» do campo: as raparigas do Canadá, as triângulos negros e todas as que colaboram com as SS: as moças de recados, as intérpretes...

Sonhei com este duche e ele tornou-se realidade. Ewa dá-nos um pedacinho de sabão, do verdadeiro, que maravilha!

Somos sobressaltadas com os berros da *Blockowa*:

– *Ruhe! Ruhe! Achtung!*

Ela acaba de ver entrar a SS Mandel, que, desprezando todos os protocolos, é a segunda vez que aparece no mesmo dia sem se fazer anunciar por uma moça de recados.

Os saltos dos sapatos raspam no chão, os corpos endireitam-se, empertigam-se; com exceção daquelas que copiam música e que têm o direito de permanecer sentadas, todas se põem em sentido.

A *Lagerführerin* traz um pacote enorme de calçado, parece alegre, dirige-se para mim e deixa cair no soalho a sua coleção de sapatos:

– Senta-te!

Obedeço. Ela assenta um joelho no chão, como se fosse a vendedora de uma sapataria, e diz-me:

– *Gib mir deinen Fuss!*³⁴

E experimenta-me os sapatos.

As raparigas fitam-nos, atónitas. Sentadas à mesa, as copistas têm os olhos esbugalhados e a boca aberta. À porta do quarto dela e petrificada com esta cena inconcebível, Alma olha para a chefe do campo, a nossa *Lagerführerin*, ajoelhada aos pés de uma deportada...

Um espetáculo que me delicia!

Um par de botins forrados serve-me perfeitamente. Mandel ergue-se, eu levanto-me, ela exprime a sua satisfação:

– A minha pequena Butterfly ficará com os pés quentes. É indispensável para a garganta.

Alma faz-me sinal, quase consigo pôr-me em sentido:

– *Dankeschön, Frau Lagerführerin!*

Dankeschön pela alegria que acaba de me dar!

Que a festa continue!

Ainda assim, uma orquestra neste campo... – admira-se Claire.

Para tapar o crânio rapado, amarrou à volta da cabeça aquela espécie de lenço triangular que *Frau Schmidt* lhe deixou, o que lhe dá ao rosto uma beleza algo pueril de boneca decorativa. Desconfiada, insiste:

- E para que serve esta orquestra?
- Para trabalhar com alegria! – ironiza Florette.

Claire impacienta-se:

- O que quero dizer é quando é que toca? Para quem?
- Para as deportadas, ora!
- Estás a gozar comigo?

– Não – intervém Irena. – Ela não está a gozar contigo. A orquestra foi criada pelo Höss, o comandante do campo de Auschwitz, para ritmar o passo dos grupos que, todas as manhãs, saem do *Lager* de Birkenau para irem trabalhar no exterior e que regressam ao fim do dia. Antes de ele tomar essa decisão, só os homens tinham uma orquestra. O Höss deve ter pensado que isto cairia bem, que seria apreciado pelos seus superiores quando visitam o campo.

Questiono:

- Então, tocamos ao ar livre duas vezes por dia?
- No exterior, para as deportadas. No interior, para os SS.
- Tocamos também para eles?
- O que é que julgavas? – pergunta Florette, rindo-se com desprezo.

De facto, que julgava eu? Esses cavalheiros gostam de flores, do luar, de música!

Florette continua:

– No início, quando cheguei, a orquestra era ridícula, não parecia sequer a fanfarra de um circo! Era dirigida pelo estafermo da Tchaïkowska. Ela azucrinou tanto a paciência aos boches a dizer-lhes que era descendente do compositor... uma ova!... que os parvalhões a nomearam regente. Vocês chegaram numa boa altura, mas eu ainda passei um mau bocado.

Encostada a uma trave de suporte de um beliche, prossegue o seu relato:

– Eu estava na «quarentena» quando correu o rumor de que havia uma orquestra. Nesse dia, sentimo-nos quase felizes; se existia uma orquestra no campo de Birkenau, talvez não fosse tão terrível como julgávamos; era possível que o momento pior fosse o da passagem pelo bloco de quarentena e que, depois, fosse menos mau. Estávamos dispostas a acreditar em qualquer história da Carochinha. Não preciso de vos fazer um desenho, vocês entendem. Só que eu não tive a vossa sorte e gramei os quarenta dias!... Não via o fim daquilo! A minha saída do bloco foi mais ou menos como a da Fania, mas eu e a música não era ouro sobre azul. Obrigaram-me a praticar violino durante sete anos, mas eu não tinha jeito, e há três anos que não pegava num arco. Então, uma manhã, uma *Läufferin* berrou-nos: «Se houver aqui executantes, que se apresentem!» «Vai», disseram-me as minhas companheiras de beliche. «Não tens nada a perder.» À porta, estavam mais duas candidatas a executantes, duas belgas que vinham de outra zona do bloco e que eu reconheci; tínhamos vindo no mesmo transporte. Uma era a Irena grande, violinista... Chamamos-lhe assim para a distinguir da outra, a pequena. Olha, é a rapariga que está ali a ensaiar.

Observo-a: dezassete ou dezoito anos, alta, linda; com os seus cabelos de um centímetro de comprimento, tem uma bonita cabeça dourada.

– A outra – continua Florette – era a Anny, bandolinista; é aquela grande carga de ossos que está mesmo ao lado do piano. Fomos as três para a música. Na altura, o edifício ainda era no campo A, ao lado do da quarentena e da nossa *Revier*³⁵. A Irena grande pegou no arco e tocou maravilhosamente *A Chacona*, de Bach. Só se fossem surdos é que não a punham na orquestra.

A Anny, que até arranha bem o bandolim, também foi escolhida. Chegou a minha vez e, com uma ausência total de pudor, atrevi-me a tocar *Meditação* [*Thaïs*]. Massenet não teve de aguentar muito tempo tal sacrilégio. A Tchaïkowska desatou a berrar «Pja Cref» sem se calar. Aquela estuporada, que não percebe nada de música, teve a lata de se armar em esquisita. Era inacreditável ouvi-la a reger a orquestra! As marchas eram dirigidas a três tempos, as valsas, a dois e a quatro tempos. Uma trapalhada! Não

era sequer música de bailarico; só se ouviam o bombo e os címbalos! A idiota devia achar que aquilo era marcial! Não sei como é que os SS suportavam aquela cacofonia, até parecia que não tinham ouvidos!... Depois fui transferida para o campo B, onde estamos agora, e, no dia seguinte ao da minha mudança, voltaram a pedir executantes. Como eu soubera que tinham substituído a regente, fiz uma nova tentativa. Era a Alma quem dirigia a orquestra e a Tchaïkowska passara a ser *Blockowa*. Ao primeiro contacto, a nova regente pareceu-me muito simpática. Desde então, desencantei-me. É uma alemã de cepa. Resumindo, nesse dia, pedi licença para escolher o que iria tocar e, como se nada fosse, optei por uma melodia de estilo cigano, que é o que melhor suporta a mediocridade e da qual eu tinha visto a partitura; confiava no sangue húngaro que me corre nas veias para tocar rapidamente a *czarda* final e criar alguma ilusão. Não posso dizer que a minha interpretação tenha emocionado o público, pois estaria a exagerar, e foi sem grande entusiasmo que a Alma me disse: «Ficas à experiência durante oito dias. Depois, logo se vê!»

– E ficaste?

– Isso é outra história, foi o único gesto humano que vi na nossa *Kapo*. Sabes, no sítio do coração, ela tem um estojo de violino vazio, que soa a oco! Durante a minha quarentena, estive doente; se não morri, foi porque não era mesmo a minha hora; como não estava capaz de comer nada, poupara rações de pão que me permitiram «organizar-me» um belo par de chanatos com sola de madeira. Uma alegria! De pouca dura! Quatro dias depois, gamaram-mos; apanhei uma fúria! Um desespero! Mas a quem iria queixar-me? Aqui, temos de aceitar o roubo como tudo o resto. O chão de Auschwitz, como sabes, é nojento. Dois dias depois, quando me apresentei no bloco da música, pois na altura não vivíamos todas juntas, ia descalça. A Alma leva tudo muito a sério, principalmente o asseio; devíamos estar impecáveis e não tínhamos nada com que nos pudéssemos limpar. À entrada, a Tchaïkowska deixara um balde para usarmos: era onde as raparigas limpavam os sapatos quando chegavam. Ao ver-me descalça e com os pés empapados em lama, a cabra da *Blockowa* obrigou-me a metê-los naquela água lamacenta e gelada. Desatei a chorar. A Alma saiu do quarto dela, viu-me a tiritar e com os pés roxos de frio a molhar o cimento, e teve um gesto de piedade: «Anda, vou mandar que te vistam, fazes parte da orquestra!» Mandou-me para os «terceiros-violinos», onde estavam duas polacas arianas: a Wisła e a *Panią* Irena. A Wisła era lenta com o arco e não lhe saía grande coisa do violino. A *Panią* Irena, que franzia os lábios quando a Alma lhe dizia que ela desafinava,

resolvera o problema tocando tão baixo que nem se ouvia. Fui colocada entre as duas, para dar vivacidade à secção dos terceiros-violinos. Resultado: um pouco mais de vivacidade e um pouco mais de fífias! Desde então, a Alma já me deu mais vezes com a batuta na cabeça do que me fez mimos. Quanto aos insultos, já recebi que cheguem para fazer um livro do tamanho de um dicionário! Para ela, a música é a única coisa que importa. Por isso, como calculas, está tramada connosco! Aqui, contam-se pelos dedos de uma mão as verdadeiras executantes, as profissionais. Mesmo assim, a Alma meteu na cabeça que seria connosco que haveria de fazer música. Diga-se de passagem que a chegada dela mudou tudo.

O Kramer, o comandante do campo, e a Mandel pensaram: «Com esta virtuosa, teremos concertos.» Para agradar aos SS, a Alma começou a entusiasmar-se a sério e a espremer-nos até ao tutano. E, ainda por cima, por causa das pretensões dela, corremos o risco de ser eliminadas de um dia para o outro.

– Porquê?

Quem me responde é a Irena pequena:

– Já vais perceber. Enquanto tocámos marchas, a qualidade e a variedade não eram importantes. Julgo até que a nossa fantochada lhes dava vontade de rir. Mas, agora, tudo é diferente, pois tornámo-nos uma orquestra. O Kramer e a Mandel são apreciadores de música. Se não gostarem do que ouvem, podem dissolver o nosso grupo. Nascemos de um capricho deles, podemos desaparecer por outro! Somos obrigadas a variar o repertório, a renová-lo, mas como fazê-lo sem novas orquestrações?

Entretanto, a Irena grande, que mal deve ter dezassete anos, juntou-se a nós. Uma penugem castanho-dourada forma-lhe um pequeno capacete de veludo; juntando os dedos longos e rechonchudos, explica-me com uma voz doce, aplicada, e com um ligeiro sotaque belga:

– Além disso, não é possível mandar vir de Berlim orquestrações para nós; nunca músico algum compôs para uma orquestra constituída desta maneira!

O seu olhar cor de miosótis fixa-se em mim:

– E tu? Não sabes orquestrar?

– Consigo fazê-lo.

É o delírio, elas gritam, aplaudem, riem-se. Irena diz a Regina, a «ordenança» de Alma:

– Vai depressa avisar a Alma de que gostaríamos de falar com ela!

A miúda desata a correr.

Que acabei eu de dizer? É verdade que aprendi harmonia, que fiz fuga, ponto e contraponto, que sei situar os instrumentos

numa partitura, mas daí a dizer que tenho muita prática, que sei orquestrar, vai um grande passo. A nossa *Kapo* sai do quarto; esquecendo qualquer protocolo, as raparigas rodeiam-na, anunciam-lhe a novidade.

Sem perder a severidade, Alma sorri-me:

– És capaz de orquestrar?

– Sim.

– Vem comigo.

Faz-me muitas perguntas, atira para o ar títulos de trechos, nomes de compositores, *opus*, movimentos. Nem uma vez lhe respondo «não». Tanto pior, atiro-me de cabeça. Se a vida da orquestra depende disso, digo que sou capaz de orquestrar seja o que for, que consigo fazer tudo, tudo! Ela comenta as minhas aquiescências:

– Ótimo, muito bem, os SS irão gostar!

A atitude dela surpreende-me: não é servil, está satisfeita por agradar aos seus superiores, por os satisfazer. Ter-se-á esquecido de que foram eles, os SS, que a deportaram, que a prenderam aqui?

A notícia espalha-se pela divisão: «A baixinha que acabou de chegar sabe orquestrar!» As raparigas aproximam-se. Pelo brilho do seu olhar, pelo contentamento, pela satisfação de Alma, compreendo que todas vivem numa incerteza, num temor que os meus supostos conhecimentos afastam. A minha chegada torna-se um dia de festa. Alma concede-nos uma espécie de folga, não iremos ensaiar. É uma festa estranha, com alegrias à beira de um mar de lágrimas, risos à beira de um ataque de nervos. Mas não deixa de ser uma festa.

Não sei o que vai na cabeça de Claire, que não saiu de ao pé de mim; a sua testa curta e sem a linha de cabelo dá-lhe uma expressão teimosa de miúda rebelde. Parece estar interessada noutra coisa qualquer. Quando me agarra no braço e quase me grita: «Anda, vão servir o jantar», compreendo o que a preocupa.

Florette tira-lhe as ilusões:

– O jantar! Julgas que estás na corte de Inglaterra? É a *Paniq* Founia, a «patas sujas», que vai atirar-te a comida...

Paniq Founia, a nossa *Küchenführerin*, deve estar na casa dos cinquenta anos, olhos pequenos, penetrantes, dois estilhaços de carvão colados num bloco de banha; é disforme e gelatinosa. Tem o cabelo branco enrolado num pequeno carrapito pindérico. Depois de ter contraído tifo no campo, ficou com um dos lados do rosto desfigurado. Berra qualquer coisa em polaco, um misto de ordens e insultos, e, auxiliada pela sua ajudante, Marila, uma miúda de vinte anos, distribui por nós um pedaço de pão que calculo que tenha cerca de duzentos e cinquenta gramas e metade de um retângulo de margarina.

Jenny, uma parisiense ruiva e com uns olhinhos vivos de rato, comenta:

– Não é nenhuma fartura para vinte e quatro horas!

Anny, a bandolinista que fez a audição ao mesmo tempo que Florette, anuncia com o seu delicioso sotaque belga:

– Isso não vai ser possível. Hoje é dia de festa! Temos de partilhar com a Fania e a com a Claire.

O meu coração transformou-se numa bola grande que precisa de explodir, gostaria de dar um pedaço dele a cada uma delas. Dirijo-me para uma mesa, Jenny agarra-me pelo braço.

– És louca? Essa mesa é *verboten* para nós.

– Porquê?

– Porque somos judias.

Olho para ela e calo-me, não quero estragar a minha alegria. Desconfiada, Claire vira-se para mim:

– Que é que fizeste à tua margarina? Já a comeste?

– Não. Para mim, é veneno. Não a suporto.

A expressão dela torna-se suspeitosa:

– Guardaste-a na nossa caixa?

Este «nossa» caixa irrita-me e pergunto:

– Como é possível que tenham caixas para duas? É completamente inconcebível! Aquilo que toda a gente tem é de todas, cada uma deve poder comê-lo, e quando não há nada, não comemos nada.

Elas olham-me, estupefactas. Para elas, estou manifestamente a divagar. Claire é a primeira a insurgir-se com veemência:

– Ah, não! Eu percebo perfeitamente! Não há motivo algum para darmos o que quer que seja.

Cala-se, um pouco constrangida com a generosidade daquelas de quem está a aproveitar-se... E depois continua:

– O que quero dizer é que, a não ser em caso excepcional, se eu tiver alguma coisa, não vou querer partilhá-la... Contigo é diferente, porque és minha amiga. Para haver partilha, tem de haver afinidade...

Fico abismada com a reação dela, que as outras parecem achar perfeitamente normal; eu não consigo. Para mim, o exemplo a seguir era o do meu pai. A minha mãe costumava contar-me: «Aconteceu pouco depois de nos casarmos. Morávamos num apartamento com uma só divisão e a casa de banho era no patamar. Não tínhamos grande coisa, mas o teu pai tinha duas camisas. Certa vez, ao chegar a casa ao fim do dia, apercebi-me de que restava apenas uma:

– Que é que aconteceu à tua camisa?

– Dei-a.

– És louco! Só tinhas duas camisas e deste uma delas!

– É verdade, mas ele não tinha nenhuma. Agora, cada um tem

uma.»

Observo-as; comem em silêncio, mastigando devagar como um povo à beira da fome. Partilharam de boa vontade, mas não tiram os olhos da porção das outras, como cães esqueléticos que se mantêm atentos às carcaças que os outros estão a comer enquanto devoram a deles. Elas não seriam capazes de entender a minha história; todas elas, a níveis diferentes, adquiriram a mentalidade do campo. Insurjo-me:

– Pois eu irei partilhar com todas tudo aquilo que tiver!

Anny, que acaba de dar o que tem, protesta:

– Com as polacas é que não! Olha para elas!

Numa outra mesa, a das arianas, sem contacto connosco, observam de esguelha e dissimuladamente Ewa, que se sentou ao meu lado. A bestialidade delas tem algo de monolítico que as torna ameaçadoras. Insisto:

– Porque é que tenho de fazer diferenciações?

Florette explode:

– Porque elas são uns monstros, umas cabras! Porque são todas antissemitas!

Aqui, neste campo onde os crematórios funcionam dia e noite, onde elas assistem diariamente ao nosso massacre, como podem elas continuar a ser contra os judeus? Quem é que as trouxe ao mundo? Ataco:

– Tu também és antissemita, Ewa?

– Não, não sou.

Florette ri-se, trocista.

– Essa é boa! Ela, a Grande Dama do campo, não é antissemita uma ova! É igual a todos os antissemitas, gosta de um judeu ou de uma judia, mas todos os outros devem ser gaseados.

Ewa contrapõe suavemente:

– Isso não é verdade. Eu não sou assim. – Aponta para a mesa das suas compatriotas. – Não fui ensinada, como elas, a gostar ou a odiar as pessoas conforme a raça... – Corrige-se: – ... ou a religião.

Quero perceber, insisto:

– A atitude das tuas compatriotas não será fruto de uma total ausência de contacto? Elas não percebem a nossa língua e isso isola-as.

– Isso é o que tu achas! – intervém Rachela, uma judia nascida na Polónia. – Nós falamos a língua delas e elas mantêm-se à parte apenas por sermos judias.

– E há outra coisa... – explica-me Irena. – Aquelas raparigas sabem que não gramamos as não-judias, a menos que sejam comunistas, o que também não as inclui, porque elas também são antissoviéticas. Portanto, como não correm qualquer perigo, sentem-se superiores. Quando a guerra acabar, têm a certeza de

que regressarão a casa. Além disso, algumas estão detidas aqui há muito tempo e ferve dentro delas um desejo de vingança: ameaharam ódio, é o seu tesouro. Tenham a idade que tiverem, sempre lhes foi dito que a culpa de serem pobres e oprimidas era dos judeus. Como queres tu que, de repente, admitam que serem antissemitas é sinónimo de ignorância e estupidez? Elas não sabem, ninguém lhes ensinou.

Incorrigível, replico com soberba:

– Então temos de ser nós a ensinar-lhes!

Rebenta uma risota geral, que me afeta os tímpanos, mas não o idealismo cego.

Ewa suspira:

– Não vale sequer a pena tentar, é absolutamente escusado, não conseguirás que te entendam. Elas só respeitam a força.

Jenny, angulosa e com um nariz pontiagudo e sardento, muda de assunto:

– Oh, já não há paciência para essas histórias! Fala-nos da nossa terra. Quando é que partiste de Paris? Os boches continuam a chatear toda a gente? Ainda se consegue arranjar comida no mercado negro? E qual é a última moda? Em que bairro moras? Faço-te esta pergunta, porque o meu homem é bombeiro. Podia ter havido fogo em tua casa e ele ter ido lá apagá-lo. É jeitoso, sabes? E não é só a apagar incêndios domésticos...

Ela ri-se... ri-se... atirando a cabeça para trás. É o escarcéu.

– Deixa lá o bombeiro no quartel! Já chega!

Jenny contrai os lábios:

– Não lhes dês ouvidos, é só inveja! Não imaginas como o meu homem é bonito!

As perguntas disparam de todos os lados:

– Que é que se diz em Paris? Acham que a guerra vai terminar em breve? É verdade que os alemães desmancharam a Torre Eiffel a maçarico, porque precisam de ferro?

Tranquilizo-as:

– Que disparete! Fundiram apenas algumas estátuas de bronze, para aproveitar o metal: *Mangeot*, o *Ballon des Ternes*...

Jenny comove-se:

– Eu não costumava andar por esses lados, mas faziam parte da História!

Sedentas de notícias, confundem o que é importante com futilidades:

– Como é que as mulheres se maquilham? Os vestidos usam-se mais curtos ou mais compridos? E os penteados? Ainda se dança o *swing*? A excentricidade continua na moda? E o Laval e o Pétain? Estiveste na zona livre? É verdade que há sítios em aldeolas remotas onde ainda se come como dantes?

Conto-lhes uma misturada de coisas: as malas a tiracolo, os reabastecimentos feitos de bicicleta, os boches pintores amadores na Place du Tertre, os caracóis apanhados no alto da cabeça...

– Bem... – suspira Jenny, afagando melancolicamente a cabeça rapada. – Se isso ainda estiver na moda quando regressarmos, oxalá que isto volte a crescer!

– Não te aflijas. A moda será ditada por nós. O que é que as mulheres vestem?

– Este verão, saias pelo joelho, com muita roda, de tecidos com estampados multicolores. As raparigas parecem flores, é bonito de se ver nos Campos Elísios!

Elas comovem-se e sonham, e eu continuo:

– Desde a ocupação que não se pode festejar o 14 de Julho. Por isso, as mulheres transformaram-se em bandeiras. Deveriam ter visto. Azul, branco, vermelho. Um corpete, uma saia, um lenço. Individualmente, não se notava, mas em grupo, em conjunto, de braço dado, da Concorde à Étoile, da República à Bastilha, Paris estava tricolor... Era lindo de se ver!

Elas têm os olhos marejados e continuam a fazer perguntas:

– E com que cara estavam os boches?

– Estavam verdes!

Rimo-nos.

– E saltos desta altura... Umas andas. Todas as mulheres andam empoleiradas... Para substituir as meias, pintam as pernas.

Jenny pede:

– Conta-nos uma anedota.

– Um SS vai todas as manhãs comprar o jornal ao quiosque e, todas as manhãs, o vendedor diz-lhe: «Toma, parvo!» Um dia, o boche pergunta-lhe: «O que quer dizer “parvalhão”?» O outro responde: «Quer dizer “chefe”.» O SS, todo orgulhoso, diz: «Então, eu parvinho, e Hitler, parvalhão!»

Nunca terei um sucesso que se compare a este. O riso faz-lhe subir as lágrimas aos olhos; a mim, também.

Paris insurreta, trocista; para elas, a França é uma grande golfada de oxigénio, tão forte que lhes sobe à cabeça. Comovemo-nos, rimo-nos, choramos, cantamos, estamos todas um pouco loucas.

– E as canções da moda?

A Claire e eu oferecemos-lhes um verdadeiro recital, os títulos sucedem-se: *Vous qui passez sans me voir; Ici, l'on pêche; Les prénoms effacés; Revenir; Qu'avez-vous fait de mon amour?; Où es-tu mon amour?...* Elas aplaudem, gritam: «Mais!» É um delírio, ninguém pensa em deitar-se, até as polacas ficam connosco; *Paniq* Founia, da boca torta, e Marila, a sua escrava, permanecem quietas no

seu canto, até se riem quando nos rimos para parecerem estar a participar, a perceber o que dizemos, devem julgar que isso as aproxima de nós.

Será que entendem o que significa para nós: «Compagnons, dormez-vous?»

No último verso: «Compagnons, la France est devant vous!», as raparigas abraçam-se e choram.

É um momento único. Unidas por um sentimento de fraternidade, somos um bloco sólido e vivemos intensamente esta noite excecional. Esquecemos as luzes do campo, os holofotes, as torres de vigia, as cercas eletrificadas. Deixamos de pensar que, aqui, o céu é apenas fumo e não nos apercebemos de que o dia já ilumina a noite, que amanhã se tornou hoje.

São sete horas, uma *Läuferin* anuncia a vinda das *Aufseherin*. Alma sai do seu quarto, enquanto Tchaïkowska berra: «Achtung! Zum Appell! Fünf zu Fünf!»³⁶ É a chamada. Ficamos ali, em sentido, no meio da nossa sala-dormitório, durante um tempo indeterminado, mas, independentemente da sua duração, valorizo a nossa sorte: à mesma hora, no nosso campo, milhares de prisioneiros, homens e mulheres, meio despidos, meio mortos e petrificados numa imobilidade rigorosa, permanecem de pé, por vezes durante horas, sob a neve, a chuva, a geada.

A nossa presença, a da Claire e a minha, é imediatamente notada pelas SS. Apontando para nós, uma das *Aufseherin* pergunta com desdém:

– Que é isto?

A outra:

– Que é que estas duas estão aqui a fazer?

Respeitosamente hirta, Alma responde:

– São duas novas executantes. Francesas, *Frau Aufseherin*.

A nossa indumentária parece irritá-la, uma iniciativa a sancionar? Mal-humorada, comenta:

– E já estão vestidas!

– Por ordem da *Frau Lagerführerin* Mandel.

– *Gut*.

Feita a chamada, uma parte da orquestra prepara-se para sair, vestida com uma espécie de uniforme: saia azul-escura, meias de lã pretas, casaco às riscas³⁷, um pedaço de tecido branco na cabeça, que lembra a touca das enfermeiras alemãs. Assim trajada, a nossa música assemelha-se mais a um orfanato subalimentado do que a um orfeão. Esta manhã, apercebo-me de como as raparigas estão magras! A composição da nossa fanfarra é tão surpreendente como a da nossa orquestra sinfónica: algumas violinistas e guitarristas, os pífaros, o acordeão e, naturalmente, a indispensável bateria. Certamente, os SS acham

que o ritmo dos *badabum, badabum, bum, bum*, acompanhados dos *zin-zin* dos címbalos, seria capaz de pôr mortos a marchar! Entretanto, somos nós, em filas de cinco, que marchamos. Alma na frente; eu, a última, ao lado de Danka, que toca címbalo, um «armário» monstruoso. Pedi para ir com elas, quero ver, perceber, se conseguir, o motivo da nossa existência.

A nossa caricatura de orquestra desfila, tocando uma marcha com sonoridades tirolesas das mais animadas, que evocam piqueniques na Floresta Negra regados com cerveja fresca. Cerca de trezentos metros separam-nos do local onde damos, de manhã e à noite, o nosso estranho concerto. Há barracões de um lado e do outro, e, diante de cada um deles, as deportadas, que a chamada coloca em rigoroso sentido, aguardam a ordem de partida, que não será dada enquanto não estivermos instaladas. A sebe dupla daquela gente miserável por entre a qual passa a nossa parada incomoda-me. Não sei se aquelas mulheres nos fitam, eu não ousa observá-las, mas os olhos delas existem e apunhalam-me com mil bicos de agulhas que, tornando-se tangíveis, penetram na minha carne e a irritam.

Na interseção dos campos A e B, ergue-se o nosso estrado, com quatro degraus e cadeiras alinhadas; porque não um coreto? Instalamo-nos. Alma vira a cabeça para o público, como se avaliasse a sua extensão com o olhar, regressa às suas executantes, ergue a batuta e, enquanto as oficiais, as *Kapos*, berram «Achtung!», cujo eco se repercute pelas ruas do campo, explode uma *Arbeitsmarsch*, marcial, animada, quase alegre.

Eins, zwei, marca a batuta de Alma; *Eins, zwei... drei... vier...*, ordenam as *Kapos*, e o desfile começa. Vindas de todas as ruas, de todas as alas, elas passam diante de nós. Agora atrevo-me a olhá-las. Obrigo-me a isso, tenho de me lembrar, pois mais tarde darei o meu testemunho!

Esta resolução irá ganhar corpo e aguentar-me até ao fim.

Emaciadas, em farrapos, a patinhar na lama, na neve, esforçando-se por não tropeçar, apoiando-se por vezes umas nas outras – deixaram-lhes esse direito –, a coorte das detidas avança para a saída. E aguento-as a todas, em grupo e individualmente; um olhar de ódio ou de desprezo trespassa-me como um ferimento. Um insulto atinge-me como uma cuspidela: «Fingidas, cabras, traidoras!», gritou uma delas. Outras encolhem os ombros ossudos que sobressaem sob farrapos, alguns às riscas. O quanto me dói ver as mulheres que não levantam sequer a cabeça, que passam amorfas, desligadas do ódio e do amor, à beira da própria morte. Mas talvez sejam aquelas que me sorriem que mais me magoam, a sua compreensão é dolorosa como uma cumplicidade que não mereci.

É apenas neste instante que começo a aperceber-me do sítio onde estou, da sua demência. No bloco de quarentena, aniquilada pelo duche, pela tatuagem, o corpo rapado, faminta, atordoada, sovada, não tivera consciência do que estava a acontecer-me. Aqui, no ar gelado desta manhã de inverno, nesta paisagem geométrica de barracões planos, colados ao chão, dominados pelo arame farpado e as torres de vigia, sem uma única árvore no horizonte, sob este teto de fumo estagnado, tomo consciência do campo de Birkenau e da sua terrível fantochada: a desta orquestra regida por esta mulher elegante, estas raparigas com roupas confortáveis, sentadas em cadeiras, a tocar para marcar o passo daquela espécie de esqueletos, sombras que nos exibem rostos que já não o são.

Neste amanhecer, sinistro como uma manhã de cada falso, os *Arbeitskommandos* partem para o trabalho regenerador, para a alegria no trabalho! Que trabalho? Não consigo sequer imaginá-lo. Vão apenas apressar a morte. Elas, a quem tanto custa arrastar-se, têm de manter uma passada militar. E dolorosamente me apercebo de que estamos aqui apenas para lhes agravar o martírio.

Um, dois... Um, dois... a batuta de Alma comanda este desfile sem fim. Um SS bate o ritmo com a ponta da bota, enquanto a última mulher, seguida do último soldado e do último cão, passa o portão do campo.

O nosso pão que passa...

Não sei que horas são, cinco horas, seis horas... Não consigo dormir mais, sinto uma espécie de angústia instalada no peito, gostaria de fugir, que tudo isto nunca tivesse existido.

O mais silenciosamente possível, desço do meu beliche.

As janelas são altas e eu sou baixa; como uma criança, apenas consigo chegar à vidraça inferior. Os holofotes, as luzes do campo, salpicam a noite com o seu brilho, poderia imaginar-me na estação de triagem, em Juvisy, em Villeneuve-Saint-Georges, em Trappes...

Que vim procurar atrás desta vidraça? Olhar lá para fora é olhar para a vida, mas, aqui, é olhar para a morte!... Está a nevar, flocos grandes e indolentes que pairam demoradamente antes de pousar. E eis que, ao fundo da nossa rua, surge uma tropa em marcha, soldados do Exército Vermelho. Vinte homens. Com a casaca do uniforme rasgada e atirada sobre as costas, avançam em bloco, ombro a ombro, ao mesmo passo, pés descalços na neve, o olhar fixo ao longe. Nem um músculo do rosto deles estremece. Certamente, parecem-me mais altos do que são. Cruzam-se com um SS e, num gesto simultâneo, sem alterar a passada, sem um olhar, retiram a *schapska* do uniforme, descobrindo a cabeça rapada. O SS leva a mão ao boné, devolvendo-lhes o cumprimento. Na frente do grupo, um deles canta, a sua voz é bonita, forte, profunda, e ouço claramente a letra:

Um comboio leva-me para longe de Moscovo

Dia e noite, o ruído das rodas...

Do bolso do meu casaco

Retiro a tua fotografia,

O fumo há de escurecê-la...

Tornando-a mais preciosa aos meus olhos

.....
Penso em ti, querida,

Sei que voltaremos a encontrar-nos.
.....

Esfarrapados, os russos avançam pela Lagerstrasse, e eu bebo-os com os olhos. Numa imagem sobreposta, vejo já os nossos libertadores a desfilar. Para mim, eles são o exército soviético em marcha!

Silenciosa como um gato, Bronia, uma russa ariana, juntou-se a mim. Fita-os. Um pouco de luz incide-lhe na maçã do rosto alta, nas tranças louras – não se rapam as não-júdias. Sorri-me, tem os dentes fortes e muito brancos. Imagino-la nas planícies da Ucrânia, em cima de uma carroça, de forquilha na mão, carregando feixes nos seus braços robustos; um autêntico cartaz para um colcoz.

– Bronia, de onde vêm eles? Quem são?

– Vou contar-te a história daqueles homens, meus jovens irmãos, tal como me foi contada quando cheguei ao campo, em abril de 1943. Em 1941, violando o meu país, o exército alemão deteve 150 mil soldados. Trouxeram-nos para aqui, para Auschwitz. Nessa altura, isto era apenas um pântano a perder de vista. No horizonte, oscilavam algumas bétulas. Os SS decidiram que os soldados russos iriam construir o seu próprio campo. Mas eles disseram: «Não. Somos soldados e não vamos construir a nossa própria gaiola.» Os alemães responderam-lhes: «Querem comer? Dormir? Então, trabalhem!» «Não.» «Arbeiten! Arbeiten!», repetiram e, a seguir, gritaram os SS. «Não», responderam os soldados soviéticos... Embrulharam-se na casaca do uniforme e deitaram-se na lama dos pântanos, que cobriram com o corpo. Os SS continuaram a ordenar: «Arbeiten!» Mas os soldados deixaram de responder. Morreram de frio e de fome, uns atrás dos outros. Não se sabe o que os alemães fizeram aos cadáveres. Talvez se tenham afundado na lama, nesta lama viva de Auschwitz, talvez estejam aqui, debaixo dos nossos pés... Sobreviveram vinte, que sempre se recusaram a trabalhar. Vencidos, os SS deram-lhes roupa, eles não quiseram calçado, pois era o que retiravam aos deportados. Continuaram a usar a casaca do uniforme e permaneceram descalços. A única tarefa que aceitaram foi distribuir o pão, muito cedo, de manhã.

Bronia cala-se. Quem poderá dizer o que é lenda e o que é verdade? A voz dela ordena-me:

– Olha para aqueles homens, é o nosso pão a passar...

O nosso pão a passar, a nossa esperança, a nossa certeza...

Sete e meia, a música, que não acompanhei, está de volta.

– Ufa! Está-se melhor aqui do que lá fora!

É Flora, a holandesa, quem exprime o seu contentamento. Uma satisfação que soa tão egoísta, tão cínica, que me incomoda. A voz de Jenny distrai-me:

– Vão trazer a bebida. Despachem-se. Daqui a vinte minutos, temos de estar a bulir.

– Vamos já – replicam as raparigas, vasculhando na sua caixa. Curvada sobre a nossa, Claire, com um olhar simultaneamente agressivo e desconfiado, observa as outras; até parece estar de guarda à despensa real! Como acabámos de chegar, a nossa reserva de mantimentos é miserável: um resto de pão e a minha ração de margarina. Com a expressão maliciosa de uma camponesa gananciosa, Claire pergunta-me:

– Visto que não a comes, dás-me a tua margarina?

Coitadinha, sinto nela uma necessidade de comer tão violentamente animal que me assusta.

– Claro! Fica com ela!

E tenho direito a um olhar carinhoso e agradecido de um cocker mimado.

Agarrando com as duas mãos na sua caneca a esquentar, Florette barafusta:

– Isto é cada vez mais intragável! E este pão... Fazem-no com o quê? Só pode ser com ossos calcinados! É impossível!

O que me parece impossível é ouvir aquela frase aqui e, contudo, ninguém se admirar. Flora esboça um sorriso. Compreenderá? Esta rapariga tem algo de bovino, que me irrita, é completamente estúpida. A Jenny sardenta bate com o seu pedaço de pão na madeira da mesa e exclama com ironia:

– Ouçam isto! Não precisamos de um martelo para consertar as solas dos chanatos! Enganaram-se no fornecedor; não foi o «Fritz Padeiro» quem entregou o pão, foi o sucateiro «Boche Faz-Tudo».

Acrescento:

– Tens razão. É suficientemente duro para partir a cabeça ao Hitler!

Ouve-se uma forte gargalhada, desproporcional ao meu comentário. Só as alemãs e as polacas franzem os lábios; como não entendem, devem julgar sempre que estamos a fazer pouco delas.

Anny ri-se:

– É uma ideia! Matar o Hitler com o seu próprio pão! Seria justiça divina!

Uma última gargalhada que termina com um soluço, e, a seguir, uma a uma, saímos da divisão.

Arbeit! Arbeit! No seu lugar, diante do atril, as executantes afinam os instrumentos. Sentada à mesa das copistas, avalio as

minhas ajudantes. Não são extraordinárias, trata-se do refugio das executantes. Zocha, 25 anos, o mastodonte que foi buscar-me, uma camponesa gorda e com as banhas soltas, cabelo de estopa, tão má violinista que foi imediatamente mandada para ali, antes da chegada de Alma, pela Tchaïkowska, sua protetora. Danka, uma espécie de atleta, deve ser a mais perigosa, o seu olhar duro é astuto. Quando não está a copiar partituras, é ela quem bate nos címbalos a ponto de nos ensurdecer; deve julgar, certamente, que a violência dos seus *zim! zim! dzing! dzing!* por si só anima os *Arbeitskommandos* e que, com o seu zelo, agrada aos SS. Entre estes dois monstros, esvanece-se Marisha, vinte anos, pálida e apagada, nem a sua estupidez tem cor. Na outra ponta – nesta mesa, tal como nas outras, não se mistura pano ariano com trapo judeu –, Hilde debruça a testa obstinada, a cabeça acabada de rapar, sobre o seu papel. Inteligente, tirânica, pareceu-me desde logo a «Führer» das judias alemãs do nosso bloco.

Apontando para as minhas copistas, Alma disse-me: «Quem manda nelas sou eu!» Que poder posso eu ter sobre estas polacas arianas que sabem que nada posso fazer contra elas, ou sobre uma Hilde, que se sente superior por ser alemã? Um domador sem chicote, sem proteção, nu no meio de animais ferozes. Que perspetiva agradável!

À entrada da porta do seu quarto, surge Alma. Todas se levantam. Observo aquela mulher a aproximar-se; não é bonita, mas tem uma grande presença! Parece estar a entrar em palco. Imagino o momento em que pousa a mão, muito bonita, no puxador da porta, se prepara para a abrir, encarna a sua personagem, interioriza-a, respira, enche os pulmões de orgulho e, a seguir, empurra-a para fazer a sua entrada... a do chefe.

Passando diante das suas mulheres, sem lhes prestar atenção, detém-se à minha frente:

– És capaz de orquestrar *Lustspiel*³⁸? Os senhores oficiais apreciam muito as aberturas de Suppé. Há algum tempo que me entregaram a partitura de piano desta obra. Vê o que consegues fazer com ela. Seria uma boa estreia para ti.

– Com certeza, minha senhora.

Radiante, Alma sorri-me. À mesa, as copistas observam-me: se eu tiver realmente as capacidades que afirmo ter, represento uma garantia de vida para a orquestra. Como tal, não são só as minhas *Schreiberinnen* que me fitam, mas todas as raparigas; até a polaca mais obtusa percebeu a minha importância. Cabe-me mostrar-lhes o que sei fazer. Peço a Alma:

– Pode dar-me papel?

– Está em cima da mesa.

– Refiro-me a folhas de pauta, papel de música.

Alma abana a cabeça:

– Não temos. Elas traçam as linhas com uma régua.

– Uma caneta e tinta?

Alma torna-se seca:

– Aqui só há lápis. Temos de nos remediar com o que temos.

Estamos em guerra.

A frase deixa-me estupefacta. No fundo, desejaria Alma ser alemã? É muito alta, pelo que não lhe custa nada olhar-me de cima, e é o que faz.

– É tudo?

De nariz empinado, respondo-lhe:

– Não, minha senhora!

Desapareceu qualquer vestígio de um sorriso, ela está hirta e seca como a sua batuta. Sou tão baixinha que tenho de me impor desde já, se quiser ser respeitada.

– De que precisas mais?

– Copistas. Estas não me chegam!

– *Gut*. Tê-las-ás. O que não me falta são más executantes!

É mais do que evidente e não paro de interrogar-me: «Como conseguimos fazer música com elementos tão díspares, tendo em conta os instrumentos e a qualidade?»

Alma, em cima do seu pequeno estrado, bate tradicionalmente com a batuta no atril e, a seguir, levanta o braço. É com este gesto que começa o meu dia, será pautado como o papel de música de que não disponho.

O tal Suppé, tão apreciado pelos SS, não me é apenas indiferente, não o suporto. Acho-o detestável. Contudo, decifro a partitura de piano com tanto cuidado e interesse como se se tratasse de Prokofiev, e, principalmente, com a mesma preocupação: eu nunca orquestrei.

À semelhança de todas as marchas, o que domina são as trompetas, os trombones, os clarinetes, e eu tenho dez violinos, uma flauta, três pífaros, dois acordeões, três guitarras, cinco bandolins, uma bateria e címbalos! Nunca um compositor considerou a possibilidade de um tal conjunto!

Leio e tudo começa a organizar-se: vou substituir os instrumentos altos, ou seja, saxofone, clarinete, etc., pelos meus primeiros-violinos e a minha flauta. As guitarras e os bandolins realizarão o meu acompanhamento. Os acordeões, com os seus acordes fundamentais, irão ligar-me, unir o conjunto. A bateria assegurará o ritmo.

Estou radiante, sinto que vou fazer melhor do que safar-me razoavelmente. Em mim, com uma facilidade na qual não ousava acreditar, tudo se orchestra maravilhosamente. É a vez dos instrumentos, que ganham vida, é inebriante. De certo modo,

realizo uma nova composição da marcha, ouço-a, estimulante, marcial, dirijo-a, voo... É então que me vem à mente a realidade da coorte extensa e miserável perante a qual será tocada. E fico, de lápis no ar, incapaz de continuar, o olhar perdido no vazio... Para sobreviver, terei não só de pisar o meu coração, como dizem os húngaros, mas também de o espezinhar, aniquilar.

As minhas três polacas observam-me e leio-lhes o pensamento: para elas, eu hesito, estou ansiosa, talvez tenha feito *bluff*. Regozijam-se antecipadamente: logo à noite, as tigresas poderão comer o domador. Sorrio perante as suas expressões desconfiadas, estendo a mão para as folhas já pautadas, conto-as e constato sem simpatia:

– Não chegam, preciso de vinte e cinco folhas o mais depressa possível. A nossa regente tem de iniciar rapidamente os ensaios desta marcha.

Carrancudas, calam-se. Baixo a cabeça e começo a escrever, quase alegremente.

Este trabalho, que é uma novidade para mim, apaixona-me, é outra maneira de fazer música, e que escape! As notas formam-se velozmente sob o meu lápis. Desde que tive lições, não perdi o jeito nem, infelizmente para mim, o ouvido. A cada momento, ressoam fífias e, a cada uma delas, sobressalto-me. Quanto à cadência, Alma tem dificuldade em impor a do compositor. Naquela orquestra, há o melhor e o pior. O melhor: a Irena grande, excelente violinista, que, por comparação, se torna o nosso Yehudi Menuhin. Halina e Ibi da pele de pêssego tocam muito razoavelmente. Sem igual dentro do execrável, Jenny, que tocava profissionalmente nos cinemas, antes da guerra. É incrível! Maltrata as cordas carregando com força no arco: *pchim, pchim, pchim!* Arranha, range vitoriosamente, com uma energia, uma confiança que abafa os outros instrumentos. À parte os violinos, há alguns elementos válidos, três profissionais: Lily, a acordeonista; Helga, na bateria; *Frau Kröner*, a flautista; todas elas boas executantes. Entre os bandolins e as guitarras, o meu ouvido não capta nada de extraordinário, a não ser Anny, *a Belga*, cujo desempenho é agradável. O pior está nos segundos e terceiros-violinos, e o mais execrável é, sem dúvida, o de Florette.

Melancolicamente, contemplo a caixa do violoncelo e a do contrabaixo, poeirentas, encostadas a uma parede. Informei-me: Marta, a violoncelista, deu entrada no *Revier* pouco antes da minha chegada. Ainda que possa passar sem o instrumento dela, parece-me indispensável uma contrabaixista, preciso de uma, vou falar nisso a Alma.

Alma, uma apaixonada pela música, sofre; a sua incapacidade

de domar tecnicamente as suas executantes exaspera-a. Rege a sua orquestra com os nervos, não consegue dominá-la. Não tardei a perceber: Alma, violinista virtuosa, não sabe reger; lê a partitura como intérprete, não como regente. Exalta-se, explode, berra insultos, bate com a batuta nos dedos culpados. Faz ensaiar incansavelmente a mesma frase musical, confronta-se com os mesmos erros e dá origem a novos. As boas executantes esfalfam-se, as outras entorpecem, e eu, no meio desta cacofonia, tenho de escrever um trecho que nada tem que ver com aquele que estou a ouvir. É confuso, mas consigo.

Passamos dezassete horas por dia a trabalhar em música, sem contar, como me disse Florette, com «o turno da noite». É assim que ela chama aos concertos que os SS vêm ouvir às horas que escolhem, para descontraír do seu trabalho «árduo». São essas sessões que mantêm a orquestra em pena suspensa.

Pausa para a sopa. Alma dá descanso à batuta, resume brevemente a qualidade do ensaio: *Zum kotzen! Zum kotzen!*³⁹ e ordena-me:

– Fica aqui um minuto.

O que lhe passa pela cabeça para me pedir que espere? Alguém vai guardar-me a sua ração de sopa, mantê-la quente? Pela porta aberta, observo a mesa dos utensílios de culinária, na qual é feita a distribuição, e fico mais tranquila: a *Stubendienst* Marila ainda não voltou das cozinhas com a *Paniq* Founia, que batizei definitivamente de Founia boca-torta.

– A orquestração... – diz Alma, preocupada. – Consegues fazê-la?

A olhar noutra direção, respondo:

– Sim, minha senhora.

– Mostra-me.

Apresento-lhe a minha instrumentação. Ela fica descansada, feliz, depois de se certificar de que não a enganei. Apesar do início fácil, não me sinto tão tranquila como ela, seria preferível que não exigissem demasiado de mim. Contudo, este é o sonho de Alma:

– Graças a ti, poderemos dar concertos a sério...

Aproveito a sua euforia para lhe exigir a minha contrabaixista.

– Sim, isso seria bom. Vou pedir à Mandel que mande um músico da orquestra dos homens vir dar lições à... – Hesita por momentos, olha para a divisão ao lado e escolhe: – À Yvette! Julgo que ela irá aprender rapidamente.

Alma não partilha do nosso «rancho»; será mais bem alimentada? Entra no quarto dela, onde Regina lhe leva o seu tabuleiro, e eu junto-me às outras mesmo a tempo de receber na minha malga duas conchas, *floc, foc!*, que me salpicam.

– Não deixa nódoa! – ironiza Anny. – Não tem gordura!

Zum kotzen é a sopa, que é exatamente igual à dos outros barracões: nesse aspeto, não há esperança. Sentada ao meu lado, Claire fita a mixórdia com um olhar incrédulo e marejado de lágrimas. Murmura:

– Tenho fome, tenho tanta fome... E aqui come-se a mesma coisa...

Florette ouviu-a:

– Que é que julgavas? Que iriam servir-te frango?

– Não sou assim tão estúpida, mas, bem vistas as coisas, somos a orquestra!

– Ah! – exclama Jenny, com um riso trocista. – Vê-se logo que moravas no 16.º Bairro. Não esqueceste os privilégios. Mas aqui vais ter de te habituar, a merda é para todas, a igualdade é assim!

A Irena pequena revolta-se:

– Aposto que as ladras da cozinha gamaram outra vez as batatas todas!

– Até parece que já viste muitas! – explode Florette. – Posso dar-te as receitas dessas cabras: qualquer coisa, todas as porcarias perecíveis que vêm dentro das malas e das encomendas roubadas, tudo o que não pode ser servido aos SS ou ser enviado para Berlim fica para nós: toucinho rançoso, passas de uva bolorentas, compota estragada, migalhas de bolos, melaço, peles de salpicão. Atiram tudo para dentro de água e toma lá para comeres! É nutritivo e intragável!

Sinto na boca algo mais consistente e, com dois dedos – não estou na corte de Inglaterra –, retiro uma coisa impossível de identificar, que observo.

– Que foi? – ri-se Jenny. – É uma casca de batata! Uma prova de que há *Kartoffel* na ementa. Come-a!... – E, a seguir, diz, com um laivo de inveja: – Tens sorte, é uma coisa sólida!

Nenhuma de nós sorri. A comida não é tema de brincadeira. Podemos rir-nos da morte, mas não daquilo que nos mantém vivas.

Regressamos à sala de música e, como naqueles relógios de parede com bonecos, Alma sai do seu quarto quando já estamos instaladas. Até parece que nos espreita por detrás da sua porta antes de entrar. Porque não?

As horas passam. O ensaio chega ao fim, a orquestra prepara-se para sair: depois de ter «ajudado» os *Kommandos* a partirem para o trabalho, irá agora «ajudá-los» a regressar. Assim termina a função das executantes. Resta-nos passar pela segunda chamada, voltarmos a ser contadas como se fôssemos cabeças de gado. Depois chega a hora do jantar, um pouco de pão, esta noite, com um pedaço minúsculo de queijo, que regalo! Não está podre!

Este dia grava-se em mim como o dia típico, o modelo de todos os que se seguirão, o primeiro elo da corrente. Quantos, quantos serão precisos para o ajuste das minhas contas com o destino?

Estamos exaustas, famintas... adormecer, evadir-se, esquecer...

As raparigas do «Canadá»

Apitos que parecem responder uns aos outros cercam os barracões com a sua rede sonora e rasgam a noite. À minha volta, ninguém acorda, mas o ruído deve perturbar-lhes o sono, pois as mulheres reviram-se nos beliches e gemem. Observo-as e nasce em mim, em relação a elas, uma ternura protetora que remonta à noite dos tempos; de onde poderá vir este meu sentimento, sendo eu uma das mais novas?

Lá fora, soldados correm pesadamente. As armas entrechocam-se, os apitos comandam os movimentos. O meu coração bate. Não será assim, com um alarido tremendo, que irá anunciar-se a libertação do campo? Eles correrão como loucos, perderão a cabeça, e a vida!... Fico nervosa. Que se passa, afinal? Quem poderá dizer-mo?

A Irena grande dorme como um bebé, faz beicinho. Ewa, deitada de barriga para cima, parece uma estátua de uma mulher da nobreza. Na Polónia, numa velha capela senhorial em Cracóvia, ou noutro lugar, deitada sobre uma laje de pedra, deve haver uma dama parecida com ela. Com uma voz entaramelada, Florette resmunga: «Merda! Que chatos!» Até a dormir a sua linguagem é grosseira.

A Irena pequena ergue-se e interroga-me com o olhar. Não me atrevo a exprimir-lhe a minha esperança e pergunto-lhe:

– Que é que se passa?

– *Blocksperre*.

– Que é isso?

Nos seus olhos negros e ensonados, surge uma espécie de laivo de piedade:

– Pois, tu não sabes: bloco confinado, proibição de sair.

- Porquê?
- Porque vão fazer uma seleção.

Há palavras para as quais não se pedem explicações. Assim que ouvi esta, percebi o seu significado: selecionar condenados.

- Demora muito tempo?
- Depende da dimensão do transporte, entre duas e seis horas.
- Fazem-no sempre durante a noite?

- Não, mas eles preferem. As coisas correm melhor na escuridão, são mais rápidas e eficazes. As pessoas estão atordoadas, há menos gritos, menos confusão...

- Então, *Blocksperr*e significa também a chegada de um transporte?

- Em geral, sim, mas não é a única seleção durante a qual ficamos confinadas: portas fechadas, proibição de sair.

Devo parecer bastante intrigada, pois a Irena pequena explica-me:

- A lotação do campo de Birkenau não deve ultrapassar os duzentos mil detidos. Para manter esse número, eles fazem seleções, o que não impede as supressões individuais diárias, durante as quais não nos confinam e que em nada alteram a nossa vida. Não passam cinco minutos sem que prendam na câmara 2540 uma doente, uma judia, uma muçulmana...

- As muçulmanas... Porquê as árabes em particular?

Irena não se admira do meu engano:

- «Muçulmanas» é a palavra usada para designar aquelas que já estão meio mortas.

- Porquê essa designação?

- Ninguém sabe. Aquele ou aquela que a arranjou devia ter motivos para tal, mas como já deve ter morrido há muito tempo, nunca os saberemos.

Eu passei pela seleção da chegada, mas como serão as outras? Quais são os critérios de escolha? Desejo saber e, cobardemente, calo-me. Mas Irena continua, precisa de descarregar o horror que a sufoca. Com quem poderia fazê-lo? É preciso ser-se nova aqui para estar disposta a ouvi-la:

- Julgo que as seleções feitas à margem das chegadas são ainda mais horríveis. Como sabes, quando chegamos, não sabemos. Quando vivemos aqui, sabemos, é sempre a mesma cena: apitos, apitam por tudo e por nada, para a sopa, para o café... para assustar as raparigas que se deslocam entre barracões, que andam por aí à procura de algo para trocar, para comer, e que levantam voo como pássaros!... Em dois minutos, o campo esvazia-se, fica deserto. Os camiões chegam, param diante dos barracões, vêm buscar as mulheres. Lá dentro, os SS, de longe, para não respirarem o ar pestilento, apontam para as

escolhidas: as mais magras, as que tiritam, as doentes que tentam esconder-se. As raparigas que desagradam a alguém, a eles, à *Blockowa*, à *Kapo*, à funcionária da cozinha... porque não? E fazem-nas sair à coronhada, à bastonada, a pontapé, ao murro, à cabeçada; as *Blockowa*, incentivadas pelos SS, mostram o seu zelo, batem com mais força do que qualquer outro. Há mulheres que gritam, que lutam; vi uma a atirar-se a um SS, para o arranhar na cara, ele agrediu-a até ela tombar e todas as outras tiveram de passar por cima do corpo dela, ainda vivo, mas transformado numa papa vermelha...

Ela que se cale, não quero saber mais... Mas Irena continua, despeja o que tem dentro de si para não transbordar:

– As cenas a que assisti no bloco de quarentena, essas cenas, Fania... Algumas sobem para os camiões completamente amorfas, outras cantam, riem-se... Todas sabem para onde vão. Assisti a todas as reações humanas imagináveis perante o horror mais absurdo que alguma vez se viu. E os SS passam por tudo isto com toda a naturalidade e à-vontade. Quando fecham os camiões que levam estas mulheres para as câmaras de gás, eles riem-se, dão fortes palmadas nas costas uns dos outros como se tivessem acabado de dizer uma boa piada, como se tivessem estado na risota. Aqueles que fecham as portas da câmara de gás, onde é libertado o *Cyclon B*⁴¹, reagem da mesma maneira. A seguir, vão para o edifício deles, a messe, beber um copo... tocar piano, fornicar com uma rapariga, uma das deles, nunca uma judia, pois é proibido, ou vêm aqui ouvir música, valsas vienenses, Peter Kreuder... Como vês, Fania, a seguir, todos eles precisam de fazer qualquer coisa, outra coisa. E eu não entendo isso. Tu entendes?

– Talvez queiram esquecer, não estar sozinhos consigo próprios? Talvez se embebedem para completar, festejar o prazer de matar? Que sabemos nós sobre eles?

– No bloco da música, como estamos mais resguardadas, aguentamos melhor. Mas, depois de assistirmos a estas cenas, é impossível esquecer-las...

Amavelmente, uma voz grita-nos:

– Caluda! Durmam!

Eu bem quereria dormir; as chaminés dos crematórios já começam a fumejar. Amanhã, um odor enjoativo a cadáver queimado irá entranhar-se nas nossas roupas, na nossa pele... e eu tenho de permanecer indiferente, ou melhor, ignorá-lo... A que céu devemos dirigir este tipo de prece?

Devo ter voltado a adormecer, pois sobressalto-me com a entrada de uma *Läuferin*. Está ofegante, grita:

– *Achtung! Schneller! Schneller! Vem aí a Mandel...*

Tchaïkowska sai do seu quarto como um diabrete de uma

caixa. Regina, a «ordenança» de Alma, corre a bater-lhe à porta. Irena abana vigorosamente Florette, que fica mais agressiva com o despertar violento. Por toda a parte, ouvem-se gritos e ordens. Os berros da *Blockowa* sobrepõem-se ao alarido; quase todas as suas pancadas, que distribui ao acaso, felizmente não acertam em ninguém. Uma barafunda semelhante à de um dormitório de um colégio interno. Esta correria desenfreada durou apenas alguns minutos. São três horas quando Mandel, de barrete na cabeça e envolvida na capa do uniforme, entra na sala de música, onde a aguardamos, no nosso lugar, em rigoroso sentido, até eu, o olhar perdido ao longe, sem pestanejar, pois por causa de um abrir e fechar de olhos podemos ir parar à câmara 25. Que poderá ela querer de nós a esta hora?

Ainda não sei muito sobre o campo nem sobre a atividade dos SS, mas sei o suficiente para me interrogar: de onde vem ela? Qual é a sua função numa seleção? Escolherá as condenadas? Empurrará as crianças para os crematórios? Circulará com indolência e um desprezo supremo por entre as mulheres que são rapadas, tatuadas e preparadas para servir de gado?

No limite do servilismo, Alma inquieta-se: «Que deseja ouvir a *Lagerführerin?*», receando interiormente que ela lhe peça um trecho demasiado antigo que as suas executantes tenham esquecido.

Maria Mandel é a representação perfeita da imagem de propaganda da jovem Alemanha. Tem uma voz bonita, semelhante à de Marlene Dietrich, gutural nos sons graves. Aponta-me o dedo:

– Que a *meine kleine Sängerin* me cante *Madame Butterfly* em alemão.

Alma transmite-me a ordem.

Que sarilho! Estou tramada. Só sei cantá-la em francês. O olhar de Alma ensombra-se perigosamente e ela apresenta demoradamente a Mandel as suas desculpas; aborrecida, esta interrompe-lhe o discurso com um gesto, e é quase com raiva que Alma me ordena:

– Canta em francês. Disse que irás aprendê-la em alemão.

E em russo e em moldavo, se for para lhe agradecer...

Sinto a garganta e os pulmões entorpecidos de sono. Quando penso que há cantoras que comem um ovo cru para aclarar a voz! Nem me atrevo a pigarrear. A orquestra começa a tocar e eu canto a melodia favorita da Sra. *Lagerführerin*.

Entretanto, Mandel tirou a capa, sentou-se numa cadeira e está com uma expressão sonhadora. Julgar-se-á uma gueixa sentimental? Detesto a ideia de lhe proporcionar alguma felicidade.

Estará feliz? Talvez, mas o seu rosto não está sequer sorridente ou descontraído. Mais tarde, ficarei a saber que é de bom tom entre os SS ouvirem-nos como se fôssemos máquinas de discos... Contudo, ela deve estar satisfeita, pois tenho de repetir a canção. Parece nutrir uma paixão particular por esta ópera, uma paixão da qual nunca saberei o motivo. Um gosto curioso! Não posso esquecer-me de que foi por causa do desejo de Mandel de ouvir a sua querida *Madame Butterfly* que Alma mandou que me procurassem.

A sessão é breve, e a Sra. *Lagerführerin* deixa-nos, aparentemente satisfeita. A Irena pequena comenta a saída dela:

– Foi um transporte pequeno, a seleção não demorou muito tempo.

– Como é que sabes? Não ouvimos apitos!

– Não vai tardar. É frequente os SS aparecerem antes do final do *Blocksperrre*. Para eles, o trabalho terminou e vêm descontraírem-se connosco.

Como é que a Irena pequena consegue dizer isto com tanta calma, apenas com um laivo de ironia? Provavelmente, faço mal em revoltar-me e irei compreender muito rapidamente que tem de ser assim.

Florette protesta:

– Acordarem-nos para vermos o seu focinho nojento de nazi!

– No sentido figurado, concordo, mas, na verdade, ela até é bonita!

– Estás doida?!? Bonita?!? Aquele monte de esterco?!?

Resisto:

– Enquanto SS, é uma cabra, mas, como mulher, é muito bonita.

– Estão a ouvir isto?! – berra Florette, descontrolada. – Esta idiota tem um fraco pela Mandel!

Hostis, as raparigas fitam-me quase com maldade, apoiam ruidosamente Florette e, estupefacta, ouço a voz pausada da Claire:

– A Fania sente-se lisonjeada porque ela a escolheu para cantora e isso torna-a indulgente...

– Achas que é indulgência?! Para mim, é dar graxa.

A tolice delas irrita-me. Seria escusado responder-lhes que os SS podem não ter a cara daquilo que fazem, que podemos achá-los bonitos sem lhes vender a alma. Viro-lhes as costas e subo para a plataforma mais alta do meu beliche. Lá em cima, vou fechar os olhos, esquecê-las, adormecer.

É o momento errado, aquele em que nos apetece desistir, e, apesar de todos os raciocínios sensatos que faço, ter entretido aquela SS após uma seleção dá-me vontade de cuspir bÍlis...

De manhã, sinto um sabor amargo na boca. Enquanto faço cuidadosamente a minha cama, comento:

– Não sei o que daria para ter uma escova de dentes e pasta dentífrica.

– Há cinco raparigas que partilham uma escova. Talvez estejam dispostas a partilhá-la com mais uma!

Florette intervém:

– Para ela, o melhor é «organizá-la».

Não me esqueci desta palavra, cujo sentido me pareceu óbvio:

– Como é que se faz?

– No nosso campo de Birkenau, há dois «Canadá», o pequeno, que é aqui ao lado, e o grande, que fica um pouco mais longe. No mais pequeno, arranjas escovas de dentes, pasta dentífrica, sabonetes, perfume e coisas do género; no grande, há camisas de noite, combinações, calçado, roupa, latas de conserva... Vai tudo lá parar!...

Estou a sonhar. De que está ela a falar? De lojas?

– A que é que tu chamas «Canadá»? E porquê esse nome?

– Não sabemos. Talvez porque o Canadá é um país rico, uma Terra Prometida. Na verdade, são as *Bekleidungskammer*⁴².

Florette intromete-se:

– Quando viemos para cá, trouxemos o melhor que tínhamos, as coisas mais quentes e mais novas. Os ricos chegam com bagagens que contêm fortunas: peles, joias, diamantes, ouro; carteiras a abarrotar de dinheiro, malas cheias de notas. Não julgues que estou a exagerar. Os milhares de malas que chegam todas as semanas, há anos, representam uma fortuna incrível. O tesouro dos SS é judeu. Tudo o que não é perecível é separado, etiquetado, contado, encaixotado e enviado regularmente para Berlim. Mas o que eu acho mais indecente é gamarem as encomendas que nos mandam...

Fico estupefacta:

– Nós recebemos encomendas? Então, as nossas famílias sabem onde estamos. Não é possível... Podemos escrever, trocar correspondência...

Florette ri-se. Jenny desata à gargalhada:

– Ela vai enviar à família postais a cores do seu bloco, com uma cruz a indicar o sítio onde dorme!

Ewa intervém:

– Por vezes, eles informam as nossas famílias da nossa presença num campo de trabalho e autorizam o envio de encomendas. É claro que nós nunca as recebemos; certamente, para eles, é uma maneira de receber mais mercadoria.

Florette exalta-se:

– Sim. Todos os dias, chegam encomendas de toda a Europa.

Algumas alemãs e algumas polacas recebem uma parte, mas nós, as judias, nunca. Primeiro, para receber alguma coisa, é preciso que ainda tenhamos família, que ela não tenha ido parar ao «forno». Mas, partindo do princípio de que ainda temos, os mantimentos enviados são distribuídos pela cantina dos SS, pelos detidos privilegiados, pelos triângulos negros, putas, ladras, criminosas, a fina flor! E o mais indecente é que as famílias nunca são informadas do nosso desaparecimento e continuam a passar privações para que não falte nada a gente morta: um pedaço de manteiga comprado no mercado negro, um frasquinho de compota feita pela avó com a sua ração de açúcar, um salpicão, um paté de coelho, a miúda vai ficar tão contente!... E tostas, para que a garota siga a sua dieta. Os pais mandam, mandam... e são os boches que se borram de satisfação...

É abalada por soluços de raiva. A Irena pequena pousa-lhe uma mão no ombro:

– Tem calma. Vais meter-te outra vez em sarilhos.

Florette olha para a Irena pequena com uma gratidão inesperada e, tranquilizando-se subitamente, cala-se.

Anny comenta:

– Na noite em que chegaste, eu tinha acabado de receber uma encomenda, a primeira desde julho de 1943. E foi uma sorte ter sobrado alguma coisa para mim, porque eles servem-se primeiro.

Jenny graceja:

– Não julgues que é muito rápido, que o carteiro pedala sem respirar para te entregar o teu pacote. Por isso, tudo o que não seja em conserva vem pelo seu próprio pé. Se tivessem a tua morada, as larvas trar-te-iam tudo num instante!

– E quando é que se pode ir ao «Canadá»?

A minha pergunta é um sucesso, principalmente para Jenny:

– Só tu é que nos fazias rir! Julgas que o Canadá é um grande armazém, e de luxo. Não estás autorizada a pôr lá os pés, tonta! É *verboten*. Se a *Frau Schmidt* te visse a passear no seu palácio das maravilhas, mandaria desfazer-te em fumo! Aquilo é só para os figurões, para a fina flor do campo. Não te aflijas, temos lá amigas, principalmente a Renate, a irmã da Marta; não dá confiança, mas resolve os assuntos; que eu saiba, não há lá nenhuma francesa. Aquele bloco, o melhor do campo, está reservado às boches, checas, polacas, eslovacas e outras! Como elas sabem da vossa chegada, há de vir cá alguma.

Isto preocupa-me. Consigo privar-me de tudo, mas não de uma escova de dentes. Pelo menos, naquele momento, era o que eu sentia.

– E se elas não forem avisadas e não vierem? Aliás, quem é que lhes diz?

Ewa sorri:

– Não te preocupes. No *Lager*, tudo se sabe. As *Bekleidungskammern* são também os grandes centros de informação. Todos os dias, as raparigas do Canadá recebem visitas dos SS, que vão buscar coisas, escolher o que lhes agrada. As *Blockowas*, as *Kapos*, também lá vão. Toda esta gente fala e as notícias correm. Esqueces-te também que estamos autorizadas a sair; nem que seja quando vamos à retrete, cruzamo-nos com outras mulheres. As *Läuferinnen* fazem facilmente um recado que não as comprometa. De qualquer modo, podes ter a certeza de que há de aparecer uma delas. Até me admira que ainda não tenha aparecido.

– E elas trazem o que lhes pedimos?

Jenny esclarece:

– Entrega ao domicílio, um luxo!

Insisto:

– E se elas forem apanhadas?

Florette faz um gesto fatalista:

– Quando caçam uma, se for uma bugiganga, é rapada; uma coisa melhor dá direito ao *Arbeitskommando*; se for algo muito importante, como, por exemplo, joias, é o bloco 25.

– É muito arriscado!

Jenny encolhe os ombros angulosos:

– E então? Tu também arriscas, mas elas morfam sardinhas em óleo como se fossem duquesas!

– Consegue-se arranjar comida? – pergunta Claire.

– Não é o mais fácil.

– E como lhes pagamos?

– Com pão. É a moeda de troca.

– Mas eu não tenho pão! – exclama Claire, desconsolada, que vê desvanecer-se o esquema que imaginara.

– Poupas na tua ração.

O tom de Claire roça o patético:

– Não consigo! Nem sequer me chega... Então?

Florette exalta-se:

– E nós? Achas que temos de sobra? É assim, até para as princesas como tu.

– Arranja um homem; aqui, o salpicão substitui as flores – aconselha-lhe Jenny.

Claire tem simplicidades de raciocínio infantis:

– E como é que se faz para se trabalhar no Canadá?

– É preciso agradar à *Frau Schmidt*, ser-lhe recomendada ou ser uma *Sonderhäftling*⁴³, ser robusta e ter aguentado a quarentena. Mas... – ironiza Florette – podes ir ver se afixaram algum anúncio na porta!

Este comentário trocista não afeta Claire e vejo o funcionamento das engrenagens do seu raciocínio como os de um relógio de parede sem a caixa. Estou preocupada com ela, é mais do que evidente que a sua anemia a torna bulímica, precisamente o tipo de doença que convém ter aqui.

Preparamo-nos para começar a trabalhar quando, tal como um mensageiro dos tempos antigos, uma *Läuferin* com as orelhas rosadas pelo frio empurra a porta e anuncia:

– Há um pacote para cada uma no Canadá, da parte da *Frau Lagerführerin* Mandel!

É uma alegria, os nossos gritos chamam a atenção de Alma, que se preparava para nos pôr a trabalhar; depois de esclarecida, exprime o seu contentamento; o seu peito, pouco desenvolvido, incha de prazer:

– *Frau* Mandel apreciou o pequeno entretenimento desta noite.

«Entretenimento», uma palavra bonita! A satisfação de Alma vale-me um sorriso quando ela passa por mim. Leio nele: «Cantaste bem, a Mandel ficou contente, vai voltar. Terei uma boa classificação.» Magnânima, a nossa *Kapo* autoriza-nos a ir ao Canadá (o pequeno, ao lado do nosso bloco), a nossa prenda generosa. Precipitamo-nos.

– Somente quatro! – rosna Tchaïkowska.

Parece-me muito pouca gente para transportar quarenta e sete pacotes. Anny, a Irena grande e Jenny fazem-me sinal para as seguir, quando Tchaïkowska retifica:

– Apenas três. A Marila vai acompanhar-vos.

Jenny graceja:

– Há espias melhores. Não é que ela seja muito cegueta, mas é tão estúpida que, se a pintássemos de preto e a puséssemos diante de um espelho, ela julgaria que é negra.

– Fania, vai no meu lugar! – sugere-me Anny.

Sigo-as. Este Canadá não tem nada que ver com o outro, o grande que o abastece e que é uma espécie de armazém geral no qual reina *Frau* Schmidt. Este é mais singelo, como uma loja de bairro comparada com um grande armazém. Se nós somos «as senhoras da orquestra», uma das aristocracias do campo, as raparigas do Canadá são as milionárias; apresentam todos os sinais exteriores de riqueza: bem vestidas, bem alimentadas.

Atarefam-se a separar e a arrumar por secções um vasto leque de artigos, espalhados em cima de mesas ou amontoados no chão, que vão desde sabonetes já usados a sabão de Marselha novo, que imagino ter sido posto a secar com paciência e ciosamente no alto de um armário. Águas de Colónia, perfumes, frascos luxuosos, e outros, simples, de farmacêutico estão ao lado de um monte de sutiãs. Há uma pilha de lenços de assoar

estendidos junto de um amontoado de chinelas meio caído em cima de pentes e escovas de cabelo, misturados com escovas de dentes. Roubar uma, qualquer uma, até a pequena cujas cerdas estão amareladas, afastadas e espalmadas; aquela que a trouxe não tinha dinheiro para comprar uma nova? Ou ser-lhe-ia indiferente?

Aquela que a trouxe... pensar nela, imaginá-la é já dar um passo para a angústia dessa mulher, para o medo que se apoderou dela, uma manhã ou uma noite, no momento de entrar na câmara de gás com duches alinhados simetricamente no teto; ela tinha na mão a sua toalha, o sabonete, talvez um destes... Se tivermos este tipo de pensamentos, tornamo-nos vulneráveis a tudo, aos outros e a nós próprios; delapidamos inutilmente as nossas forças, aquelas que devem permitir-nos aguentar, aguentar até ao fim, não o nosso, mas o delas!

As raparigas do Canadá são magníficas, bem nutridas, seguras de si, da sua força, os cabelos compridos bem penteados, bem vestidas, maquilhadas, riem-se e fumam. No *Lager*, se o pão é a moeda de troca, os cigarros são ouro, permitem tudo, ou quase.

A Irena pequena pergunta à *Blockowa*, uma eslovaca que nos olha sem uma delicadeza excessiva:

– *Panią* Maria, viemos buscar os pacotes para o bloco da música.

Com um tom de «livrem-me das vossas porcarias», ela ordena: «Levem tudo isto.» O «tudo isto» são quarenta e sete pacotes do tamanho de duas caixas grandes de fósforos, embrulhados em pedaços de papel amarrotado. E imaginava eu que iríamos com os braços carregados, que precisaríamos de um carrinho de mão para transportar o nosso tesouro!

Um tesouro. É essa a impressão que dão os nossos «pacotes», quando os pousamos em cima da mesa; as raparigas precipitam-se, cercam-nos, atropelam-se.

– Não empurrem! – exclama Jenny, com ironia. – Há que chegue para todas!

A excitação está no auge: o que há dentro dos pacotes?

Tchaïkowska berra:

– Arrumem tudo isso nas vossas caixas, *schnell... schnell...*

Regina, a gentil camareira de Alma, intervém:

– Rápido! Rápido! A *Frau* Alma vai para a sala de música.

Deixá-la fazer a sua entrada na sala de música deserta seria um crime rapidamente castigado. Em poucos segundos, com o coração a bater, o pensamento orientado para o conteúdo dos pacotes, estamos no nosso lugar.

À noite, há uma correria para as caixas, cada uma retira delas o precioso pacotinho, algumas cheiram-no antes de o abrir, como

é o caso de Florette, que comenta:

– Que fedor! Mais restos do caixote de lixo!

– Sabiam que há açúcar aqui dentro? – exclama Anny, alegremente.

– Minhas queridas, salpicão, do verdadeiro, vindo de França! Só falta o queijo e um litro de tinto! – afirma Jenny, extasiada e com lágrimas nos olhos.

Claire, com um dedo guloso, prova o pedaço minúsculo de manteiga rançosa que engordura o papel da «encomenda».

– É mesmo manteiga. Com pão, vai ser...

Ela não encontra a palavra certa e, concentrada em si própria, no seu estômago, antecipa o prazer. Em silêncio ou ruidosamente, cada uma faz o seu inventário, lança um olhar fugaz à mulher mais próxima: e se ela tivesse recebido outra coisa? Ao pé de mim, a nossa acordeonista grega, com uma língua cautelosa como a de um gato, prova a colher de sopa de compota que está ao lado dos quatro cubos de açúcar, da rodela de salpicão gordurosa, da manteiga rançosa, dos seis biscoitos e do pedacinho de pão. Para mim, este pedaço de pão representa uma verdadeira fortuna, representa a escova de dentes que ainda não tinha como pagar. Que pacote maravilhoso e abençoado! É uma alegria, rimo-nos. A vida é magnífica, comemos. É no meio deste entusiasmo que entra Renate: muito bonita, fria e reservada, observa a nossa expressão satisfeita, algumas estão já a barrar o pão com manteiga e compota. Comer as três coisas ao mesmo tempo, um luxo, um desvario que não lhe escapa:

– Vejo que não vos falta nada!

– Falta, sim. As duas novas precisam de ti.

O seu olhar sombrio e distante é tão inexpressivo que pergunto para comigo se ela me vê. Encomendo-lhe uma escova de dentes; ela sugere-me sabonete e pasta dentífrica. Não estou certa de poder assumir tais despesas e aflijo-me:

– Quanto irá custar-me tudo isso?

Renate toma o seu tempo e faz contas pausadamente. Não terei certamente o suficiente para pagar tudo, apetece-me desistir da pasta dentífrica, é possível lavar os dentes com sabão.

– Ouve... Como acabaste de chegar, vou fazer-te um desconto.

Esta linguagem de comerciante não me surpreende; pelo contrário, confere normalidade à nossa transação. Por fim, ela profere o seu número.

– Uma ração de pão e duas de margarina. Por causa do frio, pedem-me mais matéria gorda.

Nada poderia agradar-me mais. É com um olhar carrancudo que Claire me observa a ir à nossa caixa e retirar dela os meus dois retângulos de margarina. Tenho mesmo a sensação de estar a tirar-lha da boca.

Renate explica-me as flutuações dos câmbios:

– Nunca conseguimos manter os preços, estão sempre a mudar. Tudo depende dos artigos que chegam, da sua frescura, da proveniência, os que vêm de França são muito procurados. Os SS apreciam-nos e ficam com tudo, o que faz aumentar os preços. A quantidade de pedidos também tem influência. Percebeste?

Perfeitamente, é semelhante ao mercado negro. Não acredito nisto! Estamos a brincar às lojas, só falta ela dizer-me: «Deseja mais alguma coisa, minha senhora?» Acrescenta:

– Não queres mais nada? No transporte que chegou hoje, temos perfumes maravilhosos!

Muito séria, respondo-lhe:

– Não, fiquei falida.

Já não reajo como há alguns dias, pois preciso de uns segundos para me aperceber da monstruosidade do nosso diálogo.

Antes de sair, Renate vai parando para receber outras encomendas.

Sentadas à mesa, as raparigas comem devagar para prolongar o prazer ou fazem um inventário do conteúdo das suas caixas, cortam mais uma lasca de salpicão, chupam do dedo mindinho um átomo de compota bolorenta, e riem-se, riem-se como loucas, e eu com elas, enquanto ressinto no fundo de mim a incoerência desta cena.

Mas é preciso compreender as nossas reações: a morte, a vida, as lágrimas, o riso, tudo se exponencia, tudo é desmedido, tudo está fora da realidade. Tudo é loucura.

A Irena pequena comenta, sonhadora:

– Nunca percebi porque é que só recebemos o pão deles, mesmo «organizando-o», pois as pessoas têm sempre algum...

Algumas raparigas levantam a cabeça.

– Tens razão, sabes? – concorda Anny. – Não há cacetinhos, nem pão de leite com passas, mas de certeza que o meu pai e a minha mãe puseram alguns na encomenda!

As raparigas mantêm-se imóveis, os gestos suspensos, as recordações sobem-lhes à garganta.

– Pão da minha terra, um cacete... Em dias de festa, biscoitos dourados e crocantes.

– E pãezinhos de aveia, que sabiam a bolo... – acrescenta Claire.

– Eu comia *matzos*⁴⁴ ao pequeno-almoço, ou pão de centeio com sementes de papoila – sonha Elsa, uma das minhas copistas, judia alemã.

– Cada um tem o seu pão – suspira a Irena pequena. – Comer o nosso pão é o mesmo que comer um pedaço da nossa terra... Lembro-me de que, antes de vir para o bloco da música, uma de

nós encontrou um pedaço minúsculo de pão torrado e dourado...
Passou de mão em mão, as raparigas choravam enquanto o
beijavam, nenhuma delas foi capaz de o comer... Alimentava-lhes
o coração...

Uma pequena vila muito sossegada

Esta manhã, a Sra. *Aufseherin* entra a grandes passadas furiosas, o tacão da sua bota ressoa no cimento do nosso chão como sobre um passeio. Tchaïkowska está em sentido e tão hirta que, à semelhança de um pudim, o seu peito enorme e gelatinoso tremelica. Se espirrássemos, a nossa *Blockowa* mandar-nos-ia para a câmara 25! Aqui, toda a gente tem o direito de decidir se vivemos ou morremos.

De pé no meio da nossa sala, a *Aufseherin*, de queixo empinado, berra como se recebesse uma inspiração em direto do *Führer*:

– As judias para a direita! As arianas para a esquerda!

Mecanicamente, passivamente, vou obedecer, quando a Claire me agarra com força por um braço e me puxa para o meio, para entre os dois grupos que acabam de se formar. Com a nossa estrela amarela no peito, devemos estar a fazer uma figura esperta, ali espedadas, isoladas, incongruentes.

O punho de Tchaïkowska cerra-se até se lhe empalidecerem os nós dos dedos.

– O que é que estão aí a fazer? – eructa a SS.

– Somos meio judias, *Frau Aufseherin*.

– *Was ist das?*

Surpreendida, Alma traduz-lhe a espantosa afirmação: *Mischlingue!* Pergunto a mim mesma no que irá resultar esta brincadeira, pois não tenho outra maneira de classificar a situação. Contudo, duvido que o nosso caso não tenha sido considerado. Mais tarde, ficaria a saber que as meio judias eram deportadas com menos frequência, principalmente quando eram

filhas de mãe ariana, como nós.

Os pequenos olhos cinzentos cor de cimento da *Aufseherin*, tão vivos e doces como uma parede de betão, fixam-nos com incredulidade; ela repete para si: *Mischlingue!*... A sua memória deve estar a esquadriñar as adendas ao regulamento, impressas em itálico ilegível. Pelo visto, os seus superiores não devem ter falado no assunto, pois, com os punhos nas ancas e de pernas abertas – uma postura muito pouco regulamentar –, diz-nos, como se nada fosse:

– Ah, são meio judias... Bem, vamos ver isso! Vou mandar levar-vos ao gabinete da administração central, em Auschwitz, para saber a verdade sobre essa história! Havemos de descobri-la!

E vai-se embora com o mesmo passo vingativo.

Aparentemente indiferente, depois de encolher os ombros, Alma regressa ao seu quarto; o nosso gesto não merece que ela altere os seus hábitos. As polacas arianas riem-se com escárnio, a olhar para nós, Tchaïkowska e *Pania* Founia gesticulam na nossa direção, e eu rio-me, sem ponderação, repreendida por Claire:

– Para com isso. És exasperante. Parece que estás a tirar-me a razão!

Com uma expressão séria, replico:

– E se, por causa disto, eles passarem a dar-nos meia ração?

– És completamente louca – exalta-se Claire. – Não levas nada a sério.

Azeda, a voz de Rachela, uma morena angulosa, protesta numa misturada de polaco e ídiche, que Ewa nos traduz, resumindo:

– A Rachela diz que vocês cometeram um erro, que basta ter um trisavô judeu para se ser considerado como tal e que, assim, só irão apressar um pouco mais as coisas.

– Não concordo – afirma a Irena pequena. – Bem vistas as coisas, é verdade. Elas logo verão se isso muda alguma coisa.

Anny sonha:

– Elas vão sair daqui, sabes? Ver a cidade, talvez as montras!

Rachela, que tem dificuldade em exprimir-se em francês, ainda que o compreenda, exalta-se:

– Não, não! Nada... – E leva a mão à garganta, fazendo um gesto muito significativo.

– Ela afirma que vocês não terão nada a dizer, que eles não vão levar-vos a Auschwitz, mas diretamente para a câmara de gás!

Florette ironiza:

– Talvez tenham a sorte de ser meio gaseadas!

Ewa conclui:

– Eu acho que vocês fizeram bem. É bom esfregar-lhes no nariz, como vocês dizem em França, o seu racismo absurdo. E,

quem sabe, talvez vos passem para um regime ariano.

A conversa fica por ali, pois surge um novo tema de interesse: uma *Läuferin* informa-nos da vinda de um músico da orquestra dos homens. É um acontecimento importante. Quando ele entra, mantidas à distância pelas invetivas furiosas de Tchaïkowska, que nos proíbe dos nos aproximarmos dele, de falar com ele, olhamo-lo com uma curiosidade devoradora: alto, com uma espécie de barrete a tapar-lhe a cabeça rapada, magro como um cuco, mas vestido decentemente com um uniforme às riscas limpo. Parece atrapalhado e pergunta por Alma. Tchaïkowska vai direita a ele e leva-o para a sala de música. Pela porta aberta, observamos todos os seus movimentos e comentamo-los:

– Olhem... Ele está a pegar no contrabaixo.

– É mesmo um músico.

– É o professor da Yvette.

Alma manda chamá-la e proíbe-nos de entrar na sala de música. Um homem no nosso bloco é uma revolução. Estamos rigorosamente proibidas de nos aproximarmos dos homens, mas a verdade é que raramente vemos um. Por vezes, cruzamo-nos com um eletricista, um canalizador, um marceneiro, que veio consertar alguma coisa. Jenny aponta com o seu nariz de furão e comenta:

– É uma autêntica lição particular. Se eu fosse a ti, não perdia de vista a tua irmã mais nova. Talvez o professor ainda tenha força suficiente na verga para tirar os três à tua maninha.

Carregando ferozmente nos erres, Lili reage:

– Na nossa terra, na *Grrécia*, as mulheres têm honra.

– Oh, deixa-te disso! As francesas não são mais putas do que tu. O meu homem teve o meu pipi. Pode dar-vos vontade de rir, mas é o que é!

Rimo-nos com o desejo óbvio de que «ele» nos ouça, de que «ele» se vire e repare em nós, de existirmos para ele. Bastou a sua presença para desatarmos a dizer parvoíces. Catatuas tagarelas a alisar as penas por um macho que entrou na gaiola. Pobre do homem, observo-o a dar a sua lição de contrabaixo a Yvette, minúscula ao lado do instrumento enorme. Ele tem os gestos confiantes de um profissional. Ewa julga tê-lo reconhecido, seria um excelente concertista polaco. É jovem e tem para o instrumento mãos suaves e carinhosas, que poderia ter para com uma mulher. Sob o olhar severo de Alma, pausa os dedos de Yvette sobre as cordas, segura-lhe no pulso que o arco, demasiado pesado, arrasta...

Calámo-nos. Fitamos aquela mão de homem, aquele ombro, embora curvado, que está à altura da cabeça morena de Yvette, e sonhamos.

Na manhã seguinte, um soldado da Wehrmacht entra no nosso bloco. Vem buscar-nos, à Claire e a mim. As raparigas dizem-nos que é bom sinal que não seja um SS. Jovem, talvez com dezassete anos, se tanto, de espingarda a tiracolo, faz-nos sinal para o acompanharmos. Todas se calam. E, afinal, se ele for levar-nos para a câmara de gás? Tchaïkowska obriga-nos a vestir por cima do casaco uma espécie de trapo às riscas, uma capa, uma coisa indescritível! As raparigas do nosso pequeno grupo, Ewa, as duas Irenas, Anny, Florette, Jenny, sorriem-nos, não se atrevem a abraçar-nos. As polacas riem-se, pergunto para mim qual será o pior defeito delas, se a estupidez, se a maldade.

Vamos a pé. Bem calçadas, com roupas quentes, saímos do campo como se fôssemos princesas, muito chiques, muito arrançadas, ou pelo menos é assim que nos sentimos. É bom caminhar pela berma de uma estrada. Sob uma camada de neve, vislumbro um pouco de erva amarelecida:

– Olha, Claire! Erva! Ainda existe...

Quase parei, mas, ao olhar para o nosso guarda, desisti. É tão jovem que não deveria estar empedernido, a não ser que, pelo contrário, esteja ainda mais fanatizado, pois os seus bonitos olhos dourados, quando se fixam em nós, tornam-se gélidos, inexpressivos como os dos outros, de todos os outros.

O que é maravilhoso é que, à medida que nos afastamos de Birkenau, o cheiro terrível de carne carbonizada que nos forra as narinas esvanece-se para dar lugar aos cheiros da vida. Percorremos com facilidade os três quilómetros que nos separam de Auschwitz, que me parece ser uma pequena cidade muito sossegada. Os seus telhados polacos, bastante planos, cobertos de neve, destacam-se nitidamente do céu de inverno frio e limpo.

– Fania! As casas, as chaminés, deitam fumo!

É verdade. Aquele fumo é de pessoas que vivem, que se aquecem, que cozinham; é leve, azul e amarelo, tão diferente do que sai dos nossos crematórios, negro como fuligem, espesso como alcatrão.

Tranquilas, as pessoas dedicam-se às suas tarefas, as lojas têm montras, embora pouco recheadas. Cruzamo-nos com pouca gente, mulheres, velhotas que caminham apressadamente, homens idosos. Nem uma rapariga ou um rapaz. Onde estarão? Na guerra? É uma cidade silenciosa, a neve em que nos enterramos abafa os passos, os ruídos. Quando passamos, ninguém vira a cabeça, ninguém nos dirige um olhar, nem curioso nem hostil, não existimos. Quando deixaremos de não ser nada?

Aquelas pessoas que iam e vinham, que faziam coisas normais, que entravam em casa e saíam dela, aquelas mulheres que iam às compras, que levavam pela mão uma criança com as faces

vermelhas e brilhantes como maçãs, saberiam que eram felizes? Saberiam que era maravilhoso vê-las? Que, para nós, representavam a vida? Porque é que nos recusavam um olhar? Era impossível que não se apercebessem da nossa passagem, que não soubessem de onde vínhamos; as nossas roupas às riscas, os nossos *Kopftücher* que nos escondiam a cabeça rapada, a nossa magreza, revelavam as nossas origens. Não estavam proibidas de, durante um passeio, passar diante do campo de Birkenau, cujo aspeto sinistro não disfarçava a sua função. Julgariam elas que aquelas cinco chaminés, com o seu fumo nauseabundo, eram do aquecimento central? Que queria eu, ao certo? Que aquela pequena cidade com cinco ou seis mil habitantes se revoltasse, que a sua população germânica, ali instalada desde a vitória alemã, fosse libertar o campo? Porque haveriam de sentir-se responsáveis por nós? Uma violência súbita faz-me subir o sangue à cabeça: todos eles são responsáveis! Todos os homens o são, a indiferença de um só é a nossa sentença de morte.

Olho intensamente aquelas pessoas, não quero esquecer a sua expressão de ratazanas. Não nos veem. É muito cómodo! Não querem ver os nossos farrapos às riscas, tal como não querem ver os grupos de «muçulmanas» que atravessam, de olhar esgazeado, a sua pequena cidade tão sossegada, cercadas por SS e os cães deles. Mais tarde, a seguir à guerra, tenho a certeza de que estas pessoas dirão que «não sabiam», e haverá quem acredite nelas.

Claire pega-me no braço:

– Estás com uma cara, desfruta do nosso passeio, é fantástico estar aqui, o nosso boche não é mau, não nos incomoda; é melhor do que estarmos fechadas no bloco.

Ela tem razão. Há que saborear o momento, aproveitá-lo ao máximo.

– Porque é que não nos interrogaram no campo?

– Imagino que o nosso caso não seja da competência deles, que dependa da administração civil.

Paramos diante de uma barraca de madeira, que deve ser uma dependência da administração central dos campos em Auschwitz. Subimos três degraus e o nosso soldado afasta-se para nos deixar passar. Esta cortesia é bastante inesperada, ao contrário do facto de darmos de caras com um enorme retrato de Hitler.

Na divisão com mobiliário de escritório, há um SS sentado a uma mesa grande. Fico mais descansada, pois ainda existem! Muito velho, muito gordo, muito sujo, um prisioneiro de guerra francês com um «F» grande pintado a vermelho na velha casaca do seu uniforme. O nosso coração bate, sempre é alguém e achamo-lo maravilhoso. Mandam-nos sentar, muito longe da mesa, e começa o interrogatório:

O alemão interroga, o francês traduz. Começa por mim:

- O nome da tua mãe?
- Marie Bernier.
- Nacionalidade?
- Francesa ariana.
- Religião?
- Católica.
- O nome do teu pai?
- Goldstein, francês judeu.
- *Nein* - resmunga o SS.

Tenho de responder a uma pergunta de cada vez. Recomeçamos, dou mais pormenores.

- Qual é a profissão dele?
- Engenheiro.
- Onde?
- Morreu há muito tempo.

Ele inclina a cabeça, um que lhes escapou, isso deve aborrecê-lo.

- Tens irmãs?
- Não.
- Irmãos?

Tenho dois irmãos, que adoro. O mais velho está na América, o mais novo, na Resistência. Com um olhar confiante e um tom sincero, minto:

- Sou filha única.

A seguir, atacam o resto da minha família, é uma viagem no tempo. Passada a etapa dos pais, tenho dificuldade em alcançar a dos avós; quando chegamos aos bisavós, confesso:

- Não sei nada sobre eles, nem sobre a origem dos meus antepassados.

A minha desenvoltura surpreende o prisioneiro de guerra. Traduz lentamente as minhas respostas ao grande verme branco SS que, apertando a caneta com uma pena que pinga tinta, as transcreve com tanto esforço em alemão que dou um toque no cotovelo de Claire. Pergunto para comigo se saberá escrever. Que esperar daquele escriba gordalhufo?

Claire conhece na perfeição a sua árvore genealógica, com uma preferência ostensiva pelo ramo católico. O que deixa completamente indiferente o nosso intérprete e também o escrevinhador esforçado. Enquanto o SS continua a rabiscar e a remexer na sua papelada, o francês pergunta-me:

- Que vieram fazer aqui?
- Viemos dizer que somos meio judias.

- O que é que vos adianta o que são? Em que é que isso vos ajuda?

- Ajuda-nos a não ir parar à fábrica?

Ele espanta-se:

– O quê?

– Sim, a fábrica onde nos transformam em fumo.

Ele empalidece:

– Calem-se! Não sabem que não devem saber de nada? Nenhum de nós deve saber. Nunca falem no assunto. Isso não existe!

Eu rio-me com ironia:

– Os cadáveres dos crematórios morreram de morte natural; de fome, por exemplo. Não se assassina ninguém, não é verdade? Julgam mesmo que somos cegas e idiotas.

Ele entra em pânico, mas não se atreve a levantar a voz:

– Calem-se, calem-se! Não quero pagar por vossa causa.

Não tenho piedade do medo dele e rio-me entre dentes:

– O palerma que está ao seu lado não entende nada.

– Como é que sabe?

– Olhe para ele. Tem tanta dificuldade em escrever que duvido que perceba francês.

– Vocês não os conhecem. Talvez haja alguém à escuta atrás da porta. O guarda pode saber a nossa língua. Eu quero voltar a ver a minha mulher e os meus rapazes!

– E nós queremos continuar vivas!

Com os seus dedos gordos e espalmados, o SS remexe nas folhas que preencheu, junta-as e, a seguir, ergue as pálpebras pesadas e cospe meia dúzia de palavras para o intérprete, que as traduz:

– Retirem uma parte da vossa estrela, fiquem apenas com a que tem o «F»⁴⁵.

Claire apressa-se a pôr em prática esta autorização, da qual eu desfruto todo o sabor: ao destruir a estrela de David, ficamos apenas com um triângulo amarelo com um «F». Somos mesmo meio judias. A administração previu todas as situações!

Concluído o seu trabalho e sem nos dirigir um olhar, o SS ordena:

– *Raus!*

O regresso é bastante penoso, avançamos devagar. Nevou e eu, que sou tão baixinha, tenho a sensação, a cada passo, de que vou enterrar-me até à cabeça em toda aquela brancura. Perdemos o hábito de caminhar e os nossos três meses de subalimentação fazem com que cheguemos quase exaustas ao bloco.

Que estranha receção! Quando entramos, como se estivéssemos numa peça de teatro, há raparigas que se afastam e formam-se grupos. Vamos ser julgadas? Florette, Anny, as duas Irenas, Ewa, Jenny, as jovens gregas Yvette e Lili, curiosas e amáveis, perguntam-nos:

– Então? Como é Auschwitz? E as pessoas? Há crianças nas ruas, coisas nas lojas? Aonde foram? O que é que vos

perguntaram?

– Esta agora! Vocês são mesmo meias doses! – exclama Jenny, apontando para o nosso peito com a extremidade espalmada do indicador.

Este gesto chama a atenção das outras. As polacas arianas riem-se com escárnio, Founia bate nas coxas, fazemo-la passar um bom bocado, Tchaïkowska, com os dedos da mão direita em forma de tesoura, corta ao meio o indicador esquerdo e, a seguir, a tesoura imaginária desliza e a mímica torna-se obscena.

Junto daqueles dois horrores, Irena abre uma boca negra com dentes amarelecidos, Kaja esmaga com o seu corpo maciço a magra Marisha, Wisha, com um braço sobre os ombros de Zocha e o outro à volta da cintura de Marila, sorri com uma expressão aérea; que quadro encantador! Só o rosto de Halina se mantém inexpressivo. As polacas não se contentam em rir-se, insultam-nos. Num francês execrável e agitando os seus punhos enormes e capazes de imobilizar um vitelo na força da idade, Danka exprime a opinião do grupo:

– Vocês, nojentas, ter muita vergonha de ser judias! Mas continuar a ser *yude*, nunca ser arianas, vocês ter medo e, por isso, renegar os vossos pais. Judas!

Curiosamente, este último insulto parece ser particularmente apreciado pelas judias polacas, Rachela e Masza, e até pela única checa, Margot, uma rapariga inteligente e culta. Rachela interpela-nos:

– Vocês portaram-se como umas *goi*⁴⁶ nojentas. Não deveriam ter dito que não são judias, desonram os judeus da vossa família! Pela nossa boca, eles cospem-vos em cima e amaldiçoam-vos!

Mais ainda do que naquela manhã, Claire e eu estamos isoladas entre os dois grupos, o das neutras e o das outras... Duas acusadas perante uma multidão que grita. Como censurá-las? Todo o ódio contra quem as comanda, que acumularam ao longo de meses, que teceram durante os dias, as horas, os minutos, durante os quais sofreram em silêncio os piores aviltamentos, sobe-lhes do fundo da garganta e derrama-se sobre nós, que nos tornámos um pretexto, que lhes permitimos explodir abertamente, justamente. Estendendo o pescoço, rancorosas como um bando de gansos, são doze judias alemãs que se viram contra nós: Helga, a percussionista violenta e vulgar; Karla, a gorducha que toca píforo; Sylvia, cujos quinze anos obedecem às outras; Lotte, a guitarrista, que seria menos agressiva se fosse bonita; a outra Lotte, a cantora, cuja estupidez é a única desculpa; *Frau Kröner*, cuja alma treme aos quatro ventos; a acrimoniosa Ruth, talvez a pior de todas. Até as dóceis, as passivas, participam no movimento: Elsa, uma violinista que se

destinava à marroquinaria; Regina, a «camareira» de Alma; Julie, de quem ainda nem ouvi a voz. A liderá-las, a induzi-las ao ataque, Rachela e Hilde, a sionista, cujos belos olhos negros, ardentes e inspirados, nos desprezam, e que exclama:

– Deixaram cortar ao meio a estrela de David. Não são vocês que nos renegam, mas nós que vos rejeitamos...

Ela procura as palavras, misturando o alemão e o francês, atinge níveis bíblicos, a nossa posteridade é posta em causa até à sétima geração. Não consigo levar a sério esta diatribe.

Tudo isto me parece ridículo, excessivo, muito pouco importante. É um teatro de marionetas infantis que gesticulam em redor de um cenário sobre o qual se desenrola uma tragédia. Elas irritam-me, apetece-me virar-lhes as costas, e vou fazê-lo quando, aguda e confiante, se ouve a voz de Claire:

– Não esperava ser recebida assim. Vocês estão apenas invejosas. Não há motivo para não dizermos a verdade, não percebo porque é que ela vos incomoda... Se podemos escapar à câmara de gás, seria um erro não o fazer!

O seu tom de voz vai aumentando, as outras respondem-lhe, invetivam-na. Tenho de aceitar, o conjunto não nos é favorável. Sozinhas, como sempre, as russas mantêm-se à margem da discussão. As mais moderadas, como as judias gregas, Julie e Lili, e Yvette, que é forçada a imitá-las, chamam-nos «idiotas desgraçadas». As outras concluem o seu discurso tratando-nos como «mentirosas».

Onde é que a verdade entra aqui? Não temos o direito de nos afastar o mais possível da «raça eleita» perante a outra, a de quem comanda? Será depois, se sobrevivermos até que haja um «depois», que teremos de lutar, de reivindicar a nossa parte de judaísmo. Em nome de quê, de que virtudes, não deveríamos ter aproveitado esta oportunidade, se ela existe?

Calo-me, mas, como se diz em russo: «Enrolo isto à volta do meu dedo mindinho», não o esquecerei.

Repentinamente, como leite que levanta fervura depois de apagarmos o lume, o tom baixa, acalma-se; atraída pelo nosso alarido, Alma apareceu e observa-nos com frieza:

– Já voltaram?

Duvidaria ela de que voltaríamos?

– Estão satisfeitas?

O seu olhar irónico demora-se sobre o nosso triângulo insólito. Sem uma palavra, vira-nos as costas e entra no seu quarto. Julgo que enrubesço e isto parece-me mais absurdo do que tudo o resto!

Atrás de mim, ouço a discussão que se prolonga em redor da nossa salamandra, uma espécie de Godin gordo, preto e

atarracado:

– É ridículo acusarem-nos de trair os judeus. Se somos metade de cada lado, também estamos a trair os católicos! – raciocina Claire.

– Aí é que está o problema da miscigenação – salienta a Irena pequena.

Parece-me que se está a dar demasiada importância a este acontecimento insignificante. A minha decisão está tomada e, tranquilamente, volto a coser o segundo triângulo nas minhas coisas.

– Porque é que estás a fazer isso? – pergunta Claire, preocupada.

– Não sei, mas estou a fazê-lo.

Não sei... Algo em mim me induziu a este gesto, e julgo que esse algo está associado ao sentimento que também me levou a revelar à polícia a minha identidade verdadeira, preferindo morrer com o apelido do meu pai a fazê-lo com um apelido emprestado.

Pouco depois, a resmungar comigo: «O teu gesto absurdo obriga-me a fazer o mesmo! Como poderia ficar sozinha nisto?!», Claire reconstitui também a estrela de David.

Estranha estrela, cujas virtudes «mágicas» lhe valeram o nome de «escudo de David»!

A Irena grande

A salamandra ronrona. Esta presença é tranquilizadora, podemos sentar-nos em volta dela, conversar, quando Tchaïkowska e Alma estão deitadas ou ausentes: a *Pania* Tchaïkowska vai visitar outras simpáticas *Pania*, seres delicados do mesmo género que ela, com maxilares salientes e um cérebro tão pequeno que lhes deve tilintar dentro do crânio. Quanto a Alma, vai conviver com *Frau Schmidt*, a sua grande amiga. À parte a postura rígida, não percebo o que é que estas duas mulheres têm em comum. Ligeiramente entorpecida pelo calor, ouço a Irena grande.

Pensativa, entrelaçou sobre os joelhos as suas mãos de dedos compridos e rechonchudos, como os de uma criança. Curvada assim para a frente, os pés apoiados nas traves da cadeira, parece tão jovem que lhe pergunto que idade tem; ela confessa-me como se fosse um pecado:

– Tenho apenas dezasseis anos, sei que me dão facilmente mais três ou quatro anos. – Sorri-me. – Foi por causa desta aparência que, aos quinze anos, o meu namorado tinha vinte e dois anos!

Os seus olhos, de um azul intenso, muito cristalino, espreitam a minha surpresa. Satisfeita, continua:

– Por mais que eu fosse uma criança e ele, um homem, percebi logo que era amor.

Respeito o seu silêncio, no qual se acumulam recordações que lhe deixam os olhos marejados:

– Sim, foi amor a alegria que senti ao vê-lo, aquele calor. E eu até era muito feliz em minha casa. Na minha família, não me faltava nada. Não preciso de fechar os olhos para ver os meus pais, eles estão aqui... O meu pai empurrou os óculos para a testa, está curvado sobre a mesa e, com uma tesoura grande, está a cortar um fato, pisca um pouco os olhos para não se desviar do

traço de giz. O meu pai é um alfaiate muito bom, muito conceituado em Bruxelas. A minha mãe está na cozinha, a preparar uma carpa à moda judaica, e o meu pai chama-a e a minha mãe limpa as mãos ao avental e afasta-se com dignidade, com calma, dizendo-me: «Sabes, quando o teu noivo te chama, as tuas pernas devem correr; depois de te casares, vais devagar, pois ele não deve esquecer-se de que é a mulher dele quem lá vem, a mãe dos filhos dele.»

A verdade é que a minha mãe está um pouco forte e as pernas dela tornaram-se menos rápidas. Chegaram a Bruxelas de mãos dadas. A minha mãe diz que receava perder-se naquela grande cidade, com tantos elétricos e automóveis. Fugiam dos *pogroms* de Cracóvia. O meu pai tem uma voz bonita, canta na sinagoga da rue Lenglantier; como adora música, quis que eu fosse instrumentista, violinista. É graças ao seu desejo, graças a ele, que estou a salvo. A salvo! Que todos os deuses nos quais não creio o ouçam!... Até aos quinze anos, a minha vida foi simples, fácil, e depois conheci o meu príncipe encantado.

Ela desentrelaçou as mãos e estou à espera de a ver pousá-las sobre o coração, simplesmente porque ama, porque acredita no seu amor, o mais belo do mundo. Quinze anos! Pelo seu relato fluido, de cores ingénuas, imagino-a fascinada por conhecer o «homem», um rapaz de vinte e dois anos; ela fala dele com palavras de contos de amor, esses contos de fadas para raparigas bem-comportadas: o meu príncipe encantado, o meu amor lindo, o meu querido... Palavras que lhe acariciam lentamente a língua, que, para ela, não perderam nada do seu encanto, são verdadeiras.

Com as mãos pousadas sensatamente sobre os joelhos, a testa inclinada, entristece-se:

– A seguir, o caldo entornou-se: começaram as humilhações contra os israelitas. Eu estava preocupada principalmente com os meus pais, eles não paravam de recordar as perseguições das quais os judeus foram vítimas muito antes da fuga para o Egito; o meu pai é muito religioso. Foi nessa altura que conheci o Jean-Louis. Na segunda vez que nos vimos, ele disse que queria casar comigo: «Irena, nunca amarei outra mulher senão tu. Serás o único amor da minha vida...»

Estas palavras únicas, estas palavras excecionais, ela sabe-as de cor, escapam-se dela; a sua banalidade é uma pedra preciosa. Perante esta criança, eu, que nunca senti necessidade disso, sinto-me maternal, apetece-me abraçá-la, embalá-la como se ela fosse uma menina.

Irena continua:

– A família do meu marido é uma família importante na Bélgica. São pessoas muito ricas. Como havia uma grande

diferença entre as nossas origens e a nossa classe social, os meus pais ficaram preocupados. «Além disso», dizia o meu pai, «ele não é da nossa religião. Vocês não tiveram a mesma educação. Ele é muito rico...» «Tu és tão nova», afligia-se a minha mãe. «Saberás cozinhar para ele?» – Irena sorri ternamente. – Para a minha mãe, é a panaceia dos casais! O Jean-Louis convenceu-os facilmente com este argumento: «Casando-se comigo, a Irena ficará protegida, escapará às rusgas.» Todos nós acreditávamos nele. Os meus pais aceitaram, os dele recusaram. A mãe dele não queria uma nora judia. O meu amado fez-lhes avisos, todo o tipo de ameaças. Eles deserdaram-no, amaldiçoaram-no, expulsaram-no de casa. «Estou-me nas tintas, é a ti que eu amo, não o dinheiro!» Ele saiu de casa e, três meses depois de nos conhecermos, casámo-nos. Os pais dele não foram ao nosso casamento, a minha sogra estava furiosa, dizia coisas horríveis a meu respeito, eu sabia disto por intermédio de uma colega de turma cuja mãe era muito amiga da mãe do Jean-Louis. Tudo isso me era indiferente. Eu estava louca por ele, louca de alegria; o amor era uma coisa tão boa!

Como não acreditar nela neste dormitório onde as mulheres risonham, gemem, gritam, dão peidos enquanto dormem? Nesta penumbra triste, rasgada ocasionalmente por um holofote, Irena faz viver o amor como sonhamos com ele aos quinze anos. Ela solta um suspiro:

– Um ano de felicidade é pouco! A felicidade desapareceu quando nos apercebemos de que ser casada com um ariano não me retirava a classificação de judia, que eu não estava realmente protegida. Então, o meu marido arranjou trabalho numa pequena cidade e deixámos Bruxelas, levando o meu irmão mais novo, que os meus pais me haviam confiado, julgando que ele ficaria mais seguro comigo: o meu apelido é belga, é de uma família muito conhecida, não tenho os traços judeus definidos pelos alemães: gorda, baixa, morena, cabelo encaracolado, nariz descaído, lábios carnudos, olhos rasgados, tez verde-azeitona. Sou bastante alta, magra, tenho o cabelo castanho-claro, quase louro, a tez pálida, o meu nariz é bastante pequeno e os meus olhos são azuis. Não tenho sotaque, nasci na Bélgica, foi onde frequentei a escola, as minhas recordações são as mesmas de todas as jovens belgas, o meu feriado nacional é o delas. Nada, aparentemente, poderia revelar que sou judia. Nada, a não ser uma denúncia, mas isso era algo que eu não podia imaginar... Fania, nesse dia, lembro-me como se fosse hoje: à entrada da nossa casa, o meu amor, como todas as manhãs, diz-me que sou bonita, que os meus olhos são da cor dos miosótis, que tenho uma boca que pede para ser beijada. Ah, ele ama-me tanto! E eu despeço-me dele, beijo-o, empurro-o para a porta: «Vais chegar atrasado!» Ele sai, afasta-se,

desaparece... Foi a última vez que o vi. Meia hora depois, tenho o saco das compras no braço, chamo o meu irmão e, nisto, tocam à porta. Abro, são polícias belgas. Levam-nos aos dois, é quinta-feira, o menino não tinha aulas. Os polícias estão atrapalhados. Eu não percebo nada, não estou muito preocupada, não tenho motivos para isso.

Ela insurge-se contra esta arbitrariedade, mas a sua revolta permanece gentil, educada:

– Sabes, Fania, eu não tinha feito nada contra os ocupantes nem contra ninguém. Não sou como a Irena pequena, que foi presa por pertencer à Resistência; admiro-a por ter ousado, acho-a extraordinária. Mas nós, o meu irmão, um miúdo de dez anos, que fizéramos? Porque é que me arrancaram ao meu marido?

Abana a cabeça, à beira das lágrimas:

– Não, não, não consigo entender... Os polícias sentiram pena de nós, um deles disse-me: «É preferível que saibas a verdade. Assim, quando voltares, saberás o que fazer. Foste denunciada pela tua sogra.»

Desesperada, repete:

– A minha sogra!

Nem um insulto, nem um grito. Imagino-a fulminada por esta revelação, a fitar os polícias com o mesmo olhar de inocência incompreensiva que tem neste momento. É a minha vez de ficar com os olhos marejados. Contudo, ao referir esta denúncia, ela atreve-se a proferir uma espécie de julgamento:

– Sei que não sou muito inteligente, os meus pais diziam-mo, mas como é possível fazer tal coisa e ir à missa todos os domingos? O Jesus deles permite-lhes que o façam?

Certamente, não o permite, mas muitos dos seus crentes não parecem ligar a isso.

– Tenho a certeza de que o meu amado amaldiçoaria a mãe, se o soubesse. Ele ama-me tanto. Foi horrível não poder avisá-lo, vê-lo, abraçá-lo... Quando chegámos ao campo, separaram-me do meu irmãozinho, subiu para um camião, nunca mais o vi.

Ela fica angustiada e a sua voz torna-se trémula:

– O que é que vou dizer aos meus pais, quando regressar? Nunca me perdoarão por não lhes ter salvado o filho.

Pobre miúdo. Existirá um suplício suficientemente tortuoso para fazer os nazis pagarem por tudo isto, por esta denúncia, pela morte do menino?

Reconquistada pela sua paixão, Irena emerge da sua mágoa:

– Não tenho medo do campo, quero viver para o Jean-Louis, ele está à minha espera. O meu único receio é a mãe dele, que ela consiga voltar a conquistá-lo, que volte a controlá-lo, e tenho tudo a recear. É tão fácil livrar-se de uma esposa judia; não são

necessárias formalidades, o casamento é imediatamente anulado, como se nunca tivesse sido celebrado. Mas estou confiante, sei que o meu amor está à minha espera, que nada consegue separar-nos.

A salamandra ronrona e Irena também, bonitas palavras ternas, todo um rosário de amor, que, meio a dormir, repete incansavelmente.

Ao regressar, Irena ficará a saber que o marido se casou com outra, que a sua sogra brinca com dois netos. O seu amado, o seu grande amor, não esperou nem dois meses. Santa ignorância!

Se ela tivesse sabido, estou convencida de que a nossa Irena grande não teria arranjado coragem para viver, ter-se-ia deixado morrer, era tão fácil...

Deitada na minha enxerga, as palavras de amor de Irena não me saíam da cabeça. Sinto-me quase sozinha no alto do meu beliche; à minha esquerda, Claire, à minha direita, nada, um pedaço de parede, uma esquina, é repousante. O que mais me custa é nunca estar só. Não existe qualquer liberdade para gestos íntimos: temos de nos coçar à frente de todas as outras, ou não nos coçarmos de todo. Vivemos sob o olhar das outras. Por vezes, tenho a sensação de que até o próprio pensamento se torna público.

Esta noite, esta menina, com a sua paixão imaculada, fez ressurgir em mim todo o tipo de cenas do passado, recordar imagens não esquecidas, mas constantemente reprimidas, prejudiciais para a minha sanidade mental, para o meu equilíbrio. Agora inacessível, o amor pertence aos temas proibidos, e aquela menina fascinada abalou-me o suficiente para eu me deixar consumir pelas recordações.

Acabei de fazer dezasseis anos. Estou a voltar do conservatório de música. São horas de jantar, a minha mãe, que é linda e cujas pernas compridas invejo frequentemente, suspira com pouca convicção: «Oxalá o teu pai não volte a aparecer com um qualquer!» Esta frase, que ela pronuncia maquinalmente, é habitual. O meu pai é a generosidade personificada, o coração dele comove-se com todas as infelicidades: um amigo cuja mulher o deixou ou um desconhecido que confessa a sua fome, a sua solidão, torna-se convidado durante um serão ou vários.

Porque haveria este jantar de ser diferente dos outros? O meu pai chega mais tarde e traz com ele um homem de cabelo completamente branco: «Querida, trouxe um amigo.» Há quantas horas é amigo do tal Boris que acaba de nos apresentar? À refeição, a minha mãe e eu ficamos a saber que ele é russo, engenheiro como o meu pai, emigrante, e naturalmente está

desempregado. Num serão, Boris conquistou a mãe e a filha. Que elegância, que encanto, que gentileza, a sedução personificada. De sonho.

A minha mãe não se apercebe do que está a acontecer-lhe e eu não entendo nada das coisas mais elementares da vida! Faço tudo ao contrário. Tenho vontade de rir e de chorar. Estou apaixonada! Como agrada aos meus quinze anos aquele homem de trinta e sete anos, com uns olhos azul-esverdeados profundos como glaciares, que se derretem a fitar-me.

Boris aparece todas as noites. O meu pai arranjou-lhe, na fábrica da qual é diretor, um emprego como operário, e quando imagino as suas mãos esguias de dedos finos, nervosos, dedos de pianista, a agarrarem delicadamente, como se fosse uma flor, o cabo da vassoura nas oficinas, o meu coração derrete-se, e encanta-me que, altivo e sereno, o meu príncipe, pois ele é-o, varra. Na noite dos dias de pagamento, transforma dois terços daquilo que recebe em ramos de flores que oferece à minha mãe. As suas roupas arranjadas discretamente, remendadas lá em casa, assentam-lhe com uma elegância suprema. O meu pai não comenta, sorri, amável e distante. Sei tudo a respeito do Boris: condenado à morte na Rússia bolchevista, o seu cabelo embranqueceu de um dia para o outro... Não é maravilhosamente romântico? Ele fugiu, deixando lá a mulher e um filho, dos quais não soube mais nada. Comovo-me, pronta a chorar com ele, de preferência nos seus braços, secretamente feliz por a sua família estar tão longe, principalmente a mulher. Pois Boris rodeia-me com os braços e abraça-me. Ao sair do conservatório, todos os dias, corro a encontrar-me com ele às escondidas, no hotel onde está hospedado. Subo os quatro andares, bato à porta e entro.

O quarto é exíguo. Em cima da mesa de cabeceira, um candeeiro a álcool substitui o samovar. Num canto da divisão, perto da porta, junto ao teto, o ícone é tão escuro que, ao anoitecer, o rosto da Virgem é como um ectoplasma. O quarto está cheio de fumo, agrada-me o odor adocicado do tabaco do Oriente, torna tudo mais poético. Boris está à minha espera, tem um roupão de seda, um vestígio dos seus esplendores. Sem pudor – mas de que me serviria? –, dispo-me e meto-me na cama dele. Durante quase todo o tempo, Boris fica sentado na sua poltrona, a fumar, a beber chá, a contar-me histórias, a tratar-me por Faniouchka, pequeno miosótis... Por vezes, senta-se em cima da cama, beijos, uma carícia, nunca vai mais longe, enquanto eu tremo de desejo. Ele explica-me que quer manter-se leal para com os meus pais e para comigo, que é casado e está impossibilitado de se divorciar. Eu não desisto. Nas minhas leituras numerosas, variadas e aleatórias, aprendi que um homem sucumbe sempre àquela que se oferece, que a paixão é contagiosa. Como tal, com

perseverança e a paciência de uma gata, continuo a provocá-lo. Pobre Boris! Desde então, ganhei consciência do suplício que lhe infligia. Quando ele se farta, põe-me na rua, quase com maldade: «Vai-te embora!» É verdade que, cansada de me oferecer, o insultei: «Tu não és um homem, não passas de um impotente!» Eu desejava-o com todas as minhas forças. Que martírio devo tê-lo forçado a suportar!

No dia do concurso do conservatório, um drama deixou-me devastada! Boris não se encontrava na sala, embora me tivesse garantido que viria. Solucei até não conseguir respirar. Foi em pleno desespero que toquei uma balada de Chopin. Ao sair do palco, um milagre! Boris estava ali, ficara nos corredores, para não me perturbar. Que imbecil! Fora a sua ausência que me torturara. Abraçando-me, felicita-me, e é assim que sei que acabo de receber o primeiro prémio de piano.

A recompensa suprema que eu esperava dele, ele não me deu, e, poucas semanas mais tarde, deu-se a tragédia. A minha mãe apanha o Boris a abraçar-me e a beijar-me apaixonadamente; ela retirou-se sem dizer uma palavra. Uma hora depois, ameaçava atirar-se da janela, dizendo: «Prefiro morrer a ver uma filha com um velho.» Nos dois dias seguintes, evitou ostensivamente cruzar-se com ele, falar com ele. O meu pai mantinha a sua expressão ausente, mas eu sentia que ele não concordava com o nosso amor, pois Boris, vinte e dois anos mais velho do que eu, amava-me do fundo do coração, queria divorciar-se e casar comigo. Ao terceiro dia, Boris não apareceu. O meu pai não ficou preocupado. Nunca mais o vimos. Para onde terá ido curtir o desespero por ter traído a hospitalidade dos meus pais? Eu não sabia e, à noite, chorava na cama.

Contudo, voltei a sair, tinha muita liberdade, o meu pai queria que eu a tivesse. Quando chegava a casa, a minha mãe estava a dormir e o meu pai estava sempre acordado, para me receber com um: «Divertiste-te?», tão terno que o meu coração era capaz de todas as confidências, ainda que eu não tivesse para partilhar com ele nenhuma que fosse importante. Uma noite, sentou-me no seu colo e disse-me: «Sabes, minha filhinha, se te acontecer alguma coisa, não faças disparates, fala comigo. Para o teu filho, o meu apelido não será pior do que o do tipo que te tiver engravidado.»

Para pôr fim à minha melancolia, o meu pai, a pretexto de uma viagem de trabalho, sugeriu-me que o acompanhasse a Espanha. Parti com o meu desgosto, usando-o como uma espécie de adorno que, aos meus olhos, me tornava mulher.

Na cabina com cama do comboio, está abafado. O meu pai dorme profundamente. Entreabro a porta e esgueiro-me para o

corredor. Encontro um rapaz, bonito, simpático, conversamos, rimo-nos; pouco depois, parece-me que o amanhecer por detrás das janelas faz nascer paisagens fugidias.

– Conhece Carcassonne?

– Não.

– E se nos apeássemos?

O comboio acaba de entrar na estação, acho a ideia formidável. A cidade emerge da noite, os primeiros raios de sol conferem-lhe um tom dourado suave e delicado, parece-me feérica, maravilhosa, e passamos o dia como se tivéssemos faltado às aulas. Ao anoitecer, apanhamos o comboio e descemos até à fronteira. Não tenho documentos nem dinheiro. Foi tudo tão simples e sem malícia. Lembro-me do nome do nosso hotel em Barcelona e telefono ao meu pai. Só nesse momento me ocorre que ele deve ter ficado preocupado. «Não», responde-me ele. «Viram-te a apeares-te em Carcassonne, eu sabia que não caíras da carruagem. Pensei que te tinhas atrasado e que tinhas perdido o comboio.» E não me diz mais nada, nem uma pergunta, nem uma palavra de censura; o meu pai não existe! Despeço-me do meu companheiro; entre nós, nada aconteceu, a não ser um dia único que nunca será esquecido.

Ao fim de algumas horas de espera, que passei a vaguear, o meu pai vem desalfandegar a filha, apeia-se de um automóvel, acompanhado de um homem jovem: um espanhol, de cabelo negro como as asas de um corvo, olhos andaluzes e uma expressão de desprezo nos lábios. É o diretor da fábrica com a qual o meu pai trabalha, e partimos no automóvel conduzido por um motorista. O meu coração transborda de amor pelo meu pai, mas a presença daquele rapaz desdenhoso irrita-me.

Mais preocupado do que quis mostrar-se, mas com a sua simplicidade habitual, o meu pai contou-lhe a história. Julgando-se espirituoso, o espanhol diz-me com um tom que ele considera severo:

– Todas as raparigas francesas se apeiam do comboio com qualquer um?

– Sim, se tiverem um pai inteligente. E não foi com qualquer um, pois eu escolhi-o.

– Em Espanha, as coisas não funcionam assim. Estou noivo há sete anos e nunca estive cinco minutos a sós com a minha noiva.

– No vosso lugar, essa falta de confiança incomodar-me-ia!

O seu desdém em relação a mim tem um laivo de interesse que me diverte, mas nada mais, pois não gosto nada dele.

Alguns meses mais tarde, este rapaz, que eu esquecera completamente, anuncia ao meu pai a sua ida a Paris; surpreendido, o meu pai convida-o para jantar. Ele aparece, com um ar formal e um enorme ramo de flores nas mãos enluvadas,

fica a sós com o meu pai e pede-lhe cerimoniosamente a minha mão. O que nós nos rimos!

Tudo isto era apenas divertimento para uma miúda que, tendo uma mãe tão bonita e sentindo-se ela tão baixinha, ficava radiante por se aperceber de que também sabia agradecer.

No lugar onde me encontro agora, estas recordações de outros tempos ressoam com uma certa estranheza. Posso, sem receio, enternecer-me em relação aos meus pais, pois já nada têm a temer da vida. Morreram ambos sem ter sido perseguidos como animais de caça imundos, infames. «Caçadores de judeus» fica pior num cartão de visita do que «caçadores de feras»!

O amor que eu procurava tão avidamente, encontrei-o – até me recorde da data – num dia 6 de setembro. Um dos meus apaixonados, pois tenho uma coleção deles, marcou encontro comigo no La Coupoule. Estou um pouco atrasada, entro apressadamente na porta giratória que se imobiliza repentinamente; do outro lado do vidro está um diabo grande, elegante, com uns olhos bonitos, um nariz grande e de braço ao peito. Empurro a porta para entrar, ele sorri, não resiste, dá uma volta completa à porta e vai ter comigo no interior do café. Rimos os dois, os dentes de ambos refletem o seu brilho e os nossos olhos, a sua alegria. Ele agarra-me no braço; ao longe, o meu namorico acena-me vigorosamente com a mão: «Anda daí! Estou aqui!» Usando o mesmo tipo de linguagem, a minha mão diz-lhe: «Adeus!» Vou-me embora com o outro, de braço dado. Depois, de mãos dadas, vamos beijar-nos no Bosque de Bolonha, debaixo de chuva; nesse dia, chovia!

Na atmosfera viciada pelo sono destas mulheres, o cheiro imaginário das árvores molhadas refresca-me. Eu tinha todo o rosto salpicado de pingos de água, que me deslizavam pelas faces como lágrimas; o queixo barbeado dele arranhava o meu, era maravilhoso. Nunca me haviam beijado assim! Beijos decisivos, pois resolvi que Sylvain seria meu marido.

Pela primeira vez, o meu pai opõe-me resistência, considera que aquele rapaz, um caricaturista muito talentoso, não é um marido, que se trata de um erro, sem dúvida sedutor, mas um erro indiscutível. Eu estou completamente enfeitiçada e caso-me, a 28 de outubro, para assistir, dois dias depois, à partida do meu marido para o serviço militar, deixando-me virgem. Tenho medo do amor, aproximei-me dele, mas é-me desconhecido e, sabe-se lá porquê, aquele Casanova torna-se tímido na minha presença. Vou passar o fim de semana com ele, sem quaisquer consequências a não ser uma grande alegria no coração. Ao fim de seis semanas, preocupada, duvidando de mim, vou com Sylvain a uma consulta com o nosso médico de família, que me conhece desde muito

pequena; exponho-lhe o meu problema e digo-lhe com um tom infeliz: «Se não sou normal, faça qualquer coisa, nem que seja preciso usar um bisturi.» Ele ri-se tanto que a corrente do seu relógio de bolso lhe salta sobre a barriga. E, com um sotaque meridional que confere ainda mais cor ao assunto, responde-me: «Se o teu marido é assim tão parvo, miúda, eu é que vou servir de bisturi!» Mandou entrar o meu marido, falou com ele a sós. Nunca soube o que lhe disse, mas foi mágico. Julgo que tínhamos medo um do outro; ele não se atrevia e eu retraía-me.

À noite, Sylvain manda preparar para mim um jantar maravilhoso, acompanhado de champanhe; bebo, bebo, sinto-me ligeiramente tonta, esqueço os meus receios, ele também, e, por fim, faço amor! Que revelação! O amor é tão bom! O meu marido adora proporcionar prazer, não é egoísta... Até de menos... Um mês depois, quando ele se encontrava de licença, uma amiga violinista muito feia vai jantar a nossa casa. Educadamente, Sylvain oferece-se para a levar a casa. Passa uma hora, passam duas horas, três horas, quatro horas. Desesperada, choro enquanto me visto, o meu marido só pode ter sofrido um acidente e vou à esquadra de polícia. Um ruído de chaves tranquilizador sossega-me. Sylvain está diante de mim, sorridente, e pragueja de boa-fé: «Ah! As tuas amigas gostam de mim! Quando chegámos à porta da casa dela, ela sugeriu: “Venha tomar um café.” Seria indelicado recusar, subi. Depois de beber o último gole, não podia vir-me embora, pois não seria correto. Fiquei. E o que haveria eu de fazer se ela não queria outra coisa? Ah! As tuas amigas gostam de mim! Para a próxima, escolhe uma que seja bonita!»

Labiche ou Courteline? Tornara-me demasiado depressa uma mulher casada.

Fiquei muito magoada, chorei, e, a seguir, nem precisava de lhe perdoar. Muito rapidamente, passou a ser-me indiferente que ele andasse a fraldiscar!

Alguns meses mais tarde, Sylvain foi dado como desaparecido em Dunquerque, eu tornara-me viúva de guerra. Por vezes, julgo que ele talvez não tenha morrido, mas isso não me deixa mais feliz do que se ele fosse um primo afastado do qual eu gostasse; não digo que fosse um amigo, pois nunca tivemos uma relação de amizade, de cumplicidade; a única que eu partilhava com ele era a do nosso corpo. Como esquecemos facilmente, como as alegrias que nos pareceram quase dolorosas se desvanecem...

Espantoso Sylvain... Recolhido pelos ingleses e tratado em Londres, depois de curado, foi para Marrocos, onde casou tranquilamente com uma marroquina, à qual iria fazer alguns filhos, sem se preocupar mais comigo, tudo isto no espaço de três meses. Ele não precisara de uma mãe para o incentivar a

divorciar-se de uma judia; encontrara e adotara esta solução, sem qualquer problema de consciência, sem sentir sequer a necessidade de me avisar – na altura, eu ainda não fora detida –, o que, ainda assim, teria evitado que me julgasse viúva durante quatro anos!

Mas, naquela noite, ao escutar Irena, eu não podia saber que o nosso destino enquanto recém-casadas, por sermos judias, havia sido o mesmo... o abandono.

E ao sétimo dia...

Este sábado começa mal, e as raparigas, ainda pior. Lá fora, está muito frio. Apesar da salamandra, os vidros estão cobertos de gelo. Todas nós, ou quase, tivemos um sono interrompido por pesadelos e insónias desesperantes. Desde ontem, a cinquenta metros do nosso bloco, entre os dois campos, o dos homens e o nosso, os deportados trabalham para concluir a via-férrea que permitirá que os comboios cheguem diretamente ao interior do campo. A pequena estação de Auschwitz voltará a ser uma estação igual às outras. Isto evitará os transportes em camiões, dispendiosos em gasolina.

Florette dorme e sinto pena, ela tem um sono povoado, disse-me, de sonhos feéricos, autênticos contos com fadas e príncipes encantados. Que evasão maravilhosa! Todas as manhãs, é a mesma luta, ela agarra-se ao seu sono-refúgio. Abano-a, ela nem sequer resmunga, ignora-me. À minha frente, Ewa avisa-me:

– Acorda-a, a Tchaïkowska é capaz de lhe bater!

Tarde de mais, *Panią* Tchaïkowska, gritando *Aufstehen!*⁴⁷ a ponto de rebentar com as cordas vocais, seguidos de simpáticos *Alles Raus! Alles Raus!*⁴⁸ faz a sua entrada matinal, acompanhada da inevitável *Panią* Founia, que, dominando perfeitamente o seu ritual, de cabeça erguida – Florette dorme na terceira plataforma –, berra o seu repertório de insultos polacos. Gritos em vão. Florette dorme. Dorme de barriga para baixo, a cabeça enfiada entre os braços que, com uma precaução sábia, lhe tapam os ouvidos. Founia afasta-se, prometendo que será a SS a resolver aquele assunto! Não tenho tempo para subir, para abanar uma última vez a dorminhoca inveterada.

– *Achtung! Zumm Appell! Fünf zu Fünf!*⁴⁹

Acompanhada de Irma Grese, a SS com cara de anjo, a *Aufseherin Frau Drexler* entra e, esta manhã, o seu andar de canhoneira é particularmente marcial. O seu primeiro olhar é para as camas vazias, bem-feitas, impecáveis. Detém-se diante de Florette, e o corte horizontal da sua boca torna-se ainda mais fino; com a mão enluvada de couro, arranca a coberta, puxa por ela. Inocente e infantil, aparece um pé descalço, que ela agarra: como um fantoche com os membros moles, o corpo de Florette parece desmanchar-se, tenho a sensação de ver a cabeça dela a estilhaçar-se sobre o cimento. Sinto o coração a bater na garganta, apetece-me gritar: «Basta! Basta! Partiu-lhe a cabeça!» Florette fica estendida no chão, a camisa subida revela o seu corpo: coxas magras, nádegas minúsculas, descaídas, que dão dó. Ela mexe-se, endireita-se, corre-lhe um pouco de sangue de um ferimento, põe-se de pé e fica ali, de camisa, o que é formalmente proibido, a olhar não se sabe para onde, imóvel e relativamente em sentido.

O desprezo altivo, enojado, com o qual Drexler fita a pobre miúda, que vacila diante dela, enche-me de raiva. Ao seu lado, Grese, de tranças cor de trigo maduro, sorri vagamente. Os seus olhos, com uma expressão pura e inocente, observam Florette com curiosidade; impercetivelmente, a sua chibata fina vai batendo no couro da sua bota. Que idade terá? Talvez uns vinte anos. Muitas histórias correm a seu respeito: é de uma ferocidade rara e objetiva. As mulheres aprenderam a temer o seu interesse, cuja menor manifestação é uma chibatada no bico dos seios. Dizem que é sensível aos encantos femininos, e Florette, algo selvagem e com uns olhos espantosamente verdes, é muito bonita. Só nos faltava isto! A minha imaginação corre demasiado depressa: as vigilantes não dirigem sequer um insulto à pobre miúda. As senhoras passam, estão com pressa, têm mais «chamadas» para fazer.

Depois de saírem, Alma aproxima-se de Florette e, friamente, esbofeteia-a duas vezes, com grande rapidez. O gesto revolta-me e o silêncio forçado que mantenho revela a minha impotência. Como castigo, intima-a a lavar o chão da sala de música. Assim que Alma vira costas, Florette explode em imprecações furiosas que, desta vez, aprovo. A seguir, vai-se abaixo, caída aos pés do seu beliche, chorando e soluçando convulsivamente, chamando desesperadamente: «Pai, mãe... Mãe!» Inclino-me para ela, abraço-a:

– Então, pequenina, tem calma. Sabes perfeitamente que tens de levantar-te. Cometes um erro e aqueles estafermos aproveitam-se. Tem calma. Amanhã tiro-te da cama e faço-ta...

Ela chora de fúria:

– Não, não vais fazer a minha cama e eu também não vou fazê-la, estou farta deles!

A voz pausada, mas autoritária, da Irena pequena põe fim à crise:

– Deixa-te lá de disparates, veste-te, faz a cama, não terás tempo sequer para beber o teu café. A sala tem de estar lavada antes do ensaio. Não percebo qual é o prazer que tens em estar sempre a arranjar sarilhos!

Maravilhosamente calma, Florette concorda:

– Sim, sim, tens razão. Não voltarei a perder as estribeiras.

A Irena pequena é a única a ter este poder sobre ela. Minutos depois, ajoelhada, de pano na mão, Florette lava rapidamente o soalho da sala, resmungando:

– Cabras, cabras nojentas...

– Estás a ver? – faz-me notar a Irena pequena. – Ela é incorrigível!

Acrimoniosa, Claire intervém:

– É verdade, ela é insuportável! Por causa dela, corremos o risco de sermos todas castigadas.

Quanto mudou, e tão depressa, a suave Claire, com a sua cara de boneca, que se encostava a mim no bloco de quarentena. Estes lobos vão transformá-la numa hiena.

Dirige-se a mim:

– Fania...

Fita-me, os seus olhos negros mais salientes de espanto.

– Que é?

– Fania, o teu cabelo...

– O que é que tem o meu cabelo?

– Está a nascer branco. Tens o cabelo todo branco!

Lá fora, a chamada foi interminável. Lembro-me das raparigas que morrem de frio. Nós, como as cordas nos batem nos dedos e não conseguimos tocar se os tivermos gelados, estamos dispensadas das paradas, mas as outras, as *kommandos*, saem para o exterior. Aquelas pobres criaturas, lívidas, descarnadas, sujas, arrastam-se, carregando penosamente o sopro de vida que subsiste nelas; aquelas mulheres transformadas em bichinhos medrosos, esfalfados, mais mortas do que vivas... Para nós, são as «outras». Uma designação horrível. Penso nelas, a sua existência obceca-me, parece tirar-me o direito de estar num ambiente aquecido, limpa, com roupas confortáveis. Com elas, apenas partilho a fome, e, como ainda não vi «muçulmana» alguma no bloco da música, até as nossas hipóteses de vida parecem um pouco menos hipotéticas.

Passaram somente dez dias desde que cheguei e tenho a sensação de viver aqui há um espaço de tempo imensurável: um

ano, uma hora? Provavelmente, ainda não vi nada. A minha experiência é insuficiente para esclarecer as dúvidas que me surgem constantemente. A nossa interação com as «outras» perturba-me, inquieta-me. A Irena pequena confessou-me que procurara contactar com a Resistência do campo, mas que não conseguira; mulheres e homens têm a nosso respeito, «as raparigas da orquestra», ideias falsas, desconfiam de nós. Os contactos

entre elas e nós são raros, episódicos. Contudo, por vezes, uma destas mulheres vem ter connosco. Por se sentar numa cadeira, por estar junto de uma salamandra, corre o risco de ser castigada e – porque não? – morta. É por seu intermédio que sabemos como é a vida delas:

– Os SS mandam-nos construir casas, temos de empilhar, umas em cima das outras, pedras cobertas de gelo, que nos queimam as mãos. Quando a nossa construção não fica ao gosto deles, temos de subir ao topo da parede erguida e atirar os pedregulhos, que tanto nos custaram a içar, para o chão, onde se encontram as companheiras que os trazem. Como elas estão proibidas de se desviar, tentamos atirar as pedras para longe, mas algumas de nós mal conseguem carregá-las, pelo que, ontem, três das nossas foram atingidas na cabeça e morreram. O *Schaführer*50 riu-se. Disse-nos: «*Ach! Estas judinnen não prestam para o trabalho manual, são tão inábeis que matam as suas companheiras...*» Carregar pedras para o alto de uma parede e, depois, ter de as atirar lá de cima!

Estendeu os braços na nossa direção, um osso coberto de uma pele gretada, fendida, demasiado flácida...

Ela ficou ali, sem reação, fora do mundo, da vida, a murmurar com horror: «Amanhã começa tudo outra vez!...» E nós estávamos no quentinho, abrigadas... Como poderiam elas gostar de nós?

Atolo-me nos meus pensamentos.

O ambiente geral torna-se ainda mais pesado após o apito de aviso de um *Blocksperre*.

– Alguém tem notícias da Marta?

Aparentemente inócua, a frase paira no ar durante um instante. Ewa responde:

– A Alma deve ter.

Anseio pelo regresso da tal Marta, a nossa única violoncelista, que não conheço. Com ela, faríamos uma música melhor e, julgo eu, ficaríamos assim mais protegidas dos impulsos daqueles que mandam em nós. Quem poderá saber se Alma se preocupou com ela? Terá feito com que Mandel se interessasse pelo destino da sua instrumentista? Quem ousaria fazer estas perguntas a Alma?

É Florette quem responde a Ewa:

– Se estivermos a contar com ela, bem podemos morrer todas!

A sua raiva irrita-me; intervenho:

– Estás enganada. Sempre que a Alma me pede um novo arranjo, tenho de escrever a partitura para o violoncelo, precisamente como se ela soubesse que a Marta pode voltar a qualquer momento.

Florette teima:

– Não acredito muito nisso. A Renate, a irmã dela, deixou de aparecer aqui, o que não é bom sinal. O *Revier* não é uma casa de repouso, mas a antecâmara do bloco 25!

– Tu estiveste lá e voltaste.

– Tive sorte, mas não aguentaria mais quarenta e oito horas! Raras são aquelas que escapam. Quando a doutora me disse: «Tens um fleumão, ficas cá», a Tchaïkowska que me levava lá soltou uma gargalhada trocista: «Adeus!» Ela estava certa de que não voltaria a ver-me. Passei lá seis semanas. Aquilo é tão horrível que preferiria morrer a voltar para lá: não há medicamentos, não há tratamentos, não há comida. A enfermaria é uma reserva para as seleções, os SS vão lá diariamente buscar gente. A morte cura tudo!

Jenny intervém:

– A verdade é que, sem a Marta, a orquestra fica manca, e, no *Lager*, estar manco não contribui para prolongar a vida!

Ewa afirma, apaziguadora:

– Ela foi para lá há três semanas. A nossa contrabaixista permite-nos esperar por ela.

Jenny escarnece:

– Torne-se contrabaixista em cinco lições! Foi o que a Yvette teve e, como nunca apertou uma corda na vida, amanhã não será a véspera do dia em que teremos uma orquestra sinfónica!

Embora as piadas infantis de Jenny nos façam rir muitas vezes, o seu azedume maldoso é exasperante. Ao ouvir a palavra «contrabaixo», a irmã mais velha de Yvette levantou a cabeça:

– Achas que a minha irmã não toca bem?

Intervenho:

– A Jenny está a ser injusta. São precisos anos para formar um contrabaixista. A Yvette não se safava mal. Não lhe é pedido que faça mais do que faz: acompanhamento.

Conflituosa, Jenny vira-se contra mim:

– Estou-me nas tintas para a tua opinião! Aliás, nem sabes o que estás a dizer. Se o teu famoso «acompanhamento» não agradar à Mandel, ela manda-nos a todas tomar um duche de gás!

Desagradar é o medo coletivo. Os rostos viram-se para Yvette. Protetora, plantada diante da irmã, Lili, baixa e atarracada, de mãos nas ancas que mantêm um vestígio de gordura, esforça-se

desesperadamente por exibir uma superioridade infelizmente contrariada pelo seu rosto redondo e lunar. Carregando bem nos erres, sonoros como tambores, exclama:

– Não vais *rrresponsabilizar* a Yvette. Hei de proteger a minha irmãzinha da tua inveja venenosa...

– Aguenta aí os cavalos! – interrompe-a Jenny. – Tu dás-lhe cabo da cabeça, torna-la estúpida com as tuas parvoíces. Não faças isto! Não faças aquilo! Chagas-lhe o juízo e a nós também. Graças a ti, quando for para o céu, a miúda vai ter o São Pedro à espera dela para lhe dar logo o estatuto de virgem e de mártir!

Lili sufoca de indignação, mas não abdica da sua postura de *mater familiae* e explica-nos que só ela, ex-professora de música, é capaz de avaliar as capacidades da irmã e que seria uma grande «desgrrrraça» se, por causa da estupidez de todas nós, a Yvette fosse parar à maldita câmara de gás, porque, afirma ela com um entusiasmo nobre: «A nossa família *perderrrria* o seu Sol!»

– Não te preocupes, não perderá a sua Lua! – replica Jenny.

Desatamos todas a rir, caindo imediatamente em desgraça aos olhos de Lili. Gargalhadas de alunas de colégio interno num ambiente de morte.

Quatro horas da manhã, uma das horas piores, aquela em que tememos acordar. O carrocel começa a girar, a neura pôs uma moeda na ranhura e a roda dos pensamentos destrutivos não para. A nossa salamandra arrefeceu, a transbordar de cinza, e deixou de ser reconfortante. Dormito vagamente quando um miado, seguido de uma espécie de ronco grave, rasga a noite no nosso dormitório: abalada pelo sarcasmo de Jenny e pelas censuras da irmã, Yvette toca contrabaixo. Antes de eu ter tempo para saltar da minha enxerga e pôr fim àquilo, ecoa da sala de música um «ohhhh!» horrorizado. Acorro e encontro Yvette, diante da caixa do seu contrabaixo, a chorar convulsivamente:

– Meu Deus! Quem é que me fez isto?

Do fundo bojudado do estojo enorme escapam-se uns quantos pensos higiénicos usados, e nós desatamos a rir perante algo tão absurdo, enquanto *Paniq* Founia, com a boca mais torta do que nunca, olha para aquilo sem perceber, e Tchaïkowska vomita os insultos habituais. Alma sai do seu quarto, escandalizada por ousarmos fazer barulho! E fica-o ainda mais perante a causa pouco agradável daquele alarido.

– *Acht! Schwein! Schwein!...* De onde vieram estas porcarias? Quem é que as pôs aqui?

Furiosa, exprime dúvidas quanto ao nosso estado mental, acusa-nos de não termos qualquer noção de honra, pouco falta para nos dizer que não somos dignas do campo que nos alberga!

– Vão deitar isto fora! – exclama ela para Tchaïkowska, que

procura com o olhar a vítima à qual irá retransmitir a ordem.

É Yvette:

– Foste tu quem encontrou isto, és tu quem vai tirá-lo daqui.

Esta forma de justiça acalma-a. Digna, Alma retira-se, e Tchaïkowska, seguida de Founia, faz o mesmo.

Este incidente trivial tem um desenvolvimento inesperado, desperta os nossos receios, e é Jenny quem passa ao ataque:

– Esta agora! Aquela que assistir à chegada dos ingleses aqui, vai ter uma sorte e peras!

Sou a única que sorri perante a ambiguidade desta metáfora.

– Alguém teve de juntar estes pensos – constata Florette. – Quais de nós é que estarão com o período?

Os olhares viram-se para Lili, que detesta tomar duche e cujo eterno pretexto é: «Não posso *tomarr* duche. Estou com o *perrríodo...*», e as polacas escarnecem: «É uma porca; obviamente, é judia.» A Irena pequena encolhe os ombros, é impossível, não só Lili nunca pregaria à irmã uma partida tão desagradável, como é mais do que óbvio que mente, pois sabemos que deixou de ter o período. Ela só não gosta de água. Então?

O alvo de interesse alterou-se, descobrir a culpada perdeu a importância: todas a invejam. Só pode ser uma russa ou uma polaca, só entre elas existem ainda mulheres que menstruam. São as únicas que conseguem resistir à anemia.

Florette e Jenny são da opinião de que nos põem uma porcaria qualquer na sopa, mas devem estar enganadas, pois o trauma e a debilidade fisiológica bastam para acabar com a menstruação. E ainda bem que assim é, pois para aquelas que, no início, ainda têm o período, a situação é muito complicada: não têm como se lavar, nem nada que possam usar. Como se fossem cadelas, o sangue escorre-lhes pelas coxas, pinga-lhes de entre as pernas. Preocupadas com o asseio, as *Blockowa* batem-lhes, obrigam-nas a limpar o que sujam. Uma humilhação, mais uma agrura! Contudo, neste instante, todas invejam a desconhecida maldosa, e Margot, a checa, resume o sentimento geral:

– Quem me dera estar no lugar dela.

E Hilde acrescenta:

– É muito duro deixar de saber o que é essa fase impura, deixamos de sentir-nos mulheres, parecemos velhas!

Timidamente, a Irena grande aflige-se:

– E se, «depois», ele não voltar?

As suas palavras suscitam um gesto de horror, é como se fôssemos invadidas por um arrepio de pavor. Aquelas que percebem mal o francês pedem que lhes traduzam a frase. Há católicas que se benzem, há mulheres que recitam o *Shema*, todas procuram exorcizar a maldição que os alemães fazem pesar sobre

elas: a esterilidade.

Depois disto, como se consegue dormir? O riso foi escorraçado pelo perigo de perder esse privilégio sagrado: um ventre fértil. Terão, aquelas que sobreviverem, de pagar pela desgraça da sua passagem por aqui com esta mutilação secreta: nunca mais ser mulher? Nenhuma de nós possui conhecimentos médicos suficientes para poder racionalizar o assunto. Por isso, permanecemos acordadas com este medo que nos habita.

Na noite, uma mulher chama: «Mãe!» Este grito magoa-nos, e aquela que fica mais ferida queixa-se em voz alta:

– Ah, não! Isso não, isso não!...

Hoje, «ganho» três novas copistas. Uma das judias alemãs, Elsa, que até é simpática, a quem o cabelinho ruivo, o narizinho coberto de sardas e os olhos negros dão um ar de Poil de Carotte⁵¹. Duas das russas: Alla, vinte e dois anos, olhos dourados que evitam o nosso olhar... Por timidez ou desconfiança? Apenas fala com as compatriotas; Sonia, a *Sonderhäftling*⁵², este título não constitui uma referência. É ucraniana, uma rapariga bonita e bem constituída, o que também não abona a seu favor; no entanto, é suave e apagada, mas o que me importa é o facto de ser muito boa música. Alla e Sonia eram nossas pianistas, ficaram sem instrumento. Alguns dias após a minha chegada, soldados levaram o nosso magnífico *Beckstein* de concerto, que deve ter pertencido a um judeu, para o colocar na messe dos gloriosos oficiais do campo. Fiquei triste, não tive muito tempo para o usar! Contudo, nas poucas vezes em que lhe pus as mãos no teclado, pensei naquelas que ali as haviam pousado antes das minhas. Concertista, menino-prodígio, filho de ricos, um idoso?...

Alma dirige-se a mim, sorridente:

– Estás satisfeita, poderás fazer-nos novos arranjos.

Sem esperar que eu aquiesça, vira-se para as suas executantes.

– Amanhã, não se esqueçam de que temos concerto! Quero que seja im-pe-cá-vel! O *Belo Danúbio Azul* faz parte do programa e vamos ensaiá-lo.

As fífiãs trespasam-me dolorosamente o crânio. Alma pragueja: *Blöde Ganz! Blöde Kuh! Scheiss Kopf!*⁵³... O seu repertório de insultos desfila alegremente. Não lhe falta ritmo.

– Fania, vem para ao pé de mim. De onde vem esta fífia? Recomecem.

As executantes recomeçam. Atrás da regente, leio a partitura como deve ser lida, algo que Alma não sabe fazer: na vertical, de cima para baixo, com um olhar que abarca todos os instrumentos. A seguir, verifico cada partitura. A maior parte das minhas *Schreiberinnen* copiam mal, não sabem música e

reproduzem aproximadamente aquilo que lhes parece serem pontos sobre ou entre linhas, sem perceberem o que estão a fazer.

Então, eu corrijo, explico, volto a sentar-me e retomo Peter Kreuder, do qual devo, com a ajuda da partitura para piano, recriar a orquestração do seu *Doze Minutos*, uma encantadora miscelânea musical, de uma leveza particularmente harmoniosa. É bastante urgente, pois Ewa, Lotte, Claire e eu teremos de cantá-lo num próximo concerto. No momento em que a melodia se desenrola novamente na minha mente, regressamos à estaca zero. Alma chama-me, exalta-se ou berra: «Já tocaram isto, deviam sabê-lo!» Segue-se, mais uma vez, a lista de animais desprezíveis: porcos, vacas, a terminar com «cabeças de merda» para dar e vender. Os golpes de batuta chovem sobre os dedos culpados, e é Jenny quem leva a bofetada que, há algum tempo, Alma sente vontade de dar. Quando é possuída pela sua paixão, Alma perde rapi-

damente os seus ares da grande burguesia! Dificilmente me habituarei à maneira que tem de castigar as suas executantes, é algo que me revolta, principalmente aqui, no campo.

Regressa alguma calma, mergulho de novo no meu *Doze Minutos*, no mundo maravilhoso e encantado da música. Em mim, cada trecho desenrola-se com fluidez, as cadências encadeiam-se nas cadências, a minha mão transcreve rapidamente... Esqueci-me de tudo, estou feliz, gosto desta música ligeira, de noite de festa!...

Lá fora, explodem os apitos, anunciam o fim da seleção. O *Blocksperré* é levantado.

Uma *Läuferin* abre a nossa porta:

– *Achtung!* Raparigas, depressa, vem aí *Herr Kommandant Kramer!*

Alma empalidece, empertiga-se. É incrível! Ele ainda não entrou e ela já está em sentido. As *Paniq* Tchaïkowska e Founia boca-torta agitam-se e berram. Estamos dignas de nos apresentarmos ao chefe? Haverá algo em nós que possa ofendê-lo? A sala está bem limpa? E nós? Estou à espera de ter de mostrar as mãos e de que me digam: «Vai lavar-te!»

Josef Kramer é o nosso comandante, o do campo de Birkenau. Ainda não sei muito a seu respeito, as raparigas falaram-me muito pouco sobre ele; o rosto que lhes mostra quando vem ouvir a orquestra não é certamente aquele que outras mulheres e outros homens conhecem. A única que me disse algo mais foi Ewa: «Ele gosta de música. E é ele, e a Mandel, que nos mantém vivas, dependemos dos seus caprichos. Aqui, vi-o ser sempre muito correto, mas uma companheira polaca, que trabalha no

Revier, contou-me que não só ele não escapa à espécie de histeria coletiva que se apodera dos SS quando “carregam” os camiões para o crematório, como dá o exemplo, sendo o mais descontrolado, não hesitando em esmagar o crânio de uma mulher com a sua matraca.»

É esta besta – não consigo pensar nele como «este homem» – quem vai entrar... Estou curiosa por vê-lo. Gostaria de poder falar com ele e compreender. Compreender é uma doença minha, o fundo do meu carácter. Continuo a acreditar que existe algo para compreender, que esta obsessão de extermínio é motivada por razões que me escapam. Não se organiza a morte só porque sim, deve existir outro objetivo, mas qual? Estes homens que obedecem, desprezando todas as leis humanas, que são os executantes de um genocídio monstruoso, atrás do que é que se refugiam para não se vomitarem a si próprios? Sim, sei que lhe inculcaram que nós, os judeus, somos uma raça inferior, identificando-nos moral e intelectualmente, textualmente, com «um animal movido por paixões selvagens, um desejo de destruição incomensurável, uma vulgaridade indecente», que o comportamento dos SS para connosco se rege por esta frase terrível: «Mal daquele que se esquece de que tudo o que se assemelha a um ser humano não é forçosamente um ser humano»⁵⁴.»

Mas, para mim, até à minha chegada aqui, apesar das detenções levadas a cabo em Paris, estas palavras não passavam de teoria, não correspondiam a qualquer realidade. Agora, pergunto a mim mesma: como é que homens, mulheres, podem chegar a ponto de a aplicar tão implacavelmente?

Geladas e numa postura em sentido impressionante, esperamos por Kramer; ele entra, seguido de dois oficiais das SS. Este homem é uma força. Emana dele um poder inquietante: um metro e oitenta, um pescoço de touro; tão curto, tão maciço que a sua cabeça com orelhas enormes parece estar assente diretamente em cima de uns ombros de ferreiro. O tecido do seu uniforme está esticado sobre o peito largo e saliente como uma couraça. Tenho a sensação de ver um animal a avançar, o seu andar é simultaneamente pesado e ágil. A sua presença é esmagadora.

Dirige-se para as cadeiras preparadas para ele, senta-se, retira o boné e pousa-o ao seu lado. O corte muito curto do seu cabelo castanho realça nele a geometria limitada da cabeça quadrada. Satisfeito, acomoda-se no seu assento e dirige-se a nós:

– Agora, vão poder descansar. Vamos ouvir música.

Sempre em sentido, como é devido quando nos dirigimos a um oficial, Alma aflige-se:

– Que quer ouvir, *Herr Lagerführer*?

– A *Sonhar*, de Schumann.

E, com muito sentimento, acrescenta:

– É um trecho admirável, que nos parte o coração.

Ewa, que me traduz em voz baixa o que ele diz, conclui:

– Quer dizer que ele tem coração?

Os violinos iniciam a melodia, que nasce suave e distante, amplificando e desenvolvendo em seguida a sua melancolia indefinível. O senhor comandante fechou os olhos, deixa que a música se infiltre nele. Da minha mesa, à qual estou sentada, consigo observá-lo tranquilamente. Que prazer vê-lo descontraí-se, afastar-se do seu trabalho árduo... A Irena grande encosta a face encovada, mas ainda com um contorno grácil, ao seu violino e inicia talentosamente o seu solo. É o auge do trecho, tocado sentidamente por ela, que deve colocar nele todo o seu amor pelo seu príncipe encantado, a melancolia atinge uma suavidade dilacerante que devasta o coração de Kramer. Alguns compassos antes do fim do trecho, lentamente e contravontade, *Herr Kommandant* abre as pálpebras escuras; estupefacta, apercebo-me de que o seu expressivo olhar de ostra está marejado. Entrega-se à sua terna emoção e deixa correr agradavelmente, sobre as faces cuidadosamente barbeadas, lágrimas preciosas como pérolas. Que pensariam as companheiras da mulher da cabeça despedaçada?

Satisfeito, vem libertar-se da sua «seleção» na música, como outros fazem com a masturbação. Descontraído, o *Lagerführer* inclina a cabeça e transmite a Alma o seu deleite:

– Que bonito! Que comovente!

A seguir, o seu olhar altera-se, as suas pupilas apagam-se, vê-nos. Tomará consciência da nossa existência? Não, os piolhos existem apenas para ser exterminados.

Aponta para mim:

– O que é que essa faz aqui?

Alma explica-lhe que canto.

– O quê?

– *Madame Butterfly*.

Penso que, quando sair daqui, não conseguirei suportar um único trecho de Puccini!

Ele inclina a cabeça:

– Ela que cante.

Vou cantar, é um ato simples, habitual. É também simples e habitual que, com um olhar, me apodere do meu público. Fito Kramer e o meu coração acelera; eu que tenho sempre as palmas das mãos bem secas, sinto-as húmidas. Não pode ser medo de cantar, porque o teria? O risco não é maior do que é costume; é tão perigoso que a minha atitude desagrade a uma *Aufseherin*

quanto cantar para o comandante a música principal de *Madame Butterfly*. Não se trata disso. Para mim, cantar é um ato livre, e eu não o sou; é, acima de tudo, uma maneira de dar alegria, amor, e o meu desejo mais profundo é ver estes três SS serem sangrados como porcos. Aos meus pés...

De pé diante destes homens com o traseiro esparramado nas cadeiras, tendo atrás de mim uma paródia de orquestra, é como se estivesse num daqueles pesadelos em que queremos gritar. Esse grito deve salvar-nos a vida, permitir-nos escapar ao horror que nos aflige, mas ficamos de boca aberta sem que saia dela qualquer som salvador. Que tem ele, este candeeiro de cozinha pendurado na ponta de um fio, em comum com a iluminação de um palco, com o calor de um holofote? E estas paredes cinzentas de tábuas mal alinhadas nada têm que ver com a penumbra suave de uma sala onde se adivinham dourados e veludos. A esta visão sobrepõem-se outras, as dos clubes noturnos onde eu cantava. É verdade que estavam apinhados de alemães: uma multidão compacta cinzento-esverdeada salpicada de negro, mas eu estava lá de livre vontade, até gozava com a cara deles; cantar dava-me cobertura, estava ali somente para melhor os enganar, para os vencer.

Uma imagem surge-me rapidamente: no Melody's, o tenente Danbman, um homem alto, moreno e bonito, mais conhecido por Dr. Friedrich. Todas as sextas-feiras, nas ondas da Radio-Paris, falava aos franceses contra nós, os judeus, com um ligeiro sotaque do Sudoeste: pois fora nos braços de uma amante bordalesa que esse ex-membro da quinta coluna aperfeiçoara a nossa língua. No clube noturno, era mais conhecido por «Freddy Pezudo». Danbman estava muito apaixonado por uma das «acompanhantes», Suzanne, que era minha agente de informações, uma judia baixinha que tinha uma garra incrível.

Todas as noites, assim que ele chegava, era uma valsa de garrafas de champanhe. O seu tema de conversa favorito: os judeus. Com um braço carinhoso sobre os ombros de Suzanne, assumia uma postura presunçosa e trocista. Pérfida, eu perguntara-lhe: «Como é que identifica os judeus?» «Eu, minhas lindas, ah, ah!... Ninguém me engana... O meu nariz cheira-os a cinquenta metros...» Ríamo-nos bastante com ele; estava com duas judias, que não perdiam nem uma das suas palavras, falamos muito menos quando estamos bêbedos!

Esta recordação fugaz não tem nada que ver com este presente. A nossa orquestra arranca, o meu ouvido acompanha o desenrolar das cadências, reconhece-as de passagem, dá-se uma espécie de contagem decrescente: só faltam três, duas, uma... O hábito da cena é mais forte do que a minha angústia, e canto,

simultaneamente libertada e vencida.

Quem saberá alguma vez como foi a minha luta durante aqueles poucos segundos? Certamente, não será o Kramer, que não ponho a chorar nem a sorrir. Virado para Alma, diz simplesmente: «Ja, gut.» A seguir, com a mesma delicadeza que teve para comigo, aponta para Claire:

– E aquela?

– Também é cantora, *Herr Kommandant*.

Aliviada, transpirada, regresso ao meu lugar, sentada à minha mesa, enquanto Claire avança, tudo na sua postura exhibe o seu orgulho, a sua alegria de cantar diante do comandante. Devemos invejá-la ou sentir pena dela? Com uma certa arte, interpreta, em italiano, *O Rouxinol*, de Alabieff, um trecho perfeito para a sua voz.

Depois de falar com Alma, que parece satisfeita, Kramer aponta para Flora, a nossa acordeonista holandesa, uma rapariga corpulenta que revela a gordura perdida em peles flácidas e trémulas. O seu veredito, que Florette me traduz entre dentes, faz-me empalidecer:

– Ela não é uma boa executante, o seu lugar não é aqui.

Vivendo com o medo entranhado nas vísceras, julgamos estar preparadas para ouvir uma frase deste género. Mas não... O choque suga-nos violentamente.

– Ela vai para a minha casa. Ficará ao serviço da minha mulher, que precisa de uma ama para a nossa filha pequena.

A seguir, levanta-se da cadeira e, com o seu andar de urso mecânico, dirige-se para a minha mesa; toda a sala permanece imóvel: Alma e as raparigas estão de pé, Tchaïkowska, Marila e *Panią* Founia, ao lado da porta, em sentido, e eu, a judia, não me levanto, fico sentada diante das minhas partituras, à espera. Desfrute do direito concedido à nossa mesa. Todas elas estão sem fôlego. Ao meu lado, Kramer examina o meu trabalho; a sua coxa quase me toca no ombro, sinto o seu calor. Ele parece-me enorme: é toda a brutalidade, toda a bestialidade na pele de um homem. Ele curva-se, o seu volume de carne e de ossos esmagame, sinto um desejo violento de o afastar, para conseguir respirar. A sua voz forte é sonora:

– *Was fehlt euch?*⁵⁵

Percebi, mas não respondo. Ele repete:

– *Was fehlt euch?*

Ewa traduz:

– Ele está a perguntar-te o que te falta?

– *Ja, Herr Kommandant*, isto...

E estendo-lhe um lápis, não um qualquer, mas aquele no qual está gravado «Made in England»; pelo menos, terá um motivo

para me esmagar. Ele pega no lápis, observa-o, o seu olhar turvo mantém-se inexpressivo. Depois, devolve-mo e vira costas, enquanto Ewa me traduz a sua resposta:

– Ele diz que vais ter lápis.

Ele fala mais um pouco com Alma, que lhe sorri. Já não aguento a obsequiosidade dela perante este chefe das SS, um dos mais monstruosos. Apetece-me explodir, calo-me. De que serviria suicidar-me? Como se ele fosse um convidado importante, ela acompanha-o à porta. Por fim, ele sai, seguido dos seus dois oficiais, que não abriram a boca, dois autómatos.

O suspiro de alívio é geral. Uma nuvem de gafanhotos abate-se sobre mim:

– Que lápis é que lhe deste?

Florette pega nele e rebenta:

– Mas tu és doida?!

Seguem-se os insultos habituais: parvalhona, idiota, imbecil... A curiosidade delas descontrola-se, passam o lápis umas às outras:

– Já viram o que tem escrito?!

– Isso é provocação – protesta Claire.

Uma das polacas apodera-se do objeto escandaloso, mostra-o às outras:

– Olhem... Olhem o que ela se atreveu a dar ao comandante!

Florette grita:

– És completamente doida! Tens noção de que ele vai mandar-nos para o gás...

Estão à beira da histeria. Há ódio nos seus olhos:

– Não tens o direito de pôr a nossa vida em risco!

Elas irritam-me e expludo:

– Basta! Seja como for, iremos lá parar. Pelo menos, teremos gozado com a cara deles! Eu acho muita piada ao facto de lhe ter metido debaixo do nariz «Made in England». Se vamos ser gaseadas, vale mais divertirmo-nos antes...

Apenas Ewa acha graça e, sabiamente, faz-me notar:

– Felizmente para ti, ele não tem humor suficiente para perceber!

– É domingo, estamos de faxina ao concerto, temos de nos vestir a rigor – explica-me Jenny. – Não conseguem sequer não nos chagar o juízo neste dia. Quando eu era miúda, na rue des Envierges, onde morávamos, a velha do meu pai, a minha avó, fazia um assado de porco no forno e, de vez em quando, um frango. Deviam vê-la, sentada diante do seu pequeno fogão preto, com pés revirados como uma cadeira Luís XV. Ela regava a ave com amor. O seu avental grande formava-lhe uma espécie de berço entre os joelhos. Por vezes, o gato, que era tão negro como o avental, julgava que aquela cova era uma rede de descanso, e a

velha nem se mexia. Enquanto ia regando o assado, limpava o olho esquerdo, que estava sempre a lacrimejar. Ainda assim, o petisco era de comer e chorar por mais... Eu ia à missa, porque, na nossa zona, o padreco era intransigente: quem não ia à missa, não tinha o apoio da Igreja. Ele dizia que o domingo era o dia do Senhor, que era preciso agradecer-Lhe sempre antes de ir para a farra.

Todas têm no coração um domingo da sua infância que lhes mareja os olhos. Há ironia na voz suave de Ewa:

– E, ao sétimo dia, Deus descansou. Sabendo que a Sua obra era boa, abençoou o sétimo dia...

– E nós vamos fazer de fantoches para os SS! – resmunga Florette. – Aqui, é sobretudo o dia dos senhores!

As minhas meias estão esburacadas. Um buraco com o diâmetro de um dedo, na barriga da perna, preocupa-me. Como passá-lo? Lã, algodão, agulha? Tudo tem de ser comprado e eu não tenho pão. A quem pedir? Emprestam-nos um pedaço de linha, mas temos de esperar pela nossa vez, fazer fila junto daquela que a tem. Acabo de agradecer a Anny quando acontece outro azar. A roupa lavada ontem no nosso pequeno alguizar – há três dias que eu estava à espera da minha vez – não secou.

O meu caso não é o único, uma boa dezena de raparigas encontra-se na mesma situação, resignamo-nos. «Tocaremos sem roupa interior», conclui a Irena pequena. E é uma sorte que o concerto não seja lá fora!

Os nossos sapatos estão sujos, lavamo-los, esfregamo-los vigorosamente como conseguimos, com papel, com um trapo. Algumas chegam a ponto de roubar papel pautado, apesar dos meus gritos. Para terem os sapatos impecáveis, estão dispostas a suportar muitas pequenas e grandes aflições. A primeira coisa que Alma examina em nós não é o rosto ou a roupa, mas os nossos pés: *Schuhe putzen*⁵⁶, uma ordem implacável. O regulamento é formal: todos os dias, os sapatos devem ser limpos e engraxados. Com quê? Para quem manda em nós, o mais importante na nossa apresentação é o estado dos nossos sapatos. Não sei se esta preocupação faz parte da ideologia nazi, mas é algo de importante na vida deles. Aliás, eles têm sempre sapatos e botas polidos e malcheirosos; nunca esquecerei o cheiro dos couros alemães. Apesar do fedor, gostaria de ter um pouco da graxa deles ou de outra qualquer, as pessoas devem trazer alguma, é uma preciosidade. Também não temos ferro de engomar e, contudo, deve havê-los nas bagagens. Haverá falta deles em Berlim? Por enquanto, com a palma da mão, alisamos os vestidos, puxamos as saias para as desengelharmos, disfarçamos os vincos com a unha. Uma parte deste domingo destina-se a

ficarmos limpas e apresentáveis, não podemos chocar a vista destes senhores, temos de lhes oferecer um aspeto agradável e, principalmente, correto.

É uma palavra que eles apreciam. Em Paris, a propaganda gabava-nos a «K»orreção deles.

Estas tarefas insignificantes tornam-se aflitivas, penosas, porque temos falta de tudo. Se Alma quisesse, bastar-lhe-ia dar uma palavrinha a Mandel e a nossa vida passaria a ser mais fácil, mas ela não o fará. Porquê?

Uma noite, ela, que raramente vem ao nosso dormitório, viu-me a massajar a nuca de Claire e chamou-me:

– Sabes fazer massagens?

– Não propriamente, mas consigo aliviar dores de cabeça.

Com um gesto romântico, passou pela testa a sua mão de dedos longos e nervosos:

– Eu também tenho dores terríveis. Como se diz em francês?

– Enxaquecas, minha senhora.

Para ela, a minha resposta já não interessa:

– Tu e a tua amiga Claire sentem-se satisfeitas por estar aqui?

A pergunta pareceu-me surpreendente, e ainda mais por ela a fazer. Será que alguma vez existiu na sua vida outra coisa além da música e da disciplina alemã? Os direitos do chefe, o respeito, a obediência que lhe é devida? Terá ela em consideração que possamos ser mais do que uma espécie de peões da música que podem ser espancados e explorados à vontade?

É pouco antes das quatro da tarde que, com Alma na frente, entramos na «Sauna», onde, em dias de chuva e de inverno, se realizam os nossos concertos. O meu papel de cantora dá-me tempo para ser espectadora.

O interior deste enorme edifício chamado Sauna é estranho e desagradável, e não sabemos ao certo para que serve: balneário, sala de desinfeção, local de triagem nos dias de sobrelotação? Piso de cimento, paredes de betão: ásperas, bege-acinzentadas, cor de urina, acolhedor e alegre como um *blockhaus*. A iluminação proveniente das lâmpadas que oscilam na ponta dos fios elétricos é fraca. Não há janelas, mas uma espécie de painéis de vidro compridos e estreitos que se perdem na sombra da estrutura do telhado.

De cima do nosso estrado, tenho a sensação de ver as coisas de mais alto, de que este efeito material me proporciona uma espécie de distanciamento em relação a elas. Um espetáculo estranho. Quando entrei no bloco da música, pensei que morrera e chegara ao céu; aqui, poderia julgar que estou na antecâmara do Inferno. É cinzento, sem cor, sinistro.

Fecho os olhos: ruído de passos, dos instrumentos a serem afinados, pigarros, som de vozes, alguns risos discretos, alguém

que se assoa. São os barulhos habituais de uma sala de concertos, para mim, um território seguro, uma pausa reconfortante de alguns segundos. Abro os olhos, observo o nosso público. Poderíamos julgar-nos na Philharmonie Konzertsaal de Berlim ou no auditório da Ópera da Paris atual. Sentados em cadeiras perfeitamente alinhadas, ali estão eles, os senhores oficiais das SS, enfiados nas suas pesadas casacas de uniforme, algumas com uma confortável gola de pele. O casaco militar de couro da *schöne Frau Lagerführerin* Mandel abre-se graciosamente sobre as suas pernas com meias de seda.

Está muito frio; nuas sob os nossos vestidos, tiritamos. Uma combinação não agasalha muito, mas que falta nos faz, meu Deus!

Um pouco mais longe, numa espécie de bancadas, estão sentadas as aristocratas do campo, assinaladas com o triângulo negro das associas; estes seres delicados têm o cabelo comprido e usam roupas confortáveis. Tagarelam e fazem mil salamaleques. Entre elas e nós, existe uma diferença substancial: consideradas recuperáveis, são castigadas, mas não exterminadas.

À parte, um outro grupo: enfermeiras, médicos e, com eles, alguns doentes cujos olhos demasiado grandes para o seu rosto de macaco estão esbugalhados por se encontrarem ali. Um oficial das SS virou-se, o seu olhar detém-se no grupo vindo do *Revier*, fala com o seu vizinho, este também os observa e ambos inclinam a cabeça, visivelmente satisfeitos. De facto, é satisfatório que haja doentes a assistir a estes concertos dominicais. Quem pretendem eles enganar? A si próprios? Amanhã, seguindo a mesma lógica rigorosa, irão considerar aqueles destroços humanos como bocas inúteis e gaseá-los.

Mais longe, isolado, estacionado, de pé – é obrigatório estar em sentido na presença de membros das SS –, o rebanho cinzento das deportadas está meio metido na penumbra, apenas vislumbro as que se encontram nas filas da frente. O olhar delas é-me tão penoso que viro a cabeça.

Animada, cheia de vida, rica em clangores, explode a marcha de Souza, que Alma rege atenta e conscienciosamente. Seja qual for a qualidade do trecho musical, não deve ser tocado corretamente, com consciência?

Para mim, o público verdadeiro é o das mulheres cujas pernas tremem. Nessa manhã, no seu bloco, a porta abriu-se e a *Blockowa* gritou: «*Achtung!* Cem mulheres para o concerto!» Algumas deram-se como voluntárias, restavam-lhes forças suficientes para se lembrarem de que, muito tempo antes, haviam gostado de ouvir música. As outras foram escolhidas.

Lotte canta, Claire observa-a com um olhar invejoso e inquieto. Há alemães que se levantam e saem. Lotte apercebe-se disso, aperta raivosamente o lenço de assoar, uma bola húmida na sua mão direita, e volta a sentar-se, furiosa e angustiada. Inevitavelmente, *O Belo Danúbio Azul* desenrola as suas volutas românticas. As «triângulos negros» tornam-se ousadas e abanam-se discretamente. A música é muito agradável e dá satisfação a todos. Que prazer teríamos em dançar a valsa...

Espanto! No grupo das deportadas, há mulheres que cantarolam, certamente judias alemãs. É algo de tão inverosímil que as raparigas da orquestra viram a cabeça. Alguns oficiais, de pescoço empertigado e queixo empinado, viram-se, devem estar escandalizados por elas se atreverem a cantar. Mas não! Não é para as censurar ou castigar, mas para as recompensar, que o olhar deles procura na multidão cinzenta as mais ousadas. Não conseguindo localizá-las, exprimem a todas a sua satisfação: aprovadores, os SS sorriem às deportadas.

A Irena pequena faz um comentário assisado:

– Vês? Eles estão contentes. Finalmente, é-lhes feita justiça, eles fizeram algo por elas e elas apreciaram-no!

Alma Rosé

O maldito caminho de ferro deles está pronto!

As raparigas dirigem-se para as janelas, para a porta; movem-se devagar, como se o fizessem contrariadas, mas vão ver, e eu também!

Ao longe, os carris novos brilham sobre o balastro que emerge da lama. Estamos em março e as placas de neve derretem lentamente durante o dia, voltando a gelar à noite.

– Não faz mal! Quando houver chegadas, é uma sorte para nós – troça Jenny. – Vamos estar na fila da frente. Não nos faltarão espetáculos!

– Estou farta deles! – grita Florette. – Farta, farta... Não quero ver isso, não quero...

– É melhor não assistires! – aconselha-lhe Ewa.

Como uma tigresa, Florette vira-se para ela:

– Talvez isto não te afete. Tu, a grande dama, não tens recordações, chegaste aqui de carruagem, trazida pelos teus lacaios, não foi? E, além disso, estás-te nas tintas para nós, as judias, porque não vais ser gaseada!... Mas eu, a judia, não consigo esquecer...

A sua mão procura freneticamente agarrar alguém e encontra o meu braço:

– Anda... Olha para aquele fumo que tresanda a cadáver grelhado, sabes o que representa para mim?

As raparigas afastaram-se de nós: tédio? Indiferença?

– Vim aqui parar com o meu pai, a minha mãe, o meu noivo, toda a minha família: vinte e uma pessoas. Fomos todos apanhados em rusgas. Eu não sabia o destino deles. Quando os vi subir para os camiões, não percebi. De tal maneira que, quando cheguei ao bloco de quarentena, atrevi-me a perguntar pelos meus pais. Então, a *Blockowa* agarrou-me no braço com força, assim, puxou-me até à porta e disse-me no seu horrível jargão

alemão, apontando com o seu dedo sujo para as chaminés: «Estás a ver o fumo? O teu pai está a sair pela chaminé da direita, e a tua mãe, pela da esquerda...» Uivei de dor, percebes? Como uma cadela. E tive uma crise de nervos...

Ela acalma-se, os seus fantásticos olhos verdes estão marejados de lágrimas. Baixa a cabeça, tornando-se subitamente humilde:

– Por causa disso, acho que passarei o resto da vida a protestar contra tudo, que ficarei louca para o resto da vida...

Sentada numa das pontas da mesa das copistas, a Irena pequena desenha. Com a cabeça inclinada para a frente, aplica-se como uma criança estudiosa. O seu cabelo castanho voltou a crescer, há mais de três meses que não a rapam; em princípio, deveríamos ser rapadas regularmente, pois facilita as sessões de extermínio de piolhos às quais *Paniq* Founia boca-torta nos submete. Passeia os seus dedos enormes pelas nossas cabeças, as suas unhas sempre negras coçam-nas vorazmente, em busca de piolhos.

Estes senhores são muito sensíveis, têm horrores a esses parasitas. As mulheres que interagem com eles, as raparigas do «Canadá», as intérpretes, as dos serviços sanitários e nós, as raparigas da orquestra, não podemos fazê-los correr o risco vergonhoso de apanharem um piolho.

Esta nuca demasiado profunda de criança mal alimentada comove-me. Inclino-me na direção da Irena pequena: está a desenhar a capa do programa de domingo. Muito pior violinista do que a Florette, para manter o seu lugar entre nós, teve a ideia, que encantou Alma, de distribuir programas pelos «senhores e senhoras» SS.

Ela desenha bem e eles gostaram: *Ach! gut! Ach! schön!* Agradar àqueles que mandam em nós, aos nossos carrascos, para viver mais um dia, uma semana, um mês...

Na sua folha de papel, flores, ramos cobertos de pequenas folhas, de ninhos, de pássaros... tudo o que nos falta aqui. Ela aperfeiçoa com carinho um cacho de lilases:

– Estás a ver, Fania? A primavera inspira-me.

– Como é que sabes? Não há uma ponta de erva, nem um rebento!

– Os dias são mais compridos, estamos a aproximar-nos do dia 21 de março, os lilases hão de florir agures...

Ao dizer estas palavras, Jenny cria um sonho poético:

– Não consigo deixar de imaginar a Porte des Lilas e em como devia ficar linda quando estava repleta de flores...

Florette corta-lhe as vazas:

– Não devem restar muitas!

– Como é que sabes? Não fica na tua zona... O meu avô tem um

quintal nas fortificações antigas, do lado do Le Pré-Saint- - Gervais, e dá umas belas alfaces, bem carnudas! E tem dois lilases, um deles é solferino, com uma cor violeta que nem imaginam! E um branco. O meu avô guarda-me sempre o primeiro ramo. E o meu marido é como eu, aquilo enternece-nos. E, a ele, o sentimento dá-lhe pujança.

– Já não há paciência para o desempenho do bombeiro!

A Irena grande desata a rir-se. Muito bem-humorada, Jenny grita-lhe:

– Não seria um espetáculo adequado a miúdas da tua idade...

– *Ruhe! Ruhe!* – ordena Alma.

É pena, quando elas se riem, esquecem a fome que sentem. A noite passada, a Irena grande acordou sobressaltada. Eu não estava a dormir e ouvi-a murmurar com uma vozinha infeliz: «Mãe! Oh, mãe! Tenho tanta fome!» E chorava. É particularmente irritante, pois poderíamos não sofrer tanto. Por diversas vezes, Mandel disse a Alma, à nossa frente: «Se precisam de alguma coisa, peçam-me.» Precisamos de comer! Não é tão empolgante como fazer música, mas faz mais falta!

Apesar do «silêncio!» ordenado imperativamente, Alma parece-me hoje mais acessível. Até está muito bem-disposta: entregaram-lhe novos trechos vindos de Berlim.

– Tens aqui trabalho: *A Carga da Cavalaria Ligeira* e duas aberturas de Suppé. Os SS gostam muito deste compositor.

Eu não partilho da opinião deles e, aqui, vou ficar «atestada» de Suppé para o resto da vida, nem que ela dure cem anos!

– Lembrei-me de que deveríamos incluir no repertório o dueto de Butterfly e Suzuki, que cantarás com a Lotte. É um trecho de Puccini do qual gosto muito, parece-me muito semelhante a Ravel.

Comparar Puccini a Ravel é algo de bastante inesperado. Pobre Ravel! E eu a cantar ao lado de Lotte será um espetáculo grotesco que me diverte! A minha cabeça deve chegar à parte de baixo das mamas de Lotte. Não sei se os alemães têm noção do ridículo, mas eu tenho! Apesar da minha vontade de rir, louvo Alma pela sua ideia maravilhosa, o que me vale um sorriso, que agrada às raparigas: poderá ser um presságio de um ensaio pouco tempestuoso! Correndo o risco de dar cabo da boa disposição da nossa regente, atrevo-me a dizer-lhe:

– Alma, pode pedir à nossa *Lagerführerin Frau Mandel* um pequeno suplemento, um pacote para as raparigas, porque elas têm fome?

Carrancuda, de lábios contraídos e com um tom sibilante, ela responde-me:

– Não! Não pedirei coisa alguma para elas. Estragaram-me o

concerto do passado domingo, e eu teria vergonha!

E vira-me as costas. Estou-me nas tintas para as partituras e a música dela. Frases de fúria e de indignação entrechocam-se na minha mente, fazem uma barulheira dos diabos dentro da minha cabeça. Penso: «Teria vergonha! De quê, idiota desgraçada e presunçosa? De ajudar mulheres a sobreviver, a não morrer? Neste sítio medonho, tens uma posição maravilhosa e não tiras partido dela. Quem és tu, judiazinha alemã? Um monstro? Um poço de inconsciência? Não és um animal primitivo. És culta, inteligente, mas comportas-te como se não visses nada, como se não soubesses onde estás: o fumo que emana dos corpos carbonizados não te aflige? A ausência de árvores, de pássaros, de flores não te incomoda? O teu público de gente meio morta, de carrascos fardados, de megeras grosseiras parece-te normal? Confunde-lo com o do Albert Hall de Londres? Vês, ao menos, as mulheres sobre as quais reinas? Existimos, para ti? Tens consciência dos dramas que acontecem no nosso bloco, esta lata de conserva? Lembras-te do teu tio Gustav Mahler, o compositor, do teu pai, dos homens que amaste? Será que alguma vez amaste? Será que sonhas? A fífia é o teu único pesadelo, aquele que se sobrepõe a tudo!»

Sinto-me incapaz de escrever música, este dia vai ser longo, insuportável, rejeito-o antecipadamente...

Detesto esta Alma que reina de cima do seu pódio, dominadora, segura de si. Será mesmo assim? O seu «teria vergonha» é uma confissão de orgulho e de impotência? Estas duas palavras assombram-me, não sei porquê, mas imagino que sejam uma das chaves do seu carácter, que por meio delas eu poderia compreendê-la, estabelecer uma ligação com a outra Alma, aquela que retira o violino da caixa. Com um movimento decidido, mas suave, o seu queixo estende-se para a parte lateral do instrumento, a sua face torna-se meiga, acaricia, procura o seu lugar, como uma face procura a curva de uma cintura, de um ombro, o ressalto de uma anca ou a ligeira depressão de um ventre, o sítio onde se transforma numa lira. É uma volúpia feita de ternura e de confiança, aquela face que se apoia, aquele ombro que sobe para apoiar o violino. Com uma carícia possessiva, os dedos ágeis deslizam ao longo do arco, o pulso verga-se com flexibilidade, desarticula-se. Alma toca, transfigurada. É bela, incomparavelmente. Emana dela uma sensualidade extraordinária, a boca descontraída distende-se, entreabre-se, os olhos turvam-se, o corpo treme. Alma desfruta. Calamo-nos, ouvimo-la e esquecemo-nos. Quando se detém, vibrante da cabeça aos pés, e baixa o arco, por vezes não resistimos a aplaudir. Só que um trecho musical é breve, muito breve, e, muito rapidamente, Alma volta a ser desumana, berra,

esbofeteia, castiga.

A sua voz desperta-me dos meus pensamentos:

– Fania, vamos ensaiar contigo *Ein Paar Tränen*⁵⁷. Espero que corra melhor do que da última vez, que tenhas aprendido a pronunciar corretamente «Lächeln»⁵⁸.

Temo que não. Florette fez-me dizer e repetir mais de vinte vezes esta palavra, pregou-me um sermão: «Tens de ser capaz, tens montes de jeito para línguas. Não é possível. Isso é má vontade.» Obstinada, justifiquei-me: «Que é que queres que eu faça? Não consigo pronunciar o “ch” alemão!»

Alma ergue a batuta, eu canto e, novamente, como a última vez, tropeço em «Lächeln». Alma exalta-se e eu também:

– Ouça, Alma, mande-me dizer o que quiser: rir, gargalhar, partir o coco, qualquer coisa. Não consigo dizer «sorrir».

Ela teima:

– Tu consegues. Tens de o fazer. É uma questão de força de vontade.

– Mas eu não quero!

Dá-se o confronto, ela é muito mais alta do que eu, os seus olhos castanhos fitam-me com maldade, a fúria torna-os perigosamente brilhantes, a batuta treme-lhe na mão.

– Tens noção do que estás a dizer?

À nossa volta, reina o silêncio.

– Sim, diante dos SS, não consigo dizer «sorrir» e não o direi; para mim, é indecente.

Estou à espera de tudo, de uma série de *Schweisskopf!*, de levar uma bofetada ou que ela me atire a batuta à cabeça. Improvisavelmente, nada diz, ignora-me, encolhe os ombros e explica pausadamente às suas executantes que, nesta parte, terão de tocar mais alto para abafar a minha voz, tornar inaudível a palavra que me traumatiza: «sorrir».

Lotte incha de orgulho, pois jamais poderiam censurá-la por tal coisa: «*Ach! Estas Franzosen! Que inconscientes!*» Claire contrai a sua boca de boneca de porcelana. Sei o que ela pensa, já o ouvi: «Ela tira-me o lugar, não se contenta com o que tem. Para muitas, seria o suficiente; a seguir à Alma, é ela quem reina aqui! E sabe que eu não sei fazer outra coisa senão cantar, mas está-se nas tintas. Ela está em primeiro lugar!»

Estamos neste pé. Claire mudou rapidamente, muito rapidamente. Um mês depois de chegarmos ao bloco da música, um dia, às seis da tarde, disse-me: «Arranjei uma caixa, tirei as minhas coisas da nossa, não partilharei mais nada com ninguém.» No dia seguinte, à hora do jantar, enganei-me, abri a sua caixa e vi um frasco de compota. Claire atirou-se a mim:

– Larga isso! Proibi-te de mexeres aí. Isso é meu! Meu!

Ouviste?!

– Desculpa, estava distraída, as nossas caixas são parecidas. Nunca tocarei na compota que tanto mereceste!

Os seus olhos marejados de lágrimas, fúria, último vestígio de uma moral antiga, uma réstia de dignidade? O dador é provavelmente um *Kapo* do campo dos homens. Só os *Kapos*, os *Blockowas*, os homólogos das Tchaïkowskas, das Marilas e das Founias, todos eles polacos, eslovacos ou alemães, podem aproximar-se de nós.

Seria ela virgem? É possível, não seria isso que poderia tê-la impedido. Aliás, para as detidas, o risco de engravidar é quase inexistente, pois, assim que entramos no campo, desaparece-nos a menstruação.

Sinto pena de Claire quando a vejo abanar o seu grande traseiro, quase tão provocante como Lotte, mas muito diferente. Lotte era casada, sempre precisou de um homem, a privação torna-a histérica. Mas para Claire tudo era muito diferente. Era uma jovem solteira, que amava o seu noivo e cujos sonhos eram ainda pueris. Vivendo num meio protegido, era inocente em relação à vida, como a adorável e ingénua Irena grande, que se manteve igual a si própria, enquanto Claire mudou tão subitamente que já não a reconheço. Está a tornar-se tremendamente egoísta; para arranjar comida, seria capaz de tudo. Entre todas estas raparigas demasiado magras, a sua obesidade faz maravilhas, agrada aos homens, que a cortejam com açúcar, manteiga. Com vinte cigarros, uma tarifa elevada, o eleito paga a Tchaïkowska, ou a outra *Blockowa*, um aluguer de quinze minutos do seu quarto.

O ambiente, o medo, a fome, levaram a cabo a sua obra de destruição. No *Lager*, tenho a sensação de que todas estamos preparadas para ser vítimas de uma espécie de lepra, preparadas para que pedaços de nós apodreçam e caiam sem que nos apercebamos sequer de que os perdemos. No caso de Claire, foi a sua dignidade feminina; e eu, o que será?

PA-PA-PA – PAM... Não é Londres. É a nossa orquestra que ensaia o primeiro andamento da *Quinta Sinfonia*, de Beethoven, que reescrevi integralmente de memória. Este PA-PA-PA – PAM deu-me bastante gozo. Habitualmente, é tocado por fagotes, clarinetes e instrumentos de cordas. Para a nossa orquestra, desenvencilhei-me com os bandolins, cujo *vibrato* permite um som constante, incumbi as guitarras de lhes dar corpo e de os reforçar, e os violinos asseguram a retoma da quarta nota.

Alma desejava Beethoven, fingi que apenas me lembrava do primeiro andamento da *Quinta* e sugeri que o incluísse no programa. Um prazer raro para mim. Nem ela nem os SS se

aperceberam da minha malícia. Não associaram o trecho ao indicativo da «França livre» na BBC. Para eles, é Beethoven, um deus, um monumento da música alemã que eles ouvem respeitosamente, com uma expressão extasiada. Quase me compadeço da sua falta de sentido de humor! Que júbilo intenso quando a nossa orquestra toca este trecho. É um dos meus momentos de gozo mais perfeitos.

Hoje, as raparigas devem encontrar-se em estado de graça, pois, interpretada pela nossa orquestra absurda de bandolins e guitarras, o seu contrabaixo desajeitado, os seus pífaros e a flauta de *Frau Kröner*, Alma e os seus violinos, a sinfonia eleva-se majestosa, arrasta-nos, e é maravilhoso. Toda a nossa mesa levanta a cabeça. Founia, Tchaïkowska e Marila permanecem à entrada da porta. As raparigas parecem transfiguradas, compreendem o que estão a tocar, e eu, de olhos fechados, sou transportada, estou a ouvir a Orquestra Sinfónica de Berlim.

Alma pede-me frequentemente que lhe massage a nuca e as têmporas, afirmando que isso lhe alivia as nevralgias. Acredito nela, acredito acima de tudo que esta solitária forçada sente prazer em falar de si, incansavelmente, como se fosse uma rainha a desabafar com a sua dama de companhia. Entre nós, não pode haver intimidade. Para ela, a minha única qualidade é o facto de eu ser música, uma profissional, conforme o atesta o meu diploma do Conservatório de Música de Paris, uma referência segura. Sei muitas coisas a respeito de Alma e, no entanto, não consigo conhecê-la melhor, mantém-se inacessível para mim, talvez porque eu não possa sentir por ela aqueles impulsos de piedade que nos abrem o coração e nos aproximam do outro.

Esta noite, ela fala-me de si quase metodicamente. Sobre tudo: a infância, a adolescência, a vida profissional. Tenho a sensação de que elaborou previamente o seu programa, que me dá um recital sobre si própria, a solo, no seu quarto. Um espaço monástico que combina perfeitamente com ela, do qual ela não tentou suavizar a severidade, a nudez. Não há nada afixado nas paredes brancas. Tudo está arrumado com uma ordem militar. Limpo, imaculado, gelado. É o quarto de *Schwester*⁵⁹ Alma; nele, não esquecemos Auschwitz, mas o mundo.

Sentada na sua cadeira, enquanto lhe massajo lentamente a cabeça, a nuca, as têmporas, ela fita as suas mãos, uma postura habitual nela, mãos bonitas e nervosas pousadas quase calmamente sobre os joelhos; a seguir, começa a falar, a sua voz perde alguma secura, torna-se mais intimista, menos metálica:

– A minha mãe costumava dizer-me que, enquanto estava grávida de mim, tocava e compunha música dia e noite, para a impregnar no seu filho ou na sua filha. Ela queria um rapaz e

preparara tudo para ele, o quarto, as partituras. Esperava-o já o seu primeiro pequeno violino, deitado sobre o forro de peluche vermelho do estojo. Para a família, estava escrito: seria um músico. Um tio profetizara a sua chegada e ninguém duvidava disso. Em casa dos meus pais, ano após ano, a esperança diminuía. Nasci tardiamente e era uma rapariga! A minha mãe via-me crescer e não achava sequer que eu era bonita. Eu compreendia tudo o que se dizia à minha volta, o desprezo desiludido que me rodeava deixava-me triste, sentia-me responsável por lhes ter pregado aquela partida de mau gosto: não era o génio esperado, apenas uma menina muito dotada e terrivelmente tímida, mas que jurara a si própria tornar-se o orgulho deles. Desajeitada, desastrada, as minhas pernas infundáveis desesperavam-me e escondia as minhas mãos tão longas. – Ela reflete novamente, olha para elas. – Mais tarde, mudei de opinião: julgo que é o melhor que tenho! Muito só, não vivendo como as outras crianças, não podia ter amigas. Não me interessava pelas coisas com que se entretinham as meninas da minha idade nem por aquilo de que gostavam. De que teríamos falado? Passava o dia imersa em música.

A minha mãe ficava durante horas, diante do metrónomo, sentada ao meu lado, não fazendo outra coisa senão ouvir-me. Todos os dias eram iguais, os anos também eram semelhantes. Apenas um se destacou: o do meu ingresso no conservatório. Depois, recebi o meu prémio e ninguém pensou em felicitar-me, era normal. O contrário teria sido um escândalo impensável para mim e para a minha família. A partir desse dia, as digressões, os concertos, passaram a ocupar todo o meu tempo... No meu quarto de hotel em Karlsruhe – um quarto todo branco com coroas de florzinhas na carpete –, certa manhã, enquanto me penteava diante do espelho oval do toucador, apercebi-me de que haviam passado mais de vinte anos da minha vida, que jaziam ali, ao meu lado, fechados no interior do meu violino, deitados naquela caixa negra. Era uma rapariga e não tinha namorado, sentia-me tão diferente das outras raparigas que não me atrevia a olhar para os rapazes. Nessa manhã, chorei por todas essas coisas que não conhecia: a ternura, a amizade, o amor... E, depois, percebi que era um gesto romântico, que chorava sem razão, pois a música dava-me tudo. Para pertencer apenas a ela, era necessário que não houvesse agitação na minha vida. Passei a dar cada vez mais concertos no estrangeiro. Desejava – era uma espécie de loucura – conhecer Paris; aprendi facilmente o francês, pois os músicos têm queda para as línguas, mas a guerra impediu-me de concretizar este projeto.

A vida que Alma me relata sem paixão, mas também com um

laivo de amargura, desenrola-se monotonamente. Eu também gosto de música, mas que diferença! Em mim, é algo que ferve, que explode, que desabrocha... É uma flor, um fogo de artifício, a música arde em mim como as fogueiras do Dia de São João. É paixão, amor! Orienta a minha vida, exalta-a, transforma-a, mas não me exigiu sacrifício algum, os holocaustos que lhe ofereço são as premissas das minhas novas paixões e dos meus defuntos amores, que ela magnifica! Esta juventude privada de afetos, de ternura, parece-me bastante infeliz e, contudo, não me comove. Porquê?

De trás da porta fechada, chegam-nos ruídos vagos e distantes. Poderíamos estar num hospital, num convento...

Alma solta uma risada abafada, inesperada, que subitamente me aproxima dela:

– Ainda assim, casei-me. Uma noite, ao regressar de uma digressão, encontrei em casa dos meus pais um aluno do meu pai, um violinista já conhecido, aliás excelente. Conversámos sobre música durante vários dias e, uma tarde, estávamos nós a tomar chá no Krauser, e ele falou-me de amor.

Alma cala-se, o rosto impassível.

– Ficou surpreendida, feliz?

– Surpreendida, sim. Foi inesperado.

– Ele era interessante?

– Não sei.

– Refiro-me ao aspeto físico.

– Tenho agora a sensação de que nunca olhei para ele, pois rapidamente passei a achá-lo odioso. Quando tocava, tinha muito bom ar, muita classe. Era moreno, com o cabelo um pouco comprido, algo que não aprecio, pois gosto de asseio, e uma maçã de Adão que se mexia muito acima do colarinho.

– Os olhos? A boca? As mãos?

– Os olhos? Cinzentos. Na verdade, não me recordo da sua boca. As mãos? Boas para o violino, certo?

Não é possível que ela não tenha visto nem sentido nada. Insisto:

– Ele agradava-lhe?

– Agradar... Não sei.

– Amava-o?

– Julgo que não.

– E ele?

Visivelmente, as minhas perguntas irritam-na e desconcertam-na. Não é isto que ela espera de mim? Que espera ela, afinal? Pedir-me-á alguma coisa além de ser um par de ouvidos?

– Como querias que eu soubesse? Ele era pobre, sabia que eu representava uma oportunidade. Casando comigo, graças à

posição privilegiada do meu pai, iriam abrir-se-lhe muitas portas. Como recusar? Deixei-me levar. Na nossa família, as raparigas sempre foram obedientes, um hábito secular, louvável, que aprecio. Este casamento agradava à minha família. A minha mãe achava que eu tinha sorte; não era bonita; já não era nova. Pensei: «Ela tem razão.»

Esta passividade da qual Alma se orgulha irrita-me, e, uma vez mais, afasto-me dela. Que poderia ela esperar daquele casamento por conveniência?

– Mas ele atraía-a?

– Eu não tinha sentimentos fortes, nem alegria nem repulsa. Tudo foi neutro, a descoberta do amor não me seduziu nem me desagradou. – Ela reflete um pouco. – Julgo que estava grata ao meu marido por ele me ter querido e por me tornar humilde.

Humilde, este monte de orgulho! Ela continua:

– Ao lado dele, sentia-me inferior física e intelectualmente, eu sabia tão pouco. Não lia praticamente nada, não me interessava pela política, parecia-me um tema somente masculino. Tinha a sensação de ser para ele uma bola de chumbo, que ele arrastava de má vontade. Pouco conversávamos, apenas sobre as coisas do dia a dia, o tempo, o trabalho, trocávamos agradecimentos quando passávamos o pão, o sal: *bitte schön! danke schön!* Julgo que não tínhamos nada para dizer um ao outro. Mesmo estando casada, nada mudou para mim: morávamos em casa dos meus pais.

A única diferença foi que deixei de partir sozinha em digressão. Foi então que o nosso relacionamento se complicou: ele tinha de tocar a solo, eu também. O meu marido tornou-se somente um rival.

As suas narinas dilatam-se, palpitam, Alma estremece de indignação, de fúria retrospectiva. Eis a sua verdadeira natureza, aquela que só a música consegue revelar:

– Imagina tu que aquele arrivista da música queria passar à minha frente, à frente da Alma Rosé. Se os jornais falassem mais de mim do que dele, contava as linhas e gritava maldosamente: «Se não fosses filha do Rosé, não terias direito a nada, a filha do quarteto Rosé, a sobrinha do Gustav Mahler, não terias direito a nada. Maldita família! Cortam as vazas aos jovens.» Se os aplausos para mim fossem mais ruidosos, fazia-me cenas terríveis. Gritava que eu pagara... Como é que vocês chamam às pessoas pagas para aplaudir?

– Uma claque⁶⁰.

A palavra surpreende-a.

– Um dia, ele também me esbofeteou, não aguentei. No trabalho, é justo, é aceitável, mas não assim, eu não merecera um

castigo. Tínhamos discussões cada vez mais violentas. *Ach, mein Gott, mein Gott!*

Alma contorce as mãos, volta a andar de um lado para o outro no quarto, o seu cabelo escapa à disciplina que ela lhe impõe, a sua fúria desesperada torna-a bela:

– Imagina-o: ele grita, é mau, diz coisas cruéis, que não tenho talento, que toco mecanicamente, secamente, sem alma, sem... – Cala-se, procura as palavras e continua: – Sem sentimento! Ele atreveu-se a dizer que eu não sentia prazer enquanto tocava.

Posso garantir-lhe que sim, mas calo-me. Estas recordações são-lhe dolorosas, ela recupera o fôlego:

– Ele era tão violento que me metia medo. O divórcio não era uma possibilidade na nossa família. Uma manhã, no comboio de regresso de Berlim, houve uma cena mais tempestuosa do que as outras: ele decidiu proibir-me de tocar em público! Baixou o vidro do compartimento, pegou no meu violino e atirou-o. Precipitei-me para a janela, estava louca e olhei, atrevi-me a olhar: o estojo abriu-se e o meu violino caíra no talude, despedaçado como um corpo num bombardeamento... O meu pobre violino!

Os seus olhos estão marejados de lágrimas; se falasse de uma criança, não o faria de outro modo. Cerra os dentes, os seus maxilares contraem-se, as mãos crispam-se:

– Disse-lhe: «Acabou-se.» Ele gritou, ameaçou, deixei-o e fui-me embora. – Ela volta a sentar-se, acalma-se, reflete. – Foi uma experiência muito má. Talvez acreditasse que os homens não servem para mim se, no início da guerra, em Amesterdão, não tivesse conhecido um homem muito simpático, mais velho do que eu. Com esse, tudo era diferente, ele fazia-me bem. Gostava de ouvir-me tocar, incentivava-me. Ouvia-me durante horas e horas! O seu amor parecia um casaco quente que me envolvia. Sentia-me muito segura nos seus braços. Com ele, apercebi-me de que, aos 36 anos, era mais ignorante do que um selvagem. Não sei se sentia amor por ele... mas uma enorme ternura. Julgo que o amor teria surgido com o tempo, se tivesse tido a possibilidade de me divorciar e de me casar com ele. Chorei quando nos separaram...

O orgulho de Alma seria apenas uma fachada para esconder a infelicidade? Ao entregar-se ao amor, teria aberto aos outros o seu coração?

– Mas porque se separaram?

– Fui detida por ser judia, certamente denunciada... Por quem? Há muita inveja na nossa profissão. Judia... Pareceu-me algo tão inesperado.

Cruzou as suas pernas compridas, demasiado magras, mas ainda muito bonitas, as suas mãos rodeiam-lhe os joelhos,

inclina-se ligeiramente para trás:

– Eu mal sabia que éramos judeus. Para mim, tratava-se somente de uma religião, não era sequer uma filosofia diferente da dos outros alemães. Na minha família, alemã desde sempre, ninguém falava nunca no assunto, não pensávamos nisso. A nossa mente era alemã. O meu pai, solista de violino da orquestra da Ópera de Berlim, a maior do mundo, tinha uma posição privilegiada, e o advento do *Führer* Adolf Hitler não nos prejudicou. – Esboça um sorriso amargo. – Pertencíamos a uma minoria que os nazis mantiveram junto deles. O quarteto do meu pai era conhecido, apreciado, era falado em toda a Europa!... As histórias de detenções, de deportações, aconteciam longe, muito longe de mim. Não me afetavam, não me interessavam. Para mim, a música era a única coisa que importava... Nunca tive outra coisa! E a minha detenção separava-me brutalmente dela. Ao perdê-la, perdia tudo...

O momento que ela revive fá-la estremecer. Enclausurada neste quarto, parece-me um puro-sangue preso que se revolta e se descontrola; jamais voltará a correr, ébrio e obstinado, para a vitória com o odor empolgante da multidão.

Alma, a *Kapo*

Léon escreveu-me. Léon, o meu apaixonado de Drancy, meia dúzia de palavras num pequeno pedaço de papel miserável, amachucado, rasgado, e que, antes de escrever, ele deve ter alisado com a palma da mão. Desde esta manhã, *Paniq* Founia, com a bocarra mais torta de sempre, faz um alarido dos diabos. O seu colchão está molhado, quem se atreveu? Ela escarra insultos, fala sozinha, toma como testemunhas Tchaïkowska e Marila, a sua escrava.

Ainda que nos dê vontade de rir, não o fazemos, pois, como diz Jenny: «Vai chover pancada e, para essa chuva, ainda não se inventaram guarda-chuvas!»

A situação, que começou com uma partida, poderá transformar-se rapidamente numa tragédia. Founia proclama que se, nos próximos cinco minutos, a porca nojenta que o fez não o confessar a ela, *Paniq* Founia, não será a Alma que ela irá queixar-se, mas a instâncias muito superiores!

– Grupos de cinco! – berram os dois monstros. Como um general, Founia desfila diante de nós, detém-se e cospe-nos na cara um polaco incompreensível, mesmo para aquelas que o entendem. Estou preocupada com Florette, a vítima de serviço, quando Halina agarra no braço de Founia e aponta para o teto. Movendo pesadamente a sua massa gelatinosa, ela encaminha-se para a sua cama, levanta a cabeça e começa a praguejar, mas isso já não nos diz respeito, pois ela protesta contra o telhado que se atreveu a deixar entrar chuva para cima do seu beliche.

Ainda não acabámos de comer a sopa, quando uma *Läuferin* nos informa da vinda de um trabalhador. É um tipo alto, de óculos – o que é raro, pois quem tem problemas de visão não costuma

sobreviver –, e a sua magreza é impressionante. Jenny comenta:

– Este pode andar em cima do telhado sem o furar e vir parar cá abaixo, mas, se apanhar uma rabanada de vento, vai pelos ares!

Pensativo, ele observa o teto, inclina a cabeça e olha em redor com a sua expressão ingénua de míope.

– Parece estar à procura de alguém – nota a Irena grande.

– Sendo tão pitosga, é pouco provável que a encontre!

Vigiado por Founia – os homens deportados não estão autorizados a dirigir-nos a palavra –, ele sobe ao cimo da *coja* e apalpa o teto.

Aproxima-se a hora do ensaio, andamos para a frente e para trás, apressamo-nos. A dada altura, Anny diz-me.

– O tipo tem qualquer coisa para ti. Tens de aproximar-te dele.

A coisa não demora cinco segundos: passo perto dele, ele entrega-me discretamente um pedacinho de papel, sussurrando:

– É da parte do Léon e pede resposta.

Léon escreveu-me: «Fania, estou no campo, desenrasco-me, trabalho na fábrica, não me esqueço de ti. Se precisares de mim, pensa que estou aqui e que continuas a ter o teu lugar no meu coração. Soube que estás na música. Um beijo do teu apaixonado de Drancy. Léon.»

Que podia o pobre desgraçado fazer por mim? Recordo o seu rosto amável de parisiense dos arrabaldes. Ele, que já era um pau de virar tripas, deve estar transparente! Certamente, nada conseguiria unir-nos nunca, o seu gesto algo louco, ao introduzir-se no nosso transporte, fora surpreendente. Ele deveria ter a esperança de que viajaríamos juntos, de que faríamos amor, de que seríamos dois, abraçados com força um ao outro, um sonho de miúdo na cabeça de um homem. Um ato de outros tempos, do tempo das princesas, dos vagabundos heroicos, dos aventureiros extraordinários, sabe-se amar em Belleville e em Ménilmontant! Sinto uma onda de calor no coração, escrevo-lhe muito rapidamente, digo-lhe que está tudo bem comigo, que é suportável, que gostei muito de receber o seu bilhete, que sinto por ele muito afeto e ternura. Envio-lhe um beijo. No momento, gostaria muito de poder falar-lhe de amor!

O companheiro dele tem um sotaque caloroso do Sul:

– Quando ele soube que você estava aqui, coitado, ficou tão pálido que julguei que iria ficar-se. Depois, desatou a falar, a falar... Há semanas que ele escreveu este bilhete, mas não arranjava ninguém que viesse entregar-lho. Ele tinha-me enchido a cabeça com a história dele, pelo que, quando eu soube que vinha aqui, peguei no bilhete, e pronto...

Olho para ele, a cana do nariz vai furar-lhe a pele, o barrete às riscas faz com que a cabeça pareça a de um condenado, não é

bonito nem nunca deve tê-lo sido. Ele traz-me tudo de que sinto falta, os homens, o amor, o meu país. Gostaria de poder abraçá-lo e os meus olhos enchem-se de lágrimas que ele certamente entende de outro modo, mas irá dizê-lo ao Léon e, logo à noite, Léon ficará feliz.

Aqui, o amor escasseia tanto como tudo o resto. Aqui, não se ama, fornicar-se: Claire, que perdeu todo e qualquer pudor, tornou-se uma espécie de «objeto» para os *Kapos*; Lotte, com a sua barriga saliente, as coxas abertas, e que oferece o seu sexo como se fosse um mealheiro, enoja-nos a todas. As relações sexuais entre Wisla, Zocha e Marila, essas paródias ao amor, agoniam-me. Neste ambiente, as poucas linhas de Léon adquirem um valor inesperado, tornam-se ainda mais preciosas para mim, gostaria de ficar com elas, mas não a ponto de arriscar a vida por isso... Como tal, abro a portinhola da salamandra e, antes de destruir a carta de Léon, aperto-a na palma da mão, amarrotada numa bola, morna do meu calor... Atiro-a para o lume, ela pega fogo quase imediatamente e, não sei porquê, transforma-se numa visão medonha. Os crematórios ficam tão perto!

Os gritos, os berros de fúria de Alma, interrompem-me os pensamentos. Que se passa? Com violência e toda a força, Alma acaba, uma vez mais, de esbofetear Florette, que, de pé, lívida de raiva, dentes cerrados, a desafia. Irada, a nossa *Kapo* declara que a estupidez, a inépcia de Florette, lhe deixa a cabeça a rebentar, e, em passo rápido, regressa ao seu quarto e fecha-se lá dentro.

Com a marca dos dedos de Alma, o rosto de Florette está vermelho e inchado; no meio de uma hostilidade quase geral, chora e funga como uma miúda. O dia começa mal e todas as responsabilizam por isso.

Alma manda chamar-me. Segundo ela, dói-lhe muito a cabeça. Deve ser uma enxaqueca forte, pois encontro-a deitada na cama. Não sinto qualquer vontade de lhe proporcionar alívio. Preferiria devolver-lhe a sua bofetada injusta e inadmissível. No entanto, devagar, com a ponta dos dedos, massajo-lhe as têmporas.

– Quem te ensinou a fazer isto?

– A minha mãe. Ela sofria de dores de cabeça muito fortes, que eu conseguia aliviar com isto.

Alma fechou os olhos, as mãos pousadas junto ao corpo, uma postura descontraída, mas enganadora. Há alguns dias que anda particularmente nervosa, estranha, ausente. Deixa-nos em sentido durante longos momentos, como se não nos visse. Quando afixo uma partitura nova no seu atril, ignora-a e, a seguir, pega nela com indiferença. As raparigas ainda mal começaram a decifrá-la e ela já está com a batuta no ar, a gritar: «*Ruhe!* Basta! Recomecem!» O resultado é assustador; dir-se-ia que

os sons lhe chegam ao retardador, pois só põe fim à cacofonia depois de várias cadências. Por fim, emerge dos seus pensamentos, grita, barafusta, atira a batuta a uma executante, como hoje esbofeteia aquela que toca pior, queixa-se de dores de cabeça e termina o ensaio. Que andarás a preocupá-la?

– Sem disciplina, é impossível fazer música. Não compreendo que aquela rapariga não aceite uma bofetada bem merecida.

– Porque haveria ela de aceitar que a esbofeteie?

Alma senta-se na cama, estupefacta:

– Que é que estás a dizer? Mas é justo, tenho esse direito. Estou aqui para fazer música. Não tenho de me ralar com sentimentalismos. Vocês, franceses, não entendem as coisas sérias, parecem ignorar que há um momento para cada coisa, divertem-se enquanto estão a trabalhar, misturam tudo e, principalmente, põem sentimento onde ele é inútil. Não é desonroso que o nosso regente nos dê uma bofetada ou uma pancada com a batuta; devemos agradecer-lhe. Não é um insulto, é uma lição. Na minha infância, na juventude, fartei-me de apanhar por causa de fírias e isso sempre me pareceu bem. No nosso país, na Alemanha, a tradição manda que o chefe de orquestra aplique castigos corporais aos seus executantes. O grande Furtwängler⁶¹ batia nos seus músicos. Uma vez, eu assisti, houve um grande escândalo. O solista de primeiro-violino adoeceu e foi substituído por um francês. O Furtwängler chamou-o à atenção por duas vezes; à terceira, pelo mesmo erro, deu-lhe uma bofetada. O francês deu-lhe outra. Como se admite? Nem eu nem os músicos percebemos. – Escandalizada ainda hoje, ela repete: – Cometer três vezes de seguida o mesmo erro merece uma pancada com a batuta, não merece? O francês não achou bem. Não se percebe. Contudo, somos nós quem faz a melhor música no mundo. Sem disciplina, as vossas orquestras jamais poderão ser como as nossas. Sem obediência, não se pode fazer boa música. E aqui é tão difícil, com estas idiotas, estas raparigas sem amor!

Sem amor pela música, obviamente. Será que ela tem noção do que está a dizer? A fúria invade-a, aperta as mãos com nervosismo:

– Temos de fazer corretamente o nosso trabalho; os senhores oficiais devem ficar satisfeitos. Estamos aqui para isso, não estamos?

Não, Alma! Estamos aqui para morrer, estamos todas em pena suspensa, bem como a orquestra. Tive forças para não gritar. Ela começa a parecer-me um monstro. Cerro os dentes para me obrigar a ficar calada.

Alma levanta-se, caminha nervosamente pelo quarto, encara-me. Surpreendentemente, os seus olhos escuros ardem com uma

espécie de paixão desesperada que os torna comoventes:

– Senta-te e ouve-me. Julgas que não vejo nada? Estás enganada, eu não quero ver! É uma recusa.

Inclina-se para mim, agarra-me nos ombros, larga-me, endireita-se. Será que vai calar-se ou continuará a falar? Fala, e o seu francês, habitualmente excelente, torna-se difícil, as palavras atropelam-se ou faltam-lhe:

– Tu não entendes! Vocês não entendem! Eu não posso ser como vocês, com o vosso coração sempre mole, o meu tem de ser duro. *Ach! Zum Teufel!*⁶² Se eu passar a vida a sentir pena das pessoas que são gaseadas, se pensar como vocês, as raparigas da minha orquestra, as minhas raparigas, podem num instante... – Faz estalar os dedos. – ... desvanecer-se em fumo. Por isso, sento-me na cadeira onde estás e choro. Tudo se torna negro e chamo a morte. *Mein Gott! Mein Gott!* A vossa cabeça é pequena, muito tola. Se eu estiver sempre com medo das seleções, é o meu fim, deixo de fazer música!

As suas mãos magras apertam-se convulsivamente, os nós dos dedos ficam esbranquiçados. Que a desespera? As seleções ou o fim da orquestra? As duas coisas? Surpreende-me vê-la assim, sem controlar a mente, as palavras. Senta-se na beira da cama, diante de mim; os seus joelhos tocam nos meus:

– O caminho de ferro à frente da nossa porta é uma coisa horrível. Eles nunca deviam ter feito tal coisa. Deviam respeitar o nosso bloco, respeitar a música. Os comboios põem-me nervosa. Se, como vocês, eu visse as pessoas a descer dos vagões, se chorasse ao ver as crianças, tão pequenas, nunca, jamais conseguiria manter a minha orquestra! Ontem de manhã, durante o *Blocksperr*e, fui para o meu quarto. Vocês estavam à janela, coladas aos vidros como se fossem moscas, mórbidas... e assistiam!

É a minha vez de me enervar:

– Sim, atrevemo-nos a assistir e ficámos transtornadas. Três quartos das pessoas estavam mortas, tiraram-nas dos vagões à pazada, pás de madeira como as dos padeiros! Havia miúdos pequenos que corriam e gritavam: «Mãe!... Avó!...» Aquilo partia-nos o coração e eu observei, observei para não esquecer o que fazem os nazis! Para o gritar ao mundo! Para que sejam amaldiçoados!

Ela diz-me, friamente:

– Eu estou atenta à chegada dos comboios apenas para saber se trazem boas executantes. Tu és tão estúpida como as outras!... Se eu me deixar levar pelo vosso estado de espírito, deixarei de conseguir reger-vos e faremos música má, execrável. O comandante Kramer e a Mandel acabarão com a orquestra. Agora

vou responder ao que dizes dos alemães. Quando cheguei ao campo, percebi que o nacional-socialismo não era bom, refiro-me a esta faceta do nacional-socialismo. O meu país não conseguia aguentar a desordem, precisava de um líder. Já te disse que não sabia nada sobre política e, contudo, aprovei a chegada do Hitler. Só quando os judeus começaram a ser perseguidos é que me preocupei: porquê aniquilar-nos? Éramos alemães iguais aos outros. Lamentei não perceber mais de política. A mim, os nazis não diziam coisa alguma: eu dava concertos com toda a liberdade, foi assim que consegui ir para a Holanda. E foi lá que fui detida; de lá, fui deportada quase de imediato, sem regressar à Alemanha, sem poder avisar o meu pai. Talvez ele continue a tocar.

»Chegar ao *Lager* foi muito perturbador para mim! Não fiz quarentena, puseram-me no bloco experimental. Não sabia o que isso significava. Quando entrei naquele espaço enorme, muito limpo, quase como um hospital, com mulheres deitadas em camas, não percebi, porque não estava doente. Mandaram-me despir e deram-me uma cama. Não conseguia sentir-me preocupada. Não tinha motivos para isso. Não fizera nada de mal. Havia algo que me aborrecia: o número tatuado no braço, parecia-me – como hei de dizer? – degradante. Eu era tímida, não me atrevia a fazer perguntas àquelas mulheres. Percebia perfeitamente, pela maneira como me olhavam, que não sabia ser simpática. – Baixa a cabeça. – Eu nunca soube ser simpática... A minha vizinha da direita, baixa e gorda, sem que eu lhe tivesse perguntado coisa alguma, informou-me: «Todas as manhãs, aparece um SS com uma lista na mão, chama por números, as mulheres chamadas levantam-se e saem por aquela porta que vês ali ao fundo. Muito poucas regressam, eu nunca vi nenhuma, mas há algumas que tiveram oportunidade de falar. Parece que todas elas morrem, durante ou após as experiências: operações horríveis, intervenções cirúrgicas inacreditáveis, sem anestesia...» De que tipo? Ela não sabia. Todas elas estavam à espera, temiam que chegasse a sua vez, eu também. Contudo, custava-me a crer. A seguir à passagem do SS, ficávamos descansadas durante o resto do dia, já não sei quantos passei naquele sítio. Foi um período muito longo, desmoralizador, sempre deitada, era proibido falar, as mulheres sussurravam, um murmúrio constante, monótono como uma torneira que pinga... Sentia falta do meu violino, queria tê-lo deitado ao meu lado, como se fosse um filho. Uma manhã, apareceu um outro SS, o seu olhar procurava alguém, fitou-me: «És a Alma, a violinista?» «Sim, *Herr Offizier*.» «Anda daí!» Fui com ele. Saí daquele espaço, abandonei aquele sítio sem olhar para trás. Sempre atrás do tal

SS, entrei num barracão de madeira, aquecido, onde estavam raparigas bem vestidas, com instrumentos na mão, a olhar para mim. Fitámo-nos em silêncio, foi estranho, inesperado. Eu desconhecia a existência daquela espécie de orquestra. Uma mulher forte, robusta, com uma braçadeira com uma lira branca, ordenou-me, num alemão deficiente: «Aproxima-te. Sou a regente da orquestra, sou polaca, descendente do grande Tchaïkowski.» Espantada, perguntei-lhe: «É o quê?» «A regente da orquestra.» Bem vistas as coisas, não era assim tão surpreendente. Nós, alemães, apreciamos música, somos muito músicos, e, como tal, porque não uma orquestra?

O oficial das SS voltou, trazendo um violino muito bonito, que me entregou. Fania, aquele contacto... Fiquei lavada em lágrimas. Tal como tu, no dia em que entraste e correste para o piano...

Fico admirada por ela ter reparado nisso e se lembrar.

– Ele ordenou-me: «Toca!» E eu toquei, toquei, toquei, deixei de saber onde estava, a alegria enchia-me o coração, a mente, o corpo. Já não me encontrava no meio de selvagens, tinha um violino e mandavam-me tocar! Entraram outros oficiais, mulheres das SS, ouviam. Esse público parecia apreciar-me, isso era bom. «Sehr gut, sehr gut!», disse o comandante. «Vais assumir a direção da orquestra. Serás *Kapo*. A Tchaïkowska será *Blockowa*. Mas, contigo, a orquestra terá de tocar outras coisas além de marchas, queremos concertos para nós e para os prisioneiros. Queremos música!» Eu, regente! Entende o meu receio: nunca dirigira uma orquestra, não sabia ler uma partitura, não aprendera, que iria ser de mim? Os oficiais das SS saíram, a Tchaïkowska entregou-me a sua braçadeira. De camisa de noite, subiu ao pódio. As raparigas estavam à espera, eu tinha de fazer alguma coisa. Elas eram tão jovens! Ordenei-lhes que tocassem o que soubessem! Medonho! Horrível! Então, fiquei assustada, questionei-me: que se pode fazer com estas mulheres? A maior parte não sabia ler uma partitura, não eram sequer más amadoras, apenas quatro profissionais. Com toda esta incompetência, era preciso formar uma orquestra. Era o preço da minha vida e da delas. Decidi instituir uma disciplina férrea. Elas queriam fazer parte da orquestra, haviam ousado considerar-se instrumentistas, teriam de o provar! Nunca as deixaria sabotar a música!

Os seus olhos escuros cintilam com o ardor fanático de uma Judite. Desumana na sua paixão, é bela:

– Comigo, ninguém faz troça da música! Não consigo tolerá-lo, suportá-lo. É como se me cuspissem na cara, como se me espezinhassem a alma. Dediquei-lhe a minha vida e ela nunca me

traíu; com ela, através dela, conheço a felicidade! Até aqui me sacrifiquei por ela. Julgas que era assim tão diferente de vocês quando cheguei? Deram-me este quatinho, escolhi a Regina, uma péssima executante, para me fazer a cama, engraxar-me as botas e trazer-me as refeições. Já perguntaste a ti própria se eu não preferiria sentar-me convosco, conversar, não estar isolada? Só que, se eu assumisse essa postura, jamais conseguiria impor disciplina. O «chefe» tem de manter-se à parte, é feito para estar só. Devem respeitá-lo.

– E também gostar dele, Alma.

Surpreendida, ela fita-me, com a cabeça inclinada num bonito movimento do pescoço:

– Não se pode gostar de um chefe sem o respeitar em primeiro lugar. Além disso, como sabes, aqui, o amor... Logo nos primeiros dias, apercebi-me de que existia uma animosidade incrível entre estas mulheres. Assim que viro costas e fecho a porta do meu quarto, discutem, gritam, roubam, choram, riem-se, brigam... Vivem como se fossem loucas. Então, eu grito mais alto do que elas, imponho ordem em tudo, para tudo: o aspeto, o trabalho... Durante dezassete horas por dia, os ensaios têm de ser feitos corretamente. Por uma só fífia, castigo, esbofeteio-as, e isso é normal e obrigatório, como já te disse. Trato-as como devo, a minha preferência vai para as boas executantes, e isso também é normal. Quando me trouxeram a Marta, uma alemã nascida em Breslau, e vi que ela era uma excelente violinista apesar dos seus dezassete anos, fiquei satisfeita. É uma rapariga instruída e fala muito bem francês. Foi educada como eu, à alemã, é disciplinada, um muito bom exemplo, muito repousante para mim. Protegi-a, consegui colocar a irmã dela, a Renate, no «Canadá»: para tocar bem, ela não podia ter preocupações.

Sem ter tempo sequer para apreciar este ato de humanidade, apercebo-me de que apenas aconteceu por causa da música, relacionado com ela. Alma permanece calada, imersa nos seus pensamentos. Talvez eu deva sair discretamente? Estará ela à espera disso? Mas existe nesta mulher apaixonada algo que me fascina. Depois de ouvir os seus relatos, surge-me uma dúvida: será ela mais alemã do que judia? É aí que reside a sua luta interior?

– Sabes, Fania, mais do que o Kramer, é a *Lagerführerin* Mandel quem nos protege. Ao Kramer, não se pode pedir coisa alguma. A Maria Mandel gosta da orquestra, orgulha-se mais dela do que o comandante. «Birkenau», disse-me ela, «é o único campo que tem uma orquestra feminina, a única em toda a Alemanha e nos territórios ocupados.»

Não sei se somos a vaidade desses SS, mas somos certamente a de Alma, que incha, que se regozija, se pavoneia com a ideia de

reger «a única em toda a Alemanha»! O seu orgulho desorienta-a. Enquanto estas palavras que me transmite me angustiam, a ela, tornam-lhe a vida suportável. Para mim, evocam campos que se estendem como teias de aranha sobre toda uma parte do mapa da Europa. Ao pensar na sua quantidade, fico horrorizada até à náusea. Seria quase reconfortante poder pensar: «Auschwitz é a única fábrica de morte»...

Que rumo tomou a mente de Alma?

– Estou perturbada com o mau comportamento de todas estas raparigas, com a sua desobediência, a sua inconsciência. Aqui ou noutro sítio qualquer, aquilo que fazemos deve ser bem feito, nem que seja por respeito próprio. *Frau Mandel* pergunta-me se as raparigas têm fome. É claro que têm fome, é claro que eu podia pedir pão. Mas, quando elas tocam tão mal, não tenho o dever de me calar?

Ela faz uma pergunta, mas não está à espera de resposta, a sua noção do dever protege-a de todas as fraquezas do coração. Se assim é, porque me enfrenta ela com violência, como se sentisse necessidade de se justificar?

– Elas não irão receber coisa alguma! E, no domingo, estarão mais atentas!... Estou a defender os interesses delas: não devemos aborrecer quem manda em nós!

Alma cala-se, será que o meu silêncio a inquieta? Será que já não se sente confiante?

– Não é verdade que tenho de agir assim, Fania?

E toca a tocar!

Não, não! – grita Florette. – Não volto a tocar, odeio música, vai enlouquecer-nos a todas! Pôr-nos doidas!...

As raparigas acabam de regressar da sua saída da noite. Que terá acontecido? Será uma das explosões habituais de Florette? Olho para elas e pressinto que é outra coisa. Ninguém costuma prestar atenção às entradas e saídas, elas saem e entram sem dizer uma palavra. É a última tarefa do dia e, habitualmente, o regresso delas cria até uma certa descontração. Esta noite, voltaram a arrastar os pés e com o rosto cinzento. Sem um olhar, Alma passou pelas duas divisões e fechou-se no quarto. Mais pálida do que nunca, *Frau Kröner* arrumou a flauta na sala de música, seguida de algumas outras cuja expressão ausente me surpreende. A Irena pequena olha para o vazio. Jenny está tão branca que as sardas lhe salpicam o rosto de castanho. A Irena grande, cujo nariz me parece contraído, olha para Florette com preocupação.

– Não, não! Não aguento mais, não volto lá. Vão matar-me, mas não me ralo. É assim que tudo acabará! Para todas nós!

É visível o arrepio de medo nas espinhas. Quase todas as raparigas se viram para Florette, carrancudas, prontas a bater-lhe.

– Não quero voltar a vê-las, não quero voltar a ver o olhar delas... Fania, os cães devoraram duas... duas que iam mijar ou apanhar um pouco de gelo para chupar... Os SS ataçaram-lhes os cães... Eles desfizeram-nas, despedaçaram-nas. E os sacanas obrigaram as companheiras a levarem-nas para o amontoado das mortas, e eu vi-as! Pedacos de mulheres, comida para cão... que elas carregavam como conseguiam, às costas... Nós tocávamos, tocávamos... *Plum! Plum!* Foi atroz! Talhantes com partes de carne

ao ombro, curvadas pelo peso, estavam exaustas, e nós, ao tocarmos, obrigávamo-las a marcar passo, com ritmo... Um ódio no olhar daquelas mulheres... Não quero voltar a ver isto. Não vou lá mais...

Tornando-se subitamente solidárias, Hilde e Helga agarram-na pelos ombros e, com a ajuda da Irena pequena, arrastam-na:

– Vamos lá fora, vai fazer-te bem.

Feroz, a destilar ódio, Hilda diz-lhe:

– Havemos de os deitar aos cães deles, eles irão despedaçá-los... E nós espezinharemos os seus restos... Eles hão de pagar... Eles hão de pagar!...

Enquanto elas levam Florette, a soluçar e aos vômitos, pergunto à Irena pequena:

– É verdade que não há um dia em que eles não lhes aticem os cães?

– Sim... Todos os dias, morrem assim uma ou duas. Nós sabíamos-lo, mas nunca tínhamos assistido àquele horror...

Nunca me senti tão grata por ser dispensada daquela tarefa. O espírito perverso dos SS ainda não lhes sugeriu juntar uma cantora àquela pseudofanfarra!

Agora estou aqui, no meu beliche, tento despojar-me deste relato, libertar-me dele. Aquelas imagens, que não vi, permanecem coladas na minha retina. Esta noite, os holofotes das torres de vigia parecem-me nervosos, varrem o campo, penetram com maior frequência no nosso dormitório. Física e moralmente exaurida, Florette dorme, refugiada na sua posição favorita. Parece-me que, gradualmente, as nossas noites se tornam mais agitadas, só os roncos de *Pania* Founia continuam iguais a si próprios.

A neve e o gelo derretem-se lentamente; aqui, em abril, chove, o vento não cessa de agitar a lama, que nos salpica e nos obriga constantemente a limparmo-nos com nada, um trabalho cansativo, irritante.

Todo o campo está em movimento. Será a primavera que nos enerva como se fôssemos animaizinhos insatisfeitos? Chegamos rumores: «Na Rússia e em Itália, as coisas estão a correr mal para os alemães... Fala-se até de um desembarque em França...» O nosso bloco torna-se uma espécie de plataforma giratória. De certo modo, o inverno mantinha-nos abrigadas, em hibernação, sentíamos-nos protegidas, à margem. As pessoas voltam a circular pelo campo. O vaivém é constante, recebemos visitas: das mulheres dos «Canadá», das cozinhas, do pessoal do *Revier*, de intérpretes, de *Schreiberinnen*... O nosso bloco é um ponto de passagem, o exterior jorra para dentro dele, os rumores circulam, zumbem de todos os lados. Acontece constantemente alguma coisa que nos agita. Da nossa sala de música, com o coração na

garganta, assistimos à chegada dos transportes. O ritmo das seleções aumentou, a fábrica de morte funciona sem parar, uma fuligem gordurosa cola-se-nos à pele, as mulheres contam-nos que, ao lado dos barracões, se amontoam cadáveres, pois os fornos já não conseguem dar-lhes vazão. A prioridade vai para as recém-chegadas, pois aquelas que estão mortas ou meio mortas podem esperar. Dizem-nos que, no meio desses cadáveres, se vê uma mão, uma perna, a mexer. Gostaríamos de tapar os ouvidos, mas escutamos com uma avidez doentia.

Nunca tocámos tanto: dois, três concertos a cada domingo. Todos os dias, por vezes noites a fio, os SS vêm ao nosso bloco, para exigir a sua ração de música. Ainda e sempre música... Para nós, ela torna-se uma das formas do Inferno. Porém, sinto-me grata por esta música que me concede esta pena suspensa, que me permite também, enquanto estou a trabalhar nas partituras e a recompor trechos, esquecer, oxigenar a mente, o equivalente a algumas horas no alto de uma montanha, e até divertir-me, como acaba de acontecer com um arranjo de *Cavalleria Rusticana*, cujas primeiras cadências fazem lembrar a nossa canção favorita: *J'attendrai*. Escrita para todos os ausentes de 1939-1940, simboliza para nós todos os regressos: o deles, o nosso. Sempre que tocamos e que eu interpreto este arranjo, rejubilamos interiormente. É agradável cantar na cara deles uma canção de esperança. Enganar é a desforra dos fracos. Inventei outras alegrias. Fiz o arranjo em forma de marcha de *Josef, Josef*, um *foxtrot* célebre, composto por um judeu alemão; graças a mim, é ao ritmo de uma música judia, por vezes reconhecida por algumas das deportadas, que as mulheres dos *kommandos* desfilam. Nunca um SS se apercebeu disso. É com visível satisfação que a ouvem, acompanhando o ritmo. Ainda mais delicioso foi vê-los a saborear, com um contentamento infinito, o primeiro movimento do *Concerto para Violino e Orquestra em Mi menor* de Mendelsshon, um compositor proibido na Alemanha e nos países ocupados. No dia em que o reescrevi de cabeça e que Alma o encontrou sobre o seu atril, fitou-me:

– Achas que é possível?

Respondi-lhe:

– Sem dúvida. Nenhum deles consegue aperceber-se.

– *Jawohl!* Manda escrever no programa: «Concerto para violino e orquestra.»

E sempre que ela o dirige ou interpreta, trocamos um sorriso cúmplice. No entanto, o risco que corremos é real. Mas quão intenso é o gozo de os ver deliciar-se com beatitude ao ouvirem esta música proscriita! Bons momentos, breves, demasiado breves...

– Toca a tocar! – escarnece Jenny, por tudo e por nada.

Esta frase tornou-se um lema. Em Birkenau, a música é verdadeiramente a melhor e a pior das coisas. A melhor, porque devora o tempo, proporciona esquecimento, como se fosse uma droga, saímos dela entorpecidas, esgotadas... A pior, porque o nosso público são eles: os assassinos; são elas: as vítimas... e, nas mãos dos assassinos, não nos transformaremos, também nós, em carrascos?

Os concertos dominicais nem sempre se realizam na Sauna, tocamos onde nos mandam tocar. Um destes últimos domingos, tocámos no bloco das alienadas. Estão lá presas mulheres que, aquando da sua detenção, eram doentes mentais, mulheres que não suportaram os horrores do campo ou que enlouqueceram devido às experiências nas quais serviram de cobaias. Não sei se o nosso concerto nesse bloco foi experimental, se o comportamento daquelas desgraçadas e as suas reações se haviam tornado alvo de estudo para os médicos de Birkenau e Auschwitz, mas muitos deles estavam presentes.

Tocamos à entrada do bloco, na ala central. Deitadas, estendidas na sua *coja*, as mulheres têm atitudes variadas. Algumas, meio nuas, semelhantes a macacas esqueléticas, ficam durante todo o concerto agarradas à estrutura do seu beliche, em posturas simiescas. Observam-nos, estendem as mãos na nossa direção, talvez a pedir o pedaço de pão que não poderíamos dar-lhes. Outras, aparvalhadas, parecem não nos ver e, ainda menos, ouvir-nos, de tal modo que penso: «Não é possível, eles deixaram-nas surdas!» Outras ainda agitam-se, dançam, levantam sem pudor os farrapos que vestem, gritam.

Alma tem a sorte de estar de costas para elas, mas nós vemos-las. Principalmente eu, que tenho apenas de interpretar duas canções. No final de um trecho, algumas aplaudem freneticamente. Têm de estar mesmo loucas para ousar fazê-lo! Durante todo o tempo que passaremos no campo, só elas nos irão aplaudir... Alma deve sentir muita falta dos «bravos», imagino-a perfeitamente a agradecer à sua maneira, simultaneamente altiva e exageradamente educada.

Uma daquelas pobres mulheres destaca-se, faz-nos caretas irresistíveis, imitando grotescamente Alma diante do seu atril e, a seguir, Helga na bateria. É tão cómico que pergunto cá comigo se será louca ou imitadora. É algo de tão inesperado que os nossos nervos não aguentam e rimo-nos como... loucas.

Por mais que tente controlar-me, não consigo – a nossa média de idades ronda os 20 anos – e penso: no campo, o riso é o antídoto do horror. É ele que nos mantém saudáveis, mas julgo que tem algo de doentio. Estas gargalhadas têm em nós um efeito

anestésico, e temo que, progressivamente, nos levem a desvalorizar uma vida humana.

Algumas semanas antes, Alma pediu para compor para a Irena grande, a nossa primeiro-violino, uma cadência para o primeiro andamento da *Sonata em Lá maior* de Mozart, e eu fi-lo. Quando Irena lê a partitura, faz cara feia, franze o nariz:

– É muito difícil, nunca conseguirei tocá-la.

– Não te preocupes, pois a Alma ainda não a viu. Dir-lhe-ei que não consegui escrevê-la.

Viperina, Jenny intervém:

– Se é demasiado difícil para ela, não o é para mim!

A sua voz aguda de melro dos subúrbios começa a erguer-se:

– O que é que vocês as duas julgam? Comecei a tocar violino primeiro do que ela! No cinema Rialto, todas as noites, e o meu público sabia apreciar!

Contrariando todos os prognósticos, Alma aceita com indiferença que Jenny toque a cadência. Durante dias, fura-nos os tímpanos, esgota-se a ensaiar o seu trecho, sofre com a minha música, e eu, ainda mais ao ouvi-la. É assustadoramente mau. Alma grita, barafusta, Jenny teima, repetindo: «Eu conheço-a, vou tocá-la!»

No domingo de manhã, empinando na minha direção o seu nariz pontiagudo, garante-me que sabe o seu trecho de cor, que é muito fácil para ela, que apenas poderiam ter-lhe dado mais tempo para aperfeiçoar a sua execução, mas que à tarde iríamos ver como era! Nem sequer encolho os ombros, estou-me nas tintas. A única coisa que me interessa é saber onde vamos tocar. Temo uma nova experiência do género da do bloco das loucas e só fico descansada quando sei que, de manhã, vamos tocar para as doentes do *Revier* e, à tarde, na nossa sala, para os SS.

Desde que entrei para a orquestra – há cerca de quatro meses –, é a primeira vez que damos um concerto na enfermaria. É algo que até me satisfaz: tocar para os doentes parece-me ser uma justificação perfeita para a nossa existência. Tenho uma visão idílica da coisa, a minha imaginação galopa livremente para imagens agradáveis: proporcionar um momento de alívio às doentes, fazê-las esquecer a sua infelicidade, blá-blá-blá... de tal maneira que não me apercebo logo de que sou a única que sorri. De muito mau humor, Alma não parece estar a sentir o ligeiro entusiasmo que costuma animá-la antes dos concertos. Aliás, com exceção de Jenny, quase todas as raparigas estão sorumbáticas.

Ewa suspira:

– Quem me dera que já fosse logo à noite. Detesto cantar no *Revier*.

– Porquê? Bem vistas as coisas, talvez possamos dar um pouco

de alegria às doentes... fazê-las esquecer...

Florette interrompe-me abruptamente:

– Nós tocamos de manhã e, à tarde, elas são gaseadas!

Fico com a garganta seca, balbucio:

– E elas sabem disso?

– Não, mas a Alma sabe, e nós também.

Cobardemente, teria preferido que não mo dissessem.

Na minha imaginação, via o *Revier* como uma espécie de hospital, branco, com camas, sem luxos, espartano, mas limpo. Dou por mim num barracão malcheiroso, não aquecido, cujo chão foi lavado antes da nossa chegada. Blocos de *cojas*, cuja parte de cima desaparece na sombra, mulheres fantasmagóricas, meio nuas, a tiritar, deitadas em enxergas sem lençóis, algumas sem cobertores, fitam-nos com olhos de quem está a arder em febre.

Pausada e cuidadosamente, no corredor central perto da porta que ficou aberta, pousamos os atris e, sobre eles, as partituras, e a seguir afinamos os instrumentos. Desta vez, a minha participação resumia-se a uma canção e eu seria capaz de dar qualquer coisa para ter um instrumento nas mãos, uma tarefa que me absorvesse e me permitisse não olhar para aquelas mulheres, não as ver. Algumas levantam-se, as menos doentes aproximam-se, fitam-nos. Que lhes trazemos? Quais serão as que sabem que estão condenadas? Seremos o cigarro e o copo de rum?

Alma faz sinal às suas executantes, a orquestra começa a tocar *O Belo Danúbio Azul*. Há mulheres que cantarolam, outras uivam como animais feridos, outras ainda riem-se, tapam os ouvidos, baloiçam-se seguindo o ritmo. Vislumbro algumas que, ignorando a nossa presença, rezam de mãos postas. Muito poucas estão connosco, acompanham o concerto. Gritos e choros desafinam a nossa música...

As raparigas tocam árias de ópera, *foxtrot*, valsas... tocam como se tudo aquilo não as afetasse. Ao pé da porta, que permanece aberta, um vaivém de médicos, de SS, um *Hauptscharführer*⁶³, que eu nunca vira, atrai a minha atenção. É muito alto, magro, tem a cabeça achatada e cabelo de estopa. Os seus olhos vítreos, inexpressivos, jazem no fundo de órbitas fundas, órbitas de cadáver. Ele observa-nos e fico incomodada com a careta do seu sorriso. Ewa está ao meu lado, pergunto-lhe:

– Quem é?

– É o Tauber, o pior de todos. Não gosta de música.

Nota-se. O seu olhar semicerrado, encovado, cruel, esquadrinha-nos, enquanto a sua boca sem lábios esboça um esgar de desagrado superior. Pergunto a Ewa:

– Então, que está ele a fazer aqui?

– À procura de uma ideia para se entreter.

O rosto antipático fascina-me, não consigo desviar o olhar. No entanto, sei que é proibido fitar um SS. Perto dele, acaba de aparecer um oficial superior, um *Oberführer*: alto, extraordinariamente elegante, o uniforme assenta-lhe como uma luva, tem as têmporas louras a ficar grisalhas, um monóculo no olho; é uma espécie de compromisso entre Eric von Stronheim e Jan Kipura em *Rêve de valse*. Com a chibata debaixo do braço, bate com o cigarro de ponta dourada na cigarreira de ouro. De onde virá? Gostará de música? Ewa não sabe. Dizem que chegaram novos SS, deve ser um deles. Esta distração aliviou-me um pouco o coração e a garganta; felizmente, pois chegou a minha vez e interpreto a segunda canção do *Pays du sourire*:

«Tomar chá a dois... é maravilhoso!» Não consigo manter-me totalmente concentrada e penso que cantar isto, diante destas mulheres, é uma piada de mau gosto!

Ainda não terminei e já o coronel-modelo fotográfico e Tauber viraram costas. Algumas mulheres ouvem-me, escarnecem, uma delas tenta cantar comigo o refrão, com uma voz rouca que tem dificuldade em lembrar-se do passado, provavelmente muito próximo, em que ela cantava. É penoso, doloroso, e eu continuo a cantar o amor e a chávena de chá...

Chegou a vez de Jenny. Logo às primeiras cadências, mete os pés pelas mãos, toca muito mal. Esqueceu-se de tudo. Apesar do frio, está corada e transpira profusamente. Alma desiste de reger os gemidos de gato produzidos pelo arco dela, fogem a todas as cadências, mas ela não desvia os olhos de Jenny e a sua expressão é tão irónica que a executante a sente como a uma bofetada. Por fim, com um gesto seco da batuta, Alma acaba com aquele suplício. Envergonhada, Jenny chora, enquanto nós, esquecendo onde estamos e as circunstâncias, choramos a rir; contagiadas pelo nosso ataque de riso, há mulheres que começam, também elas, a rir-se. Não conseguimos controlar-nos, ainda que todas saibamos que a falha de Jenny foi tão grave que poderá custar-lhe a vida!

Quando consigo dominar-me, estes ataques de riso incontroláveis, histéricos, preocupam-me. Quando param, ficamos fisicamente abaladas e profundamente indiferentes; parece que, de certo modo, eles nos afastaram do meio em que nos encontramos, que nos tornaram insensíveis.

Arrumamos o nosso material e saímos do *Revier* como se fôssemos trabalhadoras que saem do emprego. A seguir, cem ou duzentas destas mulheres, talvez mais, serão encaminhadas para os crematórios. Será que já nos transformámos em selvagens?

Como se explica a nossa indiferença? Lembro-me de dois acontecimentos recentes, não relacionados, mas que acabam de suceder-se: o regresso de Marta, o desperdício de Zocha.

A manhã termina com o habitual ruído metálico das malgas que se segue à chegada da sopa. Sentadas à volta das nossas duas mesas, engolimos o líquido viscoso. Lá fora, não para de chover. Molhada, com a cabeça a pingar, aparece uma rapariga diante da porta aberta. O vento varre a divisão onde estamos. Ela é muito magra, está no limite de ser «muçulmana» – não tenho a certeza de que pese vinte e cinco quilos –, é muito alta e quase não tem seios. Não se percebe bem se é uma rapariga ou um rapaz. Estupefactas, Florette e Jenny exclamam: «Marta!» Eis, então, a violoncelista tão desejada. Ela não lhes sorri, o seu cumprimento é inexpressivo, vem de um outro mundo... As raparigas também não são muito calorosas. Encaminha-se, vacilante, para o seu beliche, e senta-se na beira dele:

– Tiveste o quê? – pergunta Jenny, de longe.

– Tifo.

– E safaste-te? És uma felizarda!

Avisada por Regina, Alma aparece. Marta não se levanta, mas endireita-se. Embora sejam diferentes fisicamente, pertencem à mesma raça ativa e superior. Falam rápida e brevemente em alemão. Pelo que me parece, pois agora também o falo com bastante fluência, a linguagem usada por Marta parece-me muito bonita. As suas órbitas encovadas tornam maiores e mais escuros uns maravilhosos olhos cor de castanha-da-índia dourada. Alma vai-se embora, ela fica pensativa e, a seguir, murmura num francês irrepreensível:

– A Alma deseja que eu vos acompanhe ao concerto... e todas as minhas coisas estão sujas.

Felizmente, a nossa pequena bacia está vazia, ponho água a aquecer na salamandra e digo-lhe:

– Dá-me as tuas coisas. Vou lavá-las.

Ela parece surpreendida. Não espero pela sua resposta, pego nas coisas e lavo-as. Exausta, Marta deitou-se na enxerga. Ponho a sua roupa a secar perto da salamandra: «Espero que seque até às quatro horas!» Ela aquiesce vagamente, olha-me de modo curioso, mas não sorri. Marta é orgulhosa, muito orgulhosa, não precisa de ninguém. Estranhamente furiosas, as raparigas comentam o meu gesto; para mim, trata-se de solidariedade elementar; para elas, é incompreensível. Encaram-me: Claire, Jenny, Florette, Helga, Elsa, Anny, e, atrás delas, vigilante, o grupo das alemãs e das polacas. As russas mantêm-se sempre à margem. As duas Irenas e Ewa limitam-se a olhar para mim. Sou julgada, condenada:

– És completamente doida! Agora lavas as coisas das outras?

Defendo-me:

– Ela acabou de sair do *Revier*, não se aguenta em pé. Não percebo porque não posso ajudá-la.

A explicação de Jenny é objetiva:

– Porque aqui isso não se faz. Vinda do hospital ou não, tem de se desenrascar sozinha.

Claire intromete-se:

– Se esperas que façamos o mesmo por ti, estás enganada!

– Não espero nada e não o faço por isso. Faço-o porque é normal.

Elas continuam ali, a fitar-me, reprovadoras e incrédulas, um rebanho teimoso e estúpido; para elas, sou louca ou terrivelmente orgulhosa.

Jenny, que se tornou a porta-voz, ataca:

– Esta agora! Mas o que é que tu pensas? Julgas que és um *Führer*? Ninguém nos prega sermões, e muito menos tu!

São demasiado estúpidas, demasiado egoístas, expludo:

– Minhas pobres raparigas, se continuarem a pensar assim, a portar-se assim, não conseguirão regressar à vida normal. Estão perdidas. Para viver com os outros, é preciso um mínimo de solidariedade! Talvez saiam daqui vivas, mas mais mortas por dentro do que qualquer uma de todas as desgraçadas que são queimadas todos os dias.

De olhos fechados, refugiada na sua debilidade, Marta está alheia à agitação que provoca.

As outras olham para mim, escarnecem, seguras da força preservadora do seu egoísmo. Sou eu a iluminada, a pobre de espírito, a louca dos discursos incompreensíveis, e sinto que não seria preciso muito para que os sarcasmos delas se transformassem em ódio. Porque será que, uma vez mais, é o grupo das polacas, arianas e judias que me parece o mais fanático, o mais odioso? Também eu irei começar a ser racista? Racismo, aqui? Que aberração!

Viro-lhes costas e vou à janela; por um instante, colo o nariz ao vidro; parou de chover, dir-se-ia até que algo de parecido com o sol tenta penetrar através das franjas da nossa nuvem de fumo, o vento, que acaba de virar, já não a arrasta para o nosso lado.

A poucos metros do nosso bloco, vislumbro a figura enorme e bem alimentada de Zocha; pouco falta para que me tape o horizonte. Vejo o seu gesto antes de o meu cérebro o interpretar: ela levanta o braço e, da malga que tem na mão, despeja na lama... leite! Está satisfeita, não consegue beber mais, pelo que o deita fora... de bem alto: um metro e oitenta!

A vinte quilómetros de Auschwitz, os pais, polacos não deslocados, têm uma quinta. Todas as semanas, trazem um

pacote para a filha, que lhe é entregue. Ela é alta, grande, gorda, tem a força de um homem, é um monstro! Que tem ela de humano? Que tem de humano este lugar?

Provavelmente, nesse dia, os pensamentos de Ewa seguiram um caminho idêntico ao meu, pois, nessa noite, junto à nossa salamandra, Ewa, cujos olhos cinzentos se tornam facilmente sonhadores, diz-me:

– A minha primeira viagem será a Paris, e tu irás a Cracóvia, farei com que gastes do meu país. – Esboça um sorriso fugaz, como se se tratasse de um pedido de desculpas. – Deves ter uma opinião muito má a nosso respeito! Também eu, esta manhã, vi a Zocha a deitar fora o seu leite. Tenho vergonha, vergonha do comportamento de algumas das minhas compatriotas. Devo admitir que não apreciava muito os judeus. – Faz um gesto de desculpas. – Mas, aqui, podemos continuar a detestá-los como os detestam estas raparigas tolas? Como são elas capazes de sentir ódio por estes seres martirizados, massacrados impiedosamente? Estas mulheres, estes velhotes, estas crianças? Que direito temos de desprezar uma raça, quando, entre nós, há as Zochas que deitam fora o seu leite? O gesto perturbou-me. Parece-me escandaloso que aquela rapariga de vinte e um anos, que passa o dia a comer, não tenha dado o que não queria a alguém mais desafortunado do que ela. E a brutamontes da Danka, que bate nos seus címbalos até nos furar os tímpanos. Vislumbrei nos seus olhos cruéis o prazer que sente em sobressaltar as desgraçadas que a nossa música obriga a arrastar-se «em cadência». A Irena é uma criatura horrível, má, hipócrita e manhosa... A Kaja, com vinte e um anos, uma campónia bruta e desajeitada, a rapariga que foi buscar-te, talvez seja a pior de todas; também ela deixa apodrecer o seu pão. E haverá pessoa mais terrível do que aquela que as protege, que as traz para aqui, a Tchaïkowska, que se vale de um nome que nunca foi seu? É imprevisível e consegue elogiar, rir e bater no mesmo instante, bater com os seus punhos e as suas mãos nuas, agredindo aquelas que nada podem fazer contra ela, as judias, que ela até atormenta enquanto estão a tomar duche. É estúpida e histérica, e o sangue que lhe corria nas veias foi substituído por maldade. Quando penso que mulheres como ela são minhas compatriotas, é doloroso! Sei que nem todas são assim. Mas, aqui, são estas que predominam!

– Diz antes que reparamos nelas porque são *Kapos*, *Blockowas*...

– Sim, mas porquê elas?

– Têm mais resistência física. Para dominar as outras, para que estas lhes obedeçam, precisam de conseguir bater-lhes. Os SS sabem disso e, sobretudo, são eles que lho ensinam. Entre essas mulheres, algumas estão em Birkenau desde 1941-1942. Quando uma rapariga é confrontada violentamente com este ambiente

atroz, o instinto ordena-lhe que reaja. Ela aprende muito rapidamente que, para sobreviver, é necessário agradar aos nazis, que, para os satisfazer, é preciso comportar-se como eles, pois só assim lhes conquista a confiança. É a única garantia de sobrevivência que se pode ter aqui. Isto aplica-se às Tchaïkowskas, às *Paniq* Founias, às Marilas. Elas acabaram por ficar a pensar como eles, para sentirem, também elas, que pertencem a uma raça superior!... Apagar nos detidos qualquer réstia de humanidade, recorrer às necessidades mais básicas, virá-los uns contra os outros, despertar em cada um todas as formas de selvajaria, esmagar os fracos, proteger aqueles que se tornam tão monstruosos como eles, são os meios utilizados pelos SS para alcançar os objetivos do nacional-socialismo: aniquilar a dignidade humana. Em certos seres rudes, que nasceram na miséria e que não possuem qualquer tipo de instrução, o terreno já está preparado; basta ora bater-lhes, ora recompensá-los, para que se transformem em torcionários.

Ewa fica pensativa:

– Provavelmente, tens razão. Para mim, continuam a ser polacas e pergunto para comigo o que irá acontecer-lhes quando saírem daqui, pois as suas hipóteses de sobrevivência são superiores às das outras. Como conseguirão elas readaptar-se? Serão capazes de viver como as outras pessoas? Que irá a sociedade fazer de todas estas mulheres que aprenderam a viver em cima do cadáver de outras? Guardas prisionais? Terão maridos, filhos? Tornar-se-ão novamente seres humanos normais? Qual será o lugar delas numa Polónia diferente, livre do horror do nazismo? Não será a culpa toda deles? Será nossa? Das classes privilegiadas? É muito doloroso para uma pessoa sentir-se parcialmente responsável por elas... Antes de estar aqui, eu desconhecia este tipo de sentimento, nunca teria conseguido dizer isto. Mas que sabia eu sobre a sociedade, sobre o mundo? Apenas conhecia e frequentava a minha, a da aristocracia polaca. Um outro tipo de gueto! Tenho trinta anos, um marido, um filho, o Mirok, agora com nove anos, que adoro. Sou uma das atrizes mais apreciadas, mais celebradas de Cracóvia: representei Giraudoux, Pirandello. A minha vida foi semelhante à de todas as raparigas nascidas no mesmo berço que eu. O meu pai é conde, o meu marido também pertence à nobreza. Fui criada num castelo, aprendi francês, música. Fiz aquilo a que, numa certa época, se chamava «estudos literários». Este tipo de instrução levou-me a integrar a Resistência; uma rapariga da nossa nobreza poderia não o fazer? Nem tal coisa me passaria pela cabeça. O invasor estava presente, fiz o que me pareceu útil fazer pelo meu país. E isso trouxe-me para aqui. Não me arrependo... A minha Polónia...

sugada até ao tutano... Acima de tudo, antes mesmo de acreditar em Deus e de amar a minha mãe, sou polaca, odeio os alemães, odeio os russos. Todos eles nos transformaram em eternos revoltados.

Ewa é bela, a nossa grande dama, tornada selvagem, as suas narinas estremece, aspiram o ar épico das cavalgadas fervorosas, aquelas que conduzem os heróis à morte. Contudo, aqui, ela não tem glória, é somente sórdida. Com as faces enrubescidas, continua:

– Quando vejo aquelas chaminés a fumar dia e noite, posso dizer que não me arrependo de nada do que fiz e que voltaria a fazê-lo. Mesmo que tivesse de pertencer às *Arbeitskommandos*, que me trancassem no bloco 25, que me levassem para a câmara de gás, voltaria a fazê-lo, pois tenho a certeza de que este pesadelo terminará com a derrota do nazismo... Não há outra possibilidade. Que acontecerá, então, ao meu país? É uma pergunta que não paro de fazer a mim mesma. Sobreviverei para ver? Não faço ideia, mas isso não importa. Que importância têm os meus olhos, se os do meu filho verão a libertação e ele irá viver em liberdade na minha Polónia!

Marta

Em sentido, em grupos de cinco, de cabeça erguida e com o olhar aparentemente fixo ao longe, vemos a *Rapportführerin*⁶⁴ Frau Drexler dirigir-se para uma cama da minha fila. Não é o primeiro *Bettkontrolle*⁶⁵ ao qual assisto, mas este anuncia-se feroz. Com um movimento seco, a SS arranca o cobertor, Tchaïkowska e Founia não esperam sequer pela ordem; zelosas, viram a enxerga; escondidos debaixo dela: uma toalha de banho, uma combinação, sabão, um prato estanhado, um garfo, uma colher, tudo coisas «organizadas» custosamente. «Confiscado!», ladra Drexler. E começa a devastação. Todos os colchões são virados, as roupas de cama atiradas para o chão. Drexler acompanha o seu ato purificador com vários e vigorosos *Verfluchte Juden!*⁶⁶ Não fala, esgarra as palavras. As raparigas ficam de rastos com esta revista geral. Com o olhar perdido no vazio, nem pestanejam. Atrair a atenção de Drexler pode significar atrair a morte.

Ela fica encantada com o seu miserável saque de tralha. Representa semanas de privação. É impossível que ela não o saiba. Regozija-se por ser a mais forte. Não é graças ao *Führer* que, à imagem de Deus Pai, reina sobre pequenos e grandes, que ela é a mais inteligente, quando, na sua Suábia natal, seria criada de servir? Se o bem-amado *Führer*, por intermédio dos SS, a recompensou ao colocá-la neste campo, o maior e o mais eficaz, foi porque ela o mereceu. Isto é visível no seu olhar, no seu comportamento. Esta consciência de uma forma de justiça exaltante não a impede de estar furiosa, furiosa por causa do frio, porque se aborrece, porque os dias e os meses são longos, porque existem demasiados judeus no mundo e ela não conseguirá exterminá-los a todos! Além disso, tem medo de apanhar piolhos,

que pululam por toda a parte, exceto no nosso bloco.

À semelhança das outras mulheres SS, ela vive num estado permanente de raiva. Se descarrega para cima de nós, talvez seja porque, ontem ou esta manhã, foi alvo do mau humor ou da injustiça de um superior hierárquico. Para os membros das SS, a sua colocação em Auschwitz raramente se lhes afigura como uma promoção bem-vinda; esta prova de confiança, a honra que fizeram ao seu elevado sentido do dever e da obediência, está longe de os satisfazer e não vêm para aqui por prazer. Somente os comandantes de campo, os grandes responsáveis, os organizadores geniais da morte, os sequazes de Himmler, podem esperar obter disto uma promoção na hierarquia hitleriana.

Vitoriosamente, com a ponta do pé, Drexler vasculha o monte das nossas coisas – camisas de noite, toalhas, sutiãs –, todas elas proibidas; com um salto vingativo, esmaga pequenos pedaços de pão, alguns biscoitos, um frasco minúsculo de perfume. Qual de nós terá de lavar os vestígios desta destruição? *Frau* Drexler vai-se embora, rindo-se com escárnio e satisfeita, seguida de *Pania* Founia e de Marila, que levam os destroços dos nossos tesouros.

Depois de elas saírem, as raparigas deixam-se levar pelo desespero, pela fúria. Os meus pertences mais importantes escaparam à catástrofe: a minha escova de dentes e o meu precioso caderno de apontamentos, que trago sempre comigo. Não sei de onde veio este caderninho miserável. Para que servia? Para as contas de uma dona de casa? Para os rabiscos de uma criança? Tudo o que conseguimos arranjar aqui tem um passado que é preferível ignorar. Tenho já mais estimação pelo caderno do que por qualquer outra coisa. Em poucos dias, tornou-se-me indispensável, amigoso, a minha mão gosta dele, acaricia-o como se fosse o pelo sedoso de um animal reconfortante, uma pele morna, familiar e adorada.

Mais tarde, este caderno que consegui salvar ser-me-á extremamente precioso como auxiliar de memória.

Lotte está furiosa, a SS «atreveu-se» a tirar-lhe os lenços de assoar. Nunca olhei durante tanto tempo para a nossa *prima donna* como neste instante (esta mulher forte, de 36 anos, que cantava na Ópera de Praga, tem um *mezzo* muito bonito, com o qual, segundo se diz, alcançou muito êxito). O seu peito opulento arfa tumultuosamente, os seus insultos soam, estrondosos, furando-nos os tímpanos. Com as costas inclinadas para trás, de pernas abertas, a barriga espetada para a frente, estou à espera de a ver cantar as suas imprecações ou oferecer-se a um amante passageiro. Nas suas fúrias e alegrias, é a única posição que conhece. Dizem que é dotada de uma sexualidade bastante exigente. Esta valquíria cavalgante tem um cabelo louro sem

brilho, um rosto inexpressivo de vaca alemã e uns olhos cinzentos deslavados espantosamente claros. Faz um alarido tão grande que intervenho:

– Sabes, aqui, um lenço de assoar não é um objeto indispensável.

Os seus olhos grandes fixam-se em mim:

– Was? Was?

Traduzem-lhe o que eu disse e ela explode. Jenny esclarece-me:

– Não reparaste que, quando canta, não para de mexer no lenço?

– É um tique de cantora e não é pelo facto de não o ter que irá ficar sem voz!

– Nem sem outra coisa! – graceja Jenny. – Ela diz que os seus lenços de assoar são os seus «mensageiros do amor». Enfia um num sítio que eu cá sei, bem fundo, deixa-o lá ficar durante vinte e quatro horas e, depois, manda entregá-lo ao seu «querido», um *Kapo* alemão, lindo como um gorila! Que raio de filtro de amor!

A perda dos seus pertences, que irão demorar semanas a «organizar» a troco das suas rações de pão, deixa as raparigas sorumbáticas, desamparadas: a fome vai apertar ainda mais.

Marta passa diante de nós, altiva, com um balde na mão. Sai para o meio do vento e da chuva, que regressaram furiosamente. Vamos buscar a nossa água ao exterior, às torneiras do barracão em frente, o das retretes. Ela volta de lá com a mesma expressão de indiferença gélida. O recipiente cheio estica-lhe o braço magro, transforma-o numa linha seca e vertical, uma espécie de pau de osso com um balde na ponta, cuja água se agita. Distraidamente, comento:

– Olha! É ela que vai lavar o chão. Quem a castigou? Porquê?

– Estás preocupada com isso? – resmunga Florette.

– Sim, olha para ela; não se aguenta em pé e carrega o balde como se não lhe fizesse diferença.

– Não te aflijas com ela. Com aquilo que a irmã lhe traz do «Canadá», irá recompor-se rapidamente.

– Parece não gostar dela.

– É uma convencida! A sua maneira pretensiosa de falar *Hochdeutsch*⁶⁷ enerva-me. Dar-me-ia vontade de rir vê-la a lavar o chão. Foi criada como uma princesa e nunca deve ter tido de limpar o pó em casa. É do género de ter medo de sujar a ponta dos dedos...

Ajoelhada, Marta parece-me muito desajeitada: o pano do chão, encharcado e que ela não consegue torcer, espalha enormes poças de água. Eu ajudá-la-ia de boa vontade, mas as raparigas não mo permitiriam, e não me apetece nada iniciar uma nova

polêmica sobre solidariedade. O seu belo rosto escultural exprime apenas um cansaço genuíno.

O grito de uma *Läuferin*, a anunciar uma *Aufseherin* – esta manhã, estão a estragar-nos com mimos –, põe-nos em sentido, imóveis. Nunca vi esta mulher, uma boche de cepa: as maçãs do rosto duras, os maxilares grosseiros, os olhos turvos no fundo de órbitas encimadas por um sobrolho severo, o cabelo seco e de um tom de louro sem brilho. Que veio ela aqui fazer? O seu olhar detém-se em Marta, que continua de joelhos e a chapinhar nas poças. Fita-a como um pássaro que localiza a sua presa.

O seu rosto ossudo exhibe uma expressão de satisfação. Corpulenta, imobiliza-se a um metro de Marta: de pernas abertas e mãos nas ancas. Sobrepõe-se a ela. Reprovadora, toda a sua massa de carne e de ossos parece avaliar o trabalho. O seu olhar exprime tanto desprezo que sentimos um arrepio de preocupação. Será que vai gritar «Aufstehen! Raus!»⁶⁸ e levá-la para o bloco 25? Está no seu direito: Marta não sabe lavar o chão; ao ser incapaz de cumprir a sua tarefa, está a sabotá-la e isso é passível de pena de morte. Para esta nazi, é visivelmente mais importante lavar o chão do que tocar violoncelo.

A espera é breve: com a bota, a SS pontapeia violentamente Marta, projetando-a para o outro lado da sala de música. Reparo que a Irena pequena empalidece. Friamente, Marta põe-se de pé.

A alemã incha o peito:

– Vou dar-te uma lição!

Começa, então, um espetáculo surpreendente: a megera arregaa a saia do uniforme e ajoelha-se. De cabeça erguida, com uma expressão de superioridade, pega no pano com as duas mãos, torce-o com força sobre o balde e, a seguir, com um movimento hábil, seca as poças. Com muita água, de um modo magistral, a SS põe-se a lavar o soalho da nossa sala de música. Há que admitir que a cabra sabe como se faz!

Alma, à porta do seu quarto, Tchaïkowska, Founia e Marila, aparvalhadas, observam este espetáculo que deita por terra a ordem vigente. O silêncio é total, quebrado apenas pelo som da água e o do pano a esfregar o chão. Petrificadas, fitamos aquela mulher, que tem poder de decisão sobre a nossa vida ou morte, ajoelhada diante de uma Marta serena, empertigada, mas não em sentido. Não deteto nela um único átomo de medo. Aquela miúda, que tem apenas dezassete anos, observa com uma insolência irónica aquela SS que se arrasta pelo soalho, aos seus pés. Estou fascinada com a sua expressão. E não sou a única; no olhar da Irena pequena, vejo admiração, uma admiração terna da qual eu não a julgaria capaz.

Ao chegar ao fundo da sala, torcendo o pano uma última vez, a

Aufseherin põe-se de pé, a angústia aumenta: bate na saia, puxa-a para baixo, olha desdenhosamente para Marta, que lhe devolve o desprezo, e, de queixo empinado:

– É assim que se lava o chão. Agora, já sabes!

– *Ja, Frau Aufseherin!*

Há tanta insolência nesta resposta que consigo ver Alma a engolir o medo: não se enfrentam os SS, não se lhes faz frente. Tranquilamente, a alemã vira-nos as costas e sai. A nossa sala de música nunca ficou tão limpa.

O riso que estávamos a conter explode com maior violência do que o medo que o espoletou. Acima do nível do riso, há o acontecimento; foi excepcional, não só por termos visto uma SS, de joelhos, a lavar o chão, orgulhosa por realizar na perfeição uma tarefa tão «maravilhosa», mas também porque, entre ela e Marta, algo se passou. Mas o quê? Friamente, com o desdém de uma aristocrata prussiana, Marta revela-nos:

– Em casa do meu pai, aquela rapariga era criada para todo o serviço.

A seguir, pega tranquilamente no seu violoncelo e vai sentar-se no seu lugar.

A novidade causa estupefação e, como sempre, é comentada. Jenny admira-se:

– Bem... Eu gostava de saber porque é que a antiga criada dela não a mandou para o crematório!

– Não é possível – diz Florette, encolhendo os ombros. – A cabra vai vingar-se. Deve ter ido remoer nisto e...

– Meu Deus! – interrompe-a Claire. – Ela vai mandar-nos a todas para o bloco 25. Todas! Por causa desta idiota!

– Estás a sonhar! Ela está tão estupidificada pela sua propaganda que deve imaginar que a achámos admirável a lavar o nosso chão na perfeição...

Jenny encolhe os ombros:

– Não te parece que estás a exagerar? Achas que ela também viu admiração no olhar da Marta? Para isso, teria de ser mais estúpida do que é!

– A mim, agrada-me a coragem da Marta. Desafiar aquela SS, que ela deveria temer mais do que qualquer outra. Que garra!

Vindo da Irena pequena, este elogio provoca no olhar de Florette um brilho de preocupação invejosa.

Não paramos de discutir sobre este incidente, que se mantém como uma espécie de acontecimento, e, à noite, enquanto mastigamos o nosso pão, cada uma interpreta-o à sua maneira: Jenny transforma-o numa espécie de alegoria ingénua, de estilo heroico-humorístico, na qual Marta, com a sua atitude triunfante de exploradora nobre, recebe a submissão do chefe vencido que

se arrasta aos seus pés! Com a Irena grande, caímos no romance cor-de-rosa: a ex-criada voa em socorro da sua patroa, que admirava secretamente. Lili constrói uma tragédia, da qual vimos apenas os primeiros dois atos, estando o terceiro destinado à vingança que irá provocar uma carnificina entre nós.

Fito Marta, que está diante de mim, estes comentários variados devem irritá-la. Silenciosa, altiva, fechada em si própria, está visivelmente ausente. Tento imaginá-la na sua propriedade, protegida por muralhas altas; sonhará ela passear por lá com alguém, ou compraz-se com o romantismo da sua solidão?

Há em Marta uma desconfiança em relação a tudo o que não pertence ao seu mundo, que limita a sua relação com as raparigas. «Ela não se mistura connosco», diz Florette, exasperada com essa atitude. Julgo que, na sua maneira de ser, há também uma grande parte de timidez, ela teme este nosso mundo absurdo, que a inquieta, tal como a inquieta tudo o que não foi codificado pelo seu meio. Até as longas conversas que tem com a sua irmã Renate, dois anos mais velha, mantêm uma certa reserva. Já as observei e poderiam ser um quadro de um pequeno mestre da escola inglesa! *Jovens da alta sociedade a conversar*. Renate é também muito bonita, mas, em Marta, não sei que fogos estarão prestes a acender-se. É uma daquelas virgens apaixonadas, que se tornam como Judite ou Charlotte Corday.

Ao lado dela, a Irena pequena permanece estranhamente calada, não participa nos comentários. Esperava da sua parte uma exposição clara, com conclusões marxistas, sobre a noção de servidão, as desforras proletárias, uma espécie de conclusão sem réplica, e ela parece ausente, tão distante que esboça um gesto desastrado que faz cair o pão da sua vizinha:

– Oh! Desculpa!

– Não faz mal – replica Marta, baixando-se.

Com maior prontidão, Irena apanha-o e estende-lho: «Obrigada, Irena», e as suas faces enrubescem.

A penugem escura que tem no lugar do cabelo dá a Marta um rosto de rapazinho. A sua tez mate, os seus olhos escuros com pestanas espessas, a sua boca bem delineada e o seu porte de cabeça altivo lembram os garbosos adolescentes berberes que vemos, pensativos, encostados a uma porta, nas ruelas das medinas.

Ela ergue a cabeça na minha direção, o seu olhar absorto deixa de ser distante. Será que vai sorrir-me? Poder-se-ia julgar que sim. Isto faz-me pensar que ainda não sei como é que o seu rosto se transforma quando sorri. Uma rapariga estranha, cuja fragilidade oculta me é revelada fugazmente neste instante.

Estou só, perto da salamandra. Como sempre, Ewa e eu

declamámos poemas, de Verlaine, de Baudelaire, é a nossa maneira de nos mantermos ligadas ao outro mundo. Florette, com o queixo apoiado nos joelhos, Anny e a Irena grande ficaram a ouvir-nos. Num canto, Claire ensaiou sozinha as suas canções, estudando a sua mímica num pequeno pedaço de espelho que tem na mão. Depois, «contei-lhes» um dos capítulos de *O Retrato de Dorian Gray*. Sei-o de cor, pelo que, todas as noites, lhes «leio» um capítulo, antes de elas irem deitar-se. O nosso dormitório está adormecido, ouve-se um suspiro, um gemido, um queixume infantil que se escapa de um sonho; entorpecida pelo calor da salamandra, divago. Quando me afastar do seu círculo de calor, terei frio, temo esse momento.

Na minha mente, organiza-se uma música, uma sinfonia que gostaria de compor. Como é possível sentir vontade de criar num lugar como este? Não sei. Como é possível sentir vontade de fazer seja o que for?

– Incomodo-te?

É Marta, com a camisa de noite comprida que a irmã lhe deu; parece uma aluna de um colégio interno. Meu Deus! Está tão magra! Adivinham-se uns seios muito pequenos, que mal sobressaem sob o tecido leve.

Que faz ela aqui?

Fustigada pela fúria do vento, a chuva crepita nos vidros.

– Quando penso que, há meia dúzia de dias, a Irena pequena desenhava lilases e nos falava da primavera!...

Marta entusiasma-se:

– Ela desenha muito bem, não achas? Eu sou mais dotada para a música, tenho mais jeito para usar o arco.

– Mais do que para lavar o chão!

Ela solta uma risadinha breve e discreta. Eu continuo:

– Foste maravilhosa! Que inversão de papéis! Tu foste a rainha, e ela, a escrava.

– Oh! Em nossa casa, ela não era tratada como tal. Julgo que era até muito bem tratada. Tínhamos uma cozinheira, uma ama e uma criada de quarto. Eu poderia não a ter reconhecido, pois não era ela que nos servia, fazia apenas os trabalhos pesados.

Uma vez mais, ri-se com discrição:

– Ela está certa, é verdade que não percebo nada de limpezas, fui educada de maneira diferente. Como poderia o meu pai ter pensado que estas coisas me seriam úteis? Aprendi outras. Passava o meu tempo entre a universidade e o conservatório.

A música ocupava uma grande parte do dia. Em casa dos meus pais, recebíamos muitos convidados, o meu pai é um advogado muito conceituado. Sentíamos-nos protegidos, abrigados. Usávamos a estrela, mas nunca fomos incomodados. A minha irmã e eu fomos detidas muito inesperadamente, na rua, no meio

de uma rusga, e, como éramos judias, deportaram-nos.

O esboço de um sorriso transforma o seu rosto de traços frios. Imagino-a perfeitamente com um carrapito pesado sobre a nuca frágil e esguia. Há mulheres que resmungam: «Falem mais baixo... Não se consegue dormir...» Founia boca-torta solta grunhidos de debaixo do cobertor.

– Marta, temos de ir deitar-nos. Ela vai cair-nos em cima.

Sem convicção, ela concorda, deseja-me uma boa-noite, fico à espera de que ela me estenda a mão como uma jovem bem-educada e, ao lembrar-me deste gesto, apercebo-me de que estamos completamente privadas dele, é um gesto esquecido, um gesto para um mundo civilizado. Deitada, penso em Marta: quem teria, esta noite, reconhecido nela a heroína da manhã? Não consigo explicar porquê, mas senti-a, como diria Jenny, «nas lonas».

Um movimento furtivo, a madeira do meu beliche range, surge uma cabeça à minha altura, é Marta:

– Estás a dormir, Fania? Incomodo-te?

– Não. Pelo contrário. Vem para aqui.

Ela sobe e senta-se aos pés daquilo que me serve de cama:

– Não consigo dormir e apeteceu-me conversar um bocadinho contigo.

– Deita-te ao meu lado, poderemos falar baixinho, ninguém nos ouvirá.

Esguia e magra, ocupa pouco espaço ao meu lado. Este seu gesto ousado parece-me pouco coerente com o seu comportamento distante. Deve ter algo para me dizer. Solta um ligeiro suspiro:

– Quando regresssei do *Revier*, fiquei satisfeita por haver aqui francesas, vocês levam a vida com maior ligeireza do que nós, riem-se facilmente, pensei que poderia falar francês. Gosto muito da vossa literatura, conheço-a bem, principalmente os vossos poetas.

Duvido que seja para me falar de poesia que ela trepou até junto de mim. Deitada ao meu lado, mas um pouco rígida, continua, com um tom mundano:

– Gosto muito da Irena pequena, acho-a muito inteligente. Podemos conversar com ela sobre muitos assuntos. Não gosto tanto da Florette, é agressiva, tem algo de selvagem, que me incomoda. Perde muito facilmente o sentido da moderação. Uma mulher que me parece notável, culta, é a Ewa, ela também é inteligente. Não tem o mesmo tipo de inteligência da Irena, que é mais positiva, menos sonhadora; a da Ewa é feita para especulações poéticas, a da Irena é construtiva. É desse tipo de espírito que iremos precisar após a guerra.

A sua conversa é inconsistente, mas deixo-a prosseguir. O silêncio instala-se, Marta mexe-se impercetivelmente, respira com um certo nervosismo e, a seguir, pergunta-me baixinho:

– Não estou a aborrecer-te, pois não?

– De modo nenhum.

– Gostaria que me falasses da Irena.

Provoco-a:

– Qual delas?

Subitamente seca, ela responde-me:

– Sabes perfeitamente.

Segue-se um silêncio. Terá voltado a fechar-se? Vai deixar-me? Não. Recomeça:

– Conhece-la há muito tempo?

Conto-lhe o que sei sobre Irena. A sua filiação na Juventude Comunista, a sua ação na Resistência ao lado de Paul. Quando lhe conto que ambos foram levados para o forte de Romainville para aí serem fuzilados, que ela esteve na cela dos condenados à morte e viveu as madrugadas de incerteza em que esperavam que o capelão aparecesse à porta, sinto que Marta se comove, que vive a angústia de Irena, esta filha da grande burguesia aspira à fé desconhecida dos mártires políticos. Falo-lhe demoradamente do carácter otimista de Irena, do seu sentido do dever impregnado de marxismo dialético, do seu comportamento exemplar naquele bloco, impermeável às oscilações do humor, às histerias coletivas.

Ela fica satisfeita, a sua heroína agrada-lhe:

– Isso faz parte do seu carácter como o imagino. Gosto também do seu comportamento em relação aos SS. Ela não é alta, não tem a minha altura e, contudo, tem uma forma direta, sem provocação, de os olhar nos olhos, de os enfrentar, impondo-se. Eles respeitam-na. Gosto também do seu rosto, é tão bonita, tão mais bonita do que eu...

– Diz-me antes o que te desagrada nela, é mais rápido!

Sentindo-se atingida, agita-se ao meu lado:

– Tens razão, mas, sabes, Fania, estou perturbada, inquieta, passa-se algo que não entendo.

A noite torna-se cúmplice do relato de Marta, o vento amainou, a chuva, que desliza lentamente ao longo do nosso bloco, bate melancolicamente no nosso telhado, ninguém geme ou chora, é um momento de acalmia.

– Amo profundamente a minha irmã Renate, mas ela não desperta em mim os sentimentos contraditórios que me assaltam quando penso na Irena. A noite passada, quando ela fez cair o meu pão, a sua mão roçou na minha, e apeteceu-me agarrar nela, beijá-la... Eu nunca teria sentido este tipo de desejo em relação à

minha irmã.

A sua voz torna-se pensativa:

– Nunca o senti por ninguém. Quando ela conversa com a Florette, quando ouve as tolices dela, quando fala com ela, quando lhe apela ao bom senso, irrita-me, detesto-a. Como é que uma rapariga do seu nível pode perder tempo com um ser primitivo, limitado? A Irena é tão extraordinária... Desde que a descobri que me sinto menos infeliz. Já não penso noutra coisa senão nela. Saber que ela dorme perto de mim, que está aqui, que amanhã continuará aqui, torna-me espantosamente feliz. Sabes qual é o meu sonho? A Irena pousa a mão sobre a minha, e não nos largamos nunca mais... Nessa noite, por um instante, os dedos dela apertaram os meus, foi algo de tão terno e tão violento que julguei que iria desmaiar. Durante todo o dia, mantive a sensação da suavidade morna da sua pele; nessa noite, encostei a face ao sítio da minha mão onde ela tocou e...

Para mim, é evidente: Marta está apaixonada pela Irena pequena. Estou admirada? Nem por isso: por mil pequenos sinais, sentira que existia entre elas uma espécie de cumplicidade, de acordo; mas não pensara em amor. Se fossem um rapaz e uma rapariga, é provável que tivesse percebido imediatamente. Estou chocada? Não, principalmente por se tratar dela. Marta tem apenas dezassete anos, a sua necessidade de amar é mais do que natural. Na sua idade, não fazemos amor, desejamo-lo. Sonhamos com ternura, com beijos intermináveis. Para ele, exigimos circunstâncias, um cenário. Aqui, o que há para oferecer a Marta? Que rosto tem o amor? Acasalamentos de putas, moralmente desonrosos, com *Kapos*, com *Blockälteste*, cujo físico, demasiadas vezes, é mais brutal do que humano...

Em Birkenau, eu não podia desconhecer coisa alguma a respeito da homossexualidade, praticava-se por toda a parte, as mulheres encontravam nela um apaziguamento das suas fantasias, da sua solidão, das suas necessidades sexuais. Se, para muitas, era somente uma ilusão, para outras foi uma revelação, e Marta devia ser uma delas. No bloco da música, eu conhecia apenas um trio estranho e bastante repugnante: Wisha, Marila e Zocha. A sua intimidade fora-me revelada ao vivo e a cores, e essa lembrança ainda me dava vontade de rir.

Certa noite, por volta das sete horas, estouram gritos loucos, provenientes do canto das polacas. Acorremos. Marila, com o rosto inchado de fúria, as pernas gordas abertas, agarrada ao braço de Wisha, estende o punho para Zocha. Jenny rejubila:

– Vai haver mortos e feridos. Não podemos perder isto. É uma cena conjugal! Elas comem-se umas às outras, mas não em conjunto. A Wisha é o chefe, o homem!

Naquele momento, não é o que ela parece. A sua palidez e o

cabelo ruivo e liso dão-lhe um ar de rapazinho velho e vicioso. Wisha tenta soltar o braço que Marila aperta firmemente e afastar Zocha, que se agarrou ao pescoço dela. Jenny explica-me o resto:

– A Marila, aquela grande vaca disforme, é a legítima, e a Zocha, que também não é uma beldade, é a amada! Para a Wisha, a Zocha é o supprassumo. Tem por ela uma paixão assolapada, percebes?

– Mais ou menos. Mas porque é que a Marila está a berrar a ponto de rebentar com as cordas vocais?

– Porque não sabia que a sua querida lhe punha os palitos com a outra. Aqui, toda a gente sabia, menos ela, o costume. É pena que a gente não perceba nada do que elas dizem, porque deve ser de morrer a rir!

Marila continua aos berros, a espumar da boca, os olhos congestionados.

– Que havemos de fazer? – gagueja Founia, cujos pequenos olhos porcinos exprimem uma vaga preocupação.

Aconselho:

– É preciso deitá-la em cima de uma mesa.

Com o corpo meio arqueado, a cabeça caída para trás e escarlate, Marila continua a guinchar como um leitão que está a ser degolado, um fio de saliva escorre-lhe agradavelmente do orifício que lhe faz as vezes de boca, desliza-lhe para o queixo.

A seguir, de repente, o seu corpo amolece, os seus olhos fecham-se. Pego-lhe na pata enorme com unhas de luto há várias gerações e dou-lhe palmadinhas. Teria todo o gosto em esbofeteá-la para a ajudar a regressar à vida e à sua infelicidade, mas o meu gesto seria mal interpretado. Por isso, surge-me uma ideia louca. Pergunto:

– Alguém tem um torrão de açúcar?

É uma ideia igualmente perversa, pois não sei se elas o têm. Aqui, ninguém tem. Insisto:

– *Gut! Gut! für dich, Zucker!*⁶⁹

Como estou nas boas graças de Mandel e de Alma, Tchaïkowska e Founia respeitam-me. Sou aquela que sabe tudo. Aflita, Wisha estende-me um torrão de açúcar e eu ordeno-lhe: «Abre-lhe a boca!» Enfio lá o primeiro torrão. O resultado é imediato, ela desata novamente a gritar e, prestamente, enfio um segundo, um terceiro, um quarto pedaço que, diligentemente, as suas companheiras me entregam, enquanto Wisha lhe acaricia terna e amorosamente as pernas gordas. O açúcar é um desperdício vergonhoso, mas dá-me um gozo imenso meter naquele mealheiro baboso o tesouro das polacas! Choramos a rir; sem perceberem nada, as companheiras dela riem-se, confiantes. Marila sufoca quase até à morte e nós morremos de riso!

Esta cena nojenta e histérica, que me regressara à memória, nada tinha de comparável ao amor que, ingénua e hesitante, Marta me confessava.

Um ligeiro riso arrulha na sua garganta:

– Não consegui adormecer, não parava de pensar nela. Eu adoro-a, Fania!...

– Não, minha menina, tu ama-la.

Junto de mim, sinto o seu corpo a tremer, ela fica preocupada, esta evidência revelada transtorna-lhe as ideias sobre o amor, a sua educação, o seu conformismo. Saberá ela, pelo menos, que isto existia? Talvez eu tenha sido demasiado direta, demasiado agressiva. Desde logo, este amor que ela não conhece traz-lhe o seu conjunto de preocupações, torna-se realidade.

– Oh, Fania! Não é possível, Fania!

– Claro que é, e não é uma catástrofe...

E explico-lhe que, para quem é puro, tudo é puro. Ela precisa muito de ser tranquilizada.

– Então, Fania, não é errado amar assim?

– No *Lager*, até seria mais uma bênção!

Fizemos barulho? Soam grunhidos. *Panią* Founia, cujo ressonar era a nossa segurança, resmunga em polaco: *Glupia idiotka!*⁷⁰ Cuidadosamente, Marta desce da *coja*:

– Obrigada, obrigada. Fizeste-me tanto bem...

Será errado amar aqui? Se eu acreditasse em Deus, diria que ter neste lugar, onde reina o mal, um sentimento puro, limpo, é um sinal da Sua bênção! Amar não é errado, mas como podemos isolar-nos o suficiente para isso? O campo esterilizou totalmente em mim essa necessidade. Voltará? Provavelmente...

– Fania, sou eu outra vez...

Uma vez mais, Marta iça-se até ao meu beliche:

– Queria falar mais um pouco contigo. Não te disse tudo. Não sou tão inocente como talvez tenhas julgado. É verdade, tens razão, amo-a com amor e isso é uma coisa terrível! Mas há mais, Fania, gostaria de me deitar ao lado dela.

Tenho a certeza de que enrubesce no meio da escuridão:

– Apetece-me tanto sentir em mim os seus lábios, pousar os meus sobre ela...

– Isso faz parte do amor, menina, e não tem nada de horrível, é um desejo perfeitamente normal.

– Mas podemos fazê-lo?

– Ouve... Viste o que te aconteceu hoje? Com tanta facilidade como se ajoelhou, a SS podia agarrar-te pela pele do pescoço, como se fosses um rafeiro, e mandar-te para o crematório.

O que não sucedeu hoje pode acontecer amanhã, ela pode mudar de ideias, não o sabemos, e pensar: «Eu, que trabalhei em casa

dos pais daquela rapariga, ajoelhei-me diante dela, todas o viram, ela vai contar-lhes que fui criada de servir na sua casa, vou fazê-las pagar bem caro por isso!...» Quando a vida é assim tão frágil, há questões que deixam de se levantar. Aproveita, porque amanhã podes estar morta. Garanto-te que não farás nada de errado. Se isso te fizer feliz, se a Irena sentir o mesmo por ti, entrega-te a esse amor.

Sinto que ela se descontrai, o seu corpo amoleceu e, à semelhança de todas as pessoas apaixonadas, verbaliza o sonho e pergunta-me:

– E «ela», Fania? Achas que ela me ama?

No dia seguinte, enquanto as minhas *Schreiberinnen* copiam preguiçosamente, entorpecidas por este fim de primavera que traz uma certa suavidade ao ar, observo a Irena pequena: de lápis na mão, com a cabeça levantada, o olhar vago, sonha. É bastante surpreendente, pois esta pequena personagem otimista tem sempre uma tarefa que cumpre como se esta fizesse parte de um programa definido, cuidadosamente elaborado por ela. No partido, devia ter a fama de ser eficiente. Não muito longe dela, Marta aplica pensativamente colofónia no seu arco. Ouço a sua voz preocupada a perguntar-me: «Achas que ela me ama?» Tento imaginar esta Irena egocêntrica, racional, com a mania da organização, a mergulhar neste amor, e que amor! Um terreno pantanoso não abordado por Marx! Ela não esconde os seus projetos para o futuro. É tão segura de si, da sua opinião, que estes só podem ser excelentes: casar-se-á com Paul. Da Juventude Comunista, passarão à secção e, depois, à federação; militarão, nada será alterado. Ela terá um filho, algo necessário para uma mulher, mas não mais, ela não tem vocação para ser mãe de uma família numerosa. Não foi hoje que tomou estas decisões. Ela e Paul sempre estiveram de acordo quanto a este ponto, o partido precisa deles, eles devem-lhe a entrega total. Ela irá escrever, desenhar, talvez venha a fazer um bacharelato ou dois – é muito inteligente –, em alemão, um pouco de economia, de política. Para construir a nova sociedade, serão necessárias pessoas instruídas, competentes, capazes.

O futuro não a preocupa, não lhe levanta qualquer questão. O seu caminho está traçado, ela irá iniciá-lo com um regresso triunfal, pois não duvida nem por um instante de que reencontrará Paul, de que regressará com ele e de que serão recebidos como heróis. Ao ouvi-la expor serenamente as suas certezas, perguntei a mim mesma: como é que ela ama Paul? Amá-lo-á realmente? Para ela, acima de tudo, ele simboliza o militante, digno de ser o seu companheiro, e isso parece bastar-lhe.

Para mim, que sempre me alimentei de amor, esta conceção do

casamento parece-me bastante burguesa, está próxima do sistema de alianças que fortalecem as grandes famílias. Para a Irena pequena, irá fortalecer o futuro do comunismo. Ela não tem a mais ínfima dúvida: «Quando entrei no campo de Birkenau, percebi que, mais ainda do que na vida, apenas podíamos contar connosco próprias, com a nossa inteligência, a nossa autoridade, que, acima de tudo, tínhamos de saber impor-nos; como tal, assim que soube que existia aqui uma orquestra, procurei o Kramer e disse-lhe que tocava violino e fui admitida como executante.»

Como conseguiu ela falar com Kramer? Não faço ideia. Ela tem uma maneira de relatar o essencial que elimina todas as perguntas. Não sei quase nada a seu respeito: o pai era alfaiate, foi deportado. Calmamente, ela disse-me: «É provável que ele tenha desaparecido pela chaminé.» Na sua voz, nem um vestígio de emoção, mas, nos seus olhos negros, um brilho duro que me fez perceber que Irena não é daquelas que esquecem, mas daquelas que contabilizam o «deve» e o «haver», e que exigem das pessoas e da vida aquilo que lhes é devido. Essa morte, ela tencionava firmemente cobrá-la aos nazis, a estes SS, aos quais, apesar da sua baixa estatura, se impunha: «Sabes, Fania, eles desprezam o servilismo, a cobardia. Nunca na vida permiti que me insultassem, nem os SS, nem a Tchaïkowska, nem a Alma. Em Birkenau, nunca ninguém me maltratou. Talvez sintam que tenho a certeza de que irei sair daqui, de que não morrerei aqui. Talvez seja porque, desde a minha chegada, decidi não me deixar levar e não me deixar “tomar” pelo horror, a miséria e o resto. Para mim, os nazis vão perder e iremos conhecer um mundo socialista, finalmente livre deles.»

Utopia? De modo algum. Tal como ela, estou convencida de que quando o mundo souber o que «eles» ousaram fazer, serão esmagados, todos rejeitados, até ao último.

Nesta pessoa, tão bem organizada, haverá lugar para o amor? Será ela exigente? Não é o que parece: a sua única experiência foi consciente e refletida; a «embriaguez dos sentidos» não teve aí qualquer papel: «Eu estava presa no forte de Romainville, quando soube que não seria fuzilada – provavelmente, trata-se de uma honra recusada aos judeus –, mas deportada. Não fora para a cama com o Paul, não queríamos arriscar, um filho teria perturbado o nosso trabalho na Resistência, a nossa luta contra o nazismo. Mas eu não sabia o que me esperava e não queria ir para um campo de trabalho, nem ser deportada, sem estar protegida das surpresas de uma violação. De Romainville, levaram-me para Drancy; aí, era fácil pôr em prática o meu plano. Tu conheces-me, sabes como sou metódica, um acidente

era possível, eu não podia trazer ao mundo um filho com deficiências físicas ou morais; assim, escolhi cuidadosamente o meu parceiro e fizemos amor. Não senti absolutamente nada. Não me satisfez, até me desagradou. Era aquilo, o amor? Não creio. Por isso, irei esperar.»

E eis que surge Marta. Que poderá Irena pensar desta forma de amor? Como irá reagir? Somente o orgulho, a forma de enfrentar as situações, uma delas com altivez, a outra com indiferença, as aproximam. Quanto ao resto, parecem-me muito diferentes: a sensibilidade apaixonada de Marta não irá ferir-se com o racionalismo claro da Irena pequena? Fisicamente, são distintas. Marta é bonita, de uma beleza aristocrática. Irena... Olho melhor para ela, observo-a. Um rosto redondo, olhos negros enormes e perscrutadores, pernas curtas e vulgares, sem qualquer encanto especial, um tronco comprido, talvez demasiado, mas um par de seios magníficos, certamente os mais perfeitos do bloco. É verdade que Marta a vê com outros olhos, ouço a sua voz extasiada: «Ela é tão bonita... Ao seu lado, eu não valho nada!»

Suspeitará Irena da paixão que despertou? Eu nunca lhes prestara muita atenção e apenas notara simpatia e admiração da parte de Marta, uma amabilidade solícita, quase inesperada, da parte de Irena. Desde esta manhã, talvez por sabê-lo, parece-me que Irena se apercebeu deste amor, que se questiona.

Ao serão, a Irena pequena e eu ficamos a conversar ao pé da salamandra. Ela, que é bastante faladora quando o tema é a sua opinião, reconstruir a sociedade, o mundo, fala-me esta noite da sua família como se, de repente, uma certa nostalgia sentimental a impelisse a desabafar. Fico a saber que a sua mãe, de quem ela nunca tinha falado, morreu há muito tempo, que a irmã se casou e tem um rancho de filhos bonzinhos, mas inquietos... E depois, sem qualquer transição:

– Aqui, não posso falar disto a ninguém, és a única que pode ouvir-me, aconselhar-me. Aconteceu-me algo que eu não podia prever, pois nunca fora confrontada com isso.

O tom é completamente diferente do habitual! Ela hesita durante um instante e, a seguir, começa subitamente a falar de Florette:

– Sabes a admiração infantil que a Florette tem por mim. Ela está sempre revoltada e eu sou a única que consegue acalmá-la, a única a quem ela dá ouvidos, a única que ela escuta, de boca aberta, sem contestar. Tem uma adoração constante por mim. Não é de admirar, compreendo-o perfeitamente, eu represento tudo o que ela gostaria de ter sido. Com a Marta, não é a mesma coisa, ela não tem motivos para me invejar: é inteligente, muito culta, uma executante maravilhosa, ao passo que eu toco horivelmente mal. É bonita... Já reparaste como é tão bonita?

Politicamente, somos, ao que parece, o oposto uma da outra, a sua casta obriga-a a temer o comunismo e, como tal, a combatê-lo; no mínimo, eu deveria inspirar-lhe desconfiança. Ora, desde que ela voltou, não para de olhar para mim. Arranja maneira de ficar sempre ao meu lado, cora quando me aproximo dela. Uma noite destas, fiz uma pequena experiência: pousei, por momentos, a minha mão sobre a dela, e a sua perturbação tornou-se tão visível que até fiquei incomodada. Então, tentei analisar o sentimento que lhe inspiro e cheguei à conclusão de que só pode comparar-se àquele que a Florette tem por mim. É outra coisa, vai mais longe do que a simpatia, a amizade...

Habitualmente tão segura de si, Irena hesita. Eu divirto-me: ouvir, no espaço de vinte e quatro horas, as confidências destas duas jovens é empolgante e engraçado, e afasta-me maravilhosamente do campo. Finalmente, ouço falar de outra coisa que não na morte, em comida ou em fornicar. Com as suas mãos pequenas e fortes, de unhas quadradas, cruzadas sobre os joelhos, o olhar distante, Irena procura as palavras. A sua voz grave, de timbre agradável, suaviza-se ainda mais, aveluda-se, incorpora-se na noite:

– Acho-a muito pura, muito inocente, inconsciente do seu sentimento, que poderá preocupá-la, assustá-la... Eu não creio ser lésbica. Sabia que isso existia, mas não tinha qualquer motivo para pensar no assunto. Aqui, as circunstâncias são diferentes. Confesso que também estou muito perturbada, mas será que ela, refém da sua educação e da sua moral burguesa, não se recusará a admiti-lo?

Eu poderia dizer-lhe que Marta a ama, que se preparou para enfrentar esse amor, mas calo-me. Há algo na racionalidade de Irena que me aborrece, que me irrita, é demasiado «menina-sabichona». Um pouco de inquietação, de dúvida, torná-la-á mais humana.

– Na verdade, apercebi-me do interesse que ela tem por ti, mas posso estar enganada. Na sua idade, somos facilmente exageradas, românticas nas manifestações dos nossos sentimentos. Bem vistas as coisas, pode tratar-se apenas de amizade.

– De facto, é possível.

É a primeira vez, desde que a conheço, que deteto no seu rosto uma preocupação que lhe ensombra o olhar com um princípio de angústia.

– Sabes, tenho mesmo receio de estar enganada, este sentimento por uma mulher é algo de novo e inesperado. Não me agradam nada os amores não correspondidos. Aquilo que sinto surpreende-me, Fania: amo-a e... desejo-a. Apetece-me acariciar

aquele corpo de efebo, ser acariciada por ela... Apetece-me...

– Fazer amor, e então?

Ela cala-se, desconcertada, vagamente chocada, esta puritana, pelo meu realismo. Organiza as ideias, procura as palavras. Irá falar-me do Bem e do Mal, como se fosse uma pequeno-burguesa?

– Terei o direito? Sou mais velha do que ela...

– Quatro anos. Não sejas ridícula, nem tenhas escrúpulos absurdos. O meu pai costumava dizer-me: «Se ficarmos de bem com a nossa consciência, não há nada que não possamos fazer.» Se ela for sincera, se tu o fores...

Ela protesta:

– Ora, Fania, como podes duvidar disso?

– Então, de que estás à espera? Se puderes conquistar neste campo, no meio deste horror, alguns momentos de felicidade, não sei o que poderá impedir-te...

– Mas, Fania... E se eu estiver enganada? E se ela não me quiser?

«Contabilista da morte»

Uma *Läufferin* abre a nossa porta de rompante, com tanta força e a correr tão depressa que se deixa cair sobre o nosso banco, erguendo uma espécie de papel de embrulho amarrotado. Uma encomenda? A miúda consegue pronunciar o nome da Irena grande. O acontecimento é importante. Do pacote original, resta apenas papel pardo pegajoso, manchado, gorduroso. A avaliar pelo tamanho do papel, a encomenda devia ser grande. Hesitante, a Irena grande pega nele, olha para o que está lá escrito e começa a chorar, beija-o, encosta a face nele, é a letra do seu Jean-Louis.

Curiosa, Jenny intervém:

– Ouve lá, o resto do teu pacote não tem grande aspeto! Já viste o que elas te deixaram? Cheira mal que tresanda!

As mãos trémulas de Irena atrapalham-se com um resto de cordel.

– Deixa-me fazer isso! – exclama Anny, com a sua amizade sempre atenta.

Afasta rapidamente o papel e, no meio, está um arenque completamente podre pousado sobre um envelope sujo de óleo. Duvidando do que vê, Irena murmura: «Uma carta!» É com uma admiração respeitosa que olhamos para a carta da qual ela se apodera vorazmente, e as suas lágrimas duplicam:

– É dele, do meu querido...

Como sempre, Jenny comenta:

– O perfume das tuas cartas de amor não tem nada de afrodisíaco. O meu homem usa o *Soir de Paris*, fala mais ao coração.

As raparigas juntam-se em redor da Irena grande, invade-as

um respeito invejoso por aquela que é alvo de tal milagre: uma carta! Inclinando o seu bonito rosto infantil para ler, ela refugia-se perto da janela. Fascinadas, permanecemos onde estamos, não ousando aproximar-nos. Nenhuma de nós retoma a atividade interrompida por este acontecimento extraordinário.

Em contraluz, o seu perfil recorta-se no céu de fuligem. Ela lê, uma vez, duas vezes, e depois fica pensativa, a olhar para o vazio, enquanto uma lágrima grossa lhe desliza pela face.

Jenny atreve-se a falar por todas nós:

– A «conversa» é boa ou não?

Irena vira para nós o rosto do amor:

– É maravilhosa. Ele diz que me ama, diz: «Vive por mim, estou à tua espera.»⁷¹ – Ela tem uma expressão decidida no rosto. – Por ele, aguentarei até ao fim!

A seguir, o seu semblante altera-se, ela angustia-se, torna-se patética, pergunta-nos:

– Eu vou regressar, não vou?

No seu olhar, há a mesma prece, a mesma intensidade que se vê no de uma criança que nos pergunta: «Vou curar-me?» Ewa e eu respondemos-lhe: «Sim.»

Ela suspira:

– À noite, para adormecer, imagino esse regresso! Felizmente que ele me faz sentir segura... porque os meses passam. Sabem que esta carta tem já seis meses? Tanta coisa pode acontecer em seis meses! Acham que vou receber outra?

Jenny graceja, com ironia:

– Deves estar a confundir o carteiro com o Pai Natal!

Mãos ávidas estendem-se na direção da carta:

– Deixa-nos tocar-lhe... Vai dar-nos sorte...

Os comentários chovem: como obteve ele a morada dela? Porque é que o SS que trata das encomendas a deixou passar? Sendo assim, poderemos alimentar outras esperanças? E cada uma divaga sobre o seu caso. Será que também eu?...

Ao ir-se embora, a *Läufferin* continua surpreendida por ter sido a mensageira de algo tão excecional:

– Não costumo entregar encomendas com cartas. Pode dizer-se que o vosso bloco é privilegiado!

Privilegiado! O epíteto provoca imediatamente reações em cadeia que desvanecem fugazmente o interesse suscitado pela carta. Sabemos que circulam bastantes disparates a nosso respeito.

Jenny insurge-se:

– Privilegiadas! Que é isso?

Com os lábios contraídos, Lili responde-lhe:

– Dizem que somos as meninas bonitas do Kramer, da Mandel.

Florette acusa as raparigas do «Canadá»:

– Foram essas idiotas que andaram a dizer que nós recebíamos encomendas! Essa é boa! A última, que foi a primeira, chegou há três meses, para a Anny.

Calmamente, Marta repete os comentários que ouviu no *Revier*:

– Elas dizem que «as senhoras da música» recebem diariamente Zulage⁷².

As raparigas sufocam de indignação quando Anny revela que, entre as *Arbeitskommandos*, dizem que recebemos meio pão como recompensa por cada concerto! Esta afirmação parece tão incrível que cai o silêncio, a revolta geral alimenta-se, por um instante, do sonho impossível: metade de um pão!

Com a voz embargada, Claire murmura:

– Se eu tivesse metade de um pão por dia!...

A barragem abre-se novamente, gritos, chovem comentários azedos ou indignados. Jenny responde a Claire, que enrubesce:

– Deixarias de precisar de ir para a cama com os *Kapos*! – E, a seguir, ataca: – E, agora que penso nisso, sua bucha, não será por causa do teu traseiro de égua gorda que andam a espalhar tantas parvoíces sobre nós? Quando as «outras» olham para ele, devem achar que não passamos fome!

Ninguém acode a Claire, que, abanando o seu rabo enorme, se refugia na sala de música, seguida pelo olhar hostil das mulheres. Ewa muda de assunto:

– Sejamoss justas, nós temos privilégios.

Concentra-se nela uma atenção reprovadora.

– Sim, nós tomamos duche todos os dias com água morna, enquanto as «outras» têm de arranjar esquemas, correr o risco de ser espancadas, para se lavarem com água gelada. Andamos vestidas como deve ser, não temos frio. A nossa sala é aquecida, temos um cobertor, um lençol. «Elas» tiritam sob roupas esfarrapadas. Podemos sair quando precisamos de ir à casa de banho. Ao passo que as «outras»... Lembrem-se das latrinas da quarentena!

Gostaria de não me lembrar!

– Com estas vantagens reais, não ignoradas, algumas visíveis, como querem que as outras mulheres não julguem que a nossa sopa é diferente, em maior quantidade e melhor? O que é falso, pois não só é igual, como até nos encontramos numa posição desfavorecida. Tendo em conta que nunca saímos do campo, não temos oportunidade de roubar de um campo uma cenoura, uma batata, um vegetal qualquer, e não temos nada como moeda de troca, ao passo que elas, sempre que saem, arranjam maneira de trazer alguma coisa.

– Acho que tens razão – concorda a Irena pequena. – Mas tenho a certeza de que essa diferença é desejada pelos SS: dividir

para reinar!... Só que elas vão manter essa ideia e, quando sairmos daqui, hão de continuar ressabiadas connosco...

Deixo de ouvir a Irena pequena, que politiza os seus argumentos e nos prepara pela enésima vez para um futuro radioso de justiça social, do qual serão eliminados os fascistas e os nazis. Quatro palavras que me povoam a cabeça: «elas», as «outras», «nós», «depois». O fosso que existe entre elas e nós irá desaparecer ou transformar-se num abismo? Talvez não aconteça nenhuma das duas coisas. Permanecerão vivas mulheres da orquestra em número suficiente, para relatarem a realidade, ou as pessoas apenas saberão o que disserem certas sobreviventes do campo que, chocadas com a nossa situação, terão apenas mantido, embora de boa-fé, uma visão subjetiva que reflete o seu estado de espírito no momento: cobiça, inveja, fúria, amargura ou desagrado⁷³

Neste campo de Birkenau, não há cinco minutos iguais aos anteriores, vive-se mais intensamente neste universo concentracionário do que em qualquer cidade livre do mundo. Chegam aqui rores de informações: Paris foi libertada! Os russos venceram a guerra! Moscovo foi ocupada! Londres foi destruída!, como Cartago, obviamente. Tudo pode ser falso, tudo é verdadeiro por um instante. Entre estas notícias, fidedignas ou erróneas, existe apenas um ponto em comum: a elas, segue-se sempre uma seleção. Assim, a informação que recebemos esta manhã, pouco depois da chegada da carta, deixa-nos estupefactos: «Meninas, não vai haver mais seleções connosco!» É algo de tão maravilhoso que, durante alguns segundos, ficamos sem reação:

- Que é que isso quer dizer?
- Quer dizer que só vão gasear as recém-chegadas, as que vêm nos comboios?
- Quem é que o disse?
- Um médico, o doutor Mengele.
- Quem é esse? E ele vem de onde?
- É do campo de Auschwitz.
- Sabe-se alguma coisa sobre ele?

Ainda não sabíamos nada, mas não havia de tardar!

Desconfiada como uma raposa que fareja um engodo envenenado, analiso a notícia: é claro que nos explicaram que esta afirmação apenas se aplicava às seleções realizadas dentro do campo e, mais precisamente, àquelas que incluíam as mulheres doentes. E afirmação de um médico não me parece uma garantia absoluta de segurança. É em nome da ciência que os nazis sujeitam as deportadas judias a experiências pavorosas; sendo consideradas de raça inferior, tal como as ciganas, a nossa

única utilidade é servir de cobaia. Contudo, nem todos os alemães são monstros e este talvez seja mais alemão do que nazi. E se for verdade?

Enquanto a minha mente raciocina para poder, a seguir, entregar-se à alegria, as raparigas já se lhe renderam: riem-se, cantam, pouco falta para que dancem.

Nos dias seguintes, as notícias trazidas pelas *Läuferinnen* e por Renate, a irmã de Marta, são excelentes: o Dr. Mengele mandou limpar de cima a baixo, desinfetar e pintar um bloco, no qual colocou camas a sério, com lençóis, para transportar para lá as convalescentes!

Talvez eu tivesse permanecido na dúvida se Marie não me tivesse confirmado tudo isto.

Marie, que conheci recentemente, é uma judia francesa, uma jovem médica de vinte e sete ou vinte e oito anos. Conheci-a no final de um concerto realizado no *Revier*; a empatia imediata foi recíproca: é baixa e magra, e tem o cabelo fino castanho-dourado e uns olhos maravilhosos, parecidos com os de Michèle Morgan. As pacientes adoram-na. Trabalha com o Dr. Mengele e partilha comigo as suas esperanças, confessando-se surpreendida pela eficácia do médico que, segundo ela, é também muito charmoso. Além de latinista, francófono, culto e melómano, ela afirma-me que ele é muitíssimo bem-educado até com as deportadas. Porque não acreditar nela?

Durante três dias, reina a alegria, sucedem-se as informações: vão transportar, transportam, transportaram todas as convalescentes para o novo *Revier*. Há que vê-las, lavadas como deve ser, limpas, nas suas camas imaculadas!... Ou melhor, havia que vê-las! Pois, concluído o transporte, no terceiro dia, Mengele, o maravilhoso Dr. Mengele, mandou gaseá-las a todas, quatrocentas de uma vez!

Mal temos tempo de ficar transtornadas, pois anunciam-nos a vinda dos SS, o bando completo: Kramer, seguido de um *Obersturmführer*⁷⁴ e de um *Untersturmführer*⁷⁵, que não sabemos como se chamam, Mandel e as suas duas acólitas: Drexler e Irma Grese, mais o espantoso *Oberführer* que vislumbrei no *Revier* e ao qual ponho uma alcunha que me ocorre de imediato: «Graf Bobby». É o nome de uma personagem muito conhecida na Alemanha, produto da imaginação de um desenhador humorístico da época do *Kaiser*; espartilhado, de monóculo, personificava a elegância e o snobismo. Ao lado do meu Graf Bobby, extraordinariamente elegante e que também usa um monóculo, Kramer, atarracado e sanguíneo, parece um talhante.

A acompanhá-los, mas mantendo-se à parte, vem uma rapariga alta, demasiado esguia, já magra, bonita; sinto, adivinho, que é

judia: a Judite das Escrituras com o olhar terno da noiva de *Cântico dos Cânticos*. Bem vestida, não usa um triângulo nem uma estrela, apenas uma braçadeira: «Intérprete-chefe». Parece-me muito pálida. Terá sido ela que deu o nome das quatrocentas mulheres que acabam de ser gaseadas? No campo, o chefe dos intérpretes serve de contabilista da morte... dá assistência ao oficial e risca o nome dos condenados.

Fiéis à sua política de fragmentação, os SS obrigam as detidas a trabalhar contra as suas companheiras: *Blockälteste*, *Blockowa*, *Blockschreiber*, *Kapo*, *Lagerälteste*, *Lagerkapo*, *Stubendienst*⁷⁶, cargos que apenas podem ser desempenhados, sob pena de regressar ao estatuto inicial, e até ser gaseado, se se derem provas de grande consciência na execução das ordens e de um zelo louvável.

A estes diversos responsáveis somam-se os prisioneiros de serviço às câmaras de gás, não designados oficialmente, mas voluntários e, em geral, polacos, que são cinquenta; ajudam as pessoas a entrar nas câmaras de gás.

A presença deles tranquiliza aqueles que chegam e fazem o seguinte raciocínio: «Não são militares, são prisioneiros como nós, que nos levam aos balneários, podemos confiar neles.» Para estas pessoas, as mãos que pegam nas suas roupas, que ajudam os seus filhos e os seus velhos pais a despir-se, que lhes entregam toalhas e sabão, são mãos fraternas. São também eles que transportam os mortos e atiram os corpos para os fornos. Os detidos que recusam estas funções são imediatamente gaseados.

Para os recrutarem, prometem-lhes uma vida mais fácil: o bloco deles está limpo, a comida é melhor, em maior quantidade, as suas roupas são decentes. Estão proibidos de contactar com os outros, que, aliás, desprezam. Ao domingo, assim que a meteorologia o permite, podemos vê-los a jogar futebol.

Um dia, um desses *Sonderkommandos* polacos viu entrar numa das câmaras de gás, a mulher, a filha e o filho. Correu como um louco à procura de Kramer, conseguiu falar com ele, e assistiu-se a este espetáculo incrível: desatando também a correr pelo campo, seguido do polaco, Kramer entrou com ele na câmara de gás e tirou de lá por um triz a mulher e as crianças. Porquê? Um dos gestos dos SS que nos parecem incompreensíveis; o que não impediu que, chegada a sua vez, o polaco também fosse gaseado! Pois, na realidade, aqueles que aceitavam desempenhar este papel estavam condenados, sabiam demasiado e a sua pena suspensa durava dois meses.

Ao observar a postura orgulhosa, sem servilismo, desta intérprete, pergunto para comigo quanto lhe pesará a sua tarefa. Como consegue ela acompanhar, seguir um Tauber? Acabáramos de ter conhecimento de uma das suas últimas «proezas»: dois

meses antes, às seis horas da tarde, ordenou a saída de mil mulheres, mandou-as alinhar-se, completamente nuas, no ar gélido, sob a neve, e a seguir, passando pelas fileiras, levantou-lhes os seios com a ponta da chibata; aquelas cujo peito descaía: «Para a esquerda!», o que significava «Zum Krematorium!»⁷⁷; aquelas cujos seios permaneciam firmes: «Para a direita!» Nesse dia, estas sobreviveram, com exceção das que morreram de frio.

Quando tivemos conhecimento deste critério de seleção, comparámos os nossos seios. Tirando a Irena pequena, que tem um peito magnífico, com mamilos semelhantes a botões de rosa, e Claire, que tem uns seios fartos, mas ainda firmes, devido à alimentação, todas nós parecemos tábuas de engomar. É uma segurança passageira. Tauber pode perfeitamente decretar que esta falta de feminilidade evidente é uma tara.

Tenho muito tempo para pensar nisto e em muitas outras coisas, enquanto, atrás de Alma, aguardamos em sentido que os SS se sentem e nos ordenem que toquemos. Terão eles a noção de que estamos de pé? Alguém se interessaria por um bando de macacas a apresentar armas? É mais ou menos a mesma coisa, só que um bando de macacos a fazer este exercício seria divertido!

Por enquanto, ao contrário do que é hábito – geralmente, não ficam muito tempo connosco –, fazem sala. Dir-se-ia que estão à espera de alguém. Severa, Mandel vira a cabeça para as suas executantes, observa-nos rapidamente, uma a uma. Invade-nos uma espécie de angústia: os nossos sapatos, os nossos vestidos, estarão bem limpos? Que virá dali?

Mandel ordena secamente a Alma:

– Vão tocar o dueto de *Butterfly*, *A Sonhar*, de Schumann, *Matinata* e *A Carga da Cavalaria Ligeira*. O *Oberarzt*⁷⁸ doutor Mengele vem ouvir a orquestra.

Ela deveria acrescentar «concluída a seleção», pois, para mim, ele é apenas mais um assassino, e que assassino!

Apenas a espera necessária para que a entrada seja um êxito, e surge o Dr. Mengele. É bonito. Mesmo bonito, meu Deus! Tão bonito que, instintivamente, todas as raparigas recuperam os gestos do passado, passam os dedos molhados pelas sobrancelhas para lhes dar brilho, mordem os lábios, fazem boquinhas, ajeitam as saias, os corpetes... Perante o olhar deste homem, sentimos que voltamos a ser mulheres. A elegância do Graf Bobby, ao lado da dele, parece forçada. Enverga o uniforme com à-vontade, com uma aparência extraordinária, como se fosse um Charles Boyer. Um sorriso vago dá vida aos seus lábios e fá-los estremecer. Com indolência, consciente do seu encanto, ri-se, graceja. Tem até a delicadeza de se calar assim que a Suzuki de Lotte e a minha *Butterfly* iniciamos o nosso dueto, e o cuidado, ainda maior, de não se rir da parilha cómica que formamos: ela, enorme, e eu,

minúscula. É algo que não deve incomodar nenhum deles, e ainda menos Irma Grese, que fixa em mim o seu olhar azul-celeste e, com o mesmo tom que se usaria para falar de um macaco – «E, ainda por cima, ele sabe falar!» –, admira-se:

– Como é possível que, sendo judia, tenha uma voz tão bonita?...

O médico não deve apreciar *A Carga da Cavalaria Ligeira*, pois, logo aos primeiros acordes, sai da sala, seguido pelo Graf Bobby. Alma fica lívida. Será que lhe desagradou? Kramer levanta-se também e, com uma voz cortante, ordena: *Schluss!*⁷⁹ Os SS vão-se embora. A última a sair é a intérprete e parece-me que aquela rapariga alta e morena hesita durante uma milésima de segundo. Quem é ela?

Alma bem pode enfurecer-se, insultar-nos, atirar-nos a batuta à cabeça e até espezinhá-la se lhe apetecer, se isso a acalmar, mas a orquestra está-se nas tintas, pois agora circula um nome, o da intérprete: Mala.

Muito mais do que um nome, é já uma lenda, até para mim, que pouco sei a seu respeito. Apercebendo-se disto, a Irena pequena conta-me a história dela:

– A Mala é a esperança de todas nós. Pertence à Resistência belga e veio de Bruxelas num dos primeiros transportes. Logo à chegada, ela e mais cinco companheiras foram selecionadas. «Para a esquerda!», para as câmaras de gás! Nessa noite, o crematório não estava a aceitar mortos. Havia vários dias que, com as suas pás de madeira, semelhantes às das padarias, os homens enfiavam no forno cadáveres, cujo amontoado parecia não diminuir. Mala e as amigas foram trancadas na câmara 25. Nunca ninguém de lá saía. As detidas cujos barracões dão para o pátio do bloco 25 contam coisas horríveis: «Se olhares, consegues vislumbrar uma mulher, sempre diferente, atrás do gradeamento das janelas, a fitar-te com um olhar enlouquecido. É insuportável!» Nuas... Para quê vesti-las, se vão morrer? Lançam-nas para a palha malcheirosa espalhada pelo chão. Quando se lembram, os SS atiram-lhes qualquer coisa para comerem; elas podem ficar ali dias, semanas ou algumas horas... Sabes, aquilo não é sequer um inferno; é um sítio inominável. Quando o camião para e a porta se abre, as sobreviventes vão para a câmara de gás, as mortas, para o crematório. Um dia, depois de anoitecer, Mala e as cinco raparigas conseguem evadir-se. Correm para a entrada do campo, saem e vão parar ao sítio ao qual chamamos *Vorne*⁸⁰, perto das casas dos SS, pois os alojamentos deles não são dentro do *Lager*. Sentados diante das portas, conversam, fumam, riem-se, um deles até toca harmónica. Está uma noite fresca, mas bonita. O comandante Hössler está a falar

com os seus oficiais e, de repente, surgem diante dele aquelas raparigas nuas; eles ficam tão surpreendidos que desatam a rir-se. O Hössler pergunta-lhes: «De onde vêm? Quem são?» Tão à vontade como se estivesse vestida, Mala responde-lhe: «Do bloco 25, *Herr Kommandant!*» Nessa altura, eles entreolham-se, estupefactos. Aquela coragem impressiona-os e o interrogatório continua:

- Como te chamas?
- Mala.
- De onde vens?
- Da Bélgica.
- Tens uma profissão?
- Não, mas falo francês, alemão e polaco.
- Que idade tens?
- Dezanove anos.

»Um silêncio. O comandante fica a pensar e, a seguir, ordena que lhes deem roupas. “Arranjem-lhes trabalho. Esta”, diz ele, apontando para Mala com a ponta da chibata, “será intérprete.” Mala não se acomoda. Desde logo, pensa que poderá aproveitar o seu cargo para ajudar as outras. Muito rapidamente, adquiriu uma certa importância no *Lager* e tornou-se intérprete-chefe. Não se sabe por que motivo os SS confiaram nela sem que ela precisasse de lhes dar provas das atitudes que eles apreciavam: denúncias, zelo durante as seleções, etc. Talvez por ela ser corajosa, calada, calma, eficiente. Na verdade, sem que eles se apercebam disso, ela domina-os, impõe-se... As detidas admiram-na, gostam dela. Todas nós confiamos cegamente nela. Sabemos que, sempre que as circunstâncias da seleção o permitem, Mala se esquece de um dos nomes da lista. Quando têm dificuldades, quando surge um problema, as deportadas procuram-na. Embora seja judia, até as arianas a respeitam e não se atrevem a trocar dela nem a insultá-la... E não é só isto. Mala tem um namorado, o Edek, um rapaz bonito, da Resistência polaca. Podem encontrar-se, pois ambos têm cargos que lhes permitem sair, mesmo quando o campo está em isolamento. Ele é *Stubenschreiber*⁸¹. Não sei mais nada sobre eles, mas aquelas que os viram dizem que não tem nada que enganar: eles amam-se.

Lá fora, a chuva redobrou, tornando-se torrencial. Sólida como granizo, tamborila no telhado, bate agressivamente nos vidros. A salamandra está incandescente, o vento transformou o seu ronronar num rugido. Uma boa parte das raparigas – as polacas, as alemãs e as russas – estão deitadas. Sentado junto da salamandra, o nosso grupinho prolonga o serão.

A Irena pequena conclui:

- Nunca falei com ela. Conheço-a por a ver atravessar o

campo, de cabeça erguida, com uma expressão fria, mas senti-a a arder por dentro, e hoje ela veio aqui... Irá voltar?

Tenho uma vontade louca de estar com Mala, de falar com ela; parece-me uma espécie de heroína, um símbolo vivo.

Mais calma, Anny comenta:

– Isso é algo que não podemos saber! E, bem vistas as coisas, o que é que ela pode fazer por nós?

Mala

Nos dias seguintes, Mala voltou a visitar-nos. Não por amor à música, pois, na sua vida há apenas lugar para dois tipos de amor: o amor pela liberdade e o amor por Edek. Ocasionalmente, encontram-se no nosso bloco e é sempre um momento único. Ela entra, passam alguns instantes. Ele entra. Olham-se, encaminham-se um para o outro, mas não se aproximam, ficam a um metro ou dois um do outro, e essa distância parece uni-los: não se tocam, não se falam... Contudo, em redor deles, o ar começa a vibrar... Olham-se e tudo se incendeia... O amor deles é um momento de reencontro da beleza do mundo.

Esta noite, após o final de um *Blocksperre* particularmente demorado, Mala aparece, com uma expressão tensa. No seu rosto pálido, as olheiras à volta dos olhos magníficos parecem mais escuras, criam-lhe uma máscara de tragédia. A Irena pequena e Ewa perguntam-lhe:

– Que é que tens? Estás doente?

– Sim. Fico sempre assim após uma seleção. Doente de nojo, de fúria, doente por escrever os números das companheiras que vão para as câmaras de gás... Mas isto tem de acabar! Não aguento mais. É preciso fazer qualquer coisa, o mundo tem de saber, para pôr fim a este horror!

Fico inquieta:

– Mas como? Que queres fazer?

– Ainda não sei, mas o Edek há de saber, há de arranjar uma maneira!

Há tanta fé nos seus olhos que acredito nisso. Se há alguém que consiga fazê-lo, será ela, serão eles.

– Gritaremos a verdade aos homens e eles acreditarão em nós!

Estamos todas a olhar para ela, com o coração a arder. É tão claro: se o mundo soubesse o que se passa aqui, impedi-lo-ia. É tão evidente que lhe damos razão: «Sim, acreditarão em ti!» Como não acreditar nela? E divagamos: se os campos continuam a existir, é porque ninguém conseguiu sair deles para ir apregoar a verdade! Não sei qual de nós chega a ponto de afirmar: «Quando o papa souber da nossa existência, toda a cristandade será mobilizada para uma cruzada sem precedentes na História!» Para nós, torna-se uma certeza tal que perguntamos a Mala:

– Como é que vais fazer?

– Não sei, mas vou fazê-lo.

Esta resposta basta-nos. Para nós, torna-se uma certeza.

Uma manhã, corre a notícia de um desembarque dos Aliados. Teria sido em França. Jenny e Florette encolhem os ombros:

– Mais uma tolice!

– Não. Desta vez foi Mala quem o disse!

Aguardamos febrilmente a sua vinda, pois é ela quem nos «abastece» de notícias. O seu cargo de intérprete permite-lhe não só circular livremente, mas também, por estar sempre com eles, obter junto dos SS todo o tipo de informações. Não ousamos ainda rejubilar, mas cada uma de nós observa os alemães. Será possível? Parecem-nos mais nervosos, mais tensos do que habitualmente.

Alguns dias depois, Mala confirma-nos a informação. Durante uma boa parte da noite, o nosso grupinho mantém-se acordado e canta baixinho. De manhã, observamos o céu, olhamos na direção dos Cárpatos. Em certos dias, quando o vento o permite, quando os crematórios estão menos ativos, vislumbramos essas montanhas onde se escondem os resistentes polacos, que estamos certas de que nos trarão a liberdade.

E, depois, os dias passam, a nossa impaciência dá lugar a uma resignação algo desencantada: a espera é longa.

Uma manhã, a chamada é interminável. Há uma hora que a orquestra aguarda o seu fim para sair, e não se ouve o apito. Os SS contam e voltam a contar as mulheres, as sirenes rugem, os soldados correm. Que se passa? Os nossos libertadores estão a chegar? Não, houve uma evasão. Quem se evadiu? O tempo passa, corre um rumor: Mala evadiu-se e, provavelmente, também Edek, pois os deportados do campo dos homens estão, também eles, de pé há horas.

Quando finalmente se ouve o apito do final da chamada, a emoção atingiu um nível de intensidade insuportável, os nervos estão tensos, as notícias correm a toda a velocidade. Toda a gente sabe, inventa. Uma coisa é certa: Mala e Edek evadiram-se. Como? À noite, juntámos tudo o que soubemos e conseguimos elaborar um cenário que, mais tarde, se revelará exato. Com a

cumplicidade de SS alemães e romenos, que ele subornou – o ouro roubado, «organizado», circula em todos os campos –, Edek arranjou roupas masculinas para Mala, um uniforme para ele e documentos falsos para ambos. Vestida com um fato-macaco azul por cima de umas calças e de uma camisola, carregando à cabeça um lavatório de faiança virado ao contrário, Mala saiu escoltada por Edek, de uniforme SS e revólver à cintura. Ele tinha por missão acompanhar um operário até a um outro campo. Estando o seu *Ausweis* aparentemente em ordem – os nomes haviam sido raspados e substituídos –, e tal como haviam jurado um ao outro, partiram juntos em direção à liberdade.

Ficamos loucas de alegria. Embora simplista, o nosso raciocínio é igualmente empolgante: «Se eles estão lá fora, vamos ser libertadas!» Estamos excitadíssimas, mas de pé atrás. A fúria dos SS pode decuplicar a sua selvajaria. Quem os impedirá, se lhes apetecer, de gasear todo o campo, homens e mulheres?

É de mansinho, com o coração nas mãos, a sussurrar, que vivemos, que alimentamos a nossa esperança. O campo inteiro está de vela. Ninguém dorme. Em cada bloco, em cada fila de *cojas*, espera-se... o milagre. Os dias passam, quatro, cinco, talvez menos. Por vezes, pomo-nos à escuta, parece-nos ouvir barulhos estranhos, tiros de canhão, de espingarda... Verdadeiros, falsos? A nossa imaginação divaga e já vemos Mala e Edek a regressarem à frente de milhões de soldados, que entram no campo, furam os olhos e a barriga dos SS, sobe-nos à cabeça uma euforia sanguínea. Pela primeira vez desde que chegámos ali, oxigenadas pela esperança, respiramos, vivemos. Nunca cantámos nem tocámos com tanta alegria no coração. Aliás, tocamos e cantamos para nós, «as senhoras e os cavalheiros» deixaram de aparecer, têm outras preocupações. De manhã e à noite, à saída e no regresso dos *Kommandos*, quando as raparigas interpretam alegremente *Josef! Josef!*, há mulheres que lhes piscam o olho, cúmplices, sopra no campo um ar diferente, embora os crematórios cuscam os seus fumos negros, ocultando-nos a aproximação do verão, mas estamo-nos nas tintas: o verão e as suas ceifas vitoriosas cantam já no nosso coração!

Correm rumores: buscas implacáveis abalam os campos; no edifício dos SS, realizam-se interrogatórios, procuram-se cúmplices. Ninguém sabe coisa alguma, e é verdade. Quando se elabora um plano de evasão, não se confia em ninguém, nem sequer na própria mãe. O olhar frio dos SS é inquisitivo, observam, observam-se uns aos outros; entre eles, houve um, dois, três traidores, talvez mais.

Uma manhã, furtiva e rápida, a notícia espalha-se pelo campo: «Mala voltou!»

Com berros, apitos e pauladas, os SS, as *Kapos*, as *Blockowas* mandam sair dos barracões todas as mulheres, incluindo nós. Milhares de detidas agrupadas na praça central, nos caminhos; ninguém se move, sustemos a respiração. No meio, num espaço aberto, está Mala: meio nua, coberta de sangue. Sabemos que foi torturada e não falou. De pé, orgulhosa, de cabeça erguida, fita-nos e sorri. Brotam-nos lágrimas dos olhos, lágrimas de amor e gratidão. Ela é o que gostaríamos de ser: o orgulho, a coragem.

Um oficial das SS fala com ela, alto e bom som, ouço cada palavra e não as esquecerei:

– Como vês, Mala, ninguém se evade daqui. Nós somos os mais fortes e tu vais pagar.

Ele saca do revólver e, carregando-o, diz-lhe:

– Para recompensar a tua bravura, vou abater-te.

– NÃO! – berra Mala. – Quero ser gaseada como os meus pais, como milhares de inocentes, morrerei como eles. Mas aquilo que nós não conseguimos, outros o farão, serão bem-sucedidos e vocês vão pagar!... Vão pagar!

O SS esbofeteia-a com toda a força. Estou a dez metros de Mala e vejo aparecer na sua mão uma coisa brilhante, uma lâmina de barbear com a qual corta o pulso.

Os SS acorrem, atiram-na ao chão, espezinham-na, fazem-lhe um garrote, querem-na viva. Amarram-lhe os braços atrás das costas, arrastam-na, ela cai, levanta-se, grita-nos:

– Revoltem-se! Revoltem-se! São aos milhares. Ataquem-nos! Eles são cobardes. Mesmo que vos matem, é preferível, morrerão livres! Revoltem-se!...

Os SS que a acompanham batem-lhe, ela cai, é uma papa vermelha de sangue, um fantoche desarticulado... mas o seu olhar... os seus olhos... nunca os esquecerei... Levam-na. Ainda estará viva?

O silêncio pesa sobre o campo. Ao longe, atrás do crematório, o céu está vermelho, vermelho como o sangue de Mala.

Do outro lado, no campo dos homens, foi montada uma forca. A distância impede-me de ver certos pormenores. Tal como nós, os detidos do sexo masculino estão todos presentes, imóveis, em silêncio. Edek Galiński aparece, com as mãos amarradas atrás das costas, irreconhecível. Ele, que era tão bonito, parece já não ter rosto: uma massa inchada e ensanguentada. Vemo-lo subir a um banco. Chegam até nós palavras da leitura do veredito em alemão e, a seguir, em polaco; a leitura ainda não terminou quando avisto o gesto de Edek: ele próprio enfia na cabeça a corda com o nó correição, faz tombar o banco. Jup, o *Lagerkapo*, intervém, tira-lhe a corda do pescoço, fá-lo subir novamente ao banco. A leitura recomeça, mas Edek não espera pelo fim para gritar: «A

Polónia ainda não é...» Jamais saberemos o resto. Com um pontapé, o *Lagerkapo* Jup, o seu amigo, derrubou o banco. Soa uma ordem em polaco e milhares de mãos erguem-se para retirar os barretes. Última homenagem: o campo dos homens tirou o barrete a Edek Galiński, que fora a sua esperança...

Que acontecera? Como é que eles tinham sido apanhados? Fragmento a fragmento, entre sussurros, vamos ficando a saber.

Caminharam durante cinco quilómetros, Mala carregando à cabeça o lavatório de faiança branca, cujo peso lhe fazia tremer as pernas e a exauria, Edek atrás dela. Foi assim que chegaram a Kozy, uma pequena vila das redondezas. Aí, um cúmplice polaco encaminhou-os para um amigo e passaram a noite debaixo de um fardo de feno.

Imagino os dois corpos entrelaçados, a corrente de amor que deve tê-los unido nessa noite. Como devem ter esquecido o medo, entregando-se pela primeira vez um ao outro, juntos pela primeira vez... Foi, sem dúvida, a sua primeira e única noite. Têm de estabelecer contactos na vila. Mala despe o fato-macaco azul, fica de camisola e calças. Por motivos que permanecem obscuros, vai esperar por Edek num café. Há um vaivém de alemães, quase todos de uniforme. Sentado por perto, um oficial da Gestapo acha-a bonita ou estranha, ou ambas as coisas? Fita-a, observa-a. Mala, à qual até nem falta sangue-frio, sente-se pouco à vontade. Decide ir-se embora e levanta-se. Mais rápido do que ela, ele agarra-a pelo braço, arregaça-lhe a manga: a tatuagem revela a verdade. No interior do café, a agitação é grande. À porta, aparece Edek, de uniforme SS. Vê a cena, já percebera ao entrar, pois formara-se um ajuntamento diante do estabelecimento. Pode misturar-se entre os outros uniformes, virar costas tranquilamente e ir-se embora. Dirige-se para Mala; sem ela, ele desiste, sem ela, não consegue viver, mesmo estando livre. Apesar do olhar desesperado de Mala, ele vai ter com ela e deixa-se prender.

Ao resto, nós assistimos.

Que imprudência, deles ou dos seus amigos, os conduziu àquele final trágico? No campo, os dias passam, os rumores esvanecem-se, mas, em nós, o fermento da esperança forma bolhas grandes, que rebentam:

– Eles ficaram tempo suficiente lá fora para terem estado com amigos, para falar com eles, para lhes contar aquilo por que passamos, o mundo já não o ignora. Então, porque é que não acorrem para nos socorrer?

– Não percebo. De que é que os Aliados estão à espera? – lamenta-se a Irena grande.

Florette está amarga:

– Não é difícil de perceber, o que é que representamos para eles? Que contam alguns milhares de condenados a mais ou a menos? Eles têm a sua guerra para vencer, o seu poder para instalar, nada mais lhes interessa. O mais importante de tudo é partilharem o mundo!

Manifesto a minha reserva:

– Os russos não podem pensar como os outros. Meninas, tenho a certeza de que a salvação virá do lado dos Cárpatos...

O meu entusiasmo não convence ninguém. O dia a dia do campo voltou a apoderar-se delas. Uma vez mais, o seu egoísmo submerge-as. O medo impõe a sua lei. Os monstros estão ali, mais poderosos do que nunca. As costas curvam-se perante a ideia das represálias que deverão seguir-se a esta evasão, e os comentários abundam: «Somos nós, aquelas que ficaram, quem irá pagar!» Mala e Edek são censurados. Comenta-se a sua inconsciência, a sua frivolidade, algumas atrevem-se a dizer a sua «estupidez». Eles tornam-se utopistas, loucos, egoístas...

Ewa, a Irena pequena e eu repetimos-lhes, gritamos-lhes, que estão enganadas, que eles nos deram um exemplo maravilhoso, que viver não é resignar-se, mas lutar, que temos de ajudar-nos umas às outras, ser solidárias, formar um grupo disposto a tudo...

Falamos, falamos... mas quem nos dá ouvidos?

E a vida continua.

No museu do campo de Auschwitz, podem ver-se duas madeixas de cabelo juntas, misturadas: pertencem a Mala Zimetbaum e a Edek Galiński. É tudo o que resta deles.

«Os bem-amados SS»

Sentado numa espécie de barreira, com uma perna a baloiçar e a chibata na mão, Graf Bobby prepara-se para «trabalhar». Abrem as portas dos vagões e caem deles homens, mulheres, crianças... poucos se levantam. Outros saem aos berros, saltando por cima dos mortos. Diz-se que os transportes demoram vários dias, ficam parados em vias laterais, para dar prioridade aos comboios militares. Os deportados que acabaram de chegar viajaram durante doze dias. Doze dias sem ar, sem comer, sem beber.

Graf Bobby ergue graciosamente o rosto para o Sol, oferece-se a ele. Há que saber desfrutar dos bons momentos da existência. Ele sorri, parece sempre satisfeito, satisfeito consigo próprio, com a sua vida e – porque não? – com o seu trabalho. Os outros têm um semblante fechado, duro; ele não. Será, por isso, menos temível? Cruzou as pernas, a biqueira da bota brilha tanto que, como se fosse um caco de vidro, agarra os raios de sol. Os soldados das SS agrupam os sobreviventes cinco a cinco. Com a sua longa boquilha na boca, Graf Bobby seleciona, com um gesto indolente da sua chibata e ao sabor da sua fantasia, aqueles que irão entrar para o inferno do campo e aqueles que irão para o céu, passando pela pequena fábrica. Que nobre profissão a de oficial das SS!

Lá fora, os apitos redobram. Berrando *verboten!* roucos, Tchaïkowska atravessa a nossa sala de música e vai fechar a porta. Que tem de especial este *Blocksperre*, para não permitirem que a nossa porta fique aberta?

Hoje, ensaiamos o quarteto de *Rigoletto*. Apesar da sua composição bastante inaudita e do nosso aspeto ridículo: Lotte,

mezzo, criada de Gilda; Ewa, tenor, o apaixonado do duque de Mântua; Florette, barítono, o louco; eu, soprano, Gilda! Este trecho encanta os SS, pelo que temos de o ensaiar regularmente. Mal acabamos de cantar a última nota, ouvimos ataques de riso, tão violentos que, apesar da proibição, corremos para as janelas e entreabrimos a porta: um jovem completamente nu, muito alto e magro, com um nariz comprido, canta e salta diante da porta aberta de um vagão. Faz gestos de marioneta com as mãos, que dançam ao sol. Do soldado raso ao mais graduado, os SS divertem-se, Graf Bobby tanto como os outros.

O louco grita alegremente todo o tipo de coisas. Das suas palavras, que não conseguimos ouvir, chegam-nos apenas: Hurra! Bravo! Bravíssimo! Bom dia! Bom dia!

Lentamente, desfila à frente dele a procissão dos sacrificados, mulheres, velhotes, crianças; uma mãe chama pelos seus pintainhos: «Venham, venham, meninos.» Cabeças viram-se para o demente e alguns riem-se. Quando desaparecem na rampa que leva à câmara de gás, o louco fica sozinho com os mortos atirados dos vagões, e enquanto detidos, vestidos de farrapos às riscas, os empilham em carroças, ele ri-se, bate palmas, faz piruetas.

Os vagões vazios afastam-se lentamente em marcha-atrás, somando o seu movimento insólito ao gesticular do simplório. Outros vagões chegam ao cais. O doido prossegue com a sua atuação alegre, dançando. Os SS continuam a rir-se, dão palmadas ruidosas e satisfeitas nas costas uns dos outros. A seguir, considerando certamente que já se divertiram o suficiente, Graf Bobby, apontando com a sua boquilha – quanta elegância! –, manda juntarem-no àqueles que sobem a rampa.

O divertimento terminou, mas não o *Blocksperr*e. Chega a hora da sopa, e continua. Está tão abafado na nossa sala, aquecida há horas por um sol abrasador, que, ao irem às cozinhas buscar a ração da noite, *Paniq* Founia e Marila deixaram a porta aberta; algumas de nós olham, mecanicamente, para o «cais». Atrás do arame farpado, passa a desesperante e monótona coorte dos «selecionados». Como sabemos que se trata de um transporte belga? Uma *Läuferin* deve ter-no-lo dito, e a Irena grande, Anny e a Lily belga observam atentamente os recém-chegados, como se toda aquela tristeza lhes trouxesse, apesar de tudo, um pouco do ar do seu país.

– Sabes – diz Anny –, eles têm mesmo aspeto de serem belgas!

Violento e irreprimível, sai-lhe da garganta um grito de degolada:

– A minha mãe! É a minha mãe! As minhas irmãs!

Ela atira-se para a frente. Ao longe, na rampa, a sua mãe e as suas irmãs não ouviram nada, não viram a cabeça. Brutalmente, Florette tapa a boca de Anny. Ewa, a Irena pequena e Lily puxam-

na para trás. Eu fecho a porta. Anny debate-se, afasta a mão de Florette, berra:

– Larguem-me, larguem-me... Quero ir lá, quero vê-las... morrer com elas! Mãe! Mãe!...

Com uma pancada certa, Florette deixa-a inconsciente; desmaiada, deixa-se levar para a cama. Revezamo-nos para olhar por ela. Passou a noite a chorar. Ao amanhecer, adormeceu.

À hora do ensaio, sentada numa cadeira, permanece aparvalhada, com o olhar vazio. Suavemente, quase com ternura, a Irena grande coloca-lhe o seu bandolim na mão:

– Toca. Daqui a nada, pode ser a tua vez. Por isso, toca.

Desde esse dia, Anny não voltou a ser a mesma. Já introvertida, fechou-se em si própria; as suas opiniões tornaram-se mais inflexíveis, menos conciliadoras e, principalmente, muito mais indiferentes.

Uma hora mais tarde, este episódio trágico passa definitivamente a pertencer ao passado. Corre uma notícia: «O Kramer e a Mandel deixaram Birkenau!» Para onde foram? Irão regressar?

É sobretudo isto que nos preocupa. Eles gostam da sua orquestra, orgulham-se dela, são os nossos clientes mais fiéis, os nossos protetores. Sem eles, o nosso futuro torna-se mais do que incerto.

Surpreendo Alma a inspecionar atentamente as nossas instalações, a sua expressão preocupada faz-me adivinhar os seus pensamentos: o nosso bloco está limpo, bem conservado, aquecido como deve ser, não tem parasitas; podem ser transferidos para ali outros serviços, falta sempre espaço no campo, as catadupas de deportados invadem tudo. Os SS podem decidir reapoderar-se dele e, nesse caso, iremos parar às câmaras de gás ou a um *Arbeitskommando*?

Não tendo sido informada oficialmente da ausência dos nossos protetores, Alma opta por ignorá-la. Ensaaiaremos como é habitual. O concerto de domingo, que talvez seja o do regresso deles, tem de ser perfeito!

Vale tudo. Eles adoram valsas vienenses. Uma miscelânea de Dvořák, que eles apreciam sem saber que é uma música proibida. *A Quinta Dança*, de Brahms, *As Três Meninas*, de Schubert, *A Tosca*, *A Estalagem do Cavalo Branco*, *A Canção do Volga*, de Lehar. Os nossos SS são muito ecléticos! Na verdade, gostam de música, mas não percebem nada do assunto.

Este ensaio devolve-nos um pouco de esperança e empenhamo-nos nele a fundo, demasiado... talvez tivesse sido melhor não darem por nós. Uma *Läuferin* vem transmitir-nos a ordem de parar os ensaios, os concertos estão cancelados, mantendo-se apenas as atuações da manhã e do final do dia.

Desmotivada, Alma pausa a batuta, vai fechar-se no quarto, mas reaparece pouco depois. Em passos largos, atravessa a sala de música e sai. Aonde vai? Irá tentar intervir? Mas junto de quem? Cansada devido a uma disenteria que se arrasta há vários dias, vou deitar-me: logo se verá!...

Alma regressa de forma algo inesperada, entra com um braçado de novelos de lã, seguida de uma *Läuferin*, também ela carregada de lã e de agulhas de tricotar. Deixam cair sobre a minha mesa a sua «ceifa», num monte multicolor. Eis-nos transformadas em fábrica de malhas!

– Sabes – diz-me Alma –, tenho de lhes mostrar que somos capazes de fazer outra coisa além de tocar. Se eles entrarem aqui e vos virem a todas, com os vossos belos vestidos, de braços cruzados, irão considerar-nos inúteis. Por isso, perguntei à *Frau Schmidt* o que poderíamos fazer. Ela aconselhou-me a ir ao bloco da costura, para arranjar uma ocupação. Não tinham nada para nos dar, pois elas próprias têm demasiado receio de ficar paradas, para passarem trabalho a outras. Vi esta lã e pedi-a. Portanto, vamos tricotar, qualquer coisa, mas muito!

Uma hora depois, todas as raparigas, menos Alma, a Irena e eu, que não sabemos fazer tricô, estão a trabalhar, principalmente a fazer cachecóis e camisolas, pois diz-se que estas peças têm procura. Os SS podem aparecer quando quiserem, já não nos apanharão desprevenidas. Cheia de cólicas horríveis na barriga, fico na cama. Do alto do meu poleiro, vejo-as e ainda tenho humor suficiente para apreciar o cenário: em redor da mesa, as minhas copistas, na sua cadeira, no seu lugar, e as executantes da orquestra trabalham ativamente com as agulhas. Alma passa por entre elas, enervada e enervante; a sua falta total de voto na matéria não lhe permite orientá-las, mas o seu ar de guarda-chefe de um ateliê prisional exaspera-as. Florette tricota com rapidez, sem tirar os olhos da malha, Ewa não se apressa, examina a sua obra, avalia-a, alisa-a com a mão. As polacas judias trabalham a toda a velocidade, como se a vida delas dependesse disso. E se depender mesmo? Aqui, os piores lugares-comuns adquirem um sentido estranho. As polacas arianas trabalham devagar. Claire desfaz constantemente o que conseguiu fazer. As agulhas das alemãs funcionam como se fossem máquinas.

Passam dois dias, três dias, aos ritmos variados das tricotateiras. A todo o momento, tememos a visita de Tauber, que, na ausência de Kramer, parece encarregar-se de muitas coisas, demasiadas para o nosso gosto. Terá esse direito? É algo que desconhecemos, mas pouco importa saber que ele mata com ou sem autorização.

Alto, ossudo e anguloso, Tauber é um melancólico devastado

pelo tédio. Faz-lhe falta a fantasia, o inédito; a rotina das seleções, o «para a direita, para a esquerda» aborrece-o, torna-o taciturno. Aliás, as seleções dos transportes não lhe interessam, não permitem dar asas à imaginação, e ele tem-na para dar e vender! Do que ele gosta é daquelas que se realizam dentro do campo.

Dir-se-ia que, para já, não precisamos de o temer, pois está muito concentrado em pôr em prática a sua última ideia: pôr todas as mulheres do campo no exterior, exceto as arianas e as dos barracões especiais, como o «Canadá», o da costura ou o da música. Todas nuas e alinhadas em fileiras, ele passa-as em revista e escolhe cerca de cinquenta entre as mais vacilantes, pois cairão mais rapidamente para o lado; meio mortas, estas mulheres têm a missão de escavar uma vala. A característica mais importante desta obra não é a profundidade, mas a sua largura: nem excessiva, nem diminuta; deve ser difícil saltar por cima da trincheira, mas não impossível. Concluída esta obra de arte, as mulheres, nuas e em sentido, aguardam a sua ordem para correrem e saltarem por cima da vala; aquelas que caem têm direito ao *Sonderbehandlung*⁸².

Por vezes cansado, Tauber fica sem imaginação, pelo que se contenta em mandar sair mil mulheres, reuni-las em grupos de cem, contar as primeiras três centenas: *Eins! zwei! drei!*; a última centena é gaseada! *Eins! zwei! drei!*, gaseadas! Para a terceira, é uma questão de sorte, ele pode enviá-la para a morte ou mantê-la viva, conforme o seu humor. Ele pode fazer o que quiser. *Eins! zwei! drei!*... Até à última mulher. O prazer que dá este poder!

Amanhã, talvez passemos a fazer parte das suas distrações e talvez não lhe falte imaginação para nós. Tudo é possível. Sabemos que ele detesta Mandel e não duvidamos de que uma parte das suas represálias poderá recair sobre nós, as inúteis. Já proibiu os ensaios e os concertos, que mais irá inventar?

Muitas declaram que tricotar é muito agradável! É algo que lhes lembra o passado, aquele em que se fazia uma camisola, um cachecol de cores garridas, um barrete, meias grossas para ele, ou para eles, os miúdos. Algumas tricotam à noite, junto da salamandra apagada, cuja presença se mantém como um símbolo.

No domingo, a angústia coletiva escala vários níveis. Não há concerto. Esta ausência será notada, comentada pelos outros SS, por Graf Bobby, mas que poder tem realmente este coronel que apareceu um dia? Que esperar do Dr. Mengele, que, juntamente com ele, é o único melómano de Birkenau? Provavelmente, nada. Por que motivo iria ele defender um punhado de judias, que já foram poupadas durante tempo suficiente?! Ele, que as extermina

diariamente, a pretexto da ciência, em nome da manutenção da pureza da raça?

Esta noite, cada uma vira-se para o seu deus, para lhe rogar pelo regresso de Kramer e de Mandel! Nenhuma de nós parece admirar-se com este espantoso paradoxo, esta disposição estranha: a vítima a chamar pelo seu carrasco...

No nosso bloco, a prática aberta da religião costuma acabar bastante mal: piadas de mau gosto, insultos raivosos. Na sua *coja*, uma ariana persigna-se, ajoelha-se, uma outra junta-se a ela, e, ainda mal iniciaram as suas orações, começam a chover comentários: «São idiotas! Olhem para elas, a quem rezam? Deus não existe, ou elas não estariam aqui!» As raparigas não reagem, continuam a rezar, pelo que o tom sobe: «Eu também acreditei em Deus. Acreditei em Nosso Senhor, Jesus Cristo!

E Ele permitiu os campos, permitiu as câmaras de gás, os fornos, não eliminou estes monstros, tolerou que nos torturem, que nos matem... Cuspo em Jesus Cristo! Deus não existe!» As outras protestam, afirmam que «Deus sabe o que faz, que os homens precisavam de ser castigados». Em geral, as judias praticantes concordam com elas: «É justo, temos de pagar, Deus envia-nos estes castigos para nosso bem!» «Para nossa salvação!», continuam as católicas. «Estúpidas de uma figa!», replicam-lhes Florette, Jenny. «Acham justo que inocentes se desvançam em fumo!» «É o pecado original», afirmam as católicas. «Eles comeram uvas verdes e os seus filhos ficaram com os dentes estragados!», citam as israelitas. «Vão para o diabo! Deus não existe!» «E os vossos rabinos, suas idiotas?», berra Florette. «Eram todos uns sacanas, para os atirarem para os fornos? Os rabinos cozinham-se bem, hem? São gordos, dão sabão muito bom! O vosso Deus é perfeito: deixa queimar os seus sacerdotes! Não existe nada, ouviram? Nada de nada!»

As judias exaltam-se, continuam a baloiçar-se, batendo no peito, recitando o *Kadish* dos mortos: «Louvado seja o Senhor, nosso Deus, que nos criou com justiça, que com justiça nos manteve na Terra...», ou o salmo 91:

*E sob a sua proteção encontrarás um refúgio,
A sua fidelidade será a tua égide protetora,
Já não terás de temer os terrores da noite
Nem a flecha que voa durante o dia
Nem a peste que se aproxima na sombra
Nem a epidemia que grassa em pleno dia,
Viste cair a teu lado tantos irmãos, tantos amigos...*

Talvez isto seja admirável. Mas quando elas ouvem estas palavras, perturbadas pelo que consideram um excesso de confiança, um logro, as não-crentes ficam loucas de raiva.

Contudo, as judias praticantes possuem uma enorme virtude, muito respeitável. Recusar um pedaço de salsicha com o pretexto de não ser *kosher*, quando se está a morrer de fome, é heroico. Para obterem um coto de vela para celebrar o *Kippur*, vi-as a darem a sua ração de pão. Nos *Kommandos*, a prática da religião judaica torna-se rapidamente uma forma de suicídio. E pergunto frequentemente de mim para mim: «Foi isto que Jeová quis?»

Fora destes momentos dedicados à oração, a Deus, todas elas dão provas, em nome da sua religião, de uma intolerância que acabaria por me tornar atea se eu não o fosse há muito tempo. As arianas não têm qualquer caridade cristã e as judias obstinadas rejeitam tudo o que não seja israelita. Para as sionistas, tirando a Palestina, não existe salvação! Alemãs ou polacas, o seu discurso é idêntico, as suas afirmações são perentórias: «Os judeus são o maior povo da Terra... Não pode haver assassinos judeus, pois os judeus não derramam sangue... Também não pode haver putas, parricidas, nem infanticidas...» Concluem invariavelmente com este aforismo baseado na certeza: «Os judeus são o sal da Terra, os judeus são o povo eleito!»; algo que é sempre alvo do escárnio de Florette: «Eleito para ser gaseado!»

O que me exaspera nas fanáticas é o sectarismo do qual dão provas. Nunca, nem sequer em Birkenau, caí neste excesso: atirar para cima de um povo a culpa de alguns, ainda que, apesar de tudo, fosse algo de muito tentador! Tentador, na condição de ignorar a existência dos prisioneiros alemães, arianos, comunistas, membros da Resistência, opositores ao regime nazi, transportados de campo em campo desde o advento de Hitler; como se pode, perante estes sacrificados, ousar dizer que todos os alemães são assassinos?

Por existirem as Tchaïkowskas, as Zochas, podemos afirmar que todos os polacos são ignóbeis? Admito que nem sempre dou provas de tanta equidade, pois desejo frequentemente às polacas os piores tormentos, e compreendo a reação de Florette. Esta manhã, Tchaïkowska arrancou-a da cama, ainda com mais violência, e Florette protestou:

– E a esta, à tua Danka, deixa-la ressonar!

Tchaïkowska não responde, Florette esforça-se, puxa pelo seu cobertor, não acerta nos cantos da cama, pragueja, enquanto, a poucos metros, Danka continua a dormir. A rebentar de fúria, de rancor e de infelicidade, Florette desata a berrar:

– Cabras polacas! Estas cabras podem fazer tudo sem que lhes digam nada. A Polónia é um país de cabras!...

Ainda não acabou com os insultos quando leva uma bofetada de Ewa. É algo de tão inesperado que Florette fica imóvel, a fitá-

la, enquanto todo o clã polaco faz troça dela. Atraída pelo alarido, Alma informa-se sobre as causas e, reagindo de uma forma que deixa Florette estupefacta, obriga Ewa a pedir-lhe desculpa.

Em geral, as conversas que envolvem nacionalismo e religião terminam de uma maneira completamente diferente: a algazarra é tão grande que Tchaïkowska castiga as judias, afirmando que elas são impossíveis e que perturbam a ordem no bloco!

Esta noite, não há piadas de mau gosto, deixamos rezar as crentes, seja qual for a sua religião, como se, obscuramente, pensássemos: «Bem vistas as coisas, se houvesse alguém que as ouvisse!» Apenas Florette, sempre veemente, e Jenny, agressiva, declaram que estão fartas delas e que já estão suficientemente chateadas para serem obrigadas a ouvir tantas parvoíces. Uma linguagem muito comedida!

– É possível – diz a Irena grande, conciliadora. – Mas temos de compreender que a religião é boa para elas, que lhes faz bem. Há que ser tolerante. Quando o meu marido me mostrou a fotografia da sua primeira comunhão, eu não me ri, quis que ele me contasse como tinha sido a festa. Ele não é praticante, como a minha sogra, mas é crente, e tenho a certeza de que, neste momento, isso é um auxílio, que a sua fé o ajuda a esperar pelo meu regresso, a suportar a minha ausência.

Julgando que iria diverti-las, aproveito esta abertura para lhes relatar a crise de misticismo da minha infância:

– Embora a minha mãe fosse católica, não guardo qualquer recordação da minha primeira comunhão, nem sequer do vestido! Mas, dois anos depois, aos doze anos, quis ir para um convento...

Ewa, a Irena grande, a Irena pequena, Florette, Anny e Jenny contraem os lábios, franzem o sobrolho. Para elas, eu sou judia, e ficam chocadas com a ideia de eu ter feito a primeira comunhão e querido entrar para um convento. No entanto, nenhuma delas é praticante nem crente. O ostracismo delas diverte-me e continuo a minha história:

– Passávamos todos os verões com os meus pais numa vivenda que tínhamos em Chevreuse. A minha mãe convidava uma série de pessoas, todas as que quisessem ir, e eram bastantes! Era mais frequente sermos vinte e cinco do que dez! Aos doze anos, eu só pensava numa coisa: no piano. O nosso *Pleyel* de cauda estava numa sala que dava para uma varanda, era um sítio muito bonito, mas, de cada vez que eu me preparava para tocar, a minha família aborrecia-me: «Toca-nos isto...», ou: «Já tocaste o suficiente. Agora, vem ajudar-me.» «O teu irmão está sozinho. Toma conta dele.» Era sempre assim. Na altura, o meu professor de música era um homem de idade, que eu adorava; sendo ele

um católico convicto, falava-me demoradamente sobre a sua religião. Era de uma grande bondade e exprimia-se com tanta fé, tanta pureza, sobre o seu Deus que Este se tornava maravilhoso, uma espécie de feiticeiro de barba branca, assistido nos Seus milagres por uma fada radiosa: a Virgem Santa. E, assim, comecei a acreditar convictamente n'Ele. Persignava-me por tudo e por nada, ia à missa, entoava cânticos, agitava o meu terço como se fosse um adorno virtuoso. Tudo isto deixava os meus pais bastante indiferentes. E, depois, num dia em que eles me irritaram, em que eu não pudera sentar-me ao meu piano, saí de casa, mais do que decidida a entrar para o convento, para poder lá tocar piano à vontade, de manhã à noite, sendo os serviços religiosos, para os meus ouvidos, os pretextos divinos da música. No entanto, para me castigar da minha fuga, percorri a pé, descalça, os doze quilómetros até ao convento, depois de ter feito uma espécie de acordo com Deus. Cheguei lá a tiritar, era outono, exausta, com os pés em sangue. As freiras receberam-me de uma maneira que eu não merecia, ou seja, com censuras severas, mas deitaram-me gentilmente numa cama, com botijas de água quente, e a madre superiora perguntou-me com doçura: de onde vinha eu? Quem era? Após algumas reticências, acabei por lhe responder... Aquecera finalmente e estava a dormir tranquilamente, quando apareceu o meu pai: «Porque é que fugiste, minha querida?» Expliquei-lhe, ele inclinou a cabeça: «Compreendo-te.» Um pai bondoso, maravilhoso!... Passados três dias, após esgotar todas as alegrias do retiro e da oração, voltei para casa. No meu quarto, fora colocado um piano vertical e, na minha porta, uma chave; poderia fechar-me lá dentro e tocar durante o tempo que me apetecesse. Que alegria! Desta aventura, que me pareceu maravilhosa, foi Deus quem retirou todos os benefícios, eu tinha a certeza de que era à Sua intervenção divina que devia o meu piano. Durante alguns anos, acreditei n'Ele com algum fervor. Um Deus generoso e clemente. Só que, quando vi o que estava a passar-se na Alemanha, percebi que Deus não existe, pois ninguém poderia deixar acontecer aquilo sem intervir, sem fulminar os culpados! Ninguém! Então, virei-me para o marxismo, o comunismo que lutava contra a guerra e o fascismo. E não é o que estamos a viver que me fará mudar de ideias.

As minhas ouvintes exibem um olhar reprovador. Não parecem achar graça à minha história.

– A minha ida para o convento não tem piada?

Abruptamente e sem rodeios, Florette responde-me:

– Não, é idiota! Eras judia, que necessidade tinhas de fazer tanta macacada?

Elas permanecem ali, obstinadas, sectárias à sua maneira, e eu

compreendo-as. Em Birkenau, estão a pagar para que outras possam ter o direito de ser judias livremente. Não toleram que eu não esteja inteira e incondicionalmente do lado delas, querem que seja igual a elas, sobretudo neste momento, esta noite, em que a inquietude cresce dentro de nós. Com o tricô pousado sobre os joelhos, Anny abana a cabeça:

– É impossível que os SS continuem a ignorar-nos, vão abrir os olhos e, nessa altura...

De há uma semana a esta parte, em vez dos acordes, do ranger dos arcos, do aperto das cordas, dos sons agradáveis dos pífaros e dos *pum-pum dzing-dzing* da bateria, apenas se ouve o tilintar laborioso das agulhas, interrompido por interjeições banais: «Enganei-me a matar as malhas! Bolas, deixei fugir uma!» Do exterior, chegam-nos rumores preocupantes. Não há dúvidas de que os nossos atuais SS não gostam de música, e se também não gostarem de tricô? Quase não falamos, deixou de haver discussões, invejas, dramas, histórias de amor... Tornamo-nos tolerantes e as crentes rezam em paz. O nosso bloco respira com cautela. Escondemo-nos. Temos medo.

Esfalfada e satisfeita, a miúda que abre a nossa porta mal tem quinze anos:

– Meninas, «eles» voltaram!

Apodera-se de nós uma espécie de delírio, abraçamo-nos, gritamos, dançamos, aplaudimos, estamos felizes, FELIZES! Os nossos bem-amados SS voltaram!

É esta a nossa reação perante o regresso de um Kramer e de uma Mandel! Ao aperceber-me disto, fico preocupada: são necessários incidentes deste género para que eu ganhe consciência de que, gradualmente, o meu raciocínio se degrada. Aceito a permanência do horror, da morte, a incoerência deste campo, as minhas revoltas perdem força; para nascer, precisam de chibatadas.

Em que estado sairei daqui? Oxalá isto não dure por muito mais tempo e eu não deixe demasiados pedacinhos de mim agarrados a estes arames farpados!

Pois nunca, nem por uma vez, mesmo nos piores momentos, duvidarei da libertação.

Quando vem visitar a sua querida orquestra e a encontra a tricotar, Mandel manifesta a sua surpresa:

– Que vem a ser isto?

Alma explica-lhe. A *Lagerführerin* desata a gritar:

– Larguem essas coisas, mandarei alguém vir buscar tudo isso. Recomecem imediatamente a tocar! Quero ouvir música durante todo o dia...

À parte, fala veementemente com Alma. *Frau* Mandel perdeu

toda a sua postura gélida! Esta cena aquece-nos a alma. E ainda mais quando Alma, muito bem-disposta, comenta a saída dela:

– Não imaginam a sua fúria quando eu lhe disse que recebêramos ordens para acabar com os ensaios. Perdeu as estribeiras: enquanto for viva, não tolerará que toquem nas suas protegidas...

Alma, à qual não escaparam os nossos serões «piedosos» e que não é desprovida de sentido de humor, acrescenta:

– Acho que devíamos rezar por ela!

«Música para o *Reichsführer SS* Heinrich Himmler!»

Chegou o verão. Há alguns dias que está realmente bom tempo, a pesada nuvem de fumo dos crematórios mantém-se estagnada no ar quente. Sentimo-nos sufocadas, mas, de vez em quando, vislumbramos o Sol. No campo, reina um vaivém frenético, como se fosse um formigueiro no qual alguém tivesse dado um pontapé. Os SS estão nervosos, mas, por uma vez, isso não nos afeta; andam enervados uns com os outros: os oficiais descompõem os suboficiais, que, como seria de esperar, descarregam em cima dos soldados. Quanto ao pessoal civil, prisioneiros ou não, está assoberbado; desde os *Arbeitsdienstführer*⁸³ até aos *Kommandoführer*⁸⁴, andam todos a correr. Esta agitação incompreensível apodera-se da nossa orquestra. Particularmente nervosa, Alma faz-nos ensaiar furiosamente. Apertamos cordas, arranhamos instrumentos, batemos neles, fazemos mais barulho do que música: é um festival de fífias, de guinchos. Tenho a cabeça em água. Já não sei o que escrevo, e quando canto, faço-o mecanicamente, esqueci o coração! Quando conseguimos escapar deste pesadelo, vamos às «compras».

Junto de um dos barracões, há uma espécie de mercado improvisado, frequentado pelas raparigas do «Canadá», com a sua mercadoria roubada das «chegadas», e pelas mulheres dos *Arbeitskommandos* que conseguiram arrancar de um campo uma cenoura, um nabo, e escondê-los da revista à entrada. Para elas e para nós, estes vegetais frescos são autênticos tesouros, valiosos, pois todas nós temos falta de vitaminas. Para nós, estes alimentos

são ainda mais indispensáveis do que a carne. Este movimento, este ambiente de mercado, é surpreendente; algumas estão sentadas no chão, outras estão de pé; as negociações podem ser demoradas, mas as transações realizam-se rapidamente, num abrir e fechar de olhos, um pedaço de pão, a cenoura ainda com terra, passam de mão em mão. Há *Läuferinnen* que ficam de vigia e que, mal vislumbra o boné de um SS, nos avisam e, à semelhança de um bando de estorninhos, as mulheres dispersam-se em todas as direções. No espaço de um segundo, tudo desaparece, vendedoras, compradoras e, principalmente, as mercadorias, debaixo das saias, dentro do corpete, entre os seios. Os SS não são parvos, mas, sabe-se lá porquê, desde que não sejam confrontados com as provas, fazem vista grossa.

A atividade é igualmente intensa perto das cozinhas, onde também se realizam trocas. Estas movimentações são habituais, fazem parte da nossa vida normal, do dia a dia, tanto como os camiões que levam o seu carregamento de mortas, de meio mortas, de condenadas, as seleções. Todos estes horrores do quotidiano são normais... O que é anormal é o tipo de tensão que sentimos atualmente e que resulta da atividade insólita daqueles que mandam em nós. Deparamos com *Kommandos* de reparadores que correm por toda a parte, perseguidos pelas ordens, os latidos, dos *Arbeitsdienstführer*. Barracões que nunca foram limpos são lavados com água em abundância, tipos de fardas às riscas consertam os telhados, desentopem ou montam canalizações, verificam os circuitos elétricos. Uma atividade insólita semeia no ar um pólen de agitação, de inquietude. O aparecimento de SS desconhecidos provoca comentários: «Não vão substituir os que cá temos!», resmungam as raparigas. «De certeza que os novos não serão melhores, mas mais cruéis!» Ainda mais preocupante do que a chegada de novos SS é a dos homens de negro da Gestapo, da *Sicherheitspolizei*⁸⁵, que circulam pelo campo e o inspecionam...

No mercado, nos «Canadá», nas casas de banho, espalha-se um rumor: «Vamos receber a visita de um alto funcionário, um SS importante!» «Um Supersacana!», diz Florette. É uma notícia perturbadora, que analisamos enquanto mastigamos o nosso pedaço de pão antes do ensaio da noite; há três dias que, às nossas dezassete horas diárias de música, Alma acrescentou mais três após a «refeição» do fim do dia.

– Quem deve saber alguma coisa é a Flora – comenta a Irena grande.

– Há que tempos que não lhe pomos a vista em cima! Desde que passou a ser criada do Kramer que se tornou muito ativa – acrescenta Jenny, que abre muito os seus olhinhos negros de

rato. – Esta agora! Por falar no Diabo! Ora vejam quem aí vem: a bucha da Flora vestida de ama-seca inglesa. Ouve lá! Estás apinocada!

Como ela fala um francês de vaca holandesa, escapam-lhe as subtilezas deste tipo de linguagem e entende apenas o tom de admiração, e, lisonjeada, explica-nos que não se esquece de nós, mas que tem muito pouco tempo livre! Tem muito trabalho!

– Na moradia do senhor Comandante, está tudo imaculado! A *Frau Kommandantin* tem muito tempo. Há poucas distrações por aqui, pelo que ela faz lindos trabalhos de croché. Bordou *Gute Nacht* nas fronhas das almofadas. As cortinas das janelas são em *voile*. Os filhos são muito bem-educados e a filha mais nova do comandante é mesmo um bebé lindo! Também lhes dou lições de música!

As raparigas desatam a rir-se.

– Se os seus fedelhos tocarem como tu, o comandante é um felizardo!

Sem dar importância ao comentário de Jenny, da qual ela não entende bem a linguagem, Flora continua:

– À frente da casa, há um jardim com flores, é bom para as crianças. Não estamos dentro do *Lager*, é melhor não estar no interior da cerca de arame farpado...

A Irena pequena interrompe-a:

– À frente do jardim, debaixo das janelas da casa, passa um dos caminhos para os crematórios, não passa?

– Sim – responde Flora, sem perceber.

– Então, estás constantemente a ver o vaivém dos carregamentos de mortos?

Flora fica escandalizada:

– Estou a trabalhar, não tenho tempo para olhar pela janela!

Que resposta fantástica! Ouvimo-la estupefactas. Terá, ao menos, consciência do que está a dizer? Ela prossegue a explicar-nos:

– Principalmente nesta altura. Estamos à espera de uma visita, de alguém muito importante, o comandante anda muito atarefado, vai haver uma receção no *Blockführerstube*⁸⁶ de Auschwitz e talvez também aqui, no nosso campo. A senhora está muito enervada. Isto não é Berlim, ela não consegue arranjar nada! Talvez «ele» vá apenas a casa do comandante Hoessler.

– Mas quem é que cá vem?

– Não sei, eles não disseram o nome.

E, tagarela, continua a elogiar o seu estimado patrão:

– Quem o vê não diria que o comandante Kramer é tão bom pai e tão bom marido, e tão atencioso!

– Para com isso, vais fazer-nos chorar! – escarnece Jenny.

Impermeável a qualquer forma de humor ou de sarcasmo, Flora entusiasma-se com a sua presunção:

– Para o aniversário de casamento deles, ele mandou fazer para a mulher uma mala de mão muito bonita e original, com um desenho gravado, uma rosa! Eu disse à *Frau Kramer*: «Que pele tão bonita, de que é?» E ela respondeu-me: «É pele humana, filha, com uma tatuagem. É mais rara!»

O nojo sobe-me aos lábios. Elsa olha horrorizada para Flora. Os seus pais, que ainda foram a tempo de fugir para a Bélgica, fabricavam artigos em pele, e era também este o ofício de Elsa; ela revolta-se:

– Como é que alguém que fabrica artigos em pele, aqui no campo, aceitou fazer essa monstruosidade?

Anny, cujos pais exercem a mesma profissão, concorda:

– Eu não seria capaz de fazer isso!

Ainda bem que elas pensam assim, mas seria provável que o fizessem. Obedecer, obedecer! Fazer uma mala de mão com a pele de um companheiro é algo de anódino quando são voluntários quem leva os selecionados para a câmara de gás. Quando é Jup, o amigo de Edek, a quem ele entregou a sua madeixa de cabelo e a de Mala, quem lhe tira o banco de debaixo dos pés. Quem aceita enforcá-lo, para manter esta esperança: sair daqui vivo! Para sobreviver, o que se pode fazer senão obedecer?

Com a alma cansada, e também o corpo, temos fome: a sopa é cada vez menos consistente e encontramos de tudo dentro dela: pedaços de cartão, papel, pontas de cordel, é tão intragável que temos dificuldade em não a vomitar. Basta o cheiro para nos dar a volta ao estômago. Preparamo-nos sem entusiasmo para o último ensaio do dia. Os dias são longos, as noites, ainda mais, sonhamos coisas absurdas que vamos buscar às nossas recordações: cabeças erguidas para céus estrelados, passeios preguiçosos ao longo de caminhos bordejados de flores... coisas inacessíveis e que, talvez, algumas de nós jamais voltarão a ver, reviver.

– *Ruhe!*

Autoritária, seca, a voz de Alma sobressalta-me. Fatigadas, com os instrumentos na mão, as raparigas levantam a cabeça.

– Peço-vos que me deem toda a vossa atenção. Tenho a dizer-vos algo de muito importante.

O silêncio é sepulcral.

– Um grande chefe das SS, uma figura de altíssima patente, vem visitar o campo. Têm de tocar com muito empenho. Trata-se de um dos hitlerianos mais importantes da Alemanha. Tem muito interesse em nós, a orquestra é conhecida até em Berlim! Teremos de ser impecáveis! Não tolerarei o mínimo erro.

A orquestra, a sua orquestra! Há ódio no olhar dissimulado das

raparigas, esgotadas por esta música forçada.

Questionamo-nos, quem será o tal grande chefe? Não deve ser Hitler.

Hitler, esse homem baixinho e gesticulador que, por acaso, vi uma certa manhã. Pouco depois de os alemães ocuparem Paris, ia eu a sair da estação de metro de Wagram, para ir fazer uma audição num cabaré, quando fui rodeada por uma espécie de maré de uniformes *feldgrau*, cinzentos, negros, enfermeiras, de todo o tipo de ratos cinzentos, que avançavam em direção à Étoile. Na véspera, correra um rumor: «Hitler em Paris, Hitler no Arco do Triunfo.» A avaliar pela quantidade de alemães que circulavam apressadamente pelas avenidas, devia ser verdade. Dividida entre o ódio e a curiosidade, não quis perder «aquilo».

«Aquilo» era um homem baixo, fardado a rigor com o seu uniforme nazi, no alto do Arco do Triunfo. Diante do seu estado-maior rutilante, colossal, todos imóveis como se fossem manequins, só ele parecia estar vivo.

A luz de julho revestia de glória os milhares de cruzeiros gamadas que, com as suas suásticas, imprimiam bandeiras, galhardetes e braçadeiras. O tempo estava tão limpo que eu conseguia ver todo o tipo de pormenores: a madeixa de cabelo na testa, o bigode preto sobre a boca pequena e desdenhosa, que o meu estado de espírito me impedia de achar ridículo; apenas não conseguia distinguir os olhos e a sua expressão, eram apenas manchas escuras, e lamentei-o. Eu queria um Adolf Hitler «completo» para melhor o abominar. E ainda não sabia nada a respeito das torturas dos campos. Em Paris, começava a operação «Korreção, kolaboração-futuro-da-França», mas não me fazia esquecer *Mein Kampf*: «A raça germânica é superior a todas as outras e a luta contra o judeu, contra o eslavo, contra as raças inferiores, é santa.»⁸⁷

De súbito, aquela multidão, da qual eu fazia parte acidentalmente, aquele povo, o dele, empertigou-se, cresceu: um braço estendeu-se, soou o primeiro grito, o de uma mulher: *Sieg Heil!* Aquele grito apaixonado tornou-se um sinal; milhares de gargantas gritavam o seu amor. Era de congelar o suor que, naquele lindo verão, nos escorria pela espinha.

Lá em cima, Adolf Hitler, inspirado, assumira a pose histórica. Fanatizados, berravam sem parar, e foi por entre uma floresta germânica de braços estendidos, de bocas abertas, com a imensidão daquele grito a ressoar-me na cabeça, que abri caminho para trás. No meio deles, os meus vinte anos, o meu metro e meio de altura, davam-me a sensação de ser um Gulliver sufocado pelos gigantes. E que gigantes! Os do Mal.

Não foi o nome de Hitler que ouvimos, mas um nome ainda

mais terrível para nós: Heinrich Himmler, e Alma estava maravilhada:

– Já imaginaram? Himmler, aqui. Um homem que pode fazer tudo.

Ela diz isto como se, subitamente, os Goerings, os Goebbels e outros fossem expropriados de todo e qualquer poder.

Heinrich Himmler, o inimigo, o criador dos campos! O horror, o ódio, a revolta impotente abalam-me violentamente, apoderam-se do âmago do meu ser. O organizador da morte, da nossa morte, vai estar aqui. O carrasco virá desfrutar das suas vítimas. Ainda hoje me faltam as palavras; tal como para o amor, seria preciso inventar novos termos para definir o ódio, termos novinhos em folha, só nossos, que nunca tivessem servido a outros para outros ódios!

Olho para as minhas companheiras, estão atordoadas. Até as russas e uma boa parte das polacas mudaram de expressão, é preciso ter-se a inconsciência de Alma para não ficar profundamente revoltada. A seguir, à medida que as raparigas vão digerindo a notícia, começa a circular insidiosamente um medo subtil. Quem é esse Himmler? Que sabemos sobre ele? Um fanático com um rosto de funcionário subalterno. Um puritano sectário. Um Savonarola do antissemitismo. Este *Reichsführer SS*, uma das figuras mais altas do partido, é o criador das SS, que se tornou a elite do movimento nazi; foi ele quem concebeu e realizou esta «kolossal» e monstruosa organização cujo objetivo principal é a aniquilação da raça judia e de algumas outras igualmente inferiores... No campo de Auschwitz, ainda recordavam a sua visita de 1942. Transmitidas oralmente, estas memórias chegavam-nos de toda a parte: ele assistira ao extermínio de um transporte de judeus que acabara de chegar, dera instruções para que a seleção fosse ainda mais eficaz, que incluísse mais «resíduos»; por esta palavra, entendia-se a eliminação de pessoas que era mais económico matar do que alimentar. Contavam que, durante todas as fases da operação, ele examinara discreta, mas atentamente, todos os oficiais e suboficiais que nela participavam; o rosto e o comportamento deles não podiam exprimir prazer, repulsa ou qualquer tipo de sentimento. Os SS, um corpo de elite, tinham de cumprir escrupulosamente o seu dever e guardar os seus sentimentos para o seu *Führer*, o *Reich* e a família. Não constituíam eles os alicerces da sociedade do futuro, depurada de todos os sangues podres? O comandante Höss, que, à época, era o *Lagerführer* do complexo de Auschwitz, queixara-se da «sensibilidade» de alguns dos seus oficiais, pelo que Himmler preconizara uma utilização mais frequente de cães, inacessíveis a qualquer tipo de piedade.

Ele fizera igualmente questão de assistir ao castigo corporal de uma prisioneira e, antes de se ir embora, ordenara que se chicoteassem as costas nuas de mulheres e homens amarrados a uma estrutura de madeira, que se intensificassem os castigos visivelmente educativos e que os detidos incapazes de trabalhar fossem submetidos ao *Sonderbehandlung*. Queixara-se também da capacidade insuficiente das instalações, apesar de estas terem já alcançado um nível de perfeição apreciável, apontando que não permitiam aniquilar mais de seis mil pessoas por dia! Segundo ele, este número limitado atrasava gravemente a purificação da Europa! Aquele burocrata do extermínio pensava em tudo, planeava tudo.

Era para ele que iríamos tocar.

Passamos, então, por um período infernal; certos dias, trabalhamos durante vinte horas seguidas, atordoadas, a desfalecer, à beira do desmaio. A batuta de Alma hipnotiza-nos; bate implacavelmente o ritmo, um ritmo que já não conseguimos acompanhar. Ensaíamos sempiternamente o programa: para começar, uma miscelânea de *A Viúva Alegre* – o trecho *Heure Exquise* parece-me particularmente bem escolhido! –, seguida de *Doze Minutos*, de Peter Kreuder. Tenho a garganta irritada de tanto cantar. Se, ao menos, ficasse afônica! Para terminar, Lotte tem de interpretar *A Julishka de Budapeste*. Se o *Reichsführer* ficar satisfeito e desejar mais alguma coisa, Claire cantará *O Rouxinol*, de Alabieff, muito bucólico e adequado à estação! De reserva, teremos uma marcha de Suppé. Este programa vira Claire contra Lotte. Não para de repetir que devia ter sido ela a escolhida, mas que a «alemã» favorece as alemãs! Estas picardias contribuem para aumentar uma tensão que não precisa disto para nos pôr os nervos em franja.

Alma esqueceu tudo: o campo, o cenário, as câmaras de gás. O seu concerto tem de ser perfeito. Ela é alemã, Himmler é um dos chefes supremos do seu país. Está orgulhosa por tocar para ele. Todas nós temos a mesma reação que Florette:

– Que faria ela pelo Hitler, caraças?

Nunca Alma esteve tão longe de nós.

Por fim, chega o dia D. O campo está imaculado, até os caminhos foram arranjados: em certos sítios, espalharam gravilha recentemente para que a lama, que nunca seca por completo, não tenha tempo para a absorver. Desde o amanhecer que nos esfregamos até aos ossos, como se fôssemos o convés de um navio que vai ser inspecionado pelo almirante. Enquanto nos atarefamos a limpar as nossas roupas e o nosso calçado, Alma chama-nos novamente.

– Mais logo, irão estar na presença do *Reichsführer*, é

fundamental que saibam que ele sabe apreciar música e que até toca piano. Portanto, o vosso desempenho deve ser perfeito, para não chocar o ouvido dele e não lhe desagradar. Não olhem para ele, não falem umas com as outras, mantenham-se direitas, ele aprecia muitíssimo uma apresentação correta. E, acima de tudo, não desafinem.

– Isto é de vômito! De vômito! – repete Florette. – Ela está excitadíssima por tocar para aquele monstro!

As raparigas têm dificuldade em controlar a fúria:

– Se o objetivo da Alma fosse conseguir que nos dessem uma alimentação decente, até poderíamos entendê-la, mas não é nada disso! É só por ela, para merecer, a tremer de alegria, uma boa nota, um elogio. Que tristeza!

Assistida por Founia boca-torta, Tchaïkowska inspeciona-nos. Alma volta a passar-nos revista e lá vamos nós, carregando instrumentos, atris e partituras. O facto de estarmos atordoadas anestesia a nossa revolta. Subimos para o nosso estrado e, sob um sol inclemente, esperamos; Alma treme, nós também, já não sabemos sequer porquê. Os SS tremem igualmente, mas eles devem saber o motivo. Os cães arfam e bocejam. O ar vibra com o calor, as nossas axilas humedecem-se, oxalá não se note, pois ele, sendo tão «correto», não deve apreciar marcas de transpiração. Deve mandar-nos para a câmara de gás por menos que isso!

Passa uma hora. Tenho a garganta tão seca que a minha saliva se tornou espessa, colando-se ao meu palato. Lotte está escarlate. Claire está alagada em suor. Alma mantém uma secura altiva, não deveria ser judia, deveria pertencer completamente à raça superior, há ali um erro da natureza! Totalmente esvaziado dos seus prisioneiros, que foram enfiados nos barracões, o campo parece-me, do alto do nosso poleiro, tão limpo que não o reconheço. Quase seria uma paisagem diferente se as chaminés dos crematórios não permanecessem ali, a fumar. Não param nem de dia nem de noite, são os fornos industriais da morte.

Não sei há quanto tempo esperamos quando surge da Lagerstrasse um grupo de uniformes, no qual predominam o negro e os bonés com caveira. Entre os oficiais, mal consigo vislumbrar Himmler, que é bastante baixo, mais para o franzino e ligeiramente curvado. De pele branca e cabelo castanho, este defensor feroz da superioridade da raça germânica é um exemplo perfeito do ariano alto, louro, de olhos azuis... Também aqui há um erro da natureza! Por um momento, isto diverte-me, mas, ainda assim, não consigo rir-me. Este *Führer* implacável, este assassino sem limites, afigura-se-me, no meio dos outros, como um homenzinho insignificante, com um olhar esquivo por detrás das lentes antiquadas das suas lunetas de funcionário público.

Agora, ele encontra-se a cerca de vinte metros de nós. Assim que o viu, Alma pôs-se em sentido, pouco faltou para ouvirmos o bater dos seus calcanhares! Um sinal e a nossa orquestra começa a tocar *A Viúva Alegre*; debaixo deste sol, em cima deste estrado, ao lado das torres de vigia, rodeadas de arame farpado, diante destes homens de uniforme, isto parece-me inacreditável, ridículo, grotesco... Ewa virou ostensivamente a cabeça, olha para o lado dos Cárpatos, para o lado dos nossos cavaleiros polacos... A Irena pequena optou por fitar os visitantes nos olhos, com um desprezo e uma insolência que afligem Marta e que fariam estremecer Alma, se esta conseguisse vê-la! Mas ela não vê coisa alguma, rege a sua orquestra que toca para o *Reichsführer* Heinrich Himmler, cujo rosto insignificante me fica gravado na mente: o seu bigode, que imita o do *Kamerad* Hitler, com uma ligeira diferença respeitosa no formato, coroa um lábio que nem sequer é fino, o lábio inferior é redondo, mas os olhos são temíveis, um olhar penetrante, inquisidor, desprovido de qualquer outra expressão.

O grupo oficial permanece de pé, não dispuseram cadeiras diante de nós, eles não vieram ouvir um concerto e isso deve preocupar Alma; Himmler parece entediado, mas fica ali, ao sol, certamente por uma questão de... correção. Perto dele, Mandel fita-me enquanto canto a minha parte de *Doze Minutos*, de Peter Kreuder. Oxalá não lhe apeteça pedir-me *Madame Butterfly*, pois sinto que não conseguiria cantar a solo, que nenhuma ameaça me obrigaria a obedecer. Felizmente, assim que terminamos este trecho, Himmler fala com os oficiais, que batem os calcanhares, e todos, virando-nos costas, se afastam, enquanto um SS nos faz sinal para pararmos. Alma leva isto muito a mal e, antes de termos tempo para soltar um suspiro libertador, explode:

– Vocês tocaram mal, horivelmente desafinado! Desagradaram--lhe. Ele vai gasear-nos a todas!

E pouco falta para que acrescente, como uma criança birrenta: «E é muito bem-feito!»

Com um certo humor, Marta comenta:

– Uma visita que poderíamos ter dispensado!

– *Ruhe!* – ordena-nos Alma.

E percorrendo, sem glória, os caminhos desertos, regressamos ao nosso bloco. Mal adentramos a porta, começam as queixas. Lotte berra que foi por culpa das raparigas que não a deixaram cantar; se tivessem tocado melhor, Himmler não se teria ido embora. No fim de contas, ela era alemã e cabia-lhe esse direito. Claire lamenta-se de que, se não cantar nestas ocasiões, a sua presença na orquestra deixará de ser necessária e que só Deus sabe o que irá acontecer-lhe. As raparigas insultam-se, acusam-se

do facto de Himmler lhes ter virado costas. Mas o que julgavam elas? Que ele iria aplaudir? Pedir que bisassem? No início, fico estupefacta com a inconsciência delas, mas, a seguir, enfureço-me:

– Mas vocês não têm noção de que foi ele quem inventou as câmaras de gás?! É o chefe de todos os SS, o seu criador, é a ele que eles obedecem cegamente. Foi ele quem sugeriu a Hitler livrá-lo das raças inferiores, foi o instigador do nosso massacre, do massacre dos judeus, e tu, Claire, pobre idiota, terias sentido prazer em cantar diante dele, para ele?

Com soberba, ela responde-me:

– Não é por mim, mas pela orquestra. Se ele tivesse apreciado, talvez recebêssemos um pacote.

– Um pacote! Por comida, estás disposta a fazer qualquer coisa. Vai para a cama com quem quiseses, o que vendes não tem valor, mas que tu, uma judia, te rebaixes diante daquele estupor com cara de ratazana, é inadmissível!

– Porque é que não vais dizer tudo isso à Alma? A ela que nos desanca por ele não a ter felicitado!

A minha fúria desvaneceu-se, sinto-me apenas enojada e muito cansada. É verdade que Alma sonhava receber um elogio do *Reichsführer SS*. A estupidez, a puerilidade de tudo isto perante os milhões de pessoas assassinadas torna-se tão óbvia para mim que já só desejo uma coisa: estar sozinha, não ouvir mais nada e chorar até ficar zozna, chorar até me secarem as lágrimas...

Faltava um final para este dia. É Alma quem no-lo dá. Chamamos. Inesperadamente, a sua voz é clara e alegre:

– Quero manifestar-vos a minha satisfação.

Ficamos aparvalhadas a olhar para ela. Terá enlouquecido? Jenny bate discretamente com a mão na testa.

– E vou tocar-vos os *Zigeunerweisen*⁸⁸ de Sarasate. Isso irá desconstrair-nos...

Não entendemos. Para ela, tocar para nós é uma maneira de nos agradecer. Pega no seu violino, mas, mesmo antes de começar, como se nada fosse, diz-nos:

– Acabam de dizer-me que a orquestra agradou. Himmler sorriu!

Na manhã seguinte, acontece uma desgraça! Ao regressar da «saída», Helga, a nossa baterista, cai para o lado, está doente, levam-na para o *Revier*. Tchaïkowska, que a acompanhou, anuncia-nos o veredicto: «Tifo!» O que significa, na melhor das hipóteses, semanas de orquestra sem bateria e, na pior, o desaparecimento deste instrumento. Alma está lívida: esta ausência pode significar o fim da orquestra. Sem a bateria, como tocar as marchas? É impossível interpretar as aberturas de Suppé

que os SS tanto apreciam. Nada de *A Carga da Cavalaria Ligeira*!

Recebemos a notícia na sala de música. Desanimada, Alma deixa cair a batuta sobre o atril:

– Que vamos fazer? Trocaria três guitarras e seis bandolins por uma bateria!

As guitarristas e as bandolinistas empalidecem.

– Que vamos fazer?

O que ela deveria dizer é: «Que vai ser de nós?» Consternadas, ficamos mudas. O anúncio da chegada de *Frau Mandel* deixa-nos ainda mais ansiosas:

– Só nos faltava essa! – comenta Florette.

A *Lagerführerin* encontra-nos em sentido, imóveis e deprimidas. Ao ver-nos assim, fica surpreendida a ponto de perguntar a Alma o que se passa. Ouve a sua explicação, inclinando a cabeça. Aparentemente, compreende e partilha da nossa preocupação. Pronuncia uma frase que tenciona provar que, em caso algum, lhe passa pela cabeça dissolver a orquestra; este tipo de garantia não tranquiliza nenhuma das que percebem alemão.

Resoluta, a SS afirma:

– É preciso arranjar alguém para a substituir.

Como ninguém nos disse para ficarmos «à vontade», permanecemos imóveis. De cabeça erguida, percorre-nos com o olhar; *Frau Mandel* tem todas as características de um general. Sem reação, fitamo-la. Todas as raparigas estão assustadas, até as polacas, até Founia e Marila. Todas nós observamos o rosto dela que, de repente, se ilumina, o olhar de Mandel acaba de fixar-se em mim:

– *Meine kleine Sängerin*, a minha pequena Butterfly, vai tocar bateria!

O meu cérebro tem dificuldade em assimilar esta enormidade.

Timidamente, Alma exprime a sua preocupação:

– Mas, *Frau Lagerführerin*, ela nunca tocou bateria.

– Então – diz secamente Mandel –, irá aprender. Assim, ficará a saber mais uma coisa. Pode vir a ser útil, não pode?

Percebendo perfeitamente a situação, Alma responde um *Jawohl* pouco entusiástico.

– Mandarei aqui, ainda hoje, alguém que a ensine a tocar o instrumento. – E acrescenta com desenvoltura: – Bem vistas as coisas, para quem é música, não deve ser difícil bater naquilo!

Apenas Alma e eu podíamos ter consciência do que isto significava: além do facto de eu não perceber nada do instrumento, que exige uma grande destreza, sendo Helga uma profissional, eu não escrevia partituras para ela, eu teria de tocar sem música um instrumento que me era totalmente desconhecido...

As raparigas fitam-me com preocupação, nenhuma delas quer voltar a discutir comigo, dependem de mim. Isto não me traz qualquer orgulho, mas bastante aflição! Elas observam-me, avaliam-me: sou muito pequena, serei capaz?

Florette graceja:

– Vão mandar-nos mais um tipo do campo dos homens. A Claire não se importaria de estar no teu lugar!

Jenny protesta:

– Estás louca! Deve ser um desgraçado como nós. Ela mandá-lo-ia passear! Do que ela precisa é de um homem, de um verdadeiro, que lhe dê uns bons enxertos. Quando fica toda roxa, isso fá-la sonhar e julga que está num campo de violetas!... – Ela interpela Claire: – Ouve lá... Quantos frascos de compota é que o teu homem te dá em troca de um olho negro?...

Não consigo habituar-me a este tipo de piadas que põem Claire fora de si, mas que ela «encaixa», pois sabe que não é muito considerada; quem tomará a sua defesa? Eu? Fora com Claire que eu viajara, que chegara ali, prometêramos uma à outra uma amizade eterna: «Na vida e na morte!», um juramento de miúdas ignorantes. Contudo, em mim, mantinha-se algo impossível de desenraizar, preocupava-me: não teria eu uma quota-parte de responsabilidade na sua mudança? Não deveria ter permanecido mais atenta? Menina bem-educada e noiva de um rapaz encantador pelo qual continuava apaixonada, ela tornara-se naquela rapariga para *Kapos*. Meneando as ancas, exibindo com arrogância a sua gordura macilenta, procurava aquele que lhe oferecesse mais, dividida entre duas preocupações principais: empanturrar-se e cantar. Por vezes, num repente, atrelava-se a mim, tentando reavivar a nossa amizade antiga, lisonjeando-me: «Põe-me a cantar, Fania, a Alma faz tudo por ti; se eu não cantar o suficiente, dirão que não sirvo para nada... e...» Toda a sua angústia se exprimia nas reticências que lhe pontuavam a frase. Ela odiava Lotte, Ewa e, certamente, a mim também, qualquer cantora que lhe roubasse o lugar.

Claire exagerava quando aventava a possibilidade de ser expulsa da orquestra, não acreditava verdadeiramente nisso. Era uma maneira de reivindicar o lugar de destaque, sentia necessidade de brilhar... À noite, à volta da salamandra, a Irena pequena, Ewa, Marta e eu conversávamos sobre poesia, literatura, política. Florette adorava ouvir-nos. Não conseguindo impor-se no nosso círculo, Claire afastava-se de nós, para aprender canções novas que lhe permitiriam suplantar as outras, sem admitir que já não tinha essa hipótese; a sua voz, que fora realmente maravilhosa, sofria os efeitos da nossa alimentação, perdia a força, elevava-se com menos leveza. Ela teria de desistir

da sua ambição, ser cantora de ópera, o que era lamentável, pois, muito provavelmente, conseguiria sê-lo; não lhe faltava coisa alguma: a voz e tudo o resto, sendo muito dotada, muito bonita e de um egoísmo, de um egocentrismo absoluto, que lhe teria permitido arredar do seu caminho tudo o que pudesse travar o seu avanço. Numa vida normal, tudo isto poderia ter permanecido de bom tom. Contudo, ao exacerbar todas as necessidades, todos os desejos, o campo funcionara como um revelador. No *Lager*, muitas pessoas que, numa situação normal, teriam sido tão agradáveis como outras quaisquer, transformavam-se em monstros.

O mais recente amante de Claire: um brutamontes enorme, um alemão com o crânio achatado, tinha uma reputação assustadora entre os homens, diziam que era de um sadismo de fazer inveja aos SS. Quando ele fora ao nosso bloco, os seus olhos pequenos e cinzentos enfiados entre duas pregas de carne, as suas mãos enormes, grossas como tábuas, tinham-me deixado maldispоста. Era um homem inquietante que, além das suas funções de *Kapo*, prestava, *pro bono* e com profissionalismo, assistência nas execuções praticadas a título de exemplo no campo. Eu dissera a Claire:

– Sabes quem é este homem? Sabes qual era a sua profissão, antes de ser detido? Era carrasco, é um assassino. Aqui, não mata sequer a troco de dinheiro, mas por prazer. Claire, não faças isso, não vás com ele. Quando voltares para casa, não conseguirás olhar para ti nem para os outros, os teus amigos, o teu noivo, a tua família. A recordação deste brutamontes irá dar-te cabo da vida. Para, ainda vais a tempo, é preferível morrer de fome a ser uma cabra!

O seu olhar tornara-se gélido:

– Não me chateies, ele trouxe-me um sutiã. Sabes o que é um sutiã?! Além disso, os carrascos são necessários. Por isso, este ou outro qualquer...

Ficar maravilhada com esta prenda não tinha nada de surpreendente. Era um objeto raro, que era proibido possuir, e Claire valorizava-o muito, principalmente por saber como Tauber realizara uma das suas últimas seleções. Nesse dia, olhando para os seus seios, um pouco pesados, mas firmes, ela exclamara:

– Eu não tenho nada a temer. Os meus aguentam-se!

– Minha cara, com a alimentação daqui, põe-te a pau, pois as tuas mamas podem chegar-te à cintura enquanto o Diabo esfrega um olho!

Certamente, foi por causa deste comentário de Jenny que Claire passou a desejar tanto um sutiã. O qual já passara um mau bocado: a pobre Yvette, vítima de disenteria, «organizara» um

penico para a noite e, de manhã muito cedo, ia discretamente esvaziar o recipiente nas casas de banho em frente. Ela dormia na terceira plataforma da *coja*, e Claire, na primeira. Certa manhã, ao acordar, Claire desatou aos berros: «Porca! Que nojo!» Durante a noite, o penico caíra em cima do sutiã. Uma tragédia! As raparigas riam-se à gargalhada, Claire insultava-nos, eu repetia-lhe: «Deixa lá. Lava-o.» Mas Jenny levava-a ao auge da fúria, gozando com ela: «O que mal se adquire, mal se perde.»

Duas horas depois da saída de Mandel, um SS com a braçadeira dos músicos apresenta-se a Alma: «Sou o instrutor de bateria!» De facto, acontecem aqui coisas bastante inconcebíveis. Um SS como professor! A situação dá-me algum gozo, mas por pouco tempo. Primeiro, ele não tem nada de boche. Não tem um rosto, é sensaborão, *feldgrau* da cabeça aos pés, olhos inexpressivos, de um azul deslavado, só as suas mãos são vivas, aparentemente dotadas de vida própria, de uma vida de autómato: rápidas, eficientes, secas, voam da caixa grande para a pequena, da pequena para os címbalos.

Não sei quais foram as instruções que recebeu, mas nem uma só vez, durante os sete dias da minha «instrução», ele pronunciou uma palavra: nem *Ja* nem *Nein*! Se eu não o tivesse ouvido a falar com Alma, poderia julgar que eles haviam escolhido um mudo. Agarrava-me nas mãos com a ponta dos seus dedos, corrigia uma posição ou, então, sentava-se no meu lugar e fazia uma demonstração.

O primeiro movimento é um batimento alternado das duas baquetas, o que é simples; a seguir, complica-se: dois, um, um, dois. Não é nada de especial, até termos de usar o pé, bater em simultâneo com o pé e com as mãos um mesmo ritmo, mas com movimentos diferentes, é toda uma aprendizagem para a qual eu não tinha tempo. Era necessário avançar rapidamente, muito rapidamente. Mandel jamais perceberia que a pequena maravilha que eu era não fosse capaz de tocar bateria. Todos os dias, às seis e meia da tarde, aparece o meu baterista SS, uma mecânica de funcionamento exato, dá-me a minha lição e eu bato como uma louca, dia e noite, e, acima de tudo, como se fosse surda; a questão é que as outras não o são. Congestionada pela fúria, Founia não se atreve a abrir a boca e isso sufoca-a. Histéricas, as raparigas têm ataques de nervos, falam em matar-me. Nem sequer as ouço.

A minha cabeça é uma caixa gigante e eu bato, bato, transformei-me num autómato; quando tento dormir algumas horas, para alívio geral, aquilo tamborila-me dentro do crânio; levanto-me, apresso-me a ir bater e rebater... Aflijo-me, sei perfeitamente que, apesar de ter percebido o princípio dos rufos, ainda não o

domino, e os rufos são fundamentais, a base da bateria!

Quando chega o domingo, todas temos olheiras profundas e um olhar tresloucado; dir-se-ia que o nosso bloco se entregou aos piores deboches.

A *Carga da Cavalaria Ligeira* faz parte do programa. Está um dia magnífico e o concerto realiza-se no exterior, na praça central, uma espécie de cruzamento, um corredor largo entre as cercas de arame farpado dos campos A e B, as cadeiras estão dispostas à volta do nosso estrado. A animação é muito dominical, os SS estão bem-arranjados, de chibata debaixo do braço, as botas reluzentes. É o concerto no coreto da subprefeitura de uma guarnição rodeada de cercas de arame farpado eletrificado! Hoje, não tenho tempo para ver seja o que for, bato, uma verdadeira dança entre a caixa grande, a pequena, o tambor, os címbalos, as mãos, os pés, agito-me, suo em bica, eu que nunca transpiro. Felizmente, tenho ritmo, é a minha salvação, pois não toco nada de jeito. Largo os meus instrumentos para tomar o meu lugar entre as cantoras e, a seguir, volto a bater o melhor que consigo, mas em cadência, pois é a vez do dueto de *Butterfly*, que alguém teve a infeliz ideia de incluir no programa deste domingo! Volto a cantar. A minha atuação deve ser bastante original, uma verdadeira maratona, eu, tão pequenina, a agitar-me como uma diaba. As raparigas têm dificuldade em não se rirem. Os SS sorriem, uns estão sentados, outros estão de pé. Graf Bobby bate alegremente com a chibata na bota, ajusta o monóculo. Mandel descontrai-se, não se enganou, *meine kleine Sängerin* consegue fazer tudo, até de palhaça. De pé e de passagem, Mengele parece, também ele, apreciar o espetáculo. Kramer está francamente divertido, não duvido de que, no fim, serei aplaudida. Só que aqui, no campo, nunca podemos prever o fim das coisas.

Alma toca violino, é um grande concerto com um solo, e tenho um momento de descanso antes do último trecho. Há muitas mulheres SS, Drexler, Grese, todas elas estão presentes, até *Frau Schmidt*, que raramente assiste aos nossos concertos, enfermeiras, todo o tipo de funcionárias administrativas. Certamente, isto deve-se ao bom tempo, ao ar do verão. Alma é realmente uma virtuosa e fico a ouvi-la. Um instante de beleza...

Atrás do arame farpado, a uma distância razoável, estão as deportadas; são bastante numerosas. Sob a luz intensa, parecem-me ainda mais descarnadas, mais miseráveis, embora o sol do verão devesse ser para elas mais clemente do que a geada do inverno. Não sei ainda que, por causa dele, algumas sofrem queimaduras de terceiro grau. Estamos bastante perto da cerca eletrificada e vejo uma mulher a afastar-se das suas companheiras, correr e agarrar-se ao arame farpado... Fortemente abalado pela corrente, o corpo dela retorce-se. Fica

suspensa, os seus membros saltam convulsivamente, fazem-na parecer, em contraluz, uma aranha monstruosa a dançar nos fios da sua teia. Uma companheira acorre para a soltar, agarra-a, fica colada a ela devido à corrente e é assolada por espasmos da cabeça aos pés. Ninguém se mexe, a música toca. Os SS escutam, conversam entre si.

Uma rapariga corre para elas, levando um banco, e, usando os pés deste como se fossem ganchos, tenta libertar as duas mulheres eletrocutadas e ainda assaltadas por convulsões. Ninguém ajuda. Nós continuamos a tocar. Os SS olham e riem-se, alguns dão grandes palmadas nas costas uns dos outros. Graf Bobby abana a cabeça, ajusta o monóculo, olha de soslaio para as mulheres. Parece soltar um *tss, tss, tss...* reprovador. Espero que a minha vez chegue rapidamente, pois preciso de bater, bater... Negros sobre um fundo luminoso, os corpos desarticulados das mulheres desenham cruces gamadas que fazem esgares; por fim, a rapariga consegue arrancá-las da corrente mortífera. Caem ambas no chão, imóveis, hirtas, estarão mortas? Os SS viram a cabeça, soltam uma última gargalhada, um último comentário divertido, o espetáculo terminou. O nosso também vai terminar. Bato furiosamente nas minhas caixas. As mulheres arrastam as supliciadas pelos pés, pelos braços. Dir-se-iam formigas a carregar o cadáver de uma delas... um enterro ao som de *A Viúva Alegre*.

Como diz a Jenny: «Isto faz-nos abanar!» Nenhuma de nós fica chocada com este comentário, que nos parece natural. Mas, aqui, o que é que não nos pareceria natural?

Cabisbaixas, regressamos ao nosso bloco. Founia boca-torta, com um grande sorriso que, infelizmente, não restabelece o equilíbrio no seu rosto, estende-me... um ovo. Ewa traduz-me as palavras que acompanham a oferta: a prenda não é só para mim, mas para todas nós! Ela oferece-no-la para nos agradecer o nosso belo concerto!

Um ovo para toda a orquestra! E, ainda por cima, quando o parto, Jenny constata que «o pernil está lá dentro»! Gostaria de me rir, mas não consigo.

Para mim, as últimas duas horas são uma espécie de síntese do campo. A comédia grotesca da percussão, a música entre arame farpado, diante daqueles sinistros manequins de uniforme, o suicídio daquela mulher, a solidariedade heroica da outra. E, para terminar, a recompensa de *Paniq* Founia: «O ovo... podre.»

De rir, de morrer a rir... Porque não?

Felizmente, alguns dias mais tarde, não tendo tifo, Helga regressa e retoma o seu lugar; devolvo-lho, aliviada.

In memoriam

Será à visita de Himmler que devemos este acréscimo de atividade? Os *Blocksperrren* seguem-se ao ritmo daqueles cigarros em que um serve para acender o seguinte. Este mês de julho é abafado, uma autêntica fornalha. Vindos da Hungria, chegam numerosos transportes: as câmaras de gás e os crematórios atingiram o ponto de saturação, já não conseguem absorver a quantidade de corpos que lhes são oferecidos. Estamos rodeadas de um fumo denso, que nos oculta o Sol e cujo cheiro horrível a carne queimada nos asfixia. Sufocamos, já não somos sequer capazes de engolir a nossa comida. Para tentar respirar um pouco, à noite, vamos para a soleira da porta. Ainda não anoiteceu. Florette extasia-se:

– Que pôr do sol magnífico!

Está enganada, digo-lho:

– Aquela luz vermelha não é do Sol, é outra coisa, mas o quê?

Caiu a noite, não sentimos qualquer frescura, o céu permanece vermelho no horizonte e o fumo pesa sobre nós como uma tampa.

Ewa suspira:

– A tampa do Diabo, estamos dentro do caldeirão do Diabo.

É tarde, mas ainda não suficientemente cedo para o nascer do sol, e o clarão encarnado é cada vez mais intenso. Que se passa? O campo estará a arder? Não, ficamos a conhecer a origem das chamas: uma vala repleta de húngaros gaseados foi generosamente regada com gasolina e, a seguir, pegaram-lhe fogo. De manhã, o céu mantém-se incandescente, arderam durante toda a noite.⁸⁹

Os transportes continuam a chegar, param diante da nossa porta, a cinquenta metros de nós. Gradualmente, a subida de

terra do cais transforma-se numa rampa que leva à câmara de gás, de tal modo que conseguimos ver os selecionados a encaminhar-se para ela e a desaparecer do nosso horizonte. É alucinante. Somente as cercas eletrificadas nos separam dos recém-chegados. Podemos observá-los, podíamos falar com eles... É atroz ver estas pessoas calmas, quase todas atordoadas de cansaço, rigorosamente alinhadas, à espera, sem o saberem, da morte. Florette não consegue desviar o olhar das longas filas, uma parte do seu sangue liga-a a elas. Nasceu na Hungria, numa aldeia que se tornou romena. Ela murmura:

– Não achas que devíamos dizer-lhes para onde vão?

– Porquê? Que diferença faria? Não sabem, ainda estão felizes.

E porque uma mulher empurra tranquilamente um carrinho de bebé sobre a rampa que leva à morte, sentimos vontade de gritar e choramos dolorosa e convulsivamente.

Estes húngaros trouxeram com eles todo o tipo de coisas: roupas, alimentos. As raparigas do «Canadá» estão sobrecarregadas, as coisas, os objetos amontoam-se, a escolha, rápida, é superficial, recolhe-se apressadamente o que tem valor, nunca houve uma tal ceifa. Assoberbadas por esta avalanche, as raparigas do «Canadá» partilham com as amigas; «oferecem», algo de invulgar, inconcebível. Renate faz-nos chegar um lote de camisas de noite; esta noite, parecemos alunas de um colégio interno. Poucas horas antes, soluçávamos; agora, andamos de um lado para o outro, de camisa de dormir cor-de-rosa e chinelos de cetim com pompons! A Irena grande comenta:

– Se alguém passasse por aqui, espreitasse pelas nossas janelas e nos visse, que pensaria?

Quanta incoerência nesta situação paradoxal em que vivemos, entre a mais luxuosa abundância e a miséria mais extrema...

Desde o amanhecer: *Blocksperrre*. Durante cinco horas, o campo fica confinado. A porta do nosso dormitório é fechada; a única tolerância: a da sala de música pode permanecer aberta. Chegarão até aos deportados dos transportes alguns ecos da nossa orquestra? Provavelmente, conjuntos de sons distantes; por vezes, eles viram a cabeça na nossa direção, devem julgar-se num lugar humano, pois há música a tocar. Evitamos olhar para eles, afirmando a nós próprias que não devemos fazê-lo, mas, ainda assim, fazemo-lo. Como explicar esta necessidade de ver? Curiosidade mórbida? Preocupação? Um amigo, um familiar irá chegar?

Uma hora antes, ouviu-se o apito do final do confinamento. Sem se fazer anunciar, Graf Bobby entra, à vontade, tranquilamente, pela porta aberta, fá-lo frequentemente. As raparigas levantam-se com um salto. Ele sorri:

– Não, não, sentem-se; sentem-se, meninas!

Ele senta-se e, com um gesto gracioso, a sua chibata indica-nos que continuemos: *Weitermachen!* Corrige-se: «Quero dizer, continuem!» Fala um francês impecável, até erudito. Conversa com Alma: não poderíamos aprender a tocar Mozart? Ele gostaria muito de o ouvir e explica que «só esse músico consegue proporcionar-lhe a descontração necessária após a realização do seu trabalho»! O seu trabalho: esquerda! direita! vida! morte! Um labor duro, o de substituir o destino, o de escolher por ele, o de matar por ele. Perante a resposta de Alma, ele resigna-se. Não tem importância; dado que ainda não interpretamos o divino Wolfgang Amadeus, ele ouvirá a nossa orquestra numa outra ocasião; hoje, não conseguiria suportar outro tipo de música; certamente, o seu sistema nervoso é demasiado frágil!

Com indolência, levanta-se e dirige-se para mim, debruça-se sobre o meu trabalho, pega na minha partitura, ajusta o monóculo: «Curioso! Excelente! Engraçado!...» Vê-se que ele lê frequentemente música. «Aquilo que faz é muito bom, mas muito engraçado!» E desata a rir-se. Do seu atril, Alma observa esta cena surpreendente e preocupante; o que pode provocar o riso de um SS? Ele continua:

– Com uma orquestra como esta, consegue fazer música, realizar orquestrações possíveis de interpretar! Parabéns!

A seguir, é a vez da Irena pequena:

– Tem um traço bonito, era... – Fico à espera de que ele lhe diga «na vida civil» – ... profissional? Estava a estudar belas-artes?

Reparará ele na maneira como ela o olha? Mantém a sua bonita máscara mundana. Depois, aproxima-se novamente de mim:

– É curioso, mas hoje, quando chegou o transporte da Hungria, mandei perguntar se havia músicos e ninguém se apresentou. Um povo tão dotado... É estranho, não acha?

A expressão do olho atrás do monóculo parece-me incerta, mas o outro olho fita-me, provoca-me. Ele irrita-me e respondo-lhe:

– Sabe, talvez eles tenham julgado que era engano. Ao chegarem a um campo de trabalho, acharam impossível que pedissem músicos. Não perceberam o que o senhor esperava deles.

– É possível, mas parece-me surpreendente. Os judeus são muito virados para a música. É algo que sabemos perfeitamente... Então, porquê?

Com um gesto mecânico, bate com a ponta da chibata no alto do cano da sua bota reluzente:

– Será que, no campo para onde os enviamos, perceberão e tentarão a sua sorte?

Não devo responder. Supostamente, não sei que eles são

enviados para a câmara de gás. Só que, perante tamanho cinismo, não consigo disfarçar completamente os meus sentimentos:

– Talvez percam o medo!

Ele acha-me piada. Com a ponta da chibata, remexe nos papéis que estão em cima da mesa:

– Mas diga-me uma coisa, se você estivesse no nosso lugar e nós no seu, enviaria os seus inimigos para onde nós os enviamos?

A orquestra escuta-nos, todas as raparigas que estão por perto ouviram a pergunta insidiosa. Todas as que falam ou compreendem francês me fitam, e eu respondo calmamente:

– Certamente, *Herr Oberführer*, mandaria para lá os meus inimigos. – Dizer-lhe isto é um prazer. – Mas nunca as mulheres, as crianças, os velhotes, pois esses não são meus inimigos!

Ele dá pancadinhas na mesa e, sorrindo, replica:

– Uma resposta curiosa. Muito bem. Você é espirituosa!...

E vai-se embora, a agitar a chibata...

Mal saiu da nossa porta, as raparigas revoltam-se contra mim: «Louca! Idiota! Imbecil! Pretensiosa! Tens noção do que lhe disseste? Não tarda muito, o camião vai parar diante do nosso bloco e vamos todas para a câmara de gás!»

– *Ruhe! Ruhe!* – grita Alma.

Mais do que a ordem de Alma, é a chegada de uma rapariga linda que interrompe todas as censuras, põe fim à sua veemência.

Uma beldade, vinte anos, esguia, bem feita, pernas compridas, perfeita! Os cabelos encaracolados chegam-lhe aos ombros e, quando sorri, os seus dentes são perfeitos. É um prazer olhá-la e ela sabe-o:

– De onde veio esta? – aflige-se Jenny.

Depressa o ficamos a saber: da Hungria. Chama-se Éva, tem uma voz muito bonita, um soprano leve, puro e aéreo. Poderia fazer carreira na ópera. Como é que ela conseguiu entrar assim, de repente, para o bloco da música? Nunca o saberemos, pois Éva, a húngara, despreza-nos e mal nos dirige a palavra.

A recém-chegada é encantadora, terá sido por isso que não passou sequer pelo bloco de quarentena? Conseguiu até salvar a mãe, fazer com que ficasse connosco: Mandel decidiu que precisávamos de uma ajudante de cozinha, que a mãe dela auxiliaria *Paniq* Founia. Se, mesmo com a voz que tem, esta Éva fosse feia e malfeita, os seus ossos teriam ardido no crematório! Bravo, sempre houve duas que se salvaram! Pelo menos, por enquanto.

Nem todas partilham da minha opinião. Em redor da mãe e da filha, cria-se uma barreira de hostilidade. A sua presença poderá pôr em risco o conforto e a segurança delas. Na nossa sala, não

há assim tanto espaço, nem muitas camas, pelo que, se houver demasiadas «novas», não será necessário livrarem-se das «antigas»?

Lotte e Claire mostram-se francamente hostis à bela Éva. Têm medo, ela é mais jovem e canta melhor. Aqui, perde-se rapidamente a voz. Lotte viu o tom da sua baixar; agora, muitas vezes, força-a, grita mais do que canta. Claire recusa-se a admitir que o seu timbre é menos cristalino. Ambas estão roídas de inveja e Claire ficará ressentida comigo por eu escrever de cor, para a sua rival, *O Barbeiro de Sevilha*, que ela cantará em italiano, muitíssimo bem e com sucesso, pois a sua voz, a sua beleza e o seu orgulho agradam aos SS.

A emoção causada pela chegada das duas mulheres é quase imediatamente esquecida, varrida pela entrada, em pleno ensaio, de uma moça de recados:

– Preparem-se, meninas. Vão sair para passear!

Tenho a certeza de que não percebi e não sou a única, pois a própria Alma lhe pede que repita; com uma voz clara e alegre, a miúda explica:

– Está um dia bonito. *Frau Mandel* disse que vocês tinham de passear! Virão buscar-vos!

Passear significa sair, passar o portão do campo. Esta ideia põe-nos zonzas, ficamos sentadas a abanar a cabeça, como se fôssemos umas velhas: «Esta agora! Esta agora!», dizem as raparigas, ainda incrédulas.

– Despachem-se, vistam-se, traje de concerto, *schneller!* – ordena-nos Alma.

Em poucos segundos, o nosso bloco fica virado do avesso, retiramos de debaixo do colchão – é assim que as passamos a ferro – a nossa saia azul-marinho, os nossos corpetes brancos. Andamos todas a correr de um lado para o outro:

– Empresta-me a tua agulha.

– Raios! Tenho uma nódoa!

– Não encontro as minhas meias.

Parecemos uma capoeira desassossegada, mas os nossos cacarejos são interrompidos pela entrada de um soldado das SS, um lourinho, muito jovem, de aspeto inofensivo, com a arma a tiracolo e o cão pela trela:

– Olhem, chegou a ama-seca.

– Topem bem a nossa governanta!

O colega dele, do mesmo estilo, espera-o no exterior; parecem gémeos.

Alma recomenda-nos:

– Estão proibidas de falar com o vosso guarda. Não devem fazer-lhe perguntas e têm de andar em fila.

E lá vamos nós, sem a nossa *Kapo*, nem as polacas; porquê? Estamo-nos nas tintas, não precisamos de saber. As nossas pernas têm dificuldade em manter um ritmo regular, formigam de impaciência. Com um soldado à frente e outro atrás, saímos do campo B.

Drexler, que passa por nós de bicicleta, não acredita no que vê. As mulheres com quem nos cruzamos olham-nos, surpreendidas com este cortejo que não se dirige para os crematórios, o que até teria parecido normal, mas para a entrada do campo, que a seguir atravessa o campo A, detendo-se diante do portão que se abre à sua frente, e dali sai. As deportadas estão estupefactas. Não mais do que nós!

Seguimos por um caminho à esquerda da entrada do campo. Não falamos, não estamos ainda certas de estar a viver isto! O caminho torna-se uma vereda. Já não caminhamos em fila. À nossa frente, temos a nuca loura e bem rapada do SS, cujas orelhas grandes parecem segurar o boné, as costas *feldgrau*, a metralhadora e o cão com a língua de fora. Atrás de nós, o seu homólogo. Somos menos de trinta, vamos ao encontro umas das outras, interrogando-nos: «Isto é verdade? Não estamos a sonhar? Belisca-me para eu acreditar!» Não ousamos rir-nos, nem sorrir, nem cantar. Passada a incredulidade, ficámos sérias, porque a alegria é algo de sério, principalmente nestas condições. O tempo está magnífico e há erva! Há quantos meses não víamos erva?

– Erva! – extasia-se Jenny. – Como em Vincennes! Não, como nas fortificações!

– Ainda existe – murmura a Irena grande, cujos olhos adquiriram a cor do céu.

Viramos as costas aos crematórios e respiramos um ar sem fumo, um ar demasiado forte para os nossos pulmões que, ávidos de se limparem, respiram demasiado depressa. Timidamente, Florette diz:

– Cheira, cheira!...

À nossa frente, uma rapariga parou, é Yvette:

– Respirem, respirem! Cheira bem!

Anny extasia-se:

– Cheira a erva, temos no nariz o odor a feno cortado!...

– Este odor, este odor, cheira a liberdade.

Foi Marta quem se atreveu a dizer isto. E os nossos olhos marejam-se de lágrimas. Os nossos SS, que estacaram devido à nossa paragem, retomam a sua marcha.

Como se fôssemos cachorrinhos, corremos de umas para as outras. Nesta erva mágica, flores, papoilas e pequenas campainhas azuis.

– Sabes, julguei que jamais voltaria a ver flores!

– Eu sim – afirma a Irena pequena –, mas não pensava vê-las antes do meu regresso.

Por momentos, a palavra crava-se no nosso coração, transforma-se numa farpa, mas hoje não perdemos tempo com isto, estamos felizes. Ao fim de cerca de três quilómetros, ultrapassamos um *Aussenkommando*⁹⁰ de mulheres a trabalharem. Não devemos falar com elas, tão-pouco vê-las. Mas elas olham-nos, inicialmente espantadas e, a seguir, como conhecem a nossa farda e sabem quem somos, fitam-nos com inveja. Têm sempre o mesmo misto de reações em relação a nós: inveja, ódio, incompreensão, cumplicidade. Mais tarde, como irão elas descrever-nos, a nós que, do seu ponto de vista, possuímos tudo o que elas gostariam de ter? Que poderão dizer deste passeio, que carga de ressentimento e de ódio sentirão? Será proporcional ao seu sofrimento, às suas dificuldades no momento em que passámos por elas...

A seguir a elas, um *Kommando* de homens; o olhar deles não exprime mais indulgência, nem mais ódio, mas desprezo. Um deles cospe na nossa direção; gostaria de nunca me ter cruzado nem com uns nem com os outros; na minha boca, a minha alegria tornou-se uma erva amarga que masco como quem ruma.

Uma hora de caminhada para chegarmos a um pequeno lago transparente, cristalino, azul como um pedaço de céu. Água, erva, algumas árvores franzinas, não muito bonitas, mas que não deixam de ser árvores: um paraíso! Sentamo-nos na erva, os SS acomodam-se um pouco mais longe, à sombra. Os cães estão sentados aos seus pés, não se deitam, estão de serviço. As suas bocas abertas revelam presas de um belo marfim, bocas pavimentadas de grandes amêndoas brancas. Sinto por eles uma certa pena: não têm culpa do trabalho que os homens os obrigam a fazer. Deixaram de ser cães felizes aos quais atiramos um pau, que exprimem a sua alegria abanando fortemente a cauda, que conhecem a alegria de desobedecer, só sabem correr quando recebem ordens e atrás de uma presa. Têm de permanecer vigilantes, quando gostariam de andar aos saltos ou dormir. O homem transformou-os em escravos da sua crueldade, mas é a estes monstros, aos seus donos, que eles dedicam a ternura do seu olhar. Para eles, os judeus não pertencem à raça dos humanos, àquela que comanda, mas a um tipo de espécie bastarda, entre o homem e o animal, que eles podem despedaçar.

Jenny olha-os com inveja:

– Para terem aquela pele de *vison*, os rafeiros devem comer do bom e do melhor a todas as refeições!

Provavelmente, ela fez alguma associação de ideias, pois acrescenta:

– Já agora, podiam ter-nos mandado um piquenique!

A Irena pequena responde-lhe:

– Não te impedimos de sonhar, mas nós contentamo-nos com a realidade!

Jenny deixa-se cair para trás, deitando-se de costas na erva:

– Pronto, meninas, estou pronta para uma cambalhota na relva!

Dispostas a divertirmo-nos com qualquer disparate, rimo-nos. Florette olha para a água com vontade:

– Será que podemos tomar banho?

A Irena grande concorda:

– Eu não sei nadar, mas talvez não seja muito fundo.

Anny entusiasma-se:

– Vamos? Pedimos-lhe autorização?

– Não. Nós não. É preferível que seja uma alemã.

Marta e a Irena pequena estão sentadas lado a lado, tão próximas que os seus ombros e os seus braços se tocam, as mãos procuram-se, cada parte do seu corpo exprime a atração mútua. Circulam comentários maldosos a respeito delas, mas elas julgam-se muito discretas e que nada consegue transparecer do seu amor. Como disfarçar o brilho dos seus olhos, da sua pele? Apesar de se isolarem, da grande bolha na qual se fecham, ouviram o comentário de Florette. Marta levanta-se e vai ter com os nossos guardas. *Ja! Ja!*, responde um deles.

– Podemos tomar banho – anuncia Marta.

– Como é que vamos fazer? Não temos fato de banho.

– Dispensem-no!

O meu conselho abrupto desconcerta-as. Olham para os SS, nuas diante deles? Eles não deixam de ser homens! Elas ficam de cuecas e, como se fossem crianças, atiram-se à água, nadam, salpicam-se, riem-se... A nossa anatomia é tão pobre à luz do verão!

Fico sozinha. Não sei porquê, mas não fui capaz de me juntar a elas. Sinto-me tristonha, estou contente com a alegria delas, mas esta permanece distante, não me inclui. Quase de imediato, a Irena pequena volta para ao pé de mim. Fitamo-nos em silêncio. Não conseguimos encontrar um motivo para a nossa melancolia, desconhecemo-lo. Talvez seja preferível assim...

O banho, o sol, o ar inebriaram as raparigas da orquestra. Saem da água e correm como alunas de um colégio interno postas à solta, têm os mesmos gestos e fazem uma roda sobre a relva, sob o olhar inexpressivo dos dois SS.

– Podemos apanhar flores?

Marta traduz o pedido ao soldado, que abana as suas grandes orelhas: *Ja! Ja!* e vai dar de beber ao cão, seguido do seu colega.

Apanhar flores: um gesto inacreditável, de uma futilidade

esquecida! Elas fazem pequenos ramos, que empunham com força, semelhantes às meninas dos passeios dominicais. Algumas arrancam um ramo de uma árvore, para terem algo de verde nas mãos.

O orelhudo e o amigo levantam-se e, com o mesmo movimento do ombro, põem novamente a metralhadora a tiracolo, e lá vamos nós, abraçadas umas às outras. Florette começa a cantar: «Com uma flor na arma, na boca uma canção...», e nós acompanhamo-la no refrão...

Um agricultor, curvado, endireita-se, com a foice na mão. Olha-nos, surpreendido; mais tarde, irá dizer: «Elas não eram assim tão infelizes. Um pouco magras, mas bem-vestidas, passeavam, riam-se, cantavam!» E isto tranquilizará muita gente. Os testemunhos são assim mesmo.

Deve ser tarde, pois, no caminho de regresso, não encontramos nenhum *Kommando*, a luz é dourada. No horizonte, à nossa frente, uma nuvem pesada e escura: Birkenau. À medida que avançamos, o horrível odor vem ao nosso encontro. Em silêncio, passamos o portão e atravessamos o campo A, em fila e com as nossas flores na mão.

Cruzamo-nos com companheiras deportadas, seguem-nos com o olhar, desdenhosas, prontas a insultar-nos. Porque é que uma delas me sorri? Estende o braço na minha direção, dou-lhe o meu ramo. Incrédula, ela fita a sua mão, na qual tremelicam as campainhas azuis, fecha-a e vai-se embora a correr... Será esta a imagem com que ficarei do nosso passeio?

Sempre em silêncio, os nossos guardas vigiam a nossa entrada e, depois, viram-nos as costas e vão-se embora, seguidos dos seus cães. Que dia tão bom e maravilhoso!

A receção de *Paniq* Founia é ruidosa, descompõe-nos, chegámos tarde. Que culpa temos nós? Obedecemos aos SS! E, aliás, estamos nas tintas. Exaustas, as raparigas caem na cama e adormecem. Tal como se coze uma bebedeira, nós cozemos o nosso dia.

Meio inconsciente, ouço Marta e a Irena pequena a sussurrar, a suspirar, e gemidos ternos revelam-me que elas procuram outras alegrias, como é que ainda têm forças? Parecem ter adquirido facilmente este prazer. Foram uma revelação uma para a outra: «Fania, eu não sabia nada, nem a Marta, e os gestos nasceram espontaneamente, encadearam-se uns nos outros. Entre nós, tudo era simples, descontraído, harmonioso... Amámo-nos e conhecemos o prazer. Era tão maravilhoso gozar nos seus braços por ela, com ela... Antes da Marta, eu desconhecia o que era o amor e julgo que ela também; digo “julgo”, porque ela é tão secreta, tão difícil de conhecer...»

Florette, que adora Irena e para quem ela é uma espécie de encarnação da perfeição, de mentor, não entende a sua amizade com Marta:

– Que vê ela naquela convencida, naquela miúda rica que se acha superior, que parece uma tábua de engomar? Ela está sempre atrelada a ela. A mim, rechaça-me, tenho sempre a impressão de estar a mais!

Não posso explicar-lhe que não é impressão dela, que elas não precisam dela: elas estão a descobrir o amor e maravilhadas com a sua descoberta. Imbuída de princípios rígidos, Florette ficaria horrorizada e não iria perceber nada. Saberá, pelo menos, que isto existe? Certamente, pois, aqui, os comentários são bastante crus e, além disso, ninguém consegue ignorar os impudores de Wisha, Marila e Zocha, cujas manifestações ruidosas não nos deixam dormir. Com Irena e Marta, é muito diferente, elas precisam tanto de calor e de ternura... Para elas, o prazer vem por acréscimo.

O silêncio regressa e eu adormeço com visões de flores, de árvores, de água, de sol...

Pela manhã, apesar da chamada, dos apitos, dos gritos, do fumo e do cheiro, tento prolongar na minha mente a visão do pequeno lago e o perfume do feno cortado. A minha tentativa não resiste aos berros de Florette: «Cabra! Puta! Sacana! Ora toma!» Agarrada a Rachela, esmurra-a, enquanto a outra guincha insultos em alemão. Alterada pela fúria, a sua voz torna incompreensíveis para mim as suas palavras. Muito pálida, Marta quer intervir, e Irena pequena detém-na e afasta as lutadoras. Embora não tenha percebido cada palavra, entendi o significado da zaragata. Vermelha de fúria, com os olhos marejados de lágrimas, Florette balbucia:

– Irena, deverias ter-me deixado dar uma coça a esta pega! Estava a dizer coisas nojentas sobre ti! Estava a dizer... Estava a dizer...

– Cala-te, tem calma.

Uma onda de violência percorre-a:

– Ela que lave primeiro o seu cu, antes de falar do das outras!

– Cala-te! Os teus palavrões são escusados. Não te rales com isso!

Florette ergue para Irena os seus magníficos olhos verdes, brilhantes de lágrimas, um olhar incrédulo de criança perante a injustiça incompreensível dos adultos:

– Mas ela estava a dizer mal de ti, eu defendi-te!...

– Já te disse que não te metas nisso! Eu sei defender-me, e, a mim, elas não dirão seja o que for.

A voz autoritária da Irena pequena ressoou com secura.

Na sala de música, uma *Läuferin* chama por Alma, ela tem de

apresentar-se imediatamente no posto central dos SS.

– Entretanto, fiquem a ensaiar – recomenda-nos a nossa chefe.

Ensaíamos, mas estamos a pensar noutra coisa. Uma visita ao *Stammlager*⁹¹ é um ato que nos deixa a vida em suspenso, que a torna incerta, frágil. Em geral, os responsáveis por nós são Kramer e, principalmente, Mandel. Seja o que for que possa acontecer a outro nível que não o deles, acima do deles, ainda que com a sua intervenção, não augura nada de bom. Será uma sequela da visita de Himmler? A seguir ao passeio, o forno? Não seria algo de alheio aos métodos deles. As mentes não param, os pensamentos estão estampados nos rostos. As cantoras ficam sempre mais inquietas, pois sabem que são as menos indispensáveis e muito facilmente substituíveis.

O tempo passa, Alma não regressa. Progressivamente, a nossa preocupação prepara-se para se transformar em angústia, quando, radiante, transfigurada, ela entra, o seu passo é leve, aéreo... Não caminha, paira na alegria. Que notícia irá dar-nos? Nenhuma. Fecha-se no quarto. Ficamos ali, com a cabeça virada interrogativamente para a porta de madeira, que volta a abrir-se, e Alma chama-me.

– Quis que fosses a primeira a saber da novidade. – Ela respira profundamente, submersa pela sua felicidade. – Vou-me embora daqui...

É a minha vez de ficar sem fôlego.

– Sim, ouviste bem, acabaram de me dizer que serei libertada.

Atordoada, repito:

– Libertada... Será possível? Mas porquê?

Ela solta uma risada breve:

– Não serei completamente libertada, nem vou para onde me apetece... Não. Disseram-me: «É uma pena manter num *Lager* uma executante como você, pelo que irá para a Wehrmacht.» Vou juntar-me às tropas, entreter os soldados que estão na frente. Tens noção de que vou tocar violino como quiser, o que quiser? Fania! Vou sair daqui!...

– Vai sair daqui e vai tocar para soldados que lutam contra aqueles que nos libertarão.

Ela não me ouve.

– Alma, compreendo que esteja feliz por sair do campo, mas não está livre, continua a pertencer-lhes, eles dispõem de si como de uma escrava. Mandam-na entreter os homens deles. Esses soldados são seus inimigos. Por todo o lado onde passam, levam com eles a guerra, a desgraça, a morte. São o instrumento do nazismo, do racismo. E você regozija-se por entretê-los!

Ela fita-me, sem perceber; para lá de mim, que represento a realidade do campo, ela vê audiências atentas: ela está num palco, a sua face acaricia o violino, aquece-lhe a madeira

preciosa. A sua visão sobrepõe-se à minha, ela não me escuta. Mal me ouve.

– Eles dispõem de si e mantêm o poder de a matar quando lhes apetecer, por ser judia. Essa tara, nada a apagará, nenhum talento do mundo.

Ela sorri-me vagamente.

– Não te preocupes, morrer não tem importância, o que importa é tocar música, da verdadeira, livremente...

– Mas não estará livre!

O olhar de Alma torna-se de censura:

– Tu não me compreendes, são soldados da Wehrmacht. Julgas que são todos nazis?

É verdade que existem alemães bons, mas estão quase todos presos nos campos, nas cadeias. Os outros, os que erguem o braço em cadência, não serão apenas cobardes? Podemos amaldiçoar uma raça só porque parte dela está gangrenada? Hoje é assim que penso, mas, em Birkenau, somente o meu raciocínio, que tinha de ser objetivo, conseguia forçar-me a isso, pois tudo em mim se revoltava, me empurrava para o ódio global aos alemães.

Enquanto fala, Alma exalta-se:

– Tocar aqui, para os SS, sob este céu, é que é degradante; não o será fazê-lo para homens entre os quais alguns avançam para a morte. Porquê estragar-me a minha alegria?

Ela já não está aqui, já partiu para um outro mundo, o mundo de onde ela vem, onde as pessoas se convidam a ir a casa umas das outras, onde se festeja!

– Quando lhe dei a notícia, *Frau Schmidt* convidou-me para jantar, regozija-se por mim, é uma amiga.

Uma amiga! *Frau Schmidt*? A *Führerin* do «Canadá» que reina sobre o tesouro dos assassinos, que tem o direito de decidir da vida e da morte das suas raparigas e exerce sobre elas a autoridade sem réplica da dona de bordel que há quem diga que ela foi. Detida desde 1933, dizem que terá criado e organizado inteiramente o serviço pelo qual é a única responsável. Uma amiga, esta mulher alta, cuja elegância reside na secura. Se fosse gorda, seria vulgar; sendo magra, engana. Os seus olhos cinzentos têm a fixidez desagradável dos olhos dos pássaros, o seu cabelo branco cuidadosamente penteado para trás e preso num carrapito medíocre e amarelado evoca o louro do passado. De onde vem ela? Porque foi detida? Ninguém sabe. Já se disse que era comunista, criminosa, proxeneta, qualquer uma destas suposições poderá estar certa. Gostará de Alma? Não se sentirá antes lisonjeada, devido à provável vulgaridade das suas origens, por ser a única amiga desta virtuosa? Por vezes, Schmidt vem

ouvir-nos, desagradava-me bastante a sua presença, as raparigas detestam-na. Jenny diz dela que «tem o olhar sincero da cobra que se prepara para nos dar uma mordedura mortal».

O motivo que Alma me apresenta não me convence:

– Sim, acho que *Frau Schmidt* é realmente uma amiga. Sabias que, desde que está aqui, ela envia súplicas aos sucessivos comandantes do campo a pedir a sua libertação, pois eles não têm, disse-me ela, razão alguma para a manter aqui? Além de ser a mulher mais velha de Birkenau. Nem sequer lhe respondem, e, a mim, libertam-me. Ela poderia sentir-se injustiçada, ficar ressentida comigo, mas, em vez disso, convida-me para festejar.

Não sei porquê, mas as boas intenções da chefe dos «Canadá» não me movem.

À noite, ainda Alma não deve ter chegado aos aposentos da sua amiga quando se ouvem os apitos de um *Blockssperre*.

– Que é que ela tem?

– Que te disse?

– Nada, nada. O concerto que deu foi elogiado.

– Por isso é que ela estava feliz como um passarinho? Que idiota!

Porque não respondi às perguntas das raparigas? Não sei. Não me apetecia que esta informação servisse de pasto aos seus comentários.

O *Blockssperre* é muito demorado. Alma regressa bastante tarde do seu jantar. Ouço-a atravessar a sala de música e fechar a porta do quarto. O último ruído antes de eu adormecer.

Acordo com a voz de Regina:

– Fania! Fania! A Alma está a chamar-te.

Teimosa que nem uma mula! Deve apetecer-lhe contar-me os faustos do seu jantar, que vá para o diabo!

Encontro-a estranhamente pálida, de nariz franzido, a testa molhada de suor, a queixar-se de dores de cabeça horríveis, de enjoos, de dores nos membros e de barriga.

Tem a mão a esquentar e húmida, deve estar cheia de febre. Massajo-lhe as têmporas, estão cobertas de uma transpiração viscosa e fria. Abalada por náuseas violentas, os vômitos sucedem-se às diarreias. Está doente, muito doente.

– Vai acordar a Tchaïkowska.

Regina corre a chamá-la. Com a cara inchada de sono, uma expressão atordoada, a *Blockowa* aparece à porta e, com um olhar, avalia a situação:

– Vou falar com *Frau Mandel*.

Passa um quarto de hora, que me parece longo. Entre dois vômitos, Alma dirige-me um olhar de criança assustada, de animal aflito, articula com dificuldade:

– Fania, não me irei embora daqui?

– Claro que irá, é só uma indisposição. Não se preocupe e tenha calma. Amanhã já estará bem. Vão tratar de si...

Ouçõ o passo rápido de Mandel, ela entra no quartinho malcheiroso, acompanhada de um médico das SS. Ele inclina-se, pega na mão de Alma, toma-lhe rapidamente o pulso, volta a tapá-la e diz a Mandel que é preciso levá-la imediatamente para o *Revier*, para lhe fazerem uma lavagem ao estômago. Minutos depois, a nossa *Kapo* é transportada numa maca, a das mortas, pois no campo, quem ainda está vivo vai a pé. Levam-na pela porta da sala de música.

As raparigas não parecem ter dado por nada; de manhã, informo-as:

– A Alma está doente, vão ensaiar comigo.

– E as saídas?

– Será a Irena grande a controlá-las.

Elas dizem: «Está bem!», não fazem perguntas. A doença de Alma significa uma trégua breve no regime de «música forçada» que impõe. Nada de gritos, nem pancadas com a batuta, nem bofetadas. Paira no bloco um ligeiro ambiente de dia de folga, de férias.

No dia seguinte, a disposição alterou-se. A Irena pequena censura-me:

– Tu sabias que a Alma estava muito doente. Porque é que não nos disseste nada?

– Julguei que fosse uma indisposição.

Marta intervém com uma certa segura:

– Por causa da qual a levaram para o *Revier*, para um quarto individual. A Renate disse-me que ela foi vista por vários médicos das SS. – Marta baixa a voz: – Estão a fazer de tudo para a salvar!

– Poderá ser tifo?

– Não, não sabem o que é que ela tem.

Tenho muita dificuldade em fazê-las ensaiar, as raparigas estão a pensar noutra coisa, levantam-se, saem do seu lugar, voltam, andam de uma divisão para a outra, abatidas, ociosas:

– A Alma não é piegas – comenta Florette. – Deve ser grave.

– Se ela bater a bota, que será de nós? – lamenta-se Jenny.

À noite, Renate informa-nos de que Alma está inconsciente desde a manhã. No dia seguinte, antes da chamada, uma *Läuferin* grita-nos da porta:

– Meninas, a Alma morreu!

Nunca senti no bloco um silêncio comparável a este. A seguir, começam as lamentações: «Que vai ser de nós? Que irão fazer connosco?» Habitualmente, as raparigas ficam bastante indiferentes à morte, não as surpreende, é a conclusão do tempo

que se passa aqui, o fim da passagem, mas a de Alma parece-lhes incompreensível. Florette exprime o sentimento geral:

– Morreu! Não consigo acreditar, ela parecia-me invulnerável. A orquestra era ela!

Rapidamente, começa a correr o rumor de que a sua morte não foi normal, que os SS ordenaram uma autópsia.

Jenny não tem ilusões:

– Quer a abram ou não, vão mandá-la para o crematório como todos os outros, sem sequer a coser. Aqui, não se pode dizer que cuidam dos mortos!

Mas não é assim. À tarde, *Frau Mandel* entra na sala de música para nos comunicar oficialmente a notícia:

– A vossa regente, a Alma Rosé, morreu. Podem ir ao *Revier* prestar-lhe uma última homenagem.

Vestimo-nos em silêncio, cuidadosamente, bem limpas, os sapatos bem esfregados, e vamos todas, nenhuma rapariga se absteve. Lá fora, o dia está bonito.

Pensáramos que encontraríamos o corpo de Alma estendido numa enxerga do *Revier*. Espera-nos um verdadeiro espetáculo: numa espécie de reentrância, ao pé da sala de observação, os SS mandaram montar um estrado coberto de flores brancas.

Uma profusão, uma avalanche de flores, principalmente lírios, o cheiro é muito intenso. Para as comprarem, os SS devem ter pegado nos seus carros e ido à cidade, a floristas, pois existem floristas em Auschwitz. É incrível; estamos ali, petrificadas de espanto, de emoção. Com o sentido teatral dos alemães, Mandel dividiu em dois grupos as raparigas da orquestra. Servimos de enquadramento à câmara-ardente: a regente e as suas executantes; ficamos agrupadas, encostadas umas às outras, incapazes de raciocinar, com um nó na garganta, a olhar para Alma. O seu rosto descontraído, muito calmo, está sereno. Bela, muito bela, as suas mãos esguias cruzadas sobre o peito seguram uma flor. Quem a terá posto ali? Mandel?

Não sei qual de nós foi a primeira, mas ouviu-se um soluço breve e começámos a chorar. Os SS entram, tiram o boné e desfilam diante do leito. Todos estão bastante comovidos, muitos choram. Entre eles, encontram-se oficiais que nunca vimos. Mandel tem os olhos marejados e, em honra de Alma, juntamos as nossas lágrimas às dela, estamos em plena comunhão! Uma cena inesquecível.

Enquanto decorre este desfile comovente, os transportes continuam a chegar ao campo, gaseia-se, crema-se, extermina-se... e aqui, de lágrimas nos olhos, os SS inclinam-se diante dos restos mortais de uma judia, que cobriram de flores brancas, e eu penso: «Alma, não saíste do campo com o teu violino na mão.

Não se sai daqui!»

Deprimidas, regressamos ao nosso bloco: sem Alma, estamos perdidas.

– O que eu não daria para a ouvir aos berros! – funga Florette, que, porém, nunca gostou dela.

Com a sua voz doce, a Irena grande diz:

– A Alma teve sorte. Morreu de doença como na vida normal.

– Não foi assim tão normal. Foi uma doença estranha.

De que morreu ela? A pergunta ficará sem uma resposta concreta. Após a autópsia, os médicos das SS teriam diagnosticado um envenenamento. Ao almoço, ela comera a mesma sopa que nós. À noite, jantara sozinha com *Frau Schmidt*. Então?

Desta última, nunca mais ouviríamos falar. No dia seguinte à morte de Alma, *Frau Schmidt* não estava no «Canadá» e nunca mais foi vista por lá. Desapareceu de Birkenau. Libertada? Mas como? Para mim, a culpada é ela. Apesar das diferenças entre as várias versões que circulam, todas têm um ponto em comum: Alma morreu envenenada. Para algumas de nós, *Frau Drexler* teria subornado *Frau Schmidt* para que ela convidasse Alma e a envenenasse; teria mesmo fornecido o veneno. O motivo? Mandel teria mexido os cordelinhos para obter a libertação de Alma. Uma iniciativa que, ainda que fosse aceite, poderia jogar contra ela, pois não se manda libertar uma judia. Drexler teria, então, intervindo para o bem de Mandel. Não acredito nesta hipótese maquiavélica: Mandel nunca teria feito coisa alguma para que Alma deixasse a sua orquestra, da qual tanto se orgulha. Alma era indispensável. Enquanto a orquestra masculina de Auschwitz é uma verdadeira orquestra sinfónica, com excelentes músicos, virtuosos, nós apenas tínhamos Alma, era o seu único elemento representativo; era improvável que Mandel abdicasse dela por sua vontade. Por outro lado, não me surpreendia que *Frau Drexler* estivesse envolvida no assunto, que tivesse fornecido o veneno. Essa *Rapportführerin* é uma megera monstruosa.

As mulheres dos *Kommandos* acham que Alma foi envenenada por uma conserva estragada. Parece-me improvável, ou *Frau Schmidt* também teria morrido, e é difícil imaginá-la a servir e a comer uma conserva qualquer, podendo ela escolher para si as latas mais requintadas e de melhor qualidade. Para mim, *Frau Schmidt*, a «cara amiga», só podia odiar aquela judia que iria ser libertada, que a provocava com a sua alegria, e ela vingara-se.

Alma morreu e nós continuamos vivas. Irão acabar com a orquestra? As raparigas rodeiam-me:

– Tu dás-te bem com a Mandel, és a única capaz de nos reger, tens de passar a ser a nossa *Kapo*.

Por uma vez, parece haver consenso entre todas, o grupo das polacas concorda. Tchaïkowska e Founia chegam a ponto de me dirigir um sorriso forçado. Esta nomeação parece-lhes lógica, acreditam nela. É verdade que, muitas vezes, ajudei, dei apoio a Alma... Éva, a húngara, chama-me à parte, cantarola-me uma melodia do seu país: «Não serias capaz de a orquestrar? Vai agradar muito aos alemães.» Lotte e Claire não me largam e repetem constantemente: «É preciso renovar o nosso repertório. Aprenderei tudo o que quiseses.»

Assim, quando nos informam da chegada iminente de Kramer, os corações aceleram: orquestra dissolvida ou mantida? O rosto brutal do *Kommandant* apresenta-se inexpressivo. «Em sentido!»

A voz seca, onde estão as lágrimas de há pouco? Kramer anuncia-nos:

– A Sonia tomará o lugar da Alma Rosé, foi nomeada vossa regente.

Estas palavras são gélidas e definitivas.

Dizem que Sonia é boa pianista; nunca tive oportunidade de o avaliar, pois há muito tempo que ficámos sem piano. Conseguirá reger uma orquestra? Ela é uma das ucranianas que não se misturam connosco, mas com as quais troco frequentemente algumas palavras. Porquê esta nomeação inesperada? Por ela ser uma *Sonderhäftling* e lhe bastar esse título? Apagada, de poucas falas, nunca deu nas vistas por motivo algum. Deve ter mexido os cordelinhos para obter esta função, mas nós não demos por nada!

Reservada, com uma postura modesta, está de pé diante de nós. Que tipo de regente iremos ter?

Em cima do pódio, no lugar de Alma, o seu robusto metro e sessenta e dois, o seu rosto com as maçãs salientes e o nariz pequeno não são particularmente imponentes. Ela lança um olhar, que me parece hesitante, à partitura, e sem sequer se dar ao trabalho de bater ritualmente com a batuta no atril, levanta o braço e começa a marcar a cadência. Que cadência? A dela.

Como um autómato: um, dois... três, quatro! Agita a batuta no ar, não indica qualquer entrada de instrumento, os seus olhos azuis não largam a partitura que, manifestamente, não sabe ler. A Irena grande, enquanto primeiro-violino, bem tenta ajudar as outras, mas o resultado é assustador. Sonia encolhe os ombros, pousa a batuta e pede-me para ir para junto dela. Tento transmitir-lhe alguns rudimentos indispensáveis para reger uma orquestra. Mas não é algo que se aprenda a correr, e como, passados cinco minutos, ela já não está a ouvir-me, volto para o meu lugar. Sideradas, trocistas, as raparigas tocam de qualquer maneira. As minhas *Schreiberinnen* continuam a copiar, mas sem grande convicção; teriam de ser mais tolas do que são para, ao

ouvirem tamanha cacofonia, acharem que Sonia será capaz de nos ensinar trechos novos, elaborar programas para concertos! Por enquanto, esta falta de disciplina euforiza as raparigas, sobre as quais pesava desagradavelmente a tirania de Alma. Mas, em breve, tal como eu, irão questionar-se: que acontecerá aos concertos? Uma preocupação que se impõe violentamente e se agudiza quando nos anunciam a vinda do Dr. Mengele. É um melómano, este charivari nunca irá enganá-lo. Então?

Em sentido, Sonia informa-se sobre o que o senhor doutor deseja ouvir. Como se ela fosse capaz de o fazer ouvir alguma coisa! Nada, ele não tem tempo, foi apenas visitar-nos; fico encantada com a intenção. Elegante, distinto, dá alguns passos e, a seguir, detém-se diante da parede onde pendurámos a braçadeira e a batuta de Alma. Respeitosamente, de calcanhares unidos, recolhe-se durante um instante e, virando-se para Sonia, diz-lhe com um tom compenetrado e de circunstância: *In memoriam*. Sem perceber, a nossa nova *Kapo* sorri-lhe com uma expressão idiota.

Assim que ele sai, ela pergunta-me se aquilo foi um elogio ou se significa que é preciso tirar aquilo dali.

Em Birkenau, um *In memoriam* proferido pelo Dr. Mengele é algo que não se esquece!

Happy Birthday

Mandel deu-me autorização ou foi uma ordem? «Escreve uma carta à tua família, eu mandarei enviá-la.» Nunca o saberei. O que esconde esta frase? O meu irmão mais velho está na América, não receio por ele, não conseguem apanhá-lo. O mais novo está na Resistência; saberão eles? Parece-me impossível. Se isso lhes tivesse passado pela cabeça, não me teriam deixado em paz. Quando fui presa, as agressões e a tortura dos homens da Gestapo teriam sido bem piores. Os meus restantes familiares encontram-se dispersos e não irei escrever-lhes. Mas, se não escrever uma carta, ela vai ficar furiosa, pelo que redijo uma totalmente anódina, neutra, que endereço a uma pessoa que não tem nada a temer. Além disso, continuo convencida de que a carta não será encaminhada para o destinatário. Mas porque é que Mandel fez isto? Os móveis deles são insondáveis. Os dias passam e não volto a ouvir falar da carta que entreguei.

Acabam de soar os apitos do fim do *Blocksperre*. Mandel entra, com a sua passada larga e harmoniosa, atravessa a sala e dirige-se para a minha mesa, ouvir-se-ia o arrepio de uma mosca. Fita-me, o seu tom de voz é neutro:

– Não enviei a tua carta. Os teus amigos ingleses chegaram a Paris!

Não entendo o que me diz. Irá repetir-mo? Fica calada e, no meu cérebro, onde permaneceu o eco da sua frase, faz-se luz. Tanta luz que há o risco de me iluminar o rosto, e isso não pode acontecer. Devo manter-me impassível. Ao mínimo pestanejo, ao mais ínfimo estremecimento de alegria, é óbvio que ela irá vingar-se em mim, na orquestra...

Petrificadas, as raparigas têm os olhos pregados em nós. É um

momento de grande tensão. Vejo em Mandel uma expressão de pantera à espreita, espera uma reação, um brilho nos meus olhos. Ela não é tola nem limitada a ponto de acreditar que esta notícia, dada por si, nos deixará indiferentes; no entanto, exige-nos essa indiferença.

Passa-lhe no olhar uma expressão impossível de definir: satisfação, pena, orgulho... Vira-nos as costas, não irá ouvir música, veio apenas para me dizer isto, à «sua pequena cantora».

Diante de uma Sonia estupefacta, deixamos explodir a nossa alegria. Como um vulcão que entra em erupção e cujo cume salta, berramos, dançamos, gritamos, deliramos: Paris libertada! Desta vez, é verdade, é oficial. Se Mandel tivesse voltado para trás, que espetáculo! Há maridos que optam por não aparecer de surpresa, será ela como eles?

Dias a fio, pensámos no que faríamos «depois». Este dia mítico serviu-nos de morfina. Quando tudo corria mal, nos serões de neura, tagarelávamos incansavelmente sobre este «depois». Agora é diferente. Já não temos a impressão de ser um sonho impossível, acreditamos nele. É uma realidade, uma questão de semanas, talvez menos. Para nós, Paris devolvida à França significa o desmoronamento do moral nazi, o fim da guerra. De Paris a Berlim, vemos abrir-se uma estrada vitoriosa pela qual os pequenos soldados aliados avançam a cantar!

– Eu vou comprar uma metralhadora e matar todos os alemães que me aparecerem à frente!

Esta é a marcha triunfal de Florette. A ideia não é má, mas parece-nos um pouco simplória. Passado o seu sonho sangrento, ela continua:

– Isso será para me vingar, mas, depois, haverá a vida...

«Haverá a vida.» A frase encanta-nos, abre-nos as portas da felicidade.

– Então – prossegue Florette –, recuperarei o tempo perdido aqui, retomarei os estudos, farei os exames finais, aprenderei música e tornar-me-ei estrela de cinema!

Esta noite, podemos dizer tudo. Estamos indulgentes e tolerantes. É verdade que Florette é muito bonita, o seu sonho não é absurdo. Ewa junta-se a Florette nos seus projetos:

– Eu voltarei a ser atriz, voltarei a representar peças, serei diretora de um teatro importante de Cracóvia, a mais bela cidade do mundo. Irei envelhecer ao lado do meu marido, verei crescer o meu filho, que há de ser médico. A minha Polónia será livre, sem alemães nem russos.

A Irena grande, com os olhos marejados de lágrimas de alegria, vive a sua felicidade futura:

– Eu voltarei para o meu marido, terei filhos...

– E o que é que vais fazer à cabra da tua sogra? – intervém

Jenny. – Essa traidora tem de pagá-las.

A Irena grande fita-a. Meu Deus! Quanta doçura nos seus olhos azuis:

– É a mãe do meu marido e, além disso, será suficientemente castigada quando souber como se morria aqui.

Pergunto-lhe se irá continuar a tocar violino.

– Não, Fania. Para ser feliz, só preciso do meu amor, de algum dinheiro, de muitos filhos...

Anny considera que, depois de sairmos daqui, teremos de ser mais exigentes em relação à vida:

– Eu quero uma loja grande para vender artigos de pele. Aquele que casar comigo há de ser muito rico e eu dar-lhe-ei filhos lindos.

Com um trejeito pretensioso na sua boca pequena, Claire vê-se a regressar a França na pele de uma heroína! Esta afirmação deixa-nos sideradas, mas estamos tão bondosas esta noite que nenhuma de nós contradiz este absurdo:

– Terei um casamento muito bonito, entrarei para a Ópera e cantarei no Metropolitan.

Porque não?

Com um certo humor, surpreendente da sua parte, Lotte diz-lhe:

– Encontramo-nos lá, mas eu levo algum avanço em relação a ti. Venho da Ópera de Praga e lá regressarei. Voltarei para o meu marido e ficaremos juntos para sempre!

Jenny não consegue deixar de murmurar: «Será melhor para ele que não te deixe.»

– Pois eu, minhas meninas – continua ela –, quando regressar, não perderei tempo com conversas, vou direitinha para a cama com o patrão. Se soubessem como o meu bombeiro é bonito todo nu! A sério, juro-vos que, se o meu homem andasse pelo Louvre vestido de Adão, as estátuas de Apolo ficariam logo verdes de inveja. É um deus na cama, e habilidoso!... Faz de mim o que quer. Não me faço rogada quando ele quer meter a cabeça no meio das minhas pernas... Ah, meninas! Vai ser tão bom...

As judias polacas têm planos selvagens, vão matar todas as polacas arianas e, feita a limpeza, será: «Amanhã em Jerusalém!» Sem se preocuparem com este hipotético massacre, as polacas arianas já se imaginam a voltar para as suas famílias, a casar-se e a seguir com a sua vida, esquecendo que o seu curso foi desviado.

Marta não faz outros planos senão o de seguir a carreira de violoncelista. Com uma voz sonhadora, acrescenta:

– A mesma com que a Alma sonhava...

Os meus planos são de outro género:

– Quando regressar, após a vitória total do exército soviético,

irei passear por toda a Alemanha, para ver as destruições. Berlim, Hamburgo, tudo... Isso irá aquecer-me o coração. Mas o que irá aquecer-mo ainda mais será um amor bonito, um grande amor, único como nos sonhos, nos contos de fadas!

– Não vais casar-te? – pergunta-me Florette.

– Não estou a falar em casamento, estou a falar em amor!

Um sentimento de inveja e de reprovação percorre a assistência, mas, como é a nossa noite da bondade, posso continuar tranquilamente:

– E, naturalmente, para dar encanto à minha vida, música, muita música.

A Irena pequena acha que dou pouca importância ao futuro político:

– Eu irei militar. Esta guerra terá servido, pelo menos, para mostrar ao mundo que não pode haver felicidade fora de um comunismo internacional assente no marxismo. Sabem, estou tão certa de que deixará de haver fascismo, nazismo, racismo, e de que os SS serão eliminados da face da Terra que, quando olho para eles, rio-me sozinha. Quase me metem dó. Havemos de massacrá-los a todos, até ao último! De carcereiros, passarão a prisioneiros. Imaginem a cara deles!

Imaginamo-lo tão bem que até nos rimos. Nenhuma de nós duvida do seu regresso à vida e da destruição total de todas as formas de fascismo, estamos mais do que certas de que o mundo finalmente compreendeu, certas de que os princípios do mundo terão mudado!

Durante a noite, dores: sinto facadas na barriga, arrepios, transpiro, tenho febre. De manhã, percebo, tenho um abcesso na entrada da vagina. A duração da chamada parece-me ter triplicado. À entrada da sala de música, Sonia ordena-nos que nos preparemos para a saída:

– As cantoras e tu também, Fania, e traduz-lhes o que acabei de te dizer!

Passaram vinte e quatro horas desde o desaparecimento de Alma e Sonia revela-se em todo o seu esplendor. Para se vingar de Tchaïkowska, que ousou insultá-la, substitui-a pela sua amiga Maria, uma prisioneira privilegiada como ela e que estava no bloco da costura. Não a conhecemos, pelo que não sabemos se devemos lamentar-nos ou regozijar-nos. Em muito pouco tempo, apercebemo-nos de que ela poderia dar lições de crueldade a qualquer um.

Conseguimos ouvir as polacas a ranger os dentes no seu canto, ousaram tocar numa delas e vão ser comandadas por uma *rouscky*! Um verdadeiro rebaixamento, um ultraje à sua dignidade.

Para nós, seria até motivo de regozijo, se não levássemos também

por tabela. Como diz Jenny:

– Que mundo este! Se me dissessem que eu iria sentir saudades da Tchaïkowska! A Maria é ainda mais dura, mais violenta, mais doida do que a outra!

Florette acrescenta:

– E eu começo a ter saudades da Alma! Esta Sonia está-se nas tintas para a orquestra, odeia os concertos e, se nos acontecer alguma coisa, não irá defender-nos! Não será ela que nos porá a tricotar para nos salvar a pele, que irá descompor-nos se tocarmos mal: por ela, a orquestra pode desaparecer! Oxalá os americanos se despachem, porque, com a Sonia, o futuro da orquestra é um fósforo, consome-se um pouco todos os dias.

Todas se questionam sobre de onde vieram Sonia e a sua acólita Maria. Para já, não sei responder-lhes, só ficarei a sabê-lo alguns dias depois, por Bronia e Olga, as jovens resistentes ucranianas com quem converso ocasionalmente:

– Cuidado com as duas, são mulheres que desonram a nossa Rússia. Conheço a história delas, pois venho de uma aldeia próxima da delas. Felizmente para mim, elas não sabem disso, ou eu poderia dizer adeus à minha Ucrânia, jamais voltaria a vê-la. Elas estavam num sítio que foi ocupado pelos alemães e, a seguir, reconquistado e ocupado por nós. Essas duas raparigas colaboraram com os SS, foram para a cama com eles, denunciaram os nossos camaradas que se atreveram a censurá-las pelo seu comportamento vergonhoso. Mulheres, velhos, crianças foram massacrados, deportados, por causa dessas *Kourvi*!92 Então, quando os soldados do Exército Vermelho regressaram aos arredores da aldeia e a sua vitória se tornou certa, elas pediram aos SS que as protegessem. Os nossos tê-las-iam fuzilado. Mas nós iremos matá-las com as nossas mãos! Não sobreviverão, jurámo-lo. Avisa as tuas companheiras de que elas são capazes de tudo!

Esta maneira que os alemães arranjaram para as recompensar pelos seus serviços, detendo-as no nosso campo, pode parecer surpreendente. Para quem conhece os SS, não o é. Eles não têm qualquer consideração, apenas desprezo, por estas duas vendidas, estas traidoras; depois de as usarem, teria sido normal para eles abandonarem-nas. Foi mesmo um ato de clemência terem-nas protegido. Mas não deixamos doninhas a correr pela nossa casa, fechamo-las longe, com receio de que empestem o ar!

Felizmente, o meu abcesso rebentou pouco antes do duche, pois assim pude lavar-me. Sentindo algum alívio, participo, conforme Sonia exigiu, na saída da manhã. Em cima do pódio, ela agita a sua pequena batuta e a orquestra toca, a coisa não corre muito mal, são trechos que as raparigas conseguem executar de olhos fechados. No entanto, estou preocupada com os concertos dominicais e com as audições privadas após as seleções.

Do alto do nosso estrado, vejo regressar os *Kommandos* exaustos. Saberão estas mulheres que Paris foi libertada? Que, finalmente, lhes será dada uma possibilidade de saírem de Birkenau? Certamente. Neste fim de tarde, o rosto delas não exprime desprezo, nem inveja, nem ódio, algumas até trocam comigo um olhar de cumplicidade. Sim, sim! Elas sabem!

Os SS estão nervosos, os *Kapos* gritam mais alto, os cães, agitados devido a esta tensão, estão prontos a saltar, esperando apenas uma ordem para soltarem os músculos, descontraírem os nervos.

Stenia, a polaca, a *Lagerkapo*⁹³ de Birkenau, firmemente de pé, procede à passagem em revista da entrada, sob a vigilância e por vezes com a ajuda dos alemães.

Trabalhando perto dos campos cultivados e apesar da vigilância dos seus guardas, as mulheres desafiaram o chicote, os cães, a morte, para arrancar uma cenoura, uma rutabaga, uma batata. Esta passagem em revista, mais ou menos rigorosa, é feita ao som alegre da nossa orquestra.

Hoje, não participo na atuação e estou presente apenas porque Sonia assim o decidiu. A febre está prestes a voltar, sinto arrepios enquanto observo a *Lagerkapo* Stenia, agarrada ao braço de um esqueleto, a abaná-lo, a agitar-lhe debaixo do nariz um punhado de tabaco e a berrar: «Du wirst es fressen!»⁹⁴

Os SS aprovam este comportamento, um deles vem ajudá-la e, sorrindo, exhibe à infeliz o seu cão prestes a atacar; então, ela mastiga o tabaco com o qual sonhara, que representava pão. Ela masca-o, uma saliva escura escorre-lhe pelos cantos dos lábios; sem conseguir engolir, os seus olhos exprimem aflição nas órbitas encovadas e escuras. Engasga-se, fica congestionada, enquanto, diante do seu desespero, o desfile prossegue ao ritmo da nossa alegre fanfarra. Com a cabeça a zumbir por causa da música e da febre, fecho os olhos. «Que faço eu aqui?» A arfar devido ao tabaco engolido, a mulher é levada pelas companheiras.

Soam novamente os gritos de Stenia; pelos vistos, a passagem em revista é frutífera. Levantou a saia esfarrapada de uma mulher, revelando a sua triste magreza; nas cuecas, um pepino e pequenos tomates. Os SS, e até a orquestra, soltam uma forte gargalhada. Irá Stenia contentar-se em confiscar os vegetais? Os SS, para lhe agradecerem por os fazer rirem-se, serão liberais a ponto de deixar ir a «muçulmana»? Não, ela é entregue a uma *Kapo*. Será chicoteada até à morte e nós rimo-nos. Quando recordarmos aqueles vegetais insólitos, voltaremos a rir-nos. Quem poderá, alguma vez, entender isto?

Os abscessos sucedem-se, a Dra. Marie não sabe o que fazer, não dispõe de qualquer medicamento, pratica medicina de mãos

a abanar. Pousa-as em mim, tentando socorrer-me, fala comigo, encoraja-me, como se encoraja uma parturiente, uma criança... O pus escorre de mim, esvai-me. Quando estou mesmo mal, as raparigas escondem-me. Sentar-me é uma tortura e tenho de ficar à minha mesa, sem conseguir orquestrar. Felizmente, Sonia não se apercebe de nada; pretensiosa, agita a sua pequena batuta perentória. As raparigas tocam como podem. Quando ela olha ocasionalmente para mim, tenho o lápis na mão e a cabeça inclinada, isso basta-lhe. As minhas *Schreiberinnen* copiam a música às três pancadas, estão-se na tintas, e eu também!

Nos dias em que pioro, quando se formam novos abcessos – terei cinquenta e sete –, as minhas amigas ajudam-me. As noites são atrozes, mordo os punhos para não gritar. Ninguém pode saber, principalmente Mandel, que me mandaria para o *Revier*. A coisa mais complicada é o pus que me escorre entre as pernas; para o ensopar e para me limpar, tenho apenas uma toalha de mãos, que não posso lavar e que nunca aceitaria que uma rapariga lavasse por mim. Por não me denunciarem, as minhas companheiras arriscam-se a ser castigadas, não se pode manter uma doente num bloco. Com a minha ausência e regidas pela incompetência de Sonia, as raparigas receiam que acabem com a orquestra. Founia está tão apavorada que até me faz a cama. Não sei quantos dias passam, mas permanecem na minha mente imagens, memórias de cenas cuja realidade se mistura com as visões dos meus sonhos: Marie, a nova *Blockowa*, a insultar violentamente em russo o nosso pequeno grupo de francesas: «A Founia e a Marila já não vão buscar café; se as vacas das judias quiserem, que vão lá elas!» Apercebendo-se da algazarra, Sonia aparece: «São este vomitado de cão, as judias, que cria sarilhos.» Sonia castiga de alto como um papa benzeria, e os castigos caem onde calha, como se fossem chuva.

Este ostracismo enfurece-me; por toda a parte, o mesmo nacionalismo cego, o chauvinismo mais básico. As sionistas desprezam aquelas que não o são. As alemãs tratam as polacas como seres inferiores. As arianas não perdem uma oportunidade de nos apontar como bodes expiatórios de todas as calamidades, regozijam-se quando chovem as punições. Será que nunca irão aprender coisa alguma?

O delírio e a realidade continuam a confundir-se. Florette levanta-se tarde. Desta vez, tem uma desculpa: durante a noite, acordei-a várias vezes. Então, Maria obriga-a a ajoelhar-se, com as mãos na cabeça. Cada vez que o corpo de Florette se curva, ela desfere-lhe com a bota um pontapé nos rins. Nunca ocorrera a Tchaïkowska fazer tal coisa e nunca Alma lho teria permitido. O castigo durou duas horas. Será Maria tão criativa como

Tauber?

Tauber, Kramer, Mengele, Grese, Mandel, Drexler, estes nomes malditos dançam-me na cabeça, espezinham-me o cérebro.

O campo está confinado, devem estar a realizar uma seleção interna, pois não chegou nenhum comboio. O campo parece adormecido, a noite cai com uma suavidade romântica que faz doer. Não se ouve um ruído... Ficamos à escuta... Aguardamos... Todo o campo aguarda... O barulho dos camiões a passar rompe o silêncio. Diante de que blocos irão parar, antes de arrancarem novamente em direção aos crematórios? Uma noite igual a esta, o barulho parará aqui, à nossa porta, e será a nossa vez.

Se um dia eu regressar à vida, tirarei, hei de arrancar toda a felicidade possível e dá-la àqueles a quem amo, àqueles a quem não amo, a todas, a todos... Não deixarei escapar a mínima parcela. A felicidade é tão preciosa...

Entre os meus banhos de suor, chegam-me gritos, sons deformados pela febre, risos, choros, música. Há dias a fio que estou doente, que oscilo entre um início de convalescença e uma recaída.

Sonia anuncia-nos uma saída extra. Há talvez quarenta e oito horas que me sinto um pouco melhor, já tive cinquenta e quatro abscessos, irei ficar-me por este número? Analiso-o, adiciono-o: $5 + 4 = 9$, nove é um bom número, decido confiar nele.

– O doutor Mengele quer que toquemos para ele.

Só nos faltava isto! Desde que somos regidas por Sonia, os SS não ligam aos concertos dominicais, dir-se-ia que têm mais que fazer do que ficar a ouvir-nos, e ainda bem; embora as raparigas se esforcem por tocar como Alma lhes ensinou, começam a perder o jeito. Sentimos cada vez mais falta de Alma. Florette chegou a ponto de dizer: «A Alma era severa e dura, mas percebia de música e gostava dela, e nós sentíamo-nos apoiadas, orientadas. Quando nos fazia um elogio, era uma prenda que nos dava!»

O Dr. Mengele – este nome arrepiava-me, não de febre, mas de medo – não se contenta com as suas experiências, entre as quais, pelo que se diz, algumas são de interesse científico. Mata por prazer, pelo tremor impercetível que angustia o olhar dos mais corajosos, é esse brilho fugaz que ele procura, que o invade de prazer. Ele tem um ouvido sensível, poderá não suportar a orquestra de Sonia. Será a doença que me dá esta lucidez premonitória: sinto que a nossa orquestra não irá durar muito tempo, aproxima-se o fim da pena suspensa. Pergunto a Sonia:

– O doutor Mengele disse o que quer ouvir?

– Quer marchas, música de circo, valsas, *foxtrot*. – Os seus olhos azuis tornam-se argutos. – Podes elaborar o programa e ver

isso com as tuas amigas Irena (a grande) e Marta.

Respiro. Certamente, ela teme Mengele. Posso contar também com Halina, uma excelente violinista, Helga, *Frau Kröner* e até Jenny, que, mesmo à falta de talento, não deixa de ser uma profissional!

Começam os ensaios. Sonia empunha ostensivamente a batuta, mas é a Irena grande quem manda tocar os violinos, atrás da regente. Eu indico às outras quando devem começar. O resultado não é famoso, mas é possível. De facto, comparada com Sonia, Alma era Toscanini.

É domingo; no nosso dormitório, reina o desassossego habitual. Com o seu amor pela música e trabalho bem feito, Alma conseguia criar em nós um certo entusiasmo, que nos fazia esquecer momentaneamente o estranho público dos nossos concertos. Hoje, as raparigas estão cabisbaixas, apáticas. Preparam-se, enquanto Maria grita para o ar. Está bom tempo, o sol continua quente; mas o outono está a chegar, e a seguir virá o inverno. Teremos de suportar mais um aqui?

– Onde se realiza o concerto? Lá fora? No *Revier*?

– Logo verás! – responde-me Sonia, secamente. – Num sítio novo.

Que terá Mengele inventado?

Um circo! Mandou construir um circo, uma pista rodeada de bancadas, com um palco para a orquestra por cima da entrada e, como manda o figurino, o camarote de honra mesmo em frente. Florette murmura:

– Os jogos de circo!

– Só falta o Ben-Hur! – troça Jenny.

– O que mais vai faltar aqui – diz Ewa – são os cristãos!

– Não te preocupes! Estão cá os judeus para os substituir!

O pequeno circo está deserto, apenas estão presentes alguns soldados das SS de serviço:

– A guarda pretoriana – comenta Marta.

Anny aflige-se:

– Teremos de conseguir tocar o melhor possível.

Estou certa de que elas darão tudo por tudo. Apesar de lhe elogiarem a beleza, Mengele deixa-as petrificadas, temem-no. A que tipo de espetáculo iremos assistir? Há uma multidão de detidas atrás das bancadas, cercadas por soldados das SS com cães. Neste circo, não faltam sequer as feras. Chegam vários oficiais das SS, seguidos do «nosso» público habitual, que se senta nas tábuas corridas. Aqui, as distrações são raríssimas, ninguém parece querer perder esta: *Kapos*, *Blockowas*, *Anweiserin*⁹⁵, *Arbeitsdienstführer*⁹⁶, *Aufseherin*, *Kommandoführer*⁹⁷, *Lagerkapo*, os membros do *Lagerkommando*⁹⁸, médicos, pessoal de enfermagem

e, obviamente, no camarote de honra, reconheço, entre outros, os nossos SS habituais: Kramer, Mandel, Grese, Drexler. E, a presidir, qual César: Mengele. Está ligeiramente bronzeado, como é que o Mal pode ser tão belo?

Tauber não para quieto, esta invenção da qual não é o autor irá diverti-lo, abalar a sua neurastenia?

Recebemos ordens para tocar, coloquei-me discretamente atrás de Sonia. A Irena grande tem os olhos pregados em mim.

Aos primeiros acordes, o espetáculo começa. Em fila, entra na pista um grupo, um rebanho de anões. De onde terão vindo? Onde é que Mengele os terá ido buscar?

Ficaremos a saber que se trata de um circo de liliputianos célebre em toda a Europa, que veio num dos transportes da Hungria.

Os que não envergam guarda-roupa de cena estão vestidos a rigor: os homens, de fraque ou de *smoking*. As mulheres usam vestidos de noite, alguns dos quais devem ter sido reaproveitados de roupas de cerimónia trazidas para aqui por otimistas, ingênuas... Tecidos magníficos. Todas elas estão carregadas de joias, os colares descem-lhes até à barriga, as pulseiras dão-lhes duas voltas nos pulsos, os brincos que lhes pendem das orelhas e lhes roçam nos ombros emolduram-lhes os rostos maquilhados, diademas brilham nos cabelos bem penteados. O verdadeiro mistura-se com o falso, está ali uma fortuna, é assombroso!

Se, perante este espetáculo, as raparigas não fizerem fífias, é uma sorte! Após o desfile pela pista, uma parte do grupo vai para as bancadas, outros saltam, fazem algumas acrobacias, soltando gritos agudos, um número de palhaços banal, as mãos sapudas dão palmadas ridículas. É bastante confrangedor.

Nós tocamos. Os SS riem-se, a minha função não me impede de observar o estranho espetáculo. Começamos a tocar um *foxtrot*, Mengele faz um gesto, dá uma ordem, e todos os anões regressam à pista, que se enche de dançarinos liliputianos que rodopiam. Há pares que rodam em cadência, outros limitam-se a abanar-se, grotescos e tristes. Os homens fazem vénias em todas as direções, as mulheres fazem a reverência ao público.

As joias, as sedas, os adornos rutilam ao sol, acendem mil pontos de luz que se movem, rodopiam, valsam. As criaturas soltam gritinhos de alegria, tentam cantar com Claire, Lotte ou comigo. Têm vozes desagradáveis que piam. A orquestra começa a tocar uma marcha, eles acompanham-na batendo as mãos, os pés. Aquelas cinco dezenas de mãozinhas sapudas, cobertas de anéis, que batem erguidas na ponta daqueles braços curtos com pulseiras tilintantes, aqueles pés minúsculos que batem no chão, têm algo de irreal, de terrível. Estarei outra vez a delirar? Não, estou a viver isto, a ouvi-lo, a vê-lo. O meu cérebro capta estas

imagens; os meus ouvidos, estes sons dissonantes.

Estacionado num canto, imóvel sob o sol ardente, um público de fantasmas às riscas, de olhos encovados, preocupado com a sua própria morte, assiste, sem perceber, a este espetáculo demente.

Perdi a noção do que a orquestra está a tocar e julgo que já ninguém quer saber dela. Diante do nosso palco, o circo já não é mais do que um círculo onde rodopiam seres disformes, onde batem mãos de crianças, algumas com 50 anos. Os SS riem-se. Esses risos, a nossa música, os anões e as suas palhaçadas transformam-se num espetáculo tão assustador que as raparigas tremem de medo. É uma gargalhada fortíssima, louca, que se sobrepõe à nossa música...

Schluss!, grita Mengele, e tudo para. Um braço baixa, um riso transforma-se numa careta. A alegria fingida foge dos rostos, que se tornam receosos. O chefe está desagradado com eles? Não, o chefe riu-se o suficiente, gozou suficientemente com os outros. A festa acabou.

Ao regressar ao nosso bloco, gostaria de estar certa de ter delirado para melhor rechaçar as imagens do circo dos anões.

O Dr. Mengele não é louco. É um homem de ciência, um sábio cuja investigação sobre a coloração das íris é elogiada. Ele «selecionou» todas as pessoas que tinham um olho de cada cor e realizou nas suas íris todo o tipo de experiências, com o pretexto de recolher córneas para enviar para o Instituto Kaiser Wilhelm. Saberiam eles, em Berlim, como é que as obtinham?

Durante algum tempo, veremos o belo doutor a atravessar o campo, a Lagerstrasse, seguido do seu povo de anões a piar, felizes. Quem poderia pensar em destruir estes pequenos seres que se divertem com tudo? Mengele ri-se com eles, parece deleitar-se, ele, tão alto, com o facto de reinar sobre gente tão pequena.

E depois, um dia, ele próprio conduz o seu grupinho alegre e confiante para a câmara de gás. A comédia acabou.

Mais tarde saberemos que, antes de desaparecerem, muitos deles haviam sido alvo de experiências, de investigação sobre o nanismo.

Esta noite, volto a afundar-me numa espécie de universo inconsistente, no qual ardo ou tiritio. Dores lancinantes e contínuas trespassam-me a barriga. Estão a formar-se novos abcessos.

Depois de um sono esgotante, povoado de pesadelos com anões que envergam farrapos acetinados e fazem caretas, amanhece, está a chover. É um novo dia. Não terei forças para me levantar, não sei o que é que as raparigas inventam, como se desenhencilham, mas, a seguir à chamada, içam-me para a minha

coja e tudo se esvanece. Algo me inquieta de um modo obscuro. Já não sei como, mas soube-o. Durante o dia, entre dois buracos negros, lembrei-me, é dia 2 de setembro, a data do meu aniversário. É uma coisa sem importância; quando era pequena, sim; agora já não é.

No mundo dos vivos, alguém irá recordar-se de que faço anos hoje? Os meus irmãos talvez se lembrem, as minhas tias?...

As raparigas tocam tão desafinado! Parece-me que ainda mais do que habitualmente. Ewa traz-me um pouco de água. Hoje, ainda não vi Marie. Não virá, está às ordens do Dr. Mengele, tão dedicado, tão consciencioso; passou três noites à cabeceira de uma mulher que foi operada, empenhou-se em salvá-la, usou toda a sua ciência e, quando teve a certeza de que conseguira, mandou gaseá-la. Este homem obceca-me.

Marie disse-me que, a seguir aos anos, ele passou a interessar-se pelos gémeos. Para reunir alguns, percorreu o campo dos ciganos, assistiu à chegada de muitos transportes. Os gémeos são indispensáveis para que possa prosseguir a sua investigação sobre a hereditariedade e a raça. Que fará com eles? Muitas experiências. Entre outras, mata os dois irmãos ao mesmo tempo, da mesma maneira; a seguir, manda autopsiá-los e anota cuidadosamente o que foi observado. Os órgãos deles eram totalmente idênticos e foram atingidos do mesmo modo?

Mengele é um homem inteligente, culto, requintado, não tem nada em comum com um ser violento, com um cepo como Kramer, nem com um brutamonte primitivo como Tauber, e, contudo, é um SS fanático. De certeza que é originário de boas famílias, deve ter tido uma infância e uma juventude fáceis; tem o à-vontade, a autoconfiança tranquila de alguém que teve uma educação perfeita. Nunca passou fome, não foi a luta social nem a miséria que o tornaram num fanático louco. Então? O racismo transformado em religião é suficiente para explicar um Mengele?

Que irá acontecer-lhe?⁹⁹ Uma ideia impossível apodera-se de mim: a guerra acabou, o mundo livrou-se do nazismo, tudo voltou a entrar na ordem, regressamos e eu dou de caras com Mengele; onde? Como? Não faço ideia, mas dou de caras com ele. E pergunto-lhe: PORQUÊ?

Quando lhes falo no meu desejo, as raparigas berram que eu é que sou louca, que não há nada para saber, nada para entender.

Estes pensamentos atormentam-me, cansam-me. Gostaria de os afastar, esquecer este sítio, e tento encontrar alguma frescura nas minhas recordações de infância, de adolescência.

Tenho quinze anos, frequento o conservatório, o rosto dos meus colegas desvaneceu-se, flutuam hesitantes no tempo, sobressai um rapaz louro, muito bonito, um sueco. Ele diz que é

príncipe. será verdade? Porque não? É muito alto, principalmente em relação a mim, para olhar para ele, tenho de levantar a cabeça até ao teto. O gigante ignora-me e, então, para lhe despertar o interesse, invento que tenho uma tia princesa; assim, ficaremos em pé de igualdade. E a estratégia resulta, ele baixa a cabeça e digna-se a conversar comigo. Vanglorio-me sem modéstia, todas as outras ficam invejosas do momento agradável. Se tivesse na minha vida um homem alto, muito alto, talvez crescesse de tanto me esticar para ele...

Há um nome que me encanta: Jasha Heifetz. Quando a vida me parece monótona, sonho que me torno sua acompanhante e invento todo um cenário. Estou na rua e passa diante de mim o automóvel comprido de Jasha, atravesso a rua, corro para ele, caio debaixo das suas rodas. Ele salta de dentro do carro, ajuda-me a levantar-me, pega-me ao colo e eu torno-me a sua pianista! Não me faltava imaginação. A realidade foi diferente. Uma noite, num dos seus concertos, aposto com os meus colegas que me atreverei a pedir-lhe um autógrafo. Todos fazem troça de mim, desafiam-me: «Não vais atrever-te!» Eles não me conhecem. Atrevo-me. Fico à porta do seu camarim, tremo como varas verdes, incapaz de pronunciar uma palavra, com o meu programa na mão, olho para o meu deus. Muito simpático, adorável, convida-me a entrar, a sentar-me, faz-me perguntas; quando sabe que sou música, cumprimenta-me por ter escolhido esse caminho e assina o meu programa. Quando saio, vivo um momento único, cresci um bom bocado. Olho com sobranceira para os meus colegas e não os reconheço, todos eles encolheram, até o meu belo príncipe do gelo!

Os rapazes, os homens, que valsa! Fico noiva, rompo o noivado, volto a ficar noiva, volto a romper. O meu pai não me faz qualquer censura, deixa-me aprender com a vida...

Aqui, podemos evocar sem mágoa estas recordações, não nos corroem, permanecem fora do tempo real, num lugar privilegiado, numa época perdida, a da juventude. Jovem? Mas eu ainda o sou, tenho 25 anos! Ser jovem no *Lager*...

Volto a dormir. No meio de um nevoeiro esponjoso, ouço música, risos, gritos e, a seguir, mais nada, o silêncio. Todas elas estão deitadas, é de noite. Ninguém se lembra de mim. Quem se recorda do meu aniversário e que importância terá isso?

Alguns murmúrios rapidamente abafados, julgo ouvir estalidos, roçadelas, sussurros. Há raparigas que descem da cama, quem está doente? Tento ver, a iluminação é muito parca. Um feixe de luz, o holofote de uma torre de vigia, varre lentamente a divisão. A porta do nosso bloco abre-se e parece-me que vejo Marie. Que vem ela aqui fazer? Estarei assim tão doente? Elas estão aqui, à volta da minha cama, de camisa de

noite, um embrulho na mão, e cantam baixinho: *Happy Birthday* e, a seguir, uma estrofe de *Compagnons, dormez-vous?* As raparigas desejam-me um feliz aniversário! Choro e quereria rir-me. As minhas prendas espalham-se sobre a minha cama, são magníficas, custaram uma fortuna em pedaços de pão! Uma camisa de dormir de seda, sabão, pasta de dentes, um perfume, um baralho de cartas desenhado pela Irena pequena... Estão todas aqui: as duas Irenas, Florette, Marta, Anny, Claire, Ewa, Jenny, Lotte, a polaca Halina, as três miúdas russas, Yvette, Lili, todas... até Regina, que me traz um copo de leite. Já nem me lembrava do sabor. Acordada, Founia não diz nada, deve ser a sua maneira de me dar os parabéns!

Elas estão aqui e a sua presença apaga tudo, o racismo, a intolerância, o egoísmo, que demasiadas vezes me perturbam. Abraço-as, amo-as; com elas, conheço um momento de fraternidade que julgava ter-se tornado impossível. Elas cantam para mim canções repletas de flores, pássaros, amor... Coisas que existem noutros lugares e que, certamente, só voltarei a ver e a ter em sonhos...

Baile nas triângulos negros

Quando entro no barracão das casas de banho, Hilde, a *Kapo* do local, uma megera baixa e gorda de 60 anos, interpela-me num alemão deficiente, uma espécie de baixo-bávaro, que tenho dificuldade em entender: «Tu voltar logo à noite, depois de chamada.» Ela só pode estar a gozar comigo! Não vou esperar pelo fim do dia para satisfazer as minhas necessidades naturais! Como me custa perceber o que ela diz e ela não faz qualquer esforço para me ouvir, decido ir buscar reforços. Saio enquanto ela continua a soltar grunhidos guturais e a gesticular.

Ao entrar no nosso bloco, anuncio o incidente, o que mobiliza a atenção geral:

– Meninas, a *Führer* das retretes proíbe-nos de entrar no seu palácio até ao fim do dia, depois da chamada!

Sufocada e franzindo o seu narizinho cor-de-rosa de rato, Jenny diz simplesmente:

– Merda! Só faltava isso!

Reúnem-se à minha volta, a notícia, da qual já não tenho a certeza absoluta, é importante: um atentado à nossa liberdade de usar a casa de banho quando nos apetece, uma das nossas raras prerrogativas, mais... um privilégio! Em vez de sermos conduzidas duas vezes por dia, à paulada, às latrinas medonhas do *Lager*, temos o direito de usar o barracão diante do nosso e que é reservado às triângulos negros.

As «casas de banho» das «grandes senhoras» são um local bastante surpreendente, com quatro metros por cinco, seis caixotes de madeira com um buraco redondo no centro, uma salamandra acesa de inverno e de verão, em cima da qual se cozinham guisados de vegetais, mexidos por uma das guardas,

enquanto a outra descasca batatas. Neste palácio, reinam despoticamente duas «coisas» horríveis: Hilde, a *Kapo*, uma mulher enorme, que chupa constantemente um cachimbo bávaro com tampa, e Inge, a sua amada, magra comparativamente à sua amiga que parece um pote de tabaco, com os olhos lacrimejantes e argutos, e uma expressão sempre assustada. Estas rainhas das sanitas, que formam um casal encantador, pois não escondem os seus sentimentos amorosos, são ambas igualmente más e, obviamente, racistas inveteradas e antissemitas convictas, pelo que detestam as judias. Foi necessária uma ordem direta de Kramer para que consentissem em deixar poluir o seu éden por judias nojentas. Estas duas alemãs antissociais não nos escondem os seus sentimentos de afeto, tal como também não o fazem as suas clientes habituais e mimadas: as triângulos negros.¹⁰⁰ Estão quase sempre embriagadas, pois, em troca da autorização que concedem às raparigas do «Canadá» ou da cozinha para usarem os seus caixotes furados, conseguem obter tudo o que é bebida, comida, tabaco, sabão, etc.

As duas megeras, que dormem no local, numa *coja* com duas plataformas e vista para os caixotes, dia e noite, recebem-nos com insultos, censurando-nos por lhes sujarmos o barracão! Obrigadas a suportar-nos, fazem-nos a vida negra. Quando entramos e os seus caixotes estão ocupados, o que costuma ser o caso, as bisbilhoteiras presentes, sentadas nos seus buracos, de calças baixadas, saias levantadas, a fumar e a conversar, olham para nós com risos de escárnio, com a esperança de que a disenteria esteja a revolver-nos as tripas. Sentadas a uma mesa ao lado da sua salamandra, as duas vestais trocam com estas senhoras, suas visitantes e clientes, comentários mundanos do maior interesse:

- Como estará o tempo em Berlim?
 - Que penteados estarão na moda este ano?
 - Correu o rumor de que o *Führer* ia rapar o bigode.
 - *Mein Gott!* Oxalá que não, fica-lhe tão bem, ele é tão atraente!
- E estão sempre nisto.

Quando, por fim, uma delas se farta, levanta-se e logo se seguem as outras, e os seus comentários pouco variam:

- Não posso ficar ao lado desta judia nojenta!
- O comandante é demasiado bondoso por deixá-las vir aqui, vão pegar-nos as doenças delas, essas mulheres estão todas podres!
- Não precisamos da porcaria da música da sua orquestra de judias...

Em geral, a não ser em pleno inverno, preferimos esperar pela nossa vez no exterior, pois a mistura de cheiro a comida, perfume

– estas senhoras adoram-nos – e dejetos deixa-nos enjoadas. A visão realista proporcionada por esta assembleia é de tal modo repugnante que preferimos abreviar a nossa permanência nas instalações. Contudo, aprendemos a suportar esta barraca exígua e nauseabunda, estas duas criaturas que se apalpam, discutem, comem, bebem, arrotam, fumam, com as «seis clientes» de passagem, os seus risos ignóbeis, a sua estupidez e o seu discurso pouco inteligível, pois este local é uma das vantagens que nos permitem manter-nos vivas e, neste mundo grotesco, sentimos uma espécie de privilégio aristocrático.

Por isso, a notícia que trago escandaliza as raparigas:

– Isso não pode ficar assim, vou lá contigo – decide Florette.

E lá vamos nós.

Quando entramos, os seis buracos de luxo estão ocupados. Bêbedas, com o peito meio à mostra, ternamente abraçadas, Hilde e Inge fitam-nos com escárnio. A nossa chegada interrompe as conversas e as gargalhadas. Com uma expressão furiosa, Florette, que não prima pela paciência e pela diplomacia, pergunta-lhes:

– Porque é que só podemos vir aqui depois da chamada?

Aparvalhadas, a *Kapo* e a amiga abanam a cabeça e, a seguir, percebem a pergunta; pondo fim à sua manifestação de afeto mútuo, desatam a rir, batem nas costas uma da outra, nas coxas, imitadas tacitamente pelas suas clientes.

Aconselho Florette: «Não te enerves!» Quando a ruidosa tempestade acalma, começa o diálogo:

– Não percebeste nada – diz-me Florette. – Ela estava a marcar-te um encontro com a *Kapo* do bloco das putas.

A notícia deixa-me estupefacta, entre essas mulheres e nós não existe qualquer possibilidade de entendimento. Pelo contrário. Então, para quê esse encontro? As duas fêmeas fazem mistério e terei de esperar pelo fim do dia para saber o que querem. E trata-se de algo bastante inesperado: estas senhoras tencionam dar uma festa na semana seguinte, pelo que solicitam a nossa música! Seremos pagas com chucrute!

As gargalhadas, as piadas e a fúria animam o nosso serão em redor da nossa salamandra, que foi reacendida, pois está a chover e o vento de outubro é gélido.

Florette afirma:

– Não vou tocar para essas cabras que fazem pouco de nós.

Jenny explode, mas, a seguir, acalma-se e declara «que um baile no bloco delas deve ser de morrer a rir». De lábios franzidos, Claire diz que «o chucrute é como o dinheiro; quando precisamos dele, cheira bem». Anny intervém calmamente:

– Julgo que conseguimos fazê-lo, as prostitutas são mais

honradas do que os SS!

Sem dar qualquer explicação, Marta decide que irá. Sabendo-se indispensável, Helga aceita. O transporte da bateria não será fácil, mas não podemos passar sem ela. Sylvia diz um «sim» tímido. Como precisamos de um violino e a Irena grande, com os seus dezassete anos, fica logo assustada só de pensar nas triângulos negros, Halina, que é primeiro-violino, aceita acompanhar-nos. Eu não sinto escrúpulos, elas querem que cante, pelo que cantarei.

– O que é que elas pretendem, ao certo?

– Música para dançar e que lhes alegre o jantar!

– A *Pequena Música Noturna* será fundamental para elas! – diz Anny, com ironia.

– Do que elas precisam é de música de cabaré! – acrescenta Jenny, a rir-se.

– Eu aposto na *Polca do Riso*! – sugere Florette.

Introduzida recentemente no nosso repertório, *A Polca do Riso* é uma descoberta de Sonia, que só aprecia e nos faz ensaiar *Schlager*¹⁰¹. Quanto ao resto, como dizem a Irena grande e Anny, a orquestra toca sozinha, ainda não esqueceu completamente Alma.

A Polca do Riso é algo de perfeitamente absurdo: algumas cadências de polca, entrecortadas por ah! ah! ah! não cantados, mas «ridos». Quando Sonia mandou ensaiá-la pela primeira vez, fiquei aterrada.

Iríamos perder o pudor a ponto de tocar esta atrocidade diante das deportadas, das «muçulmanas»? Ou será apenas para entreter os senhores oficiais das SS?

Ah! Ah! Ah!, rangem os violinos, tremelicam os bandolins. Ah! Ah! Ah! Pum! Pum! Zing! Zing! Bum!, pontuam a caixa grande e os címbalos, e, a um sinal de Sonia, pois é o único início que ela sabe dar, explodem risos atrás do de Florette, incumbida de conduzir as outras. Todas as executantes são obrigadas a participar; a orquestra inteira, incluindo as cantoras, ri-se, ri-se... até à náusea, enquanto a batuta de Sonia se agita de alegria. É muito duro! Temo o concerto em que, em vez de Schubert, iremos interpretar esta atrocidade e espero, pelo futuro e pela vida da orquestra, que Mengele não esteja presente. Kramer é suficientemente limitado para achar piada. Quanto a Mandel, um pouco de *Butterfly* fá-la-á aceitar esta palermice, embora eu não tenha a certeza de que ela não a aprecie.

No dia seguinte, Sonia ordena-me, em russo:

– Diz-lhes que elas vão tocar a *Polca* no concerto de domingo.

Como está a chover, o concerto realiza-se na Sauna. Depois dos meses de verão, durante os quais tocámos principalmente no

exterior, este concerto no interior abre a época de inverno. O nosso público habitual de infelizes deportadas, de pé, estacionadas no seu canto, espera-nos. Nas bancadas, as triângulos negros. À frente delas, alguns membros dos serviços sanitários, administrativos. Há poucos SS nas cadeiras. Reparo desde logo, e com alívio, que Mengele não está presente. O ambiente é lúgubre. Sonia agita a batuta de qualquer maneira, não é possível que Kramer, Mandel ou um outro não se apercebam disso. Indulgência ou indiferença? Isto preocupa-me. As raparigas tocam sem entusiasmo, apenas a húngara, compenetrada, se entrega ao seu violino e toca um festival de «déguelando» que faria Alma desatar aos berros. Levada por esta execução pouco ortodoxa, Jenny arranha com ardor o seu instrumento. Nunca um concerto me pareceu tão deprimente, tão desafinado, tão longo.

No olhar impassível de Sonia, surge um brilho de satisfação quando começamos a interpretar o «seu» trecho, o ponto alto do «seu» concerto: *A Polca do Riso*! Com uma expressão ausente, Florette toca mecanicamente; está visivelmente tão absorta que, sem esperar pelo sinal, antecipando-se ao coro, desata a soltar ah! ah! ah! ritmados, tão insólitos que nos provocam um riso nervoso, incoercível, que contagia os SS. Este riso intenso, absurdo, ressoa estranhamente nesta sala cujas paredes lúgubres se assemelham às de uma prisão. Todo o grupo das deportadas se dissocia de nós. Transformou-se num bloco de hostilidade, no qual as nossas gargalhadas loucas se enterram e se perdem. O seu silêncio reprovador, os seus olhares sombrios e a violenta indignação que jorra delas magoam-me: este riso descontrolado, no qual elas não participam, atira-nos, uma vez mais, para o lado dos carrascos.

É ao fim deste dia que tem lugar o alegre bailarico no bloco das triângulos negros. Assim que Sonia e a sua Maria saírem, iremos para lá. «É preciso arranjar um recipiente para o chucrute!» Esta frase é a solução milagrosa para a nossa fome, babamo-nos de desejo. Nunca um salário foi tão desejado. Entre todo o tipo de comentários, Jenny limpou os baldes que servem para lavar o chão:

– Achas que elas vão enchê-lo?

– Não terão outro remédio. Sem chucrute, não há música. Terão de nos pagar adiantado.

Claire aflige-se:

– Não nos darão o suficiente, deveríamos levar os bidões da sopa.

– E se a Maria der por falta deles, é aqui no bloco que vai haver baile.

Tomamos todas as precauções. No caso de haver uma visita inesperada dos SS ao bloco da música, uma jovem *Läuferin* irá avisar-nos. O edifício daquelas senhoras é de pedra e cal, e não de madeira como o nosso.

Só a iluminação do campo, os holofotes das torres de vigia e os morrões dos cigarros iluminam o interior do bloco das associadas. A divisão é grande e bastante limpa, elas encostaram as suas camas-cojas ao longo das paredes e juntaram as mesas, que cobriram com lençóis a servir de toalhas. Na meia penumbra, o bufete, repleto de iguarias e copos bem alinhados, tem bom aspeto. Há um grande espaço reservado para a pista de dança.

À entrada, somos recebidas por Georgette. É a chefe, um verdadeiro chulo; no campo, mas também na vida, Georgette é o macho. No *Lager*, além da sua prostituta habitual, conseguiu até pôr várias «mulheres» a render. São verdadeiras ganhadoras! Georgette, que não é má pessoa, faz-nos rir à gargalhada, pois, ao contrário dos outros «proxenetas» do bloco, que esforçam a voz para a tornar mais grave e viril, ela tem uma voz de castrado, aguda e cómica.

Cerimoniosamente, indica-nos o nosso canto. Aventando a hipótese de haver uma surpresa, que é sempre possível, peço-lhe o nosso pagamento.

– Não, recebê-lo-ão quando se forem embora!

Pousados atrás de nós, os nossos baldes vazios desmoralizam-nos: «Desde que elas não comam tudo!», resmungam Florette e Jenny, fitando as montanhas de chucrute cobertas de salsichas gordurosas, vindas diretamente das cozinhas SS e que estão colocadas no bufete.

Adapto-me rapidamente à penumbra e não perco muito do espetáculo. Quase todas estas mulheres são prostitutas alemãs; arianas, naturalmente! Há mulheres jovens, velhas, desdentadas, gordas, magras, ruivas de olhos verdes, louras de olhos azuis, morenas de olhos negros. Para todos os desejos! Para todos os gostos! Cuidadosamente penteadas – não rapam o cabelo às prostitutas –, maquilhadas, usam sombras escuras nos olhos, ao estilo de mulher fatal, bocas sangrentas de batom, faces cor-de-rosa de boneca. Jenny observa-as com desprezo:

– Ao longe e de passagem, conseguem iludir, mas comparadas com as nossas da rue Blondel, ou da rue Saint-Denis, não ganhariam um chavo!

Que belo orgulho nacional!

Nesta curiosa assembleia de mulheres, os papéis são muito diferenciados. O traje de noite é obrigatório, as «rapazes» vestem pijamas de seda, oferecidos obviamente pelas suas «boas amigas»! Quanto a estas «senhoras», envergam lindas camisas

transparentes, musselinas vaporosas, rendas pretas... robes com a gola, os punhos e a bainha orlados de penas, nuvens cor-de-rosa, azuis, roxas de penugem de cisne. Para que Eldorado julgavam partir as mulheres que trouxeram esta *lingerie*? Perante este espetáculo inesperado, esbugalhamos os olhos e, como se fôssemos alunas fugidas do dormitório de um colégio interno, damos cotoveladas umas às outras e contemos ataques de riso.

Dir-se-ia que esta brilhante assembleia estava à espera da orquestra para começar a festa. No início, ouvem-se apenas gritinhos das verdadeiras «proxenetas», risos condescendentes dos falsos «chulos», em redor do bufete, enquanto todas elas se empanturram com ademanos absurdos, de dedo mindinho esticado e graciosidades gulosas. Brindam, trocam-se *Pro sit* e *Zum Wohl* sonoros e alegres. Nunca senti tanta pena de não ter uma compreensão perfeita da língua alemã. Florette, que está chocada, e Marta, que está na Lua, certamente que não irão esclarecer-me. Logo aos primeiros acordes, algumas cavalheiras decidem convidar para uma valsa as suas «damas»; num instante, o bufete é esquecido e todo o bloco, jovens e velhas, dança.

A varredura lenta e longa dos feixes esporádicos dos holofotes das torres de vigia faz brilhar fugazmente os cetins, as sedas, aviva as cores: os azuis-inocentes, os cor de salmão, realçam os azuis-escuros, os cor de vinho dos pijamas, alguns ao estilo russo, um modelo muito em voga na época. Aqueles que os trouxeram na sua bagagem nunca teriam conseguido imaginar uma festa assim! Aliás, quem conseguiria? Este rodopiar ritmado é bonito, as alemãs dançam muito bem a valsa, e confesso sentir um certo prazer em assistir a este espetáculo cujas imperfeições são apagadas pela meia penumbra e cuja estranheza tem algo de mágico. Entre cada dança, bebe-se. Não falta álcool. O seu odor, cada vez mais intenso no ar saturado de perfumes amadeirados, almiscarados, apimentados, mistura-se com os cheiros da comida entremeados com o fedor do suor.

Os pares estreitam-se cada vez mais ao som dos *slows* que balouçam lascivamente aqueles corpos femininos colados uns aos outros, as cabeças descaem, as mãos das «rapazes» deslizam da cintura para as nádegas, ouvem-se risos demasiado sonoros, bocas procuram pescoços, ombros...

– Bem... – escarnece Jenny, com vulgaridade. – Não façam cerimónia!... As nossas pegas não se comportariam assim, têm mais pudor. Garanto-te que no Balajo, na rue de Lappe, os empregados correriam contigo se te meneasses descaradamente! Além disso, as nossas não se comem umas às outras. É verdade, têm noção da decência!

Imperturbável, com o olhar ausente e o perfil severo, Marta toca violoncelo. Nada disto lhe diz respeito.

– Mas isto não é sítio para se trazer uma miúda. A Sylvia não deveria ter vindo.

Sylvia sopra animadamente no seu pífaro, que verá ela do espetáculo?

O álcool e o desejo crescente enrubescem os rostos iluminados fugazmente pelo morrão de um cigarro. Está calor, muito calor, uma mulher baixou as alças da sua camisa de noite, tem uns seios bonitos, um pouco pesados, com mamilos escuros que se esmagam ternamente contra as curvas invisíveis de uma «rapaz» de pijama; com a cabeça inclinada para trás, ela ri-se, ri-se enquanto dança... No meio da algazarra, a voz de eunuco de Georgette- -Georges ordena: *Ruhe! Ruhe!*

Paramos de tocar, e há uma certa estranheza naqueles pares subitamente imobilizados pelo silêncio, naquelas bocas abertas, naqueles gestos suspensos... É evidente que um SS de passagem perto do bloco poderia ficar intrigado com o que ouvisse.

– Conseguem tocar mais baixo? – pergunta-nos ela. – E vocês, divirtam-se à vontade, mas sem fazer barulho. Ou irão acabar a noite no *Stehbunker*¹⁰²!

Os pés calçados de chinelos e os sapatos dos «homens» tornam-se mais leves. Agora, apenas interpretamos músicas langorosas, em surdina. As mulheres amolecem, caem no sentimentalismo, dançam sem sair do mesmo sítio, continuando a beber. Rapidamente, sob a influência do álcool, a festa transforma-se numa orgia.

Há quase três horas que tocamos, com pausas extremamente curtas. Começamos a ficar exaustas e, principalmente, apetece-nos comer o nosso pagamento! Estamos enjoadas dos seus apalhões, dos seus ardores amorosos!

Na pista, há pares que se meneiam pele contra pele, camisas de noite e até casacos de pijama foram despidos, arrancados. Muitas estão bêbedas. As maquilhagens escorrem, os batons esborratados transformam os rostos em focinhos brilhantes, animais... Uma mulher arrasta outra para uma cama, as *cojas* enchem-se de pares, ou de trios. As bocas estão pregadas a um seio, a uma boca, mordem um ombro, mãos arranham costas, coxas, um grito forma-se numa garganta, soltando-se depois, libertador. Soa uma estalada numa face, numa nádega. Uma mulher soluça. Suspiros cansativos e cansados ritmam estes acasalamentos.

Na pista, arrastam-se ainda poucas mulheres, mal mexendo os pés, como se fossem finalistas de uma maratona, permanecem agarradas, coladas umas às outras. Onde acaba a dança, onde começa o prazer dos corpos estreitamente entrelaçados movidos por um ritmo vago e que não conseguem largar-se? Por todo o lado, há mulheres que se abraçam, beijam, acariciam, deitadas

sobre as mesas, caindo em cima delas, deslizando para o chão... Na penumbra das *cojas*, os corpos enlaçados rebolam uns sobre os outros em busca do prazer, uma busca desenfreada, quase dolorosa... A penumbra engole partes, metades de corpos, dissimula a precisão de um gesto revelado fugazmente pelo morrão de um cigarro ou a varredura lenta de um holofote. Há acasalamientos que repugnam os olhos, os ouvidos, outros assemelham-se a estranhas e lentas danças num meio marinho. Há toda uma gama de beijos, dos beijos de pombas, de araras com a língua comprida, aos beijos do tipo ventosa, húmidos, sugados, ruidosos. É irreal, alucinante...

A certa altura, Georges-Georgette, que mantém a cabeça fria, aconselha-nos a comer. Atirámo-nos ao chucrute e às salsichas ainda mornas, como gafanhotos se atirariam a uma figueira em pleno deserto. A seguir, regressamos ao nosso lugar, cansadas, enfartadas desta comida inabitual, tocamos baixinho para estas mulheres que já não nos ouvem, entretidas a extrair de si próprias a última gota de prazer.

Este bacanal, uma imitação de outras orgias, era necessário a estas mulheres acostumadas, por motivos profissionais, a receber homens diariamente. A ausência deles destruía-lhes o universo. Mais do que o sexo, era a presença deles que lhes fazia falta. Sabia-se que triângulos negros do campo masculino arranjavam maneira de vir ter com elas, mas, apesar da sua posição, muitas vezes privilegiada, não era fácil. Estas mulheres haviam-se tornado homossexuais essencialmente devido à abstinência, mas também porque bastava meia dúzia delas para imporem a sua lei. Aquelas que se opunham apanhavam tanta tarefa que preferiam ceder, fazer o mesmo que as outras, principalmente as jovens.

No meio dos arrulhos, dos gritos abafados por uma mão, dos gemidos de amor, começam a ouvir-se os roncões do sono etílico no qual muitas caíram. O ar saturado está carregado de odores desagradáveis. Continuamos a tocar! Visivelmente cansada, Helga bate com indolência na sua caixa, e Jenny, que parece ter já o pulso dorido, ainda arranja forças para dizer «ironicamente» a Helga:

– Acelera o ritmo para elas acabarem com isto mais depressa!

Por volta da meia-noite, uma *Läufferin* abre a porta:

– Rápido, rápido, os SS!

Os pares largam-se, levantam-se a correr, afastam as mesas, repõem as *cojas* no sítio, levam as raparigas bêbedas para as respetivas camas. Nós ficamos ali, dispostas a arriscar tudo para levarmos o nosso pagamento! Enquanto Georges-Georgette, a *Kapo* e a *Blockowa* se precipitam e intensificam a atividade à paulada, aproveitamos esta debandada inimaginável para

recolher o nosso salário, enchendo os nossos baldes, até transbordarem, com os restos de chucrute, salsichas e toucinho, apesar das três mulheres que nos gritam: «Vão-se embora! Vão-se embora! *Schnell! Schnell!*» Julgo que nada nos teria feito desistir...

Quando saímos, o bloco quase recuperou o aspeto normal, e ainda bem: se os SS tivessem entrado por ali adentro entretanto, os castigos seriam temíveis.

Dois minutos depois, entre os apitos que anunciam um *Blocksperr*e, empunhando os nossos baldes, entramos como vedetas no nosso bloco. Atrás da nossa mesa, distribuímos o chucrute pelas mulheres, o que tem algo de «sopa dos pobres» e de «generosidade real». Toda a gente tem direito à sua parte, até as polacas, que, apesar de não entenderem esta generosidade, se aproveitam dela. Florette apelida este banquete de «a noite da grande partilha».

Mal acabamos de chegar, ouvimos os camiões a circular sob a chuva. Quem irão buscar? Não chegou nenhum comboio. Quem irá ser gaseado?

De manhã, sabemos que foram ciganos. Vindos da Hungria, estavam acampados bastante longe de nós, do outro lado do campo masculino. Uma manhã ou uma noite, cercados pelos SS, tinham chegado com as suas carroças, as suas bagagens, os seus velhos, as suas mulheres, as suas crianças e os seus animais. Tinham instalado as suas caravanas, montaram os seus acampamentos. Viviam ali há meses, talvez até há mais tempo. Dizia-se que, por intermédio de um país neutro, os americanos haviam celebrado com os alemães acordos em relação a eles, que pagavam para que não os matassem. Eles cantavam, tocavam guitarra; nas noites em que o ar trazia os sons até nós, ouvíamos-os. Ouvíamos-os ou talvez imaginássemos que os ouvíamos... Os SS eliminaram-nos, porque a «pensão» deles não chegou na data combinada. verdade ou mentira? O certo é que foram gaseados na noite do baile das triângulos negros. Provavelmente, os SS nada disseram e continuaram a receber o valor acordado até à libertação do campo de Auschwitz.

Mandel e o menino

Teremos de viver mais um inverno, uma primavera, um verão? E a seguir... e a seguir... ainda estaremos vivas? Estamos já muito magras, embora ainda não sejamos «muçulmanas», pois, por não realizarmos trabalho manual, consumimos menos calorias que as *Aussenkommandos*, pelo que a nossa ração, que não chega às mil e duzentas calorias diárias, é suficiente para sobrevivermos. Aliás, a maior parte de nós não se acha muito mal! Cada uma tem ideias muito convictas sobre a própria aparência: a Irena grande considera-se esguia, mesmo estando inchada; Anny julga ter umas curvas harmoniosas, embora a sua magreza seja alarmante! Apesar de parecer um pau de virar tripas, Jenny acha-se muito bonita. Quanto a Claire, o sucesso do seu traseiro enorme é uma prova da sua beleza.

Pensávamos que, após a libertação de Paris, os Aliados iriam avançar em força, levando tudo à sua passagem. Que farão os resistentes naqueles Cárpatos que vislumbramos nos poucos dias em que o horizonte se apresenta limpo? Por mais que observemos o rosto dos SS, não conseguimos perceber se algo se passa. Há alturas em que nos parecem mais nervosos. Graf Bobby desapareceu, mas isso não significa coisa alguma, pois o vaivém dos SS é constante. Noutras vezes, achamos que eles parecem ausentes, que estão a tornar-se mais cruéis ou menos cruéis.

«Recentemente», contou-nos uma rapariga de um outro bloco, «os SS devem ter considerado que a vossa orquestra não bastava para nos distrair e, querendo fazer alguma coisa por nós, sem ser gasear-nos, decidiram oferecer às prisioneiras uma sessão de cinema. Como a nossa presença não era obrigatória, a maior parte de nós não foi assistir. E, então, um SS perguntou-me:

– Porque é que não vão ver o filme?
– Porque estamos doentes.
– *Ach!* Não sabem o que querem. Não vale a pena esforçarmo-
nos por vocês. As vossas companheiras preferem ficar fechadas
nos blocos. Que têm elas contra o cinema? – Desagradado,
conclui: – Nunca estão satisfeitas!»

Esta história é parecida com a que aconteceu num *Aussen-*
kommando:

«Eu estava exausta, com as mãos em sangue e as pernas a tremer. De cada vez que pegava numa pedra, tinha receio de cair para o lado, e, nisto, um SS, um jovem muito louro, disse-me: “Levanta a cabeça, vê como o céu está azul!” Fiquei tão danada que não consegui deixar de retorquir: “Não quero ver o céu de Birkenau!” Ele fitou-me como se eu fosse um monstro e disse-me: “Vocês, os judeus, não sabem apreciar a beleza!”»

Os SS precisam de espaço. Seleção! Seleção! Aguardam a chegada de novos transportes. Esta notícia e a chuva outonal ensombram-nos a alma. Todo o bloco está sorumbático. Com a aproximação dos russos, Varsóvia foi tomada, perdida, retomada, perdida. Esta manhã, quando acordamos, o campo está repleto de polacas arianas, mulheres novas e velhas, crianças, estão acampadas principalmente entre os campos A e B, perto da via-férrea, mas são tão numerosas que algumas se encontram perto dos nossos blocos. Instaladas no meio das suas bagagens, em cima de cobertores que trouxeram e usando fogões portáteis ou fogueiras improvisadas, estas mulheres preparam sopas, aquecem leite, dão de comer ou de mamar aos filhos. Já não sabemos sequer por onde andar, passamos por cima de avós adormecidas vestidas com muitas saias. Algumas choram, principalmente as muito velhas e as muito novas. Todas têm o semblante preocupado e parecem perdidas, olham em redor, que lugar é este?

Sobre os crematórios, o fumo denso revela que estão a rebentar pelas costuras, que chegaram ao limite da sua capacidade, pelo que vão deixá-las ali, com os filhos, à espera da sua vez. Em todos os blocos, as deportadas afligem-se: estas polacas, estas crianças – milhares delas – são arianas; os alemães talvez lhes poupem a vida. Para as alojar, irão precisar de espaço, irão esvaziar os blocos. É o assunto do dia, é comentado em toda a parte. Há algumas que «sabem», que afirmam que todas nós seremos gaseadas! No nosso barracão, Masha, uma polaca, exibindo os seus dentinhos de tubarão e com uma voz aguda, a voz do medo, exclama:

– Vão pô-las no nosso bloco!

Ewa replica:

– Nós somos quarenta e sete, elas são aos milhares. Não te parece que estás a exagerar?

– Não, não, tenho a certeza! – berra a outra, histérica.

O seu exagero dá origem a uma sensação de angústia que nos invade. Aqui, tudo é possível.

Está bom tempo, e estes enxames de crianças que correm, brincam e se perseguem umas às outras apesar da preocupação das mães, dão ao *Lager* o aspeto insólito de um parque de campismo improvisado, de peregrinação, uma espécie de Grande Perdão. Elas levantam a cabeça, fitam-nos surpreendidas, quando nos instalamos no nosso estrado para dar o concerto dominical. Tocamos sob a batuta enojada de Sonia, que detesta as polacas e que são hoje o seu único público. Os SS não nos ouvem, andam de um lado para o outro, incomodados, furiosos por ver o alinhamento impecável do seu campo invadido por esta populaça. Que estas mulheres rezem aos seus ícones, pois Kramer não irá tolerar por muito tempo esta barafunda! A nossa presença parece tranquilizar as polacas. Será uma maneira de lhes dar as boas-vindas? De as ajudar a passar este longo domingo, enquanto não procedem à sua instalação? O local não é muito agradável, mas que mais se pode esperar do inimigo? E eis que lhes oferecem um concerto, muitas nos sorriem, há rapazes que batem palmas, uma menina que dança. Como eu gostaria de saber rezar para pedir a um deus que os poupasse, mas será que se pode pedir alguma coisa a um deus que permitiu isto, que se tornou cúmplice dos assassinos?

A nossa apoiante mais fiel, *Frau* Maria Mandel, muito composta no seu uniforme, dirige-se para nós, caminha por entre aqueles corpos espalhados, aquelas mulheres acoradas, como caminharia no fosso das serpentes: furiosa e enojada. Ao sol, o seu cabelo parece trigo dourado entrançado. De braços estendidos, um miúdo lindo, um anjinho cheio de caracóis, com dois ou três anos, corre para ela, vacilante, agarra-se-lhe às botas, pendura-se na sua saia. O meu coração aflige-se, ela vai afastá-lo com um pontapé. Mas não, ela curva-se, ergue-o do chão, pega-lhe ao colo, cobre-o de beijos. A cena é tão extraordinária que, por um instante, paramos de tocar; com o seu duro olhar azul, Mandel vai-se embora, levando o menino nos braços. As mulheres veem-na a passar. Bastante mais longe, uma polaca, de pé, chama, grita um nome a chorar, deve ser a mãe, uma massa humana separa-a do seu filho. Mandel vira-lhe as costas, a distância entre ambas aumenta...

Os camiões circulam durante toda a noite. Os apitos estridentes perfuram-nos o crânio. Uma noite infernal, não consigo afastar os meus pensamentos das polacas, vejo-as a

abandonar os seus pertences, a subir para os camiões, aquelas mulheres acreditam que vão conduzi-las à morte. Pensam: «Finalmente, seremos alojadas, poderemos descansar!...» Elas pensam... Julgam... Elas... Que vão para o diabo, para que eu consiga dormir, para que as minhas lágrimas sequem, por fim, no meu rosto!...

De manhã, todas nós temos os olhos inchados. Lá fora, não resta uma única mulher, uma única bagagem, o campo recuperou a sua organização rigorosa. Continuamos confinadas, ainda não se ouviram os apitos do final do *Blocksperr*, irá manter-se durante todo o dia, a capacidade diária total dos crematórios é de vinte e quatro mil corpos.

As raparigas do «Canadá», cuja sensibilidade está mais do que calejada, sentem um nó na garganta perante o amontoado absurdo de roupas de criança que têm de separar, empacotar, enviar para Berlim.

E as crianças? Que terão feito às crianças?, questionam as raparigas.

Tento tranquilizá-las.

– São arianas. A Mala disse-me que, quando apresentam todas as características da raça nórdica, são encaminhadas para a Alemanha.

– E que fazem com elas?

– Entregam-nas a famílias que perderam as suas. Talvez as coloquem em instituições especiais. Não sei ao certo, mas julgo que as mantêm vivas.¹⁰³

Com o seu doce olhar azul perdido ao longe, a Irena grande aflige-se:

– E o que é que a Mandel terá feito ao menino?

– Deve tê-lo devolvido à mãe!

Nada disso. Durante o nosso ensaio, anunciam-nos: «A *Lagerführerin* Mandel.» Ela entra com o bebé ao colo. Mandou vesti-lo como um miúdo rico, uma maravilha! Nada deve ter sido demasiado bonito para ele. Com um fatinho completo azul, *blazer* e calções, está adorável. O seu olhar lilás ergue-se, confiante, para ela. Nas mãozinhas rechonchudas, segura uma tablete de chocolate, que lhe estende a arrulhar. Ela faz um trejeito sorridente: «Não, não.» Ele insiste com um riso de pérolas húmidas. É a brincadeira das mães com os filhos. Ela finge comer, abana a cabeça... Divertem-se muito os dois!

Porque veio ela ao nosso bloco? Quererá que eu lhe cante *Madame Butterfly*? Porque não? Não, veio mostrar-nos o órfão cuja mãe foi gaseada durante a noite. Pensará ela nisso? Certamente que não, ela não mistura as duas coisas. O seu cérebro, à semelhança do de todos os alemães, é compartimentado como

um submarino, formado de divisões estanques, a água pode inundar uma delas sem afetar as outras. A execução das polacas não lhe diz respeito.

Sentada numa cadeira da nossa sala de música, com a criança ao colo, está radiante por nos ter em redor dela, impante, exhibe o orgulho de uma mãe: «Ele é bonito, não é?» De pé sobre as suas coxas, o bebé pisa-a alegremente, ela não se rala que os sapatinhos lhe sujem a saia do uniforme, ele pôs-lhe um braço em volta do pescoço e dá-lhe beijinhos com uma boquinha redonda e lambuzada de chocolate, e nós vemos e ouvimos Mandel a RIR. A seguir, ela afasta-se, levando pela mão a criança que saltita a seu lado. *Frau Mandel* já não tem a sua passada militar, caminha mais devagar, ao ritmo do rapazinho...

Durante vários dias, julgo que oito, ela passeia orgulhosamente a criança pelo campo.

– Vês? – diz-me a Irena Grande. – Se calhar, ela não é assim tão cruel.

Fanny é mais cautelosa, o seu olhar escuro exprime preocupação:

– Com ela, é melhor não falar demasiado cedo!

Todos os dias, o bebé tem uma fatiota nova, dizem que ela dá cabo do juízo às raparigas do «Canadá», que as manda desempacotar toda a mercadoria, exige apenas roupas azuis. Para ela, aquela criança é uma verdadeira paixão. E depois, uma noite, já bastante tarde, enquanto o vento fustiga maldosamente a chuva contra as nossas janelas, anunciam-nos a vinda de Mandel. Ela entra, embrulhada numa capa grande e negra. Invulgarmente pálida, olheirenta e com os olhos encovados, pede o dueto de *Butterfly*. Estará a ouvi-lo? Com os lábios contraídos e o semblante fechado, parece distante. Nos seus olhos, há uma angústia que não consigo entender. Terminado o dueto, levanta-se e, sem um sinal de satisfação, sem uma palavra, vai-se embora.

No dia seguinte, Renate, a irmã de Marta, conta-nos que Mandel levou pessoalmente o menino à câmara de gás.

As reações são violentas.

Ewa interroga-se:

– Que horror! Como é que alguém consegue fazer isso? Porque é que ela o fez?

A Irena pequena comenta:

– Não percebo porque é que isso vos interessa. Que têm vocês que ver com aquele monstro?

Marta não diz nada, mas sei o que ela pensa: «Ela é alemã, como eu, e ousou fazê-lo!»

Muitas choram, choram, apenas por este drama inexplicável, por aquela criança. E, sem o saberem, por aquela mulher, da qual

as húngaras dizem que fez das tripas coração! Mas porque é que ela o fez? É isso que eu gostaria de entender.

Muitas esquivam-se a esta questão, afirmando:

– Ela é louca, é louca!

Protesto:

– Não, não é louca. É demasiado fácil desresponsabilizá-la.

A Irena grande vira para mim os seus lindos olhos marejados de lágrimas:

– Consegues dizer porquê?

– Posso dar uma explicação. A Mandel é uma nazi convicta, uma fanática. Não tem o direito de entregar o seu coração, a sua mente, a outra coisa que não seja o nacional-socialismo, não tem o direito de colocar um sentimento acima da doutrina. Não tem o direito de poupar um ser à câmara de gás, ainda que seja uma criança. Não é ela quem sabe o que é bom para o partido, para o *Reich*; são os seus chefes. Ela não podia continuar a desobedecer.

– Talvez – diz Sylvia, sonhadora. – Para mim, aquele inocente deve ter subido diretamente ao céu, de onde irá proteger-nos!

Este rigor inflexível proviria do passado de Maria Mandel? Diziam que esta austríaca, pois nascera na Alta-Áustria, tivera um amante judeu. Desde então, não parara de se castigar por isso. Contudo, antes de vir para Birkenau, tinha sido *Aufseherin* em Ravensbrück e tão elogiada que a haviam promovido ao cargo de *Lagerführerin* do nosso campo.

Diziam... Diziam... Mas um menino confiara nela, aninhara o seu punho na mão grande desta mulher, como um passarinho no fundo de um ninho, e ela ousara conduzi-lo à morte. Seria possível encontrar uma outra explicação para isto que não o mais medonho e inflexível fanatismo? E seria possível não odiar aquele que o suscitara e que autorizava, defendia e louvava estes crimes?

O fim da pena suspensa

Os nossos SS não andam bem. O moral deles está alterado.

Cirandam de um lado para o outro, ainda mais imprevisíveis do que o habitual. Seleccionam, seleccionam furiosamente, mas sem empenho. Já não o fazem alegremente como dantes. No entanto, Tauber acaba de inventar algo de novo. Nuas – dir-se-ia que, para ele, não existe outro traje, e é verdade que não se veste o gado! –, as mulheres, sempre em sentido, tiveram de esticar o braço direito para a frente, e aquelas cuja mão treme: «Bloco 25!» O que me surpreende é que possa ter havido algumas cuja mão não tremia!

Mengele é mais subtil, confirma-se que pertence a uma classe superior. O relato de Marie sobre as suas seleções no *Revier* atormenta-me a alma durante dias.

Havia uma rapariga que não parava de uivar, e ele perguntou-lhe: «Estás com medo? Porquê? Não tens a consciência tranquila?»

Há várias noites que ouvimos aviões a cruzar o céu, uma e outra vez... e não são *Messerschmitt*, não há que enganar, são os Aliados. Esta noite, acordei com estrondos abafados, semelhantes aos de bombas a cair ainda ao longe, mas já perto... Só que, entretanto, para apagar os vestígios dos seus campos, eles ainda podem matar-nos, exterminar-nos, a todas, a todos, até ao último... Adormeço com esta frase na cabeça: tudo, até ao último... Durante quanto tempo caí no sono? Duas horas, três? Um SS entra na sala de música, grita, chama a orquestra. Sonia acorre, Maria cai-nos em cima. Não a vemos e não lhe reconhecemos a voz, está tão ébria que Jenny se aflige: «Ainda não tivemos SS *schlass*, oxalá ele não tenha mau vinho!» Enquanto

se veste, Anny olha de soslaio: «É o SS da Florette!» A notícia deixa-me estupefacta. As alemãs e as polacas ficam esverdeadas. Entre elas, ele tem uma reputação terrível. Alguns dias antes, entrou no nosso bloco um SS monstruoso, nunca víamos algo tão horrível, qualquer macaco é mais bonito do que aquele ser animalesco. Ele percorrera as nossas duas divisões, resmungara coisas ininteligíveis, e depois saíra sem que conseguíssemos perceber o que ali tinha ido fazer. Com a sua veia inventiva, Florette exclamara:

- Atenção! Com este, teremos de tocar bem! Nada de fírias!
- Porquê? – perguntaram as raparigas.
- Porque ele é o novo chefe do crematório!

O nosso grupo percebeu logo que não era verdade, mas Florette, entusiasmada com a sua piada, foi mais longe. Fez com que Sonia a ouvisse e me pedisse uma explicação, que lhe dei com alegria, não hesitando eu própria em acrescentar alguns pormenores. Jenny reforçara: «Se conseguirmos agradar-lhe com o nosso chinfrim, talvez ele nos dê uma lufada de gás extra e será mais rápido!» A nossa risota foi um escândalo.

Esta noite, já não nos rimos. Chefe do crematório ou não, este alemão bêbado pode ser temível.

Berra: «Lá para fora! *Raus! Kommt! Schnell! Schnell!...*» Enquanto pegamos nos nossos instrumentos, hirto, vacilando ligeiramente, fica plantado lá fora, à nossa espera. Que quer ouvir? *Schlager* e melodias ciganas! Jenny empurra a húngara: «É a tua vez, fá-lo feliz.» Arrepiada, porque as noites são frias, a orquestra completa toca diante do nosso barracão completamente deserto. Ele exigiu que todas as ocupantes do bloco comparecessem e assistissem ao concerto dado em sua honra. Completamente embriagado, de frente para nós, acompanha o ritmo com os braços. Simultaneamente rígido e vacilante, parece um autómato mal afinado a marcar o ritmo fora de tempo. De facto, não somos poupadas a espetáculos grotescos!

Felizmente para nós, ele não tem maus vinhos, fica apenas sentimental e piegas. Com o seu violino, Lily vai tocar junto dele, ao estilo cigano, o que o faz derramar lágrimas grossas.

Esta fantochada tem uma duração difícil de contabilizar – meia hora ou uma hora –, mas, ao regressarmos ao bloco, reparamos que, no horizonte, não muito longe, se veem clarões estranhos a erguer-se no céu, semelhantes a caudas de fogos de artifício. São foguetes de sinalização, seguidos de estrondos mais distantes. Estarão os combates a aproximar-se?

No dia seguinte, ficamos a saber que o nosso SS estava a fazer uma festa de despedida antes de partir para a frente de combate!

- Se as coisas continuarem como estavam ontem à noite, ele

não terá de caminhar muito para chegar à guerra! – comenta Jenny.

Aquele homem embebedara-se porque ia sair da proteção do campo, deste campo onde era um dos senhores da morte; simultaneamente seu senhor e seu servo, pagava-lhe o seu tributo com a vida de outros. Que tinha ele a recear em relação a ela? Pouca coisa, nada de mais do que na vida normal: um acidente, uma doença. Ele não a enfrentava, não a desafiava, mas, na frente de combate, as circunstâncias eram completamente diferentes. Ao transformá-los em carrascos, amolecem-se os heróis! Mas, e os outros, os seus companheiros, porque é que bebiam? Antes das seleções, para ganhar coragem? A seguir, para esquecer?

– Porquê? – perguntei a Marie.

Ela encolheu os ombros.

– Por medo, como todos os outros!

O momento do julgamento que se aproxima desmoraliza-os.

Nós rejubilamos com a sua agitação, a sua preocupação. Divertimo-nos a vê-los a apurar o ouvido em busca do ruído dos motores dos aviões e a avaliar os barulhos que perturbam o céu noturno. Ao estrondo abafado das bombas, parece-nos que se associa subitamente o dos canhões, tenho até a sensação de ter ouvido tiroteios. Mas receio que a minha audição esteja a ser demasiado imaginativa. Para mim, são os russos que voam em nosso auxílio, os cossacos tornaram-se os meus cavaleiros de sonho, os meus libertadores... Uma vez mais, receio estar a avançar demasiado depressa, certamente mais depressa do que eles!

Nessa espera, o ambiente é de nervosismo. Florette acaba de ser apanhada, roubou três batatas. Quem a denunciou? Como se fosse uma miúda, confusa, repete: «Era para a Irena. Queria fazer-lhe as bolinhas de batata de que ela gosta.» Esta receita é o seu triunfo: ela fez vários furos na tampa de uma lata de conserva, com a qual rala as batatas cruas; depois mistura-as com um pouco de margarina e faz bolinhas, que deita em água a ferver, e, a seguir, rega com um molho de cebola refogada, um verdadeiro petisco. Mas agora não é altura para falar de culinária. E, perante o escândalo causado pelo gesto de Florette, Maria esbofeteia-a várias vezes, insultando-a.

Informada pela sua querida amiga, Sonia decide arrastar a ladra até Mandel, para exigir um castigo exemplar. A brincadeira transformou-se num drama e o drama pode tornar-se uma tragédia: Florette corre o risco de ir parar a um *Aussenkommando* ou ao bloco 25. Furiosa, Sonia agarra-a vigorosamente pela pele do pescoço, como se ela fosse um gato, e arrasta-a a passos largos para o exterior.

– Onde é que ela vai? – aflige-se a Irena grande.

Só eu sei, não respondo, empurro Maria, que se ri com escárnio, corro atrás de Sonia. Na extremidade do braço dela, na sua mão robusta de camponesa, Florette, a fungar, parece uma miúda infeliz. Alcanço-as na Lagerstrasse. Em russo, com o meu tom de voz de desprezo mais gélido, aviso Sonia:

– Se fores ter com a Mandel, se tocares na miúda, vamos asfixiar-te logo à noite, na tua cama. Enfiamos-te debaixo da tua enxerga e sentamo-nos todas em cima dela até morreres.

Ela fita-me com os seus olhinhos dissimulados e duros. Irei eu cumprir a minha ameaça? Trava-se um duelo entre nós. É preciso que ela acredite em mim. Ela acredita, larga Florette e voltamos para o nosso bloco.



Anoiteceu, ensaiamos mecanicamente, parecemos uma orquestra de autómatos como os que se veem nos desfiles das feiras. Apitos, sirenes, gritos, correrias. Alerta! Alerta! Isto é novidade. Com as botas a embater pesadamente no chão e as armas a tilintar, os valorosos membros das SS correm para os seus abrigos. Que espetáculo agradável e reconfortante! Potentes, como uma verdadeira tampa sonora, os motores dos bombardeiros abafam todos os outros ruídos. À coronhada e aos berros, mandam as mulheres entrar nos blocos. Amontoadas às nossas janelas e junto das nossas duas portas entreabertas, olhamos: temos a certeza de que aqueles aviões são russos. Gostaríamos de lhes fazer sinal, de lhes gritar: «Somos nós! Estamos aqui!» Aqui, contra eles, não há DCA... Os Aliados são donos do céu. Refugiados nos seus abrigos, os SS nada podem fazer, choro de alegria. E as bombas começam a cair, dirigem-nas aos crematórios, às câmaras de gás. Extasiada, grito:

– Olhem! Reparem no cuidado e na precisão! Parece que as colocam com as próprias mãos!...

Levadas pelo entusiasmo, abrimos a porta e permanecemos na soleira. Os holofotes das torres de vigia e toda a iluminação estão apagados, a escuridão é total. De repente, é rasgada violentamente por um clarão, ouve-se um estrondo ensurdecedor, o nosso barracão estremece e eu grito de medo, com um autêntico ataque de nervos! É algo de tão inesperado que as raparigas, preocupadas, julgam que estou ferida, nenhuma delas consegue supor que eu esteja simplesmente apavorada.

– Minhas meninas, hoje é um feriado bestial!

Olhamos para Jenny, sem perceber.

– É dia 1 de novembro, Dia de Todos os Santos, o dia dos mortos!

Não entendemos o seu humor.

Hoje, temos preocupações sérias: um dos crematórios foi atingido pelas bombas. E agora? Não poderão selecionar o mesmo número de pessoas, serão forçados a dar prioridade a quem chegar nos transportes. O cálculo é atroz: irão gasear menos pessoas entre as que já se encontram no campo.

Amanhã, há concerto no *Revier*, teremos mesmo de tocar, Mengele poderá lá estar. Aflijo-me: insidiosamente, os ensinamentos de Alma estão a perder-se. Como diz a Florette, referindo-se a Sonia: «A vantagem é que podemos tocar um trecho diferente do que ela está a dirigir sem que ela se aperceba!» Sentimos um desinteresse muito claro por parte dos SS. Certamente, têm mais que fazer do que frequentar a nossa sala de música, mas no dia em que perderem o interesse por nós... um pensamento para afastar!

– Para o duche, raparigas!

É um momento maravilhoso, do qual não nos fartamos; para nós, o duche é a vida. De toalha debaixo do braço, com o sabão na mão ou no bolso, a gola do casaco levantada, pois está frio, lá vamos nós em fila. No céu cinzento, o céu de inverno, paira pesadamente o mesmo fumo com odor a cadáveres:

– Ninguém diria que há menos um crematório a funcionar! – comenta Anny, que caminha ao meu lado.

Choveu e patinamos na lama. Quando voltarmos, teremos de limpar os sapatos. Estamos a precisar muito de meias novas, mas talvez não seja a altura certa para as pedir.

No regresso, ao anoitecer, sentimos um ligeiro aperto no coração, a chuva impregna-nos da sua humidade e receamos o inverno. Em breve, começará a nevar. Que chuva tão gelada!

– *Halt! Achtung!*

Diante de nós, soldados das SS, de capacete, arma na anca, pernas afastadas, barram-nos o caminho para o nosso bloco. É o fim! Acabaria por acontecer, o meu coração não acelera muito no meu peito, julgava que iria ficar mais assustada.

A chuva torna-se mais forte, temos frio. Pomos as nossas toalhas na cabeça. Que fazer com o sabonete? Meto-o no bolso e toco no meu caderninho, o diário que anda sempre comigo, não o salvarei, há de arder comigo.

– As judias, para a esquerda; as arianas, para a direita!

A cantilena do costume. Os SS deixam passar, uma a uma, as nossas companheiras arianas; Bronia, Alla e Olga fazem-me um sinal discreto com a mão, e Halina, um sorriso; Ewa, após passar a barreira, vira a cabeça, o seu olhar fixa-se no meu, vislumbro-a ainda durante um bom bocado na soleira da porta do nosso bloco, a fitar-nos, a fitar-nos como se fitam condenadas... Sorrio-lhe.

Os SS cercam-nos, apitos. Grupos de cinco! Em fila! Dão-nos

ordem de marcha. Avançamos na direção oposta ao crematório, mas é ainda demasiado cedo para nos regozijarmos, pois, com eles, isso não significa coisa alguma. Para a Sauna. Muitas vezes, em momentos de maior afluência, as selecionadas são encaminhadas para lá. Nós temos direito a uma variante: enfiarmos na cave. Não falamos, não ousamos. O que uma de nós tem para dizer, a outra sabe-o e não quer ouvi-lo. Durante quanto tempo ficamos de pé, fechadas naquela cave? Não o meço, no nosso cérebro, como uma caixa de música à qual se deu corda, desbobinam as mesmas e sempiternas palavras: «A orquestra acabou, acabou, acabou... Vamos diretamente para a câmara de gás, ou passamos pelo bloco 25? A orquestra acabou, acabou, acabou... Vamos diretamente...»

A porta abre-se, a noite está escura como breu. À luz reduzida das torres de vigia, a chuva tece uma cortina espessa e brilhante, que atravessamos. As patas dos cães chapinham, o ruído das botas é abafado pela lama. Os SS cheiram a tecido, a cão e a couro molhados. Deve ter chegado o momento de rezar. Fazemos sair do campo B, somos encaminhadas para aquela espécie de cais ao qual chegam os transportes. Aí, espera-nos um comboio de detidas, mandam-nos subir para um vagão basculante de madeira, descoberto, sem teto nem capota. Uma vez mais, a orquestra é separada das restantes prisioneiras, estamos sozinhas. No meio do vagão há um objeto inesperado, uma salamandra, e ao lado dela estão sentados dois velhos soldados da Wehrmacht. Metidos dentro do seu capote, não conseguimos vê-los debaixo da campânula de aço do capacete: um casaco de uniforme deslavado e um capacete, dir-se-ia que não têm cabeça. Talvez sejam espantalhos; um deles segura uma espingarda numa das mãos e, com a outra, enche de lenha a salamandra. De pé, apinhadas umas contra as outras, sentimos o chão a vibrar sob os nossos pés, o comboio arranca, avança devagar. Birkenau fica para trás. Desde que começaram os alertas, a iluminação foi reduzida e só o céu avermelhado ainda indica a localização do campo. Acabou-se, avançamos no meio da escuridão, parou de chover.

No céu, passam aviões a grande altitude; entre as nuvens, soam bombas a rebentar como uma tempestade ao longe.

Estamos tão prensadas umas contra as outras que, se uma de nós desmaiasse, permaneceria de pé. Será que o mesmo se passa no lado oposto do vagão? Tentamos cantar, mas parecemos um fósforo molhado: não pega. Anny murmura:

– Ficou lá a linda almofada azul-escura que estava a fazer para o aniversário da Florette! Que é que lhe vou oferecer?

Respondo-lhe:

– E eu deixei lá o meu baralho de cartas. Vai ser difícil passar

sem ele!

Coragem? Inconsciência? O comboio sacode-nos.

Qual de nós terá dito: «A pena suspensa chegou ao fim»?

«Sob as botas alemãs»

De vez em quando, o comboio detém-se. As suas manobras chocalham-nos violentamente. Estacionam-nos numa via de resguardo. Passam, então, longas composições de munições, de feridos, de tropa... É a guerra. Por detrás dos vidros sujos dos compartimentos, vislumbramos um gado *feldgrau* sombrio, que não olha sequer para nós. Exibem a mesma passividade que nós, a dos animais levados para o matadouro.

A noite passa, o comboio volta a arrancar. Aproximamo-nos de um túnel; uma rapariga – polaca? Alemã? – desata a gritar: «Vão eletrocutar-nos no túnel! É o túnel da morte!» Por vezes, num vagão de gado, uma vaca muge o seu sofrimento, o seu tédio, o seu pavor, e outras lhe respondem. E a coisa nunca mais cessa. Aqui, acontece o mesmo: bastou uma para afligir todas as outras. Gritam, ameaçam-se. O comboio penetra na escuridão. Do outro lado do túnel, não fomos eletrocutadas! Suspiros. Mas vemos um cemitério desesperante à luz cinzenta do amanhecer. Cruzes, pequenas, grandes, flores, muitas flores, amontoados de coroas de folhas, gloriosas como as de louros dos Jogos Olímpicos. São as dos heróis. Neste momento, morre-se muito na Alemanha. Lotte, que é a mais alta de todas e que tem uma visão perfeita e total do cenário, exclama, patética:

– Oh! Tantas flores frescas! – E, com a voz embargada, geme pelos mortos: – Oh! Este cemitério é tão triste! Pobres soldados! Pobres famílias!

Prensada contra ela, Florette bate-lhe, dá-lhe murros e pontapés, berrando:

– Imbecil! Idiota! Interessa-te o cemitério deles?! És louca! E nós, NÓS... NÓS?!

Há dois dias que o comboio avança. Urinamos de pé, onde estamos, e tentamos reter o resto; não nos deram uma gota de água nem um pedaço de pão.

A 3 de novembro de 1944, o nosso comboio para no meio da floresta. Os soldados da Wehrmacht mandam-nos apear-nos, que aconteceu aos nossos SS? A ausência desses técnicos da seleção tranquiliza-nos. Os nossos novos guardas não gritam, não batem, são velhos e resignados, mas quando nos fitam há no azul-acinzentado dos seus olhos gastos uma ligeira dureza que não nos dá margem para ilusões; tal como os outros, seriam capazes de nos abater com uma só bala, se ainda forem bons atiradores, ou várias se tiverem perdido o jeito. Só que eles não têm cães.

Atordado, o nosso rebanho de mil mulheres começa a caminhar, a nossa coorte miserável avança penosamente. Como sempre, honra à música! Nós vamos à frente. Por estarmos bem calçadas, bem vestidas, a caminhada não nos custa tanto. Mas as outras, aquelas que vêm atrás de nós, levantam-nas quando caem? Não as matam, pois não ouvimos tiros. A sua longa fila, que se arrasta atrás de nós, que nos parecemos arrastar, perturba-me. Há muito tempo que caminhamos, há duas horas – avalio a distância percorrida em cerca de sete quilómetros –, quando Marta me chama a atenção para uma cerca de arame farpado, uma tabuleta de madeira na orla de um bosque: Campo de Tiro.

– Julgo que chegámos – murmura-me ela.

As raparigas não viram nada. Entramos num pequeno bosque. Quando saímos dele, estende-se diante de nós uma espécie de elevação do terreno bastante vasta, para a qual subimos. Vindo de baixo, chega-nos o som regular de metralhadoras, que disparam contra o quê? Para o ar? Ou estarão a executar um transporte anterior?

– *Halt! Achtung!*

Durante a viagem, Marta não largou a mão da Irena pequena; por vezes, neste casal improvável, tenho a sensação de que ela é a mais forte, que é ela quem dá apoio a Irena. Marta diz-me:

– Estamos mesmo no meio do campo de tiro.

Seguindo as instruções dos *Feldwebel*, os soldados dispõem-nos em semicírculo, já não me atrevo a olhar para Marta. Irão eles avançar em fila, de metralhadora erguida à sua frente, como um falo mortífero apontado a nós, e, quando chegarem à distância certa, disparar... disparar...

A chuva começa a cair com uma força diluviana, mulheres choram de exaustão, de terror, outras gritam, caem. Parece impossível, mas o simples facto de abrirmos a boca permite que a água penetre nela com tanta força, tanta violência, que não

conseguimos sequer respirar; chega-nos aos pulmões, sufoca-nos, e, nessa noite, naquele planalto, houve mulheres que morreram asfixiadas pela chuva.

Pela primeira vez, o nosso pequeno grupo encontra-se dividido. As alemãs estão bastante longe de nós e já não vejo as gregas nem as húngaras. Recomendo às outras:

– Meninas, não podemos separar-nos, vamos juntar-nos bem umas às outras.

Com Anny, as duas Irenas, Marta, Claire, Florette, Jenny, Marie, Lotte e Elsa, formamos um pequeno núcleo que queremos que seja sólido. Perto de nós, uma deportada desconhecida geme:

– Meu Deus! Somos os seres mais infelizes do mundo!

Tranquilizo-a:

– Não é bem assim. O tipo que está num café bem aquecido dos Campos Elísios, à espera da rapariga que ele ama e não a vê chegar, também se julga o tipo mais infeliz da Terra!

O meu consolo não deve surtir efeito, pois soam gritos:

– Que palerma, que louca, que idiota! Quem é que ela se julga? Para dizer tal coisa, não deve ter sofrido muito!

Anny repreende-me com severidade:

– Como é que podes comparar a nossa situação com uma coisa tão tola?

A Irena pequena reforça:

– A infelicidade não é comparável, tal como a felicidade também não o é!

Tento explicar-me:

– Ora! O que importa é o nível de infelicidade, não as circunstâncias!

Marta é a única que parece compreender. Uma rapariga diferente. Apetece-me gritar-lhes: «Ganhei, pois consegui pôr-vos a pensar noutra coisa!»

Ficámos ali nove horas, de braço dado, balançando-nos para não adormecermos, para não cairmos de exaustão; há cinquenta e seis horas que não nos sentamos. Quando uma mulher cai, tentamos reerguê-la, mas nem sempre conseguimos, e, então, ela fica ali, tombada, molhada, meio morta ou morta, debaixo de chuva. Ainda é de dia, mas o anoitecer cria na floresta sombras sinistras. Por fim, aproximam-se dois oficiais, ordenam que nos agrupemos bastante perto da enorme cratera que se encontra abaixo de nós e que serve de campo de tiro para os jovens recrutas. Chove menos, o coronel toma a palavra:

– Chegaram ao vosso campo...

Viramos a cabeça para todos os lados. Que campo? Um deserto, não há nada, nem um barracão à vista!

– ... Ainda não está construído, mas serão vocês a fazê-lo. Iremos dar-vos o material necessário. Assim, quando

recuperarem o espírito salutar do trabalho, poderão retirar dele uma merecida satisfação...

Sem vergonha nem pudor, ele continua a gabar a este milhar de mulheres vacilantes, meio mortas, as virtudes salvadoras praticadas pelo Grande *Reich* alemão.

Escuto este discurso admirável. Não é o de um SS, mas o de um alemão nazi, um belo pedaço de hipocrisia insolente. Após algumas recomendações sobre disciplina, asseio e obediência, somos avisadas de que quaisquer tentativas de evasão, enquanto o campo não estiver construído, serão reprimidas com um tiro à queima-roupa. Como podemos verificar, não lhes faltam armas nem munições. Anunciam-nos também que irão servir-nos uma sopa.

Distribuem malgas e nós fazemos fila, para receber duas conchas de um caldo aceitável. Será que alguma coisa mudou? No meio de uma desordem geral, as mais hábeis são servidas por duas vezes, enquanto outras não conseguem sê-lo sequer uma vez. Estamos cheias de sede. O nosso futuro campo é abastecido de água por um cano horizontal montado a um metro do chão; este cano, com alguns metros de comprimento, tem uns buracos a intervalos regulares que criam pequenas saídas de água rudimentares, com torneiras guardadas por um soldado. Há mulheres que correm para elas, que querem beber custe o que custar.

O alemão recusa, elas perdem a cabeça, desatam a correr e ouvimos tiros seguidos de gritos. Começou o massacre? Anny fita-me, os seus bonitos olhos escuros têm uma expressão tranquila:

– Gostaria de ser a primeira a morrer!

O tiroteio cessa, nunca saberemos se houve mortes, nem quantas.

Soldados começam a improvisar uma espécie de tenda gigantesca e muito baixa, pois eu, com o meu metro e cinquenta de altura, tenho de me baixar para conseguir lá entrar. A Irena grande é obrigada a rastejar, tal como a grande maioria das mulheres. Deitamo-nos, encharcadas até aos ossos, a tiritar. Encontramo-nos num estado de exaustão tal que adormecemos. Abençoado sono, imperioso como a morte, para estas mulheres deitadas em vários centímetros de água.

Mais tarde, ficarei a saber que, a poucos metros de mim, debaixo daquela mesma lona, dormia Anne Frank. Estaria a dormir?

Enormes bolsas de água formaram-se sobre a tenda, que, devido ao peso, desaba. Como se fossem pássaros presos numa rede, as mulheres gritam e debatem-se, meio esmagadas pelo tecido ensopado, enredam-se nas pregas da lona, esbarram e chocam umas com as outras, gemem de pavor e de frio. No meio

desta confusão, desta trapalhada de corpos, braços, pernas, dou por mim ao ar livre. Acima de mim, uma enorme figura maciça, a de um oficial alemão, que me diz num francês muito fluente:

– Poderias dizer ao teu amigo São Pedro para parar com a chuva!

Inacreditável.

– De pé! *Raus! Schnell!*

À luz ténue do amanhecer, eles empurram o nosso rebanho encharcado e a chapinhar para uma outra zona do campo. Esta está construída: barracões cinzentos, sob um céu cinzento. Céu, terra e soldados compõem uma sinfonia de um cinzento deslavado. Um campo militar? Não exatamente, pois, ao longe, erguem-se, familiares, duas chaminés de crematórios, cercas de arame farpado e torres de vigia. Não iremos estranhar demasiado o ambiente! Neste cenário demasiado bem conhecido, faltam os edifícios, planos como túmulos, das câmaras de gás.

Mais tarde, ficarei a saber que em Bergen-Belsen, onde nos encontramos, usam a injeção de fenol no coração e que, antes da nossa chegada, este campo construído à pressa ao lado de uma carreira de tiro era ocupado apenas por homens.

Empurrado sem cuidado, mas sem uma violência excessiva, o nosso grupo enfia-se numa cave comprida, uma espécie de casão, de armazém militar. O nosso canto é o das botas, pretas, de cabedal grosso, muito apreciadas pela Wehrmacht. Estão militarmente alinhadas, empilhadas numa espécie de escaparates que vão do chão até ao teto, cuidadosamente ensebadas, tresandam a sebo velho e rançoso. Entre as duas filas de prateleiras, o espaço é estreito. Os soldados empilham-nos como às suas botas e largam-nos ali ao pé delas. Tentamos afastar, empurrar este «exército» e deixamo-nos cair no meio delas, para dormir, dormir...

Não guardo muitas memórias dos dias seguintes. Aliás, para mim, este período em Bergen-Belsen, que agora começa, é cronologicamente obscuro, com partes desvanecidas. Talvez seja porque me levou às portas da morte que conservo dele imagens simultaneamente vívidas e confusas. À medida que me aproximo do fim, elas despedaçam-se, fragmentam-se: um *puzzle* perfeitamente legível, mas ao qual faltam peças.

Aparentemente, este rebanho de mulheres que lhes invadiu o campo, pois encontramos-nos na parte militar de Bergen-Belsen, assoberba os homens da Wehrmacht. Já não sei o que sucedeu nos primeiros cinco dias seguintes ao desabamento da tenda e à nossa entrada na cave. Emerjo da minha exaustão apenas na manhã de 9 de novembro, o dia do aniversário de Florette: dezanove anos! Terá feito um gesto brusco ao acordar? Uma pilha de botas desmorona-se sobre ela, cobre-a, e, enquanto ela

pragueja e barafusta, gritamos-lhe com um sentido de oportunidade muito espirituoso: «Feliz aniversário!» E isto enfurece-a ainda mais; soterrada sob um amontoado, uma confusão que tresanda a sebo rançoso, Florette continua aos berros, demoramos mais de cinco minutos a tirá-la dali. Depois, tendo somente para lhe oferecer as nossas mãos vazias, descrevemos-lhe as suas prendas, aquelas que teria recebido em Birkenau. É a almofada azul-escura de Anny que mais sucesso faz:

– Eu tinha bordado nela cartas de jogar!

– Como é que fizeste para «organizar» tudo isso? Tecido, fio para bordar? – aflige-se Florette, cujos olhos se marejam de lágrimas de gratidão.

Ela não se cansa de ouvir descrever aquela maravilha, um luxo inimaginável: uma almofada.

– Eu poderia ter dormido em cima dela – diz, extasiada.

É bonito, tão bonito como um conto de fadas que fosse real!

Saímos livremente da nossa cave e damos connosco no meio de uma balbúrdia monstruosa que, subitamente, nos inquieta; a ordem rigorosa na qual vivíamos proporcionava-nos, paradoxalmente, uma certa segurança. Habitadas a viver em circunstâncias que tornavam impossível qualquer tipo de iniciativa, esta falsa liberdade perturba-nos, não sabemos o que fazer com ela, aonde ir. As mulheres circulam livremente de um lado para o outro; à volta do novo campo, foram erguidas à pressa cercas de arame farpado, cujos limites são incertos, não sabemos até onde estamos autorizadas a ir. Assim que uma mulher se afasta um pouco, os nossos guardas perdem a cabeça e disparam. Não existe qualquer tipo de organização; quando calha, dão-nos um pedaço de pão, de salsicha. Depois, passa um dia inteiro sem recebermos coisa alguma. E, para completar esta sensação de precariedade, não param de soar rajadas de metralhadora.

Em poucos dias, tudo muda. Chegam mais transportes de deportadas provenientes de Birkenau e, com eles, os SS, liderados por Kramer. Entre as raparigas da música, circulam os rumores mais absurdos: «Ele vai reconstituir a orquestra. Vão dar-nos novamente os instrumentos e os uniformes!» A notícia da presença de Irma Grese no campo reforça as nossas ideias insanas. De certeza que Mandel virá juntar-se a ela, e talvez Drexler, ainda que dispensássemos esta última!

O planalto sobre o qual está construído o campo transforma-se, erguem-se barracões de tábuas. Muito básicos, conseguem alojar mil mulheres; não há mesas nem salamandra, mas há *cojas* com três plataformas. Montam-se cercas eletrificadas e torres de vigia. Com os SS, voltaram também os cães:

- Como vês - comenta Jenny -, com eles, regressa imediatamente a boa vida!

Arbeit! Arbeit! Talvez faltem poucas semanas, ou meses, para a sua derrota, mas eles comportam-se como se a guerra nunca fosse acabar ou se fossem vencê-la. No Grande *Reich* alemão não há lugar para bocas inúteis. *Arbeit! Arbeit!* Perto do campo existe uma fábrica de celofane, para a qual somos a mão de obra ideal. Tal como os homens o eram para a I. G. Farben Industrie. Não venham dizer-me que aqueles patrões, diretores, encarregados e operários que, todas as manhãs, viam entrar nas suas oficinas os desgraçados dos *Kommandos* provenientes dos campos desconheciam a sua existência e a maneira como eram tratados os deportados!

Todas as manhãs, os SS passam pelos barracões e exigem o seu contingente de trabalhadoras: cem, duzentas ou trezentas. As mulheres que têm calçado, como Lotte, a Irena grande, Claire, Jenny, Marta e Florette, vão trabalhar para a fábrica; as outras, as descalças, são destinadas a trabalhos de desflorestação. Sejamos sensatos! Não se pode enviar para uma fábrica mulheres que não tenham calçado, haja um pouco de decência! Para o trabalho nos bosques, não importa que apanhem frio, que se magoem, morrerão mais depressa! Compreendemos rapidamente que, em Bergen-Belsen, é assim que as seleções serão feitas: a desgraça será a provedora da morte.

Será por esse motivo que, de manhã, quando me voluntario para integrar os *Arbeitskommandos*, Florette me enxota e se apresenta no meu lugar, e que Marta faz o mesmo pela Irena pequena? Elas protegem-nos, pois, do nosso grupo, somos as duas mais pequenas, as duas mais frágeis.

Uma notícia espantosa: Florette e Claire são nomeadas *Kapos*. Nestas duas nomeações, há um facto novo e inquietante, cujo aspeto de provocação nos perturba: em Birkenau, todas as *Kapos* eram recrutadas entre as polacas, as checas, as eslovacas, as alemãs. Não havia uma única francesa, pois os SS não confiavam nelas. Como tal, todas nós sempre nos julgáramos protegidas desse horror: tornarmo-nos *Kapos*. Porque escolheram duas das executantes da orquestra? Porquê Florette e Claire?

Do ponto de vista físico, entendemos melhor a nomeação de Claire do que a de Florette. Claire, sendo gorda, pareceu-lhes suficientemente robusta, forte, para desempenhar a função: berrar, castigar, bater. Mas, e Florette? A Irena pequena tem uma explicação: «Ela é bastante alta e não demasiado magra, e, principalmente, os seus ataques de fúria e de raiva emanam uma força que não pode deixar de agradar aos SS. Eles julgam poder tirar partido dela.» Talvez ela esteja certa.

Mas, e elas? Como irão reagir? De Florette, já sabemos o que esperar: descomposturas que lhe permitirão despejar todo o seu repertório, mas temos a certeza de que não usará a moca sólida, o bastão de marechal que entregam às *Kapos*, juntamente com a braçadeira. Estamos igualmente convencidas de que ela irá ajudar-nos à sua maneira, aos gritos, mas com justiça, sem nos maltratar nem abusar dos seus direitos. O que esperar de Claire? Esta «honra» irá rebentar com o último ferrolho, libertar os seus instintos que temo que sejam maus ou, pelo contrário, permitir-lhe-á ser extraordinariamente generosa, provar que nos domina? É muito frequente que o hábito faça o monge. O cordeiro, se lhe derem esse poder, facilmente se transforma em lobo. Então? A resposta é rápida.

Claire encara-nos, de braçadeira e com a moca na mão. A sua postura é reveladora, perdeu a pouca humanidade que ainda tinha. O que restava da rapariga que eu conhecera – tímida, medrosa, enredada nos seus princípios – acabara de desaparecer, destruído definitivamente pelas circunstâncias. Há semanas que eu não lhe dirigia a palavra, ela passara a ser-me indiferente, mas, neste momento, sei que irá horrorizar-me. De pé diante do nosso pequeno grupo, ergue-se como se fosse uma força maléfica. Desafia-nos, exhibe-nos o seu bastão:

– A partir de agora, sou «a chefe». Sou eu quem manda. Farão tudo o que eu disser e, se não o fizerem, bato!

– Cabra! – cospe-lhe Florette na cara.

Claire levanta a moca. Enfrentamo-la todas juntas; unidas, sentimo-nos invencíveis. Ela sabe-o e vira-nos as costas. Como ignorar a fragilidade desta vitória? Entreolhamo-nos, aterradas, conscientes de que teremos de lutar com ela. Não me resta qualquer sentimento em relação a Claire, mas quero ainda tentar fazer algo para a salvar de si própria; vou ter com ela. Ela vê-me a aproximar-me, com o seu bastão na mão e de pernas abertas, a postura favorita das *Kapos* que ela imita com uma satisfação bem visível.

– Olha para ti, Claire! Um monstro... Transformaste-te num monstro. Se bateres nas nossas companheiras, não ousarás voltar para casa! Lembra-te da tua infância, da tua juventude, dos teus pais... Olha para ti, Claire!

Os seus olhos negros, ligeiramente protuberantes, são dois pedaços de carvão, a sua luz mineral já não tem nada de humano.

– Cala-te e ouve o que te digo. Já não quero saber dos teus ares de superioridade, da tua moral. Aqui, eu sou a mais forte, sou eu quem manda. Se quiseses apanhar uma paulada no focinho, é só vires outra vez com essa conversa. Estou farta de te ouvir,

desanda daqui!

Está tão segura de si, agora que lhe deram o direito de decidir sobre a vida ou a morte de mil mulheres. Claire dispõe agora do direito que os outros tiveram em relação a ela. Será que isto explica tudo? Talvez.

Colocada num bloco próximo do nosso, Claire inebria-se com pauladas e gritos, bate em desgraçadas já exauridas e, para se sentir mais segura da sua força, não hesita em escolher as mais frágeis. Vangloria-se: «O meu bloco é o que tem maior rendimento», diz ela, com a presunção de uma SS.

Depois de a riscar do meu coração, gostaria de a esquecer, mas ela não o permite: esta manhã, estava eu na fila, ao frio, ao pé do ponto de água, vi-a a passar a poucos metros de mim; perdeu o seu andar de pata que me enternecia. Com grandes passadas triunfantes, a moca presa ao pulso com uma tira de couro, atravessa o nosso recinto.

Uma barreira de arame farpado divide o campo: de um lado, estão os homens; do outro, as mulheres. Uma miúda francesa que não conhecemos aproximou-se do campo dos homens. *Verboten!* É tão baixinha que se põe em bicos dos pés, agarrando-se ao arame, e ouvimo-la dizer com inquietação:

– O meu pai! Tenho a certeza de que o meu pai está ali, do outro lado.

Encara-nos, a meia dúzia de passos de nós:

– Acham que eu poderia pedir a um daqueles tipos para ir chamar o meu pai?

Não temos tempo para lhe responder: «Volta para aqui. Isso é proibido!», e ela já está a gritar para um francês:

– Podes perguntar se o senhor Baum, Victor Baum, está aí?

Achtung! Claire viu-a, Claire está em cima dela! Com uma forte bofetada, atira-a ao chão e, a seguir, agarra-a pelos cabelos e arrasta-a pela lama e pelas pedras. A senhora *Kapo* sente-se poderosa e forte! Bate naquela miúda, naquela criança, com uma embriaguez sexual que se torna indecente. Ficamos abaladas, agoniadas, mas ainda não acabou. Claire recupera o fôlego e ordena à rapariga que apanhe pedregulhos e os carregue até ao seu bloco. Que irá ela inventar?

Sabemo-lo no dia seguinte. Ela mandou a miúda pôr as mãos em cima da cabeça e ajoelhar-se sobre aquela camada de pedras pontiagudas. O suplício daquela criança de quinze anos durou a noite inteira. De manhã, estava sem sentidos, meio morta. Os SS gostaram, e até apreciaram bastante, este castigo. Claire alcançara, assim, a última etapa.

Quando regressar à vida normal, e à semelhança das Zochas, será possível imaginar para ela outra profissão que não a de guarda prisional?...

Em Bergen, tal como em Birkenau, os crematórios fumegam: quem os alimenta? Os transportes são poucos, não há *Blocksperrren*. É provável que os recém-chegados sejam injetados, mas por quem e onde? Aparentemente, não há seleções, as raparigas que saem de manhã do bloco regressam a ele ao fim do dia, ou adoecem, mas não desaparecem. A comida é intragável; as sopas de Birkenau, que Florette dizia que eram «de vômito», parecer-nos-iam agora gastronómicas e nutritivas. A água é racionada, não podemos lavar-nos. Florette, que, sendo *Kapo*, tem acesso uma vez por semana a uma espécie de lavandaria, vem chamar-me:

– Vou tomar banho num alguidar. Podes aproveitar a minha água!

É um momento único, privilegiado. Usufruo de um outro, ainda mais milagroso, que devo a Marie.

Marie é a nossa única médica. Kramer deu-lhe duas enfermeiras e mandou montar uma espécie de *Revier* num barracão pequeno: há algumas *cojas* frente a frente, de ambos os lados de uma mesa grande, não há material médico nem medicamentos. Marie trata tudo: disenteria, dores de garganta, tuberculose, abscessos, gangrena, com placebos: bolinhas de miolo de pão que ela tingiu de cor-de-rosa, de verde, não sei como, e que distribui com parcimónia, pois há falta de pão. Contudo, ela acompanha os seus comprimidos com palavras boas e maravilhosas, garantindo às suas pacientes que elas irão melhorar, e, por vezes, melhoram mesmo.

O único privilégio que lhe é concedido: ela e as suas ajudantes recebem uma ração da sopa dos SS e, todos os dias, ela guarda para mim metade da sua parte. Se não fosse a Marie, eu já teria morrido de fome: a margarina é um veneno para mim, e vômito a nossa sopa. A da Marie é muito boa, uma delícia. Não sei como tenho coragem para a engolir, para a privar dela. Instinto de sobrevivência? Marie também passa fome. Um dia, porquê este, e não outro qualquer? Percebi a dimensão do seu sacrifício ao sentir o seu olhar pregado em mim enquanto eu comia: os seus olhos pareciam hipnotizados pelo vaivém da minha colher, e compreendi a que ponto lhe fazia falta a parte que ela me dispensava. Ainda assim, comi vorazmente. Não tive coragem para afastar a malga, de dizer: «Já não tenho fome»...

Aqui não há «Canadá» nem mercado, é impossível ter acesso às cozinhas. Não conseguimos «organizar» seja o que for. Morre-se naturalmente.

O Natal! Estamos apreensivas com a sua aproximação. As recordações dos outros natais já nos atormentam. Principalmente as do último, certamente por ser o mais próximo. Eu estava em

Drancy. Em Drancy foi bom! Cantei. Graças às encomendas que recebíamos, comemos mais do que precisávamos. Receamos falar deste 25 de dezembro, mas não fazemos outra coisa!

A Irena grande murmura:

– No Natal, gostaria de ter um violino nas mãos!

E teve-o. Kramer, que vai dar uma festa para os oficiais das SS que estão longe das suas queridas famílias, lembrou-se da nossa existência e pediu executantes. Anny, Marta, a Irena grande, Jenny e Elsa têm de ir. Anny queixa-se:

– Não vou conseguir tocar para essa gente! Preferiria estar aqui.

As outras pensam o mesmo e prometemos-lhes que esperamos por elas.

A espera poderá ser longa, irão apenas tocar para eles ouvirem ou para eles dançarem? Irão dançar?

Eu tinha tanta esperança de não passar longe de França este Natal de 1944... A guerra é tão longa. Os nossos amigos: os ingleses, os americanos, os russos, se têm força e se estão em vantagem, porque é que não eliminam esta praga? Com lança-chamas, por exemplo! A ideia agrada-me, e esta noite de Natal, que se encanta com uma frase de amor: «Paz na Terra aos homens de boa vontade!», parecer-me-ia verdadeiramente milagrosa se, ao longo de quilómetros, homens assassassem outros com lança-chamas, como se exterminassem formigas!

Tal como as outras mulheres do nosso bloco, a Irena pequena e eu estamos nervosas. Chegámos aqui há mais de dois meses e já não aguentamos! Mais uma vez, observo os nossos preparativos de festa: usando apenas as mãos, limpámos o melhor possível o nosso canto. Colocámos numa malga alguns ramos de pinheiro enfeitados com pedacinhos de celofane trazidos pelas raparigas que trabalham na fábrica. Verifico se ainda tenho a folha de papel na qual escrevi de cabeça o soneto de Arvers. Será a prenda para Marie, que fica muitas vezes surpreendida por eu manter a memória. Aqui, todas têm falta dela, e eu conto-lhes livros do princípio ao fim, *O Retrato de Dorian Gray*, Racine, Molière, os contos de Perrault. Vamos oferecer-lho dentro de um cesto de celofane, entrançado pela Irena pequena. Esperamos com impaciência pelas raparigas que estão a tocar no barracão do comandante e por Marie, que se juntará a nós depois de ajudar as suas pacientes a suportar esta noite, esta noite considerada maravilhosa no mundo dos outros, o dos vivos! Quem, nesta data, na América, em França, em Inglaterra, em Itália, em Espanha, se lembrará de nós, os deportados? Com exceção das nossas famílias, quem ousará estragar a sua alegria recordando a nossa existência?

Oxalá as raparigas voltem antes da chegada de Marie ou quase ao mesmo tempo! A minha mente alimenta-se de todos estes pequenos nada que remói... A Irena e eu devemos ter adormecido, pois, de repente, as raparigas já voltaram; não sei porquê, mas imaginava vê-las regressar com os instrumentos. Estão de mãos vazias, com um aspeto miserável, magras e não muito limpas, apesar do esforço que fizeram para ficar apresentáveis.

Abraçamo-nos, não ousamos dizer: «Bom Natal! Feliz Natal!» Não, é impossível.

Pergunto:

– Então, como é que correu?

A resposta é lacónica:

– Bem.

Durante a ausência delas, para aumentar a minha indignação, a receção nos aposentos de Kramer, as iguarias, o champanhe, a árvore, as crianças, as velas, a luz, tudo o que faz parte da festa da Natividade e que nos falta tão cruelmente. Agora não abro a boca, prefiro não ouvir nada, ignorar tudo sobre aquela festa.

Anny faz um sorriso curioso e indefinível:

– Fania, sabias que eles nos aplaudiram?

Ficamos sideradas. Incrédula, Lotte repete:

– Eles aplaudiram-vos! *Mein Gott!*

Florette desata a rir-se:

– Se vos aplaudiram é porque sentem que estão tramados!

Para nós, o Natal começa com a chegada de Marie, que olha em redor, e este olhar caloroso que nos envolve a todas dá-nos uma sensação maravilhosa de paz, de tranquilidade... Ela tem uma maneira de nos sorrir que nos concede o direito à felicidade. E começamos a cantar baixinho, quase religiosamente: *Compagnons, dormez-vous?*, *Plaine, ma plaine*, a canção de Nicolacha. Nas outras *cojas*, fez-se silêncio. Há cabeças que se erguem, que surgem, que se encostam à estrutura dos beliches, há corpos que se endireitam, vozes que gritam: «Mais!» É um momento milagroso. Cantamos, cantamos... E, pela primeira vez desde que somos «as senhoras da orquestra», desde que tocamos e cantamos para as nossas companheiras, recebemos finalmente os seus aplausos.

Poderia haver uma prenda melhor? O silêncio regressa e ouve-se a voz rouca, sensual, ainda muito bonita, de Lotte, que, estendida preguiçosamente no seu beliche, borda tranquilamente numas cuecas as iniciais do *Kapo* por quem está apaixonada!

Logo a seguir, o nosso entusiasmo dá lugar a uma tensão latente. Florette afasta-se, deita-se de barriga para baixo na sua enxerga e chora, chora convulsivamente. A Irena grande e eu

corremos para ela, abanamo-la: «Não, querida, por favor. Aguenta-te, ou nós também não aguentamos!» Anny agarra-lhe na mão, puxa-a e declara com um tom autoritário: «Vamos cear!» Esta palavra cheia de uma elegância mágica encanta-nos. A Irena grande anuncia-nos orgulhosamente:

– «Organizei» uma coisa para a sobremesa.

Sobremesa, uma palavra igualmente mágica... Ela enfia a mão debaixo da sua enxerga e retira de lá um tubérculo grande, redondo, cheio de terra.

– Que é isso?

– Uma rutabaga. Roubei-a. Vão ver que, crua e cortada em rodelas, parece ananás.

Pedaços de pão, um toque de margarina, a sopa do almoço, mais a rutabaga. É uma festa!

Parece-me que estamos quase felizes. Falamos, falamos de banquetes imaginários, de refeições festivas... a realidade mistura-se com a fantasia, o exagero atinge proporções inimagináveis. Se uma diz: «Preparámos um frango», a outra replica: «Em minha casa, foi um ganso recheado com castanhas»; a terceira retorque: «Nós tínhamos um peru de quinze quilos, recheado!», e uma quarta: «A minha mãe assou um leitão, já grande!» Os bolos transformam-se em Himalaias. Os seus ingredientes são fabulosos: natas, biscoitos, chocolate, castanhas, geleia de groselha, massa de *choux*, fios de caramelo, *chantilly*, e os bolos crescem, crescem... até ao topo das *cojas*. Eu faço-lhes crescer água na boca com uma receita muito simples:

– Meninas, a minha mãe cozia macarrão grosso, pegava numa seringa cheia de pasta de fígado e, truca... recheava o macarrão. Depois, ia ao forno. Uma maravilha!

– Macarrão com pasta de fígado! Ouve lá... Em tua casa eram podres de ricos – comenta Jenny, maravilhada –, porque os medalhões recheados em sítios finos como o La Tour d'Argent, na Bastilha, só levam um cheirinho de pasta de fígado. Por isso, usá-la para rechear macarrão é uma invenção de milionário...

Não, Jenny, a invenção de uma miúda que exagera e sonha, pois está a morrer de fome.

Na arena do nosso torneio verbal, devemos ter falado muito alto, pois ouvimos gritos de todos os lados:

– Parem de falar de comida. Não aguentamos mais, estamos famintas!...

– Bem, está na hora de ir para a pildra – diz Jenny, desconsolada. – Que se há de fazer? É comer e dormir...

Dizer isto aqui...

Mais tarde, Marie, que se recordava deste Natal, confessou-me:

– Eu olhava para vocês, agachadas nas vossas enxergas, tu, Fania, já tão magra, tão tensa, a Irena grande, o seu sorriso

bondoso, a sua trunfa desgrenhada, a Irena pequena, que até no *Lager* parecia estar a fazer campismo, a Florette, com os seus lábios sensuais e a sua ironia brejeira, a Jenny e a sua atitude de miúdo reguila, a Elsa, que escondia as suas mágoas sob uma calma aparente, a Marta, distante e tão vulnerável, até a Lotte e o seu frenesim sexual, eu olhava-vos e via, disfarçados pelo vosso fingimento, esboçarem-se os sintomas clínicos do vosso esgotamento. Mas vocês eram tão reconfortantes, as raparigas da música!... Quando saí do vosso bloco, nevava, caminhei devagar pelo campo adormecido. As notícias eram más, estava a desenrolar-se uma contraofensiva alemã. Ali, à falta de cuidados, a mortalidade aumentava. As mulheres tinham fome... O fim do túnel parecia-me tão distante, e assim era.

O fim do Apocalipse

Houve neve, gelo; agora começa a derreter-se; mais uma primavera pela frente? Para nós, talvez não haja verão, penso nisto quando estou sozinha. Diante das outras, aguento-me, mas sinto que estou a ficar estranhamente leve. À noite, quando as raparigas me pedem: «Fania, conta-nos uma história, um conto...», é penoso para mim, tenho dificuldade em encontrar as palavras, já não conto as peças de teatro de Molière, de Corneille ou de Racine, não me lembro de imensas partes. Conto- -lhes histórias simples, já repetidas vinte vezes, ou invento, porque me custa menos. Elas próprias começam também a aperceber-se cada vez menos dos meus lapsos de memória, dos meus desfalecimentos. Não importa, sou a droga delas e faço-as viajar.

O reabastecimento do campo é um problema, os comboios são bombardeados, fazem explodir as linhas de caminho de ferro, as vias-férreas e as estradas estão cortadas. Já não há grande coisa para comer. Já não precisam de nos matar, basta deixarem-nos morrer e enfiar-nos nos crematórios. O fim aproxima-se, iremos assistir a ele? Claro que sim, sempre acreditei nisso, não é agora que vou desistir. Foi aqui, em Bergen-Belsen, que consegui avaliar a força extraordinária da vida.

Parece ter havido um transporte da Polónia, ou apenas uma transferência de polacas, pois os nossos blocos, já sobrelotados, ficaram a abarrotar. Os SS mandaram cobrir de palha o chão de terra batida, e as recém-chegadas tombaram em cima dela.

O fedor é sufocante, principalmente durante a noite. Não montaram nenhuma latrina, nem sequer umas cabanas com buracos no chão. Aquelas que ainda têm forças vão fazer as suas necessidades lá fora, mas as outras fazem-nas onde estão,

estamos a transformar-nos em animais e esta degradação horrível é penosa.

Saí para apanhar um pouco de ar e para ir visitar a Marie. Tem uma expressão cansada, as olheiras escuras devoram-lhe o rosto, mas não conseguem desfigurá-lo, é tão bonita!

Pergunto-lhe se chegou um transporte da Polónia.

– É provável. Há uma polaca que pediu para vir para aqui. Olha para ela.

É uma camponesa robusta, embrulhada em saias, xailes e um casaco. De pé, parece um sino grande pousado no chão.

– Que é que ela tem?

– Não sei. Ainda não a examinei.

A mulher, de cara quadrada, angulosa, com as maçãs do rosto altas, fita-nos. Tem um olhar angustiado, a sua expressão crispasse, os lábios cerrados com força não conseguem conter um gemido. Marie corre para ela, identificou a expressão de uma parturiente:

– Esta mulher vai dar à luz.

Marie indica-lhe a mesa. Sem dizer uma palavra, a mulher descalça os sapatos, arregaça o vestido, despe as cuecas, mas mantém o lenço na cabeça, e deita-se sobre a mesa. Abre as pernas, prepara-se. Os seus gestos são naturais, simples. Esta polaca tem as coxas fortes, brancas e musculadas, uma púbis escura, o seu sexo parece-me inchado, enorme, arroxeado, os grandes lábios, distendidos, apertam-se em redor de uma bola ovoide, é o bebé. Apercebo-me de que estou a entrever a cabeça do seu filho, uma espécie de entusiasmo toma conta de mim. Marie ordena-me:

– Vais ajudar-me. Eu vou puxar e tu vais empurrar. Quando eu parar de puxar, empurro e tu puxas.

Ela puxa a cabeça que começa já a aparecer, eu empurro com cuidado, mas com força, nunca fiz isto e tenho a sensação incrível de que as minhas mãos sabem, que são menos tolas que eu, que elas conhecem estes movimentos desde sempre... De lábios e dentes cerrados, a mulher não solta um grito nem um gemido. Ela sabe o que os SS fazem às crianças. Puxando, empurrando, vejo o menino a chegar, a cabeça a sair, com o rosto franzido, os olhos fechados da noite fetal. Surgem os ombros. Esqueço o enorme cansaço que me torna cada vez mais indiferente, que me afasta do esforço de viver. Estou superviva, sobre-excitada, apetece-me gritar: «Já está, já está! Ele nasceu!»

Com as suas mãos hábeis, Marie acaba de retirar o filho do ventre da mãe. Tudo se desenrola muito simplesmente, com uma facilidade que me deixa estupefacta, é o primeiro nascimento a que assisto e sinto os meus olhos a arder.

Não temos nada com que cortar o cordão umbilical, não temos

uma tesoura, nada! Marie não hesita, corta-o à dentada. Também não há água; agora só nos é dada a certas horas. Não podemos lavar o bebê nem a mãe. Não temos roupa com que embrulhar este recém-nascido. Marie agarra-o pelos pés, bate-lhe nas nádegas: ele grita.

Dispo o meu casaco, arranco-lhe o forro. Há meses que vivo, dia e noite, dentro deste casaco, e é naquele pedaço de tecido, apodrecido pelo suor, sujo de terra, coberto de nódoas, que enrolamos a criança, um bebê magnífico, enorme... A mulher continua sem dizer uma palavra, mas voltou a vestir as cuecas; sem que pudéssemos lavar-lhe as nádegas, compôs a saia, calçou os sapatos, pegou no filho ao colo, com um gesto admirável de posse e de proteção. Depois, Marie ajudou-a a subir para o alto de uma *coja*, a última do seu barracão-enfermaria, para que nenhum SS repare na mãe nem no filho, ou para quê fazê-lo nascer, para quê salvá-lo? **104**

No mesmo dia, ao regressar ao meu bloco, assisto a algo que me teria enojado profundamente se tivesse acontecido noutra altura, mas, depois daquele parto, pareceu-me que aquele ato, apesar da sua animalidade grosseira, tinha um significado: Lotte a fornicar com o seu *Kapo*, diante de mil mulheres. Ela está ali, encostada à parede, com a barriga espetada para a frente, e o homem, de calças baixadas, penetra-a no meio da indiferença daquelas mulheres, embora algumas os observem.

Semear a vida, enquanto, à nossa volta, a morte amontoa cadáveres. Será realmente um ato insano? É verdade que, progressivamente, estamos a afundar-nos na loucura. Enquanto aqueles dois seres acasalam, ouço ao meu lado mulheres a rezar. Serão crentes? Ou será o medo que as faz implorar a um deus? Nesta catástrofe que estamos a viver, pior que um terramoto, o que acontece à fé? Que sentido passam a ter a vida e a morte para as judias, as católicas, as protestantes, as ortodoxas? Elas choram e recitam orações, das quais algumas são fervorosas: «Obrigada, meu doce Jesus, jamais sofreremos o suficiente por ti, que foste crucificado por amor a nós... Obrigada, Santa Virgem Maria, mãe de Deus, por nos enviases tantas dores, que oferecemos a ti e ao teu filho divino... Obrigada, obrigada!» Elas exaltam-se, admitem a sua tão grande culpa, batendo com força no peito magro com os seus punhos ossudos, soluçam, as suas emoções roçam a histeria e, sem dúvida, acalmam-nas.

Outras, dirigindo-se ao mesmo deus, vomitam imprecações terríveis: «Maldito sejas, Jesus! Acreditei em ti e tu abandonaste-me. Maldito sejas! Maldito o ventre que te carregou!» Elas contorcem as mãos, arranham-se, cospem as suas dores, incapazes de se vingar desse deus que as atraíçou.

As judias crentes agarram-se desesperadamente ao ritual e tentam manter os seus ritos, entoam mecanicamente as suas orações. As judias não crentes permanecem furiosamente impenetráveis a Deus, mas, ao contrário das católicas, não o amaldiçoam. Talvez haja menos amor dentro delas. Talvez este seja menos carnal que o das católicas pelo seu Cristo... As nossas sionistas, com receio de perder os costumes judaicos, repetem-nos insistentemente, como se a possibilidade de os esquecer, mesmo apenas um só, significasse para elas a perda da Terra Prometida, da salvação...

Sim, pouco a pouco, caímos na demência. Esta noite, uma rapariga desata a gritar que lhe roubaram as joias, desce da sua *coja*, percorre as outras, vai de enxerga em enxerga, abana as mulheres: «Devolve-me as minhas joias!» Aos soluços e aos berros, pontapeia as que dormem no chão: «As minhas joias, suas ladras, as minhas joias!» A seguir, felizmente, desfaz-se em lágrimas.

O fedor tornou-se insuportável; embrulhada no meu casaco, um bem de valor inestimável, saio do bloco, preciso de respirar, de me deitar, de dormir ao ar livre. O chão está lamacento, frio, caminho. Diante de mim, um monte de cadáveres cuidadosamente empilhados, semelhantes à mó de um moinho, ergue-se geometricamente como um silo de trigo. Já não há espaço nos crematórios, pelo que amontoam os corpos no exterior, trepo para cima deles como se trepasse uma montanha; quando chego ao topo da pilha, deito-me sobre ela e adormeço. Por vezes, um braço ou uma perna distendem-se para ficar na sua derradeira posição, embatem contra mim, mas mal me despertam. Durmo... De manhã, quando acordo, penso que também eu devo estar a perder o juízo. Um medo terrível apodera-se de mim, corro para a enfermaria e as assistentes de Marie dizem-me que ela contraiu tifo!

Fico aparvalhada e, subitamente, desato a chorar: por ela, por nós, por mim. Todos os dias, por diversas vezes, venho saber notícias, ela ainda não morreu. Algumas horas, alguns dias ganhos... Três semanas, a doença prolonga-se durante três semanas, ao fim das quais me anunciam que ela está curada! Posso ir vê-la, está em muito mau estado! Ela examina-se a si própria:

- Não consigo mexer-me. Paraplegia? O meu corpo está cinzento. Três feridas enormes junto do joelho esquerdo, três na perna direita. Como estão diante umas das outras, roçam ao mínimo movimento. O meu braço esquerdo está azul e rígido, tenho dificuldade em abrir a boca. Um dos lados do meu rosto está dorido e inchado: parotidite. E estou surda!

À volta dela, as mulheres riem-se, gracejam:

– Contaste-nos cada história! Ainda estás num campo de estrelas? Cantavas tão alto durante a noite que ninguém conseguia dormir, mas preferíamos isso a ouvir-te repetir, incansavelmente, o mesmo nome horas a fio. Julgávamos que irias morrer... Tínhamos tanto medo!

É bom reencontrá-la! Uma vez mais, parece-nos que nada de grave pode acontecer-nos, porque ela está viva.

Que é feito do tempo em que Kramer nos vinha visitar? Não sabemos sequer se ainda está no campo. E Grese? Algumas viram-na ao longe, continua de chibata na mão. Ainda não percebeu? Os SS entregam-se às suas ocupações no meio de nós, será que nos veem? Sim, para terem o cuidado de não nos tocar. Sujas, esfarrapadas, cobertas de bicharada, somos contagiosas, a disenteria e, principalmente, o tifo devastam-nos. Estarão eles a aguardar ordens? Dão-nos de comer quando se lembram, um caldo pobre, líquido, sem nada de sólido. Dado que, ao vedarem-nos o acesso à água, aceleram o processo de contaminação, privam-nos dela com uma frequência crescente e durante períodos cada vez mais prolongados. Construídos à pressa para durarem alguns meses, os nossos barracões provisórios começam a desmoronar-se, as tábuas desconjuntam-se. Olhando para os estragos, um SS disse com um tom de desprezo, referindo-se a nós, as judias:

– Elas fazem apodrecer tudo, até a madeira.

Sim, é verdade, estamos a cair de podres, mas não somos nós que deveríamos ser acusadas disso, mas eles, cuja mera presença gangrena os seres mais são!

Alguns dias depois, é a minha vez de contrair tifo. A última coisa que vi antes de adoecer: as mulheres do campo, e também nós, lá fora, nuas, a fazerem fila para lavar os vestidos e as cuecas nos fios de água que brotam do cano furado. Do outro lado da cerca de arame farpado, no campo deles, os homens fazem o mesmo que nós, e alguns fitam-nos com um olhar inexpressivo: dois rebanhos de animais no bebedouro meio vazio de um matadouro.

Encontro-me agora totalmente entregue à doença, a minha cabeça explode, o meu corpo treme, os intestinos e a barriga doem-me horrores, uma disenteria medonha. Não sou mais do que um animal doente jazendo sobre as suas defecações.

A partir do dia 8 de abril, tudo à minha volta se transforma num pesadelo. Existo, não existo, não faço ideia. Sou uma cabeça que explode, um intestino, um ânus constantemente em ação, como se de uma hemorragia se tratasse, uma água suja escoar-se de mim.

No beliche acima do meu, está uma francesa que não conheço;

nos meus momentos de lucidez, ouço-a dizer-me com uma voz clara, tranquila e até amável: «Preciso de cagar, mas tenho de cagar em cima da tua cabeça, é mais higiénico!» Enlouquecera. Outras soltam grandes gargalhadas, intermináveis, ou lutam entre si, também ficaram loucas. Já ninguém vem visitar-nos, nem sequer os SS. Cortaram a água, estou a chegar ao fim da minha terceira semana. Num rasgo de lucidez, lembro-me de que Marie se salvou ao fim desse espaço de tempo. será que também eu irei salvar-me? À minha volta, raparigas, que não conheço ou que já não reconheço, morrem. Gostaria de não morrer antes de mijar em cima da cabeça de uma polaca. E isto dá-me vontade de rir. Acho muita piada a mim própria. Chamo Florette, a Irena grande e Anny, e digo-lhes: «Chamem uma polaca e vou mijar em cima dela.» Elas riem-se. Não, não se riem, temem por mim; mas eu imagino que, uma vez mais, as faço rir!

Não sei se consegui realizar este desejo absurdo, mas imaginei-o muitas vezes, imaginava-o tão intensamente que sentia um verdadeiro bem-estar.

Não há palavras para descrever os últimos cinco dias, foram inenarráveis. Este bloco com mais de mil mulheres moribundas, meio loucas, foi um expoente do horror!

E depois, Grese, muito limpa e a cheirar bem, a inclinar-se para mim, a última vez que ouço uma SS chamar-me *meine kleine Sängerin*. A última vez que sinto pertencer à orquestra, que esta é mencionada... *Meine kleine Sängerin*...

Os SS deram ordens para nos destruírem, para queimarem o campo. A 15 de abril de 1945, deveríamos ser metralhadas às três da tarde; os ingleses chegaram às onze horas!

A nossa alegria não diminuiu, mas o tumulto acalmou-se. Uma nova vida anima o campo. Os jipes, os *command-cars*, os *half-tracks*, os camiões circulam por entre os barracões. Os uniformes caqui, uma cor maravilhosa, abundam. Os soldados mesclam com as suas fardas de tecido grosso os farrapos dos deportados. Os nossos libertadores estão bem alimentados e com saúde para dar e vender! Misturam-se com as figuras esqueléticas, diáfanas, dos deportados. Como uma onda de vida, estes vencedores caem no meio de nós e apetece-nos tocar-lhes com um dedo, meter a nossa mão no seu fluxo como se fosse uma água rejuvenescedora. Eles interpelam-se, assobiam alegremente e, de repente, diante de uns olhos demasiado abertos, um olhar demasiado intenso, ficam em silêncio. Estão tão vivos! Caminham rapidamente, correm, saltam! Têm toda a facilidade em fazer estes movimentos, quando apenas um deles esgotaria o nosso último sopro de vida! Estes homens parecem desconhecer que é possível viver em câmara

lenta, com parcimónia.

Anny, as duas Irenas, Marta, Florette, Jenny e eu saímos do edifício dos SS, onde acabei de cantar para a BBC. Foi um momento surpreendente, mas, bruscamente, desprendeu-se de mim, vivi-o, preciso de outro, mas qual? Não sei. Observamos intensamente o movimento que nos rodeia, que nos inebria.

Houve um silêncio ou, pelo contrário, um ruído de passos? Alguma coisa deve ter acontecido, algo que os meus sentidos dolorosamente apurados pela doença captaram. Um faro de cão, um ouvido de gato. Levanto a cabeça e procuro com o olhar o que se passa para lá do vaivém, o que se aproxima de nós... na nossa direção... algo se move perto da entrada do campo, cabeças viram-se para um cortejo invulgar: à frente dos seus oficiais, dos seus *Feldwebel*, de todo o seu bando de SS, Kramer, com a camisa do uniforme, desarmado, de cabeça descoberta, avança. Estão cercados por ingleses, que lhes apontam espingardas e metralhadoras *Stern*.

Fitamo-los, sem perceber. Vivemos apenas para este momento. Imaginámo-lo cem vezes, duzentas vezes, aperfeiçoámo-lo uma e outra vez, somando-lhe mil pormenores de vingança cumprida e, de repente, ao vermos um cortejo a atravessar o campo, não percebemos que aconteceu aquilo por que tanto esperámos! Os novos vencidos avançam. Kramer encolhe mais a cabeça entre os seus ombros largos. De que irá servir-lhe a sua força de touro, os seus punhos quadrados que agrediram homens, mulheres, que mataram crianças?

Ele olha em redor: as larvas que, ainda no dia anterior, ele esmagava são o inimigo. Entre elas, qual será a que ele não matou e que, por esse esquecimento, terá vontade de lhe agradecer? A expressão dos seus olhos torna-se manhosa quando nos fita, não somos a sua orquestra? A nós, ele só nos fez bem! Imóveis, mudas, desfrutamos do facto de enfrentarmos o seu olhar sem baixarmos o nosso. Dentro de nós, reúnem-se forças obscuras vindas de muito longe, das profundezas do nosso subconsciente; elas ainda não estabeleceram uma ligação com o consciente e é por isso que permanecemos caladas.

Ao lado de um muro, um camião militar, para o qual os soldados ingleses mandam subir os prisioneiros. Pronto, para eles acabou-se, vão-se embora, vão prendê-los. É tão simples. Demasiado simples! Eles ficam de pé sobre a caixa descoberta do veículo, lado a lado, não amontoados nem espremidos uns contra os outros, viajarão como detidos, não como animais. Fitamo-los, entre os taipais do camião, parecem-nos alvos de uma barraca de tiro. Nas festas, nas feiras, bonecos horríveis aguardam a bala que os derrubara. Por que esperam eles? Devagar, damos alguns

passos em frente. Entre eles e nós há um espaço de terra, e, sem que o registre verdadeiramente, os meus olhos vislumbram um pouco de verde, deve ser erva.

Avançamos mais um passo. A seguir, paramos. Atrás de nós, há mais mulheres. À esquerda, à direita, formaram-se ajuntamentos, que se adensam com novas presenças, incham de ódio, mas não rebentam. Tudo se desenrola como se esperassem um sinal nosso, como se nós tivéssemos contas especiais para ajustar com Kramer, como se atribuíssem, nos concedessem, o privilégio de iniciar o confronto.

No alto do camião, isolados, será que ainda se sentem superiores? Ou saberão que se encontram à nossa mercê? Estão cinzentos; de repente, os seus uniformes e as suas camisas parecem estafados, como se eles tivessem dormido vestidos. Será o efeito do suor da angústia que os impregna e os amolece? Sem o couro dos cinturões, sem armas, os seus uniformes têm um aspeto abandonado. Privados dos seus atributos, aqueles homens perderam a força. Tomo agora perfeita consciência do momento. Com as fibras do meu corpo, as células do meu cérebro, gostaria de conseguir controlar-me, de os olhar com sangue-frio, de os fitar demoradamente, de lhes observar o rosto maculado pela barba, descobrir nos seus olhos um medo semelhante àquele que eles faziam nascer nos nossos. Gostaria de prolongar este momento único, mas ele já me escapa. Não consigo desdobrar-me: ser a espectadora e a atriz. A paixão vence, submerge-me. Entre estes vencidos, ainda intactos, e nós, o silêncio que se instalou é muito frágil, aguarda o primeiro grito para se rasgar, para se transformar num imenso urro libertador de todo o ódio que acumulámos.

Que fazem os ingleses? Porque não os levam? No chão, um soldado mantém a metralhadora apontada para eles. De repente, os SS parecem-me vulneráveis, assim abandonados à nossa vingança. Para mim, é agora uma certeza: entregaram-no-os! São nossos!

As comportas da barragem abrem-se à violência. Coincidência? Com uma passada tranquila e de mãos atrás das costas, um sargento afasta-se do camião. Este Pôncio Pilatos não se desinteressa de inocentes e, depois de ele sair dali, a primeira pedra da lapidação não será a da vingança, mas da justiça. Não sei qual foi a mão que apanhou esta pedra e a atirou! Mas deu o sinal às outras. Bem lançado, cada projétil atinge o seu alvo: o nariz, o rosto... a testa, a orelha!

Imóvel, o soldado continua a apontar-lhes a arma, é impossível que não se aperceba do que está a suceder, mas mantém-se impassível.

Vai dar-se o ataque. Sinto-o, feroz e irresistível, pronto a

acontecer. Como formigas guerreiras, de todos os lados surgem deportadas. É então que um destacamento de soldados vem alinhar-se, interpor-se entre nós e eles. A minha mão deixa cair a sua pedra, o som que faz ao tombar é seguido de outros ruídos semelhantes, somos desapossadas. Os ingleses aplicam as ordens: «Tratar os SS como prisioneiros de guerra.» O caminhão arranca, vemos desaparecer da nossa vista, cinzentos de medo e de raiva, Kramer¹⁰⁵ e os outros.

Nessa noite, o nosso grupo dorme nas instalações antes ocupadas pelos SS, nas suas camas de campanha limpas, seis em cada divisão; um luxo! Uma mesa, cadeiras, paredes, um chão lavado e água... Basta-nos abrir a torneira! Lavámo-nos até quase arrancar a pele. Aquela água tornava-se purificadora, sentiamonos sujas de tudo aquilo por que nos haviam feito passar. Deitadas entre os lençóis dos SS, choramos de alegria, repetindo umas às outras:

– Vês? Vês? Já está. Aconteceu. Fomos libertadas!

– Para nós, haverá um «depois»!

Durante a noite, houve deportadas que sucumbiram a este «depois», mortas pela abundância da comida, das conservas. Desconhecendo os efeitos da disenteria, da fome por que havíamos passado, os soldados deram-nos tudo o que tinham: rações, cigarros, rebuçados, alimentos demasiado ricos que não conseguíamos aguentar. Era necessário reabituarmos progressivamente o nosso estômago, os nossos intestinos, a funcionar normalmente.

Muito rapidamente, o campo muda de rosto, os nossos libertadores partem, prosseguindo o seu avanço, sendo substituídos por outros. Enquanto aguardamos o nosso repatriamento, que naturalmente requer papelada, ficamos aqui, em trânsito, mas não nos importamos. Estranhamente, já não sentimos tanta pressa em regressar. A vida normal preocupa-nos, já não lhe conhecemos os gestos e as palavras. E, além disso, quem irá esperar-nos à estação? Estarão ainda vivos aqueles por quem quisemos viver? Nenhuma de nós fala no assunto. Apreciamos esta espécie de hiato entre dois modos de vida no qual nos instalámos. É um presente que nos tranquiliza.

Sérvios e croatas passam pelo nosso campo, não sei de onde vêm. Avistámo-los ao longe, homens morenos, altos, com dentes brancos de carnívoros. Vislumbramo-los, não os vemos. Por fim, compreendo que nada nos interessa senão este milagre que representa para nós o facto de estarmos vivas. É algo que nos maravilha constantemente. Zelamos por ele, protegendo-o de qualquer sobressalto, de qualquer perturbação. Na realidade, estamos ainda muito fracas. Mantemo-nos num equilíbrio físico precário, assoladas frequentemente por cólicas, dores de cabeça,

febres sem explicação. É verdade que a vida nos preocupa, que permanecemos apáticas perante ela, porque estamos assustadas.

Nesta manhã de maio, está bom tempo, o Sol brilha:

– E se saíssemos, meninas?

Sentadas ou deitadas nas suas camas de campanha, estão Anny, as duas Irenas, Florette e Jenny. Sendo alemãs, Helga e Marta foram encaminhadas não sabemos para onde. Encarando-me, hesitante, Florette é a primeira a manifestar-se:

– *Verboten!* Já sabes. Eles têm medo de que viremos do avesso os campos, nas aldeias. O russo, que está de guarda à entrada, não nos deixará sair.

Fico surpreendida:

– Um russo, aqui? De onde é que ele vem? Não estava cá ontem.

Com o seu capote comprido e o seu engraçado boné com a estrela vermelha, um Ivan de um metro e noventa guarda a porta do campo. Será um prisioneiro de guerra libertado ao qual atribuíram esta função simples? Haverá um destacamento soviético acampado nas redondezas? Nunca o saberemos. Este russo foi o único que vi.

– Tu falas russo. Vai pedir-lhe para nos deixar sair.

– Volto já.

Aproximo-me:

– Olá, *Tovaritch!*

Um verdadeiro calmuco, muito engraçado, com o seu nariz arrebitado, as maçãs do rosto proeminentes, os olhos que se movem rapidamente como pequenos berlindes negros. Devo chegar-lhe à cintura. Alto como uma torre, baixa a cabeça na minha direção, sorri-me e iniciamos um diálogo que nos encanta a ambos:

– Ouve lá, paizinho, não queres olhar para ali?

E aponto para o lado oposto àquele onde estão as raparigas.

– Para quê, *Douchka?*

– Porque nós queríamos ir dar um passeio e não estamos autorizadas a fazê-lo. Por isso, tu viras-te e não nos vês, e, como não nos viste, não podem censurar-te de coisa alguma.

Ele ri-se... Ri-se... O seu capote comprido estremece. Depois, lentamente, como um urso grande, vira-se e nós descemos a colina a toda a velocidade; um bando de colegiais à solta, de miúdas em férias. Esfalfadas, paramos na orla de um bosque, num campo de flores. Sobem-nos pelas pernas como uma maré suave e fresca. Enquanto estávamos fechadas no nosso quarto, não ousávamos enfrentar a vida... pelo que não sabíamos que a primavera chegara.

É tão maravilhoso que ficamos ali, no meio das flores, sem

conseguir dizer uma palavra. Com o coração a palpitar, deixamo-nos cair onde estamos, na erva. Deitadas de costas, olhamos para o céu muito azul, muito próximo. Em silêncio, ouvimos os pássaros, há dois anos que eu não ouvia nenhum.

Estar deitada num prado, ao sol, perto de uma pequena floresta de pinheiros e bétulas, com o rosto virado para o sol, é algo que parece tão simples. Só que nós conhecemos o preço desta simplicidade; choros, sangue e medo, e os nossos olhos marejam-se de lágrimas. Onde estão as nossas outras companheiras, as de Birkenau? As queridas e as menos queridas. Onde estão aqueles que amamos, que deixámos e que, temos agora a certeza, esperam por nós? Está na altura de correremos para eles, de reencontrar o mundo. Então, endireitamo-nos e, sentadas, começamos a encarar a vida! Para cada uma de nós, é como se renascêssemos!

Ficamos ali um bom bocado e, depois, quando o sol se torna menos quente, levantamo-nos e, calmamente, de mãos dadas, percorremos o caminho de regresso.

Nesse caminho, avança na nossa direção um grupo de sérvios, caracóis castanhos, olhos escuros, dentes brancos que mascam uma erva, uma flor, de camisa aberta sobre a pele dourada, remoinhos de pelos, peles mornas nas quais nos apetece tocar...

Sentimo-nos leves, leves... jovens, tão jovens. Os rapazes têm gargalhadas de conquistadores... e nós sentimos vontade de namoriscar... de partir de braço dado com eles durante uma hora, um dia, uma vida...

Estamos salvas.

Epílogo

Que foi feito de nós

A vida estava à nossa espera, atirámo-nos a ela e ela levou-nos; por vezes, para muito longe umas das outras. O destino que nos uniu, pela sua própria fragilidade, iria afastar-nos.

Em Bergen, restavam muito poucos elementos da orquestra. E, enquanto lá estávamos, soubemos do falecimento de Frau Kröner, que, devido à idade, na casa dos 50 anos, não aguentara o nosso sofrimento. Certamente, outras deportadas do bloco da música morreram lá, mas como poderíamos ter sabido? Concentradas em nós mesmas, protegíamos ferozmente o nosso sopro de vida de todas as formas de agressão e não nos interessávamos por mais nada a não ser por nós próprias.

Elsa, paciente, calma e apagada, não aguentou a alegria do regresso à vida e morreu pouco tempo depois da sua libertação.

A Irena pequena teve tempo para se casar, não com o seu Paul, mas com outro. Aliás, raras foram aquelas que reencontraram o homem cuja recordação tantas vezes as salvara da morte. Foi um cancro generalizado que levou esta mulher inteligente, corajosa, tão certa que estava de ter uma vida longa.

Claire sobreviveu apenas durante algum tempo. O seu comportamento enquanto Kapo fechou-lhe as portas da Federação das Deportadas. Não realizou nenhum dos seus sonhos de celebridade; casou-se, teve um filho que sofreu uma morte atroz: asfixiou-se com o babete. Vimos aparecer – um momento fugaz de glória – o seu nome como produtora de um programa de televisão; a seguir, morreu.

Outros destinos foram mais felizes. Ewa, a polaca, minha grande amiga, reencontrou o marido e o filho. E, em 1960, quando voltei a vê-la, tornara-se, como tanto o desejava, diretora de um teatro de Cracóvia.

A Irena grande casou-se quando regressou à Bélgica e não se vingou, passando apenas a desprezar a ex-sogra. Tem dois filhos e vive feliz em Bruxelas, não muito longe de Anny, que também se casou, é mãe de duas crianças e cuida ativamente do seu negócio.

Após muitas dificuldades ultrapassadas corajosamente, Florette casou-se. Dois filhos e um negócio preenchem a sua existência algures no sul de França.

Marta é uma violoncelista célebre, vive em Londres com o marido, também ele músico, e o seu filho jovem, do qual já se diz que irá ter uma carreira brilhante como violoncelista.

A Dra. Marie teve uma vida bem-sucedida; casou com o homem que sempre amou e que soube esperar por ela, e tem um cargo importante na Prefeitura do Sena.

Em 1958, soube, por acaso, que Éva, a húngara, se casara e vivia na Suíça, e que Lily, a sua compatriota, vivia em Londres, com um marido inglês.

De Jenny, não sei nada. Tal como também nada sei das gregas, Yvette e a sua irmã Lily, das minhas adoráveis jovens ucranianas, das outras russas, polacas, alemãs, nem da checa Margot, nem da holandesa Flora. Desconheço o destino de todas elas.

«Depois!... Depois!...», dizíamos nós, e os nossos sonhos tinham asas de águia para umas e de carriças para outras.

Terei eu conseguido o voo que imaginava? Sim. Queria cantar, cantar a mágoa e a alegria do mundo. Durante vinte e cinco anos, de cidade em cidade, de sala em sala, conheci essa alegria e foi tão profunda quanto eu a imaginara. A única diferença é que eu não concebia esse sucesso fora do meu país e foi na Alemanha de Leste que o encontrei.

Queria um amor grande e bonito: tive-o! Preencheu vinte anos da minha vida de mulher.

Eu colocara a amizade acima de tudo e os meus amigos são-me queridos e fiéis.

FIM

1 Não morras!

2 Minha pequena cantora.

3 Não morras!

4 Vigilante das SS.

5 Não morras! Chegaram os teus amigos ingleses!

6 Dentro do recinto, havia um campo de treino, para dar formação aos jovens recrutas, que o protegeriam, esperava-se, dos bombardeamentos dos Aliados.

7 Beliches (em polaco).

8 Consegue ouvir-me?

9 Ela canta! Ela canta!

10 Silêncio!

11 Chefe de bloco. Usava uma braçadeira negra com letras brancas que diziam «Blockowa».

12 Aquando da chegada dos alemães às portas de Estalinegrado, o V retirado a

- Churchill ornamentou todos os edifícios públicos, as avenidas, os cruzamentos e os transportes.
- 13 Canção infantil. (NT)
- 14 Em francês, «Deitados na palha». (NT)
- 15 Saíam, rápido, rápido!
- 16 Estes camiões, disfarçados de meios de transporte sanitário para enganar os deportados, facilitavam o seu transporte até às câmaras de gás. Mais tarde, o caminho de ferro iria até ao interior do campo.
- 17 Birkenau fazia parte do complexo de Auschwitz, do qual era o campo de extermínio.
- 18 Sangue de cão! (O pior dos insultos polacos.)
- 19 Mais tarde, ficarei a saber que os cabelos recolhidos serviam para tecer revestimentos para cabos elétricos, feltros, tecidos. Os ossos eram transformados em adubo, em pigmento negro. Um sistema de filtros permitia recolher a gordura humana, que era utilizada para fabricar óleos e sabão.
- 20 Um triângulo em tecido de cor, no qual figurava a letra que indicava a nacionalidade. Vermelho, prisioneiras políticas; verde, direito comum; preto, antissociais; cor-de-rosa, homossexuais. Para os judeus: um triângulo amarelo, também com a letra a indicar a nacionalidade, com a ponta virada para cima, colocado sobre um outro triângulo amarelo com a ponta virada para baixo, o que compunha a estrela de David.
- 21 Silêncio! Nem mais uma palavra!
- 22 Empregadas de mesa.
- 23 Desçam!
- 24 Uma «ideia» do comandante Kramer.
- 25 Este «acidente» aconteceu muitas vezes a mulheres doentes, demasiado fracas para conseguirem segurar-se na trave.
- 26 A regente de orquestra usava no braço esquerdo uma braçadeira preta com uma lira branca.
- 27 Chefe do campo feminino.
- 28 Chefe responsável pelo trabalho.
- 29 «Senhora», em polaco. Era assim que as deportadas tinham de tratar as polacas que desempenhassem um cargo, quer fossem empregadas de mesa ou de cozinha.
- 30 Chefe de cozinha.
- 31 Moça de recados.
- 32 Uma espécie de pedaço de tecido para servir de lenço de cabeça.
- 33 Copistas.
- 34 «Dá-me o teu pé!»
- 35 Enfermaria.
- 36 «Atenção! Chamada! Cinco a cinco!»
- 37 Os deportados judeus, ao contrário do que se julga, não usavam todos o uniforme às riscas – casaco e calças para os homens, vestido a direito para as mulheres. Destinando-se a ser rapidamente gaseados, davam-lhes quaisquer trapos. Só aqueles que tinham um cargo ou eram arianos tinham direito a esta farda.
- 38 Comédia.
- 39 «De vômito!»
- 40 Bloco onde fechavam as mulheres que iriam ser gaseadas: a antecâmara da morte.
- 41 Gás preparado à base de ácido prússico.
- 42 Loja de roupas.
- 43 Detida privilegiada.
- 44 Pão ázimo judeu.
- 45 Os judeus usavam dois triângulos sobrepostos, um com o vértice virado para cima e o outro com o vértice virado para baixo, compondo assim a estrela de David. O triângulo de cima tinha uma letra a indicar a nacionalidade.
- 46 Cristãos, em iídiche.
- 47 A pé!
- 48 Todas lá para fora!
- 49 Atenção! Chamada! Cinco a cinco!
- 50 Cabo das SS.
- 51 Personagem principal do romance *Poil de Carotte*, de Jules Renard, um rapazinho

- ruivo. (NT)
- 52 Prisioneira privilegiada.
- 53 Tolas estúpidas! Vacas estúpidas! Cabeças de merda!
- 54 A autora faz aqui alusão a *L'Être Suprême* (O Ser Supremo), uma brochura de propaganda publicada pela Éditions Nordland e traduzida em 14 línguas. (NE)
- 55 O que vos falta?
- 56 «Engraxem os sapatos!»
- 57 Algumas lágrimas.
- 58 Sorriso.
- 59 Irmã.
- 60 Há aqui um jogo de palavras. Em francês, *claque* significa também «bofetada». (NT)
- 61 Regente de orquestra célebre.
- 62 «Para o diabo!»
- 63 Sargento das SS.
- 64 Inspetora-chefe.
- 65 Inspeção de camas.
- 66 «Malditos judeus!»
- 67 Alto-alemão.
- 68 «De pé! Lá para fora!»
- 69 «O açúcar vai fazer-lhe muito bem.»
- 70 Estúpida idiota!
- 71 Esta carta, que permitirá a Irena arranjar forças para viver, foi-lhe enviada pelo marido três semanas antes de ele requerer a anulação do casamento.
- 72 Alimentos extras.
- 73 Esta suposição revelou-se acertada; em vários livros, os testemunhos que mencionam a orquestra são, na sua maioria, parciais e inexatos.
- 74 Tenente das SS.
- 75 Subtenente das SS.
- 76 Por ordem: prisioneiro chefe de bloco; responsável pela ordem; prisioneiro responsável por bloco; prisioneiro responsável pela gestão de um bloco; responsável pelo trabalho; prisioneiro responsável pela ordem no campo; chefe *Kapo* do conjunto do campo; prisioneiro encarregado do serviço de uma divisão, podia haver vários *Stubendienst* num único bloco.
- 77 «Para o crematório!»
- 78 Médico das SS, patente de capitão.
- 79 «Basta!»
- 80 Parte da frente.
- 81 Secretário administrativo.
- 82 Tratamento especial: a câmara de gás.
- 83 Oficial do serviço do trabalho.
- 84 SS responsável por um *Kommando*.
- 85 S.D.: Serviço de Segurança, dependente da Gestapo.
- 86 Bloco dos chefes das SS.
- 87 *Mein Kampf*, de Adolf Hitler.
- 88 Melodias ciganas.
- 89 Neste período do verão de 1944, 250 mil judeus húngaros foram exterminados em Birkenau.
- 90 Grupo de trabalho no exterior.
- 91 Campo central.
- 92 Putas.
- 93 Chefe *Kapo* de todo o campo.
- 94 «Come-o!»
- 95 Encarregado das oficinas.
- 96 Oficial do serviço do trabalho.
- 97 SS responsável por um *Kommando*.
- 98 Administração das SS do campo.
- 99 Refugiou-se no Paraguai, onde viveu uma vida tranquila.
- 100 Associais. (NT)
- 101 Lengalengas.

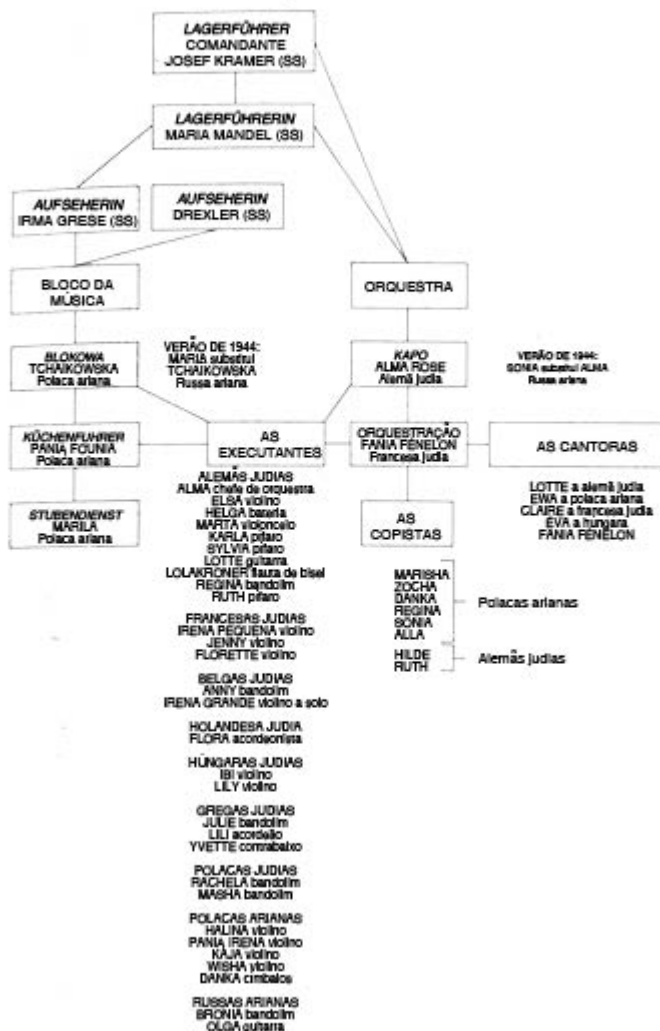
102 Calabouço.

103 A autora refere-se à organização Lebensborn, das SS, da qual, na época, não sabia o nome, mas cuja existência já era relativamente conhecida.

104 O menino sobreviveu e saiu do campo com a mãe, após a libertação.

105 Josef Kramer foi condenado à morte pelo Tribunal Marcial inglês.

ORGANOGRAMA DA ORQUESTRA E DO BLOCO DA MÚSICA EM JANEIRO DE 1944



BLOCO DA MÚSICA

